UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOÃO AUGUSTO REQUE

# HISTÓRIA AMBIENTAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PROCESSO DE DEVASTAÇÃO FLORESTAL NO TERRITÓRIO PARANAENSE (1870-1970)

CURITIBA

2021

JOÃO AUGUSTO REQUE

# HISTÓRIA AMBIENTAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PROCESSO DE DEVASTAÇÃO FLORESTAL NO TERRITÓRIO PARANAENSE (1870-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Mestrado Profissional do Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Ederson Prestes Santos Lima

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Aparecida Noeli Furquim Geffer – CRB 9/1309

Reque, João Augusto, 1971 - 2021
História ambiental no ensino de história: o processo de devastação florestal no território paranaense (1870-1970) / João Augusto Reque – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientador : Prof. Dr. Ederson Prestes Santos Lima

1. História Ambiental . 2. Paraná. 3. História – estudo e ensino. 4. Peter Sheier, 1909 - 1979. I. Lima, Ederson Prestes Santos . III. Título.

CDD – 981.62

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA - 31001017155P1

# TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a avaliação da Dissertação de Mestrado de **JOÃO AUGUSTO REQUE** *(in memorian)* intitulada: **HISTÓRIA AMBIENTAL NO ENSINO DE HISTÓRIA: O PROCESSO DE DEVASTAÇÃO FLORESTAL NO TERRITÓRIO PARANAENSE (1870-1970)**, sob orientação do Prof. Dr. EDERSON PRESTES SANTOS LIMA. Após a apresentação do trabalho pelo orientador, e realizada a avaliação da pesquisa, os membros da banca decidiram pela sua APROVAÇÃO, conferindo ao discente o título de Mestre em Ensino de História *(in memoriam)*.

CURITIBA, 21 de Setembro de 2021.

Ederson P. Santos Lima

EDERSON PRESTES SANTOS LIMA
Presidente da Banca Examinadora

CLÓVIS MENDES GRUNER
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Joseli Mendonça

JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

NADIA GAIOFATTO GONÇALVES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

À minha esposa Lilian Ianke Leite,

Na História nos conhecemos e juntos, nossa história desde então fizemos. Nela reconheço o seu companheirismo e sua grandiosidade nas pequenas coisas do cotidiano, nos nossos sonhos, desejos e conquistas, mas também na partilha de conhecimentos do mundo profissional e acadêmico. Por isso, como em uma canção, dedilho palavras de agradecimento pela sua contribuição no desenvolvimento desta pesquisa, ao mesmo tempo em que expresso todo o amor, respeito e admiração que tenho por ti. Por estas e por outras infinitas razões, dedico a você Lilian e ao nosso amado Augusto, fruto sublime deste amor, a emoção da conclusão desta dissertação, a qual foi proposta para contribuir com a formação de professores (as), que assim como nós, acreditam e fazem acontecer a educação pública paranaense.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal do Paraná, por meio do qual esta pesquisa se realizou, pela formação e conhecimentos de pesquisa adquiridos durante todo este percurso.

Ao Prof. Dr. Ederson Prestes Santos Lima, pelo entusiasmo e conhecimento na área de acervos fotográficos com relevância histórica, bem como brilhantemente apontar a relação entre memória, história e fotografia. Agradeço pelas orientações apoio e compreensão durante todo este processo.

À Profª Dr.ª Joseli Maria Nunes Mendonça pelo profissionalismo, seriedade, competência e dedicação à pesquisa e ao ensino, expressos no zelo pela cuidadosa leitura e colaborações significativas.

À Profª Dr.ª Nadia Gaiofatto Gonçalves pela leitura atenciosa, pelas importantes sugestões apresentadas por ocasião do exame de qualificação, contribuindo com o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Ao professor mestre Fabiano Arndt Araújo Pykosz de Oliveira e aos demais amigos que formaram a turma do ProfHistória em 2018.

À pedagoga e mestre Delvana Lúcia de Oliveira, presença marcante em minha vida, agradeço pela leitura, pelas contribuições e pela amizade incondicional.

À Maria Bethânia Araújo, grande amiga, pela valiosa parceria, pelas importantes discussões e intervenções no processo de construção deste trabalho.

À amiga especialista Odete do Rocio Buzatto e a Drª Danielle Schemiko pela formatação do texto.

À professora e mestre Geni Alberini que gentilmente fez a revisão ortográfica do texto.

Ao meu amigo Sandro Cavalieri Savoia, professor e pesquisador pelo qual tenho imensa estima, por compartilharmos sem meias palavras, as nossas alegrias e as nossas dores.

Ao meu amigo e professor Antonio Piloneto, pela parceria na realização de projetos com os nossos alunos do Divina.

Aos meus amigos Roberley e Adair que sempre me acolheram nos seus recantos de paz e de alegria em Bocaiúva do Sul.

Aos amigos de longa data, Jorge e Irene, minha profunda gratidão por tantos momentos compartilhados com amor, alegria e afeto.

À minha mãe, Rosemary Reque, por todo o amor que recebi, grato por ser leitora e importante incentivadora dos estudos que realizei.

Ao meu pai, Albari Augusto Reque e ao meu irmão Luciano, já distantes, mas vivos em minha memória, num coração cheio de saudades.

À minha irmã Roseana Galastri, às minhas tias Luzia e Lourdes, ao tio Eólo e ao tio Lauro, à minha sogra Leonilda, ao meu sogro Jamil e a Izilda pelo café quentinho compartilhado em meio a tantas histórias de vida que, em muitos momentos afagou o meu coração e equilibrou-me a razão.

Aos meus cunhados Rober, Elson, Júnior e as minhas cunhadas Relindes, Gizele, Priscila e Michele por partilharem como família momentos tão especiais em minha vida com a Lilian e com o Augusto.

Aos sobrinhos Luciana, Thiago, Mariana, Eder, Karine, Danilo, Eros, Ian, Igor, Karin e Enzo, minha gratidão pelo afeto e pelo carinho que me dedicaram.

Ao meu enteado Alan Ianke dos Santos, por estar sempre presente, por compartilhar leituras de mundo e por me apresentar o caminho espiritual que eu precisava encontrar. Agradeço também pelo *abstract*.

A Franciele Domingues Ianke, por passar a fazer parte da nossa família e nos apoiar com a sua presença e cuidados com o Augusto nos momentos das minhas ausências.

Aos professores e professores da Escola Estadual Divina Pastora, da Escola Estadual Santo Antônio, da Escola Estadual Dom Orione, que compartilharam desafios, conquistas, alegrias e lutas no magistério.

Aos colegas do curso de mestrado, com os quais partilhei leituras, conhecimentos e discussões nesta importante jornada.

No momento em que alguém assume um compromisso definitivo consigo mesmo, a providência também passa a agir. Começa a acontecer todo tipo de coisas para ajudar este alguém, o que não aconteceria se este compromisso não existisse. Uma torrente de eventos emana das decisões, favorecendo a pessoa com toda a espécie de encontros imprevistos e de ajuda material que homem nenhum poderia sonhar encontrar no seu caminho. Tudo o que você puder fazer ou sonhar, você alcançará. Sendo assim, mãos-a-obra. A ousadia contém genialidades, poder e magia. Comece agora!

Goethe

## RESUMO

Esta dissertação tem como campo de estudo a história ambiental a partir do recorte da história ambiental do Paraná, destacando-se o processo de devastação florestal no território paranaense, abrangendo o período de 1870 a 1970. O objetivo principal da realização desta pesquisa é contribuir como professor-pesquisador para o ensino de História, assim o trabalho ora apresentado compreende tanto a fundamentação teórica quanto a elaboração de duas sequências didáticas, planejadas para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A temática escolhida se justifica pelo interesse em aprofundar meus estudos sobre a história ambiental e contribuir para a constituição do acervo de subsídios teóricos e de materiais didático-pedagógicos sobre a história ambiental do Paraná, de modo a auxiliar a tarefa docente, que ainda carece de referenciais específicos sobre a história paranaense. O texto está organizado em três capítulos: O primeiro versa sobre a representação da natureza no Paraná oitocentista e a construção do ideário civilizatório; um século de fogo, machado e de devastação em escala industrial, já o segundo tem como tema: Sequências didáticas: história ambiental do Paraná. Esses dois primeiros capítulos apresentam uma discussão teórica sobre a questão ambiental, a qual é fruto de uma pesquisa por referenciais historiográficos e de fontes que permitiram problematizar a temática por meio da construção de uma narrativa sobre a história ambiental do Paraná, bem como se constituíram na base para o terceiro capítulo que apresenta as sequências didáticas. Essas atividades de ensino privilegiam a problematização da história ambiental do Paraná, por meio da utilização de fontes diversas como mapas, gráficos, tabelas e, particularmente, o trabalho fotográfico de Peter Scheier, encomendado pelo Governo do Estado em 1953, para a publicação de um álbum comemorativo por ocasião do centenário da emancipação política do Paraná.



**Palavras-chave**: História Ambiental. História do Paraná. Ensino de História. Peter Scheier.

## ABSTRACT

The present dissertation has as its field of study the environmental history from the perspective of the environmental history of Paraná, highlighting the process of forest devastation in the territory of Paraná, covering the period from 1870 to 1970. The main objective of this research is to contribute as a professor-researcher for the teaching of history, thus the work presented here comprises both the theoretical foundation and the elaboration of two didactic sequences, planned for students of the Final Years of Elementary School. The chosen theme is justified by the interest in deepening my studies on environmental history and contributing to the constitution of the collection of theoretical subsidies and didactic-pedagogical materials on the environmental history of Paraná in order to assist the teaching task, which still lacks specific references on the history of Paraná. The text is organized in three chapters: The representation of nature in Paraná in the 19th century and the construction of the civilizing ideal; A century of fire, ax and devastation on an industrial scale and; Didactic sequences: Paraná's environmental history. The first two chapters present a theoretical discussion on the environmental issue, which is the result of researching historiographical references and sources that allowed problematizing the theme through the construction of a narrative about the environmental history of Paraná, as well as constituting the basis for the third chapter that presents the didactic sequences. These teaching activities privilege the problematization of Paraná's environmental history through the use of diverse sources such as maps, graphs, tables and, particularly, the photographic work of Peter Scheier, commissioned by the State Government in 1953, for the publication of a commemorative album on the occasion of the centenary of Paraná's political emancipation.



Keywords: Environmental History. History of Paraná. History Teaching. Peter Scheier.

## LISTA DE FICHAS

FICHA 01 - PARANÁ BRASIL.....139
FICHA 02 - PINHEIRO – SÍMBOLO DO PARANÁ – O SERTANEJO MEDITA ANTES DE DERRUBÁ-LO.....141
FICHA 03 - UM MOMENTO DE DESCANSO NO TRABALHO INTENSIVO DO DESMATAMENTO E DA DERRUBADA.....143
FICHA 04 - HOMENS COMO ESTE SÃO A FORÇA DE TRABALHO MOTRIZ NA GRANDE OFICINA DO PROGRESSO QUE É O PARANÁ.....145
FICHA 05 - ANTES TUDO ERA MATA BRUTA – HOJE OS CAFEZAIS SE PERDEM NO INFINITO.....147
FICHA 06 - A COLHEITA ESTÁ GARANTIDA E O FAZENDEIRO DECIDE QUE O MAIS ACERTADO É CONVERTER O SEU LUCRO EM PÉS DE CAFÉ.....149
FICHA 07 - JÁ AFAMADAS AS PITORESCAS CASAS DE MADEIRA NOS CAMPOS, NOS VILAREJOS, NOS ARREDORES DE CURITIBA.....151
FICHA 08 - POÉTICA PAISAGEM DE MONTE ALEGRE.....153

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 - JANGADAS (MAROMBAS) DESCENDO O RIO PARANÁ EM DIREÇÃO ÀS SERRARIAS ARGENTINAS. PODIAM CONTER ATÉ DOIS MIL TORAS.....55
FOTOGRAFIA 02 - COLONOS POSAM JUNTO A UMA IMENSA PEROBA-ROSA APÓS A DERRUBADA (MARIPÁ/PR, 1952).....57
FOTOGRAFIA 03 - EXTRAÇÃO DE PINHEIROS E IMBUIAS EM ZATTARLÂNDIA, DÉCADA DE 1960.....61
FOTOGRAFIA 04 - BARRICAS DE PINHO PARA EXPORTAÇÃO DE ERVA-MATE SENDO ESVAZIADAS NA ERVATEIRA AMERICANA, FOTO DE 1916.....68
FOTOGRAFIA 05 - SERRARIA DA CIA. FLORESTAL, NA BORDA DO CAMPO. PRIMEIRA INDÚSTRIA MADEIREIRA LOCALIZADA NO BRASIL. ÓLEO DE AUTOR DESCONHECIDO (SEM DATA).70
FOTOGRAFIA 06 - BARCOS À VAPOR EM PORTO AMAZONAS (CARTÃO POSTAL DE 1907). O PRÉDIO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA ENCONTRA-SE NO CANTO SUPERIOR DIREITO.....74
FOTOGRAFIA 07 - TRABALHADORES DESDOBRANDO MADEIRA COM SERRA MANUAL. DATA DESCONHECIDA.....75
FOTOGRAFIA 08 - SERRARIA LUMBER EM TRÊS BARRAS: ETAPAS DE PRODUÇÃO, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DA MADEIRA.....85
FOTOGRAFIA 09 - LOCOMOTIVA BALDWIN QUE FEZ A PRIMEIRA VIAGEM DE PARANAGUÁ PARA CURITIBA (1884).....109
FOTOGRAFIA 10 - ESTUDANTE E TRABALHADOR DO CAMPO.....122
FOTOGRAFIA 11 - ESTUDANTES E FACHADA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ.....123
FOTOGRAFIA 12 - FACHADA DA CASA DO ESTUDANTE.....123

FOTOGRAFIA 13 - ESTUDANTES PARANAENSES.....124
FOTOGRAFIA 14 - ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.....124
FOTOGRAFIA 15 - DESCANSO DO TRABALHO DO CAMPO.....125
FOTOGRAFIA 16 - CAFÉ.....126
FOTOGRAFIA 17 - EXPANSÃO DA CAFEICULTURA.....127
FOTOGRAFIA 18 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA.....127
FOTOGRAFIA 19 - OS COLONOS E O CULTIVO DA BATATA.....128
FOTOGRAFIA 20 - TORRE DE SONDAGEM DE PETRÓLEO.....128
FOTOGRAFIA 21 - PRODUÇÃO DE PAPEL.....128
FOTOGRAFIA 22 - ESTRADAS E VIAGENS.....129
FOTOGRAFIA 23 - CHEGADA AO LITORAL.....129
FOTOGRAFIA 24 - PORTO DE PARANAGUÁ.....130
FOTOGRAFIA 25 - ARTESANATO PARANAENSE.....130
FOTOGRAFIA 26 - AEROPORTO AFONSO PENA.....131
FOTOGRAFIA 27 - LONDRINA.....132
FOTOGRAFIA 28 - NEGÓCIOS.....133
FOTOGRAFIA 29 - IMIGRANTES.....133
FOTOGRAFIA 30 - EXTRATIVISMO VEGETAL.....135
FOTOGRAFIA 31 - SERRARIAS.....136
FOTOGRAFIA 32 - VEGETAÇÃO NATIVA.....137

## LISTA DE MAPAS

MAPA 01 - DISTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS DA FAMÍLIA MODERNA DAS ARAUCARIACEAE.....46
MAPA 02 - ÁREA “ORIGINAL” DA FLORESTA COM ARAUCÁRIA (EXISTENTE ATÉ A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XI.....47
MAPA 03 - TRAÇADO DA ESTRADA DE FERRO ITARARÉ - PORTO UNIÃO.....78
MAPA 04 - PLANTA DA VIAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ EM 1908, ORGANIZADA PELA DIRETORIA DE OBRAS E VIAÇÃO.....79
MAPA 05 - VEGETAÇÃO ORIGINAL - DOMÍNIO DA LUMBER.....81
MAPA 06 - EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ.....100
MAPA 07 - COBERTURA VEGETAL NATIVA .....102

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE MADEIRA ATRAVÉS DOS PORTOS 1910/1959.....53
GRÁFICO 02 - ÁREAS OCUPADAS POR FLORESTAS NO ESTADO DO PARANÁ.....101

## LISTA DE ILUSTRAÇOES

ILUSTRAÇÃO 01 - ETAPAS DO CRESCIMENTO PADRÃO DA ARAUCÁRIA.....48
ILUSTRAÇÃO 02 - ACAMPAMENTO DO GRUPO 1 À MARGEM DA FLORESTA DE PINHEIROS.....50
ILUSTRAÇÃO 03 - PINHEIRO EM PROCESSO DE MONTAGEM PARA A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE VIENA, EM 1873.....71
ILUSTRAÇÃO 04 - CIRCULAÇÃO DA ÁGUA NA MATA ANTES E DEPOIS DA DESMATAÇÃO.....97

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - PRINCIPAIS FÁBRICAS E OFICINAS EXISTENTES EM CURITIBA, 1900.....67
TABELA 02 - EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ.....101

## LISTA DE SIGLAS

PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
ONU – Organização das Nações Unidas
ProfHistória – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História
Gts – Grupos de Trabalho
ANPUH – Associação Nacional de História
SOLCHA – Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental
HALAC – História Ambiental Latinoamericana y Caribeña
IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB)

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**.....21

**1 A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA NO PARANÁ OITOCENTISTA E A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO CIVILIZATÓRIO**.....27

1.1 HISTÓRIA AMBIENTAL: CONCEITOS, TEMAS, FONTES E LINHAS DE PESQUISA.....27

1.2 PARANÁ PROVINCIAL: A TERRA PROMETIDA NA MODERNIDADE.....35

1.2.1 Os viajantes estrangeiros: a visão do outro e a sua ressonância no discurso regional.....38

**2 UM SÉCULO DE FOGO, MACHADO E DEVASTAÇÃO EM ESCALA INDUSTRIAL**.....45

**2.1 O PROCESSO DE DEVASTAÇÃO NO PARANÁ**.....48

2.1.1 Araucária: uma história de longuíssima duração.....48

2.1.2 Os primórdios da exploração madeireira.....71

2.1.3 As ferrovias e a devastação florestal.....78

2.1.4 Lumber: a devastação em escala industrial.....87

2.2 DISCURSOS DIVERGENTES.....93

2.2.1 Romário Martins e a legislação florestal no Paraná.....94

2.2.2 O Pinheiro como símbolo da Identidade Paranaense – O Paranismo.....98

2.2.3 Os alertas do geógrafo alemão Reinhard Maack.....102

**3 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: HISTÓRIA AMBIENTAL DO PARANÁ**.....105

3.1 A DEVASTAÇÃO FLORESTAL NO TERRITÓRIO PARANAENSE: UMA PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO PARANÁ.....105

3.1.1 A abertura dos caminhos, o domínio dos sertões e a “Idade das ferrovias”.....111

3.2 A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NO PARANÁ: O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....115

3.2.1 A fotografia como documento para a história: possibilidades e limites.....116

3.2.2 O fotojornalismo no Brasil – breve incursão.....120

3.2.3 O fotógrafo Alemão Peter Scheier – construção de breve biografia.....123

3.2.4 O álbum comemorativo do centenário do Paraná – 1953.....127

3.2.5 Proposta de análise das imagens do álbum pelos alunos e a organização da exposição.....146

**4 CONCLUSÃO.....**164

**5 DADOS CONSULTADOS.....**167

5.1 FONTES.....167

5.2 REFERÊNCIAS.....169

ANEXO I - TRECHOS DA BIOGRAFIA PARA IMPRESSÃO.....176

ANEXO II- IMAGENS PARA IMPRESSÃO.....179

ANEXO III - AO COMPANHEIRO E PROFESSOR JOÃO AUGUSTO.....220

## INTRODUÇÃO

O grande desafio em participar do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal do Paraná é o de desenvolver uma pesquisa acadêmica que seja consistente e que vislumbre conciliar duas frentes de trabalho com especificidades acadêmicas distintas: o da Historiografia e o do Ensino de História. Neste sentido, o principal objetivo do Mestrado Profissional é promover a articulação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa, por isso um dos pré-requisitos para a seleção dos candidatos é que o professor atue na Educação Básica.

Em sua essência, o processo da pesquisa constitui-se numa condição inerente ao próprio exercício da prática docente, permitindo que a ação seja autônoma e de intervenção na realidade. Para isso, o professor-pesquisador deveria também dispor de tempo e condições para a construção do conhecimento histórico escolar, o que, na maioria das vezes, não acontece.

> É mediante a pesquisa que o professor poderá formar sua própria interpretação da realidade histórica, dialogar e interagir com outros posicionamentos (além da possibilidade de criticá-los) e, dessa forma atuar como agente de esclarecimento, formação e construção do senso crítico e participativo de seus alunos. Mais ainda somente o professor-pesquisador (...) será capaz de formar e orientar os estudantes nas atividades de pesquisa e investigação da realidade.[1]

Buscando contribuir como professor-pesquisador, o trabalho que ora desenvolvo compreende tanto a fundamentação teórica como a elaboração de duas sequências didáticas, planejadas para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Sequência didática entendida

> [...] como alternativa para organização do trabalho em história apresenta as seguintes qualidades em potencial, considerando a dinâmica do trabalho docente que prevalece em nossas escolas:
> 1. Propicia ao professor e ao aluno a manutenção de visibilidade do todo no tratamento do conteúdo, na busca de atingimento de objetivos, enfim de seu desenvolvimento;

---

1 OLIVEIRA. D. **Professor-pesquisador em educação histórica**. 2011, p. 188.

> 2. Permite o estabelecimento de estratégias didáticas alternadas entre o professor e o aluno, na construção da aprendizagem. Momentos em que o professor, a partir da natureza do conhecimento e do momento de abordagem ao longo da sequência, atua em um eixo predominantemente transmissivo – como nas exposições orais. E outros, em que predominará uma atividade mais construtiva por parte dos alunos - como em trabalhos de pesquisa, análise de fontes, apresentações resultantes de pesquisa e análise etc.
> 3. No caso da sequência didática problematizadora, permite que a questão orientadora permaneça no horizonte de professor e alunos, ao realizar cada estratégia didática, conferindo sentidos e superando a burocratização do fazer de ambos, a cada aula.[2]

Por meio das sequências didáticas apresentadas no terceiro capítulo objetivo problematizar historicamente a História Ambiental (DRUMMOND) [3] privilegiando-se a História do Paraná a partir de atividades diversas com o uso de fontes, destacando-se a fotografia.

Conforme observou Brasil Pinheiro Machado[4], "a História do Paraná tem sido a história da ocupação do seu território e da formação das comunidades paranaenses"[4] indicando assim uma outra possibilidade de olhar este lugar. De acordo com essa perspectiva, busco nesta pesquisa problematizar os impactos ambientais e, mais particularmente, a devastação florestal no território paranaense, por meio de análise de fontes históricas (mapas, dados estatísticos, gráficos e fotografias) e de discursos governamentais que justificaram a apropriação da natureza local em nome do progresso e da civilização. Desta forma, pretendi oportunizar aos alunos o contato com diferentes tipos de documentos, entendidos como quaisquer vestígios deixados, intencionalmente ou não, pelas gerações que nos antecederam e que podem servir de fonte para a produção de conhecimento sobre o passado. Como bem observa Bittencourt (2004, p. 329) cabe ao professor a seleção e a metodologia de utilização de fontes nas aulas de história, pois os alunos não têm uma compreensão mais elaborada dos contextos em que estas foram produzidas e nem de que forma podem ser utilizadas para pensar historicamente. Assim, o professor pode utilizá-las como ilustração, para reforçar um conceito ou ideia tratada na aula, pode trazer novas informações sobre um conteúdo tratado, para introduzir uma nova temática ou ainda

---

2 ROCHA, H. A. B. Aula de história: evento, ideia e escrita História & Ensino, Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, jul./dez. 2015.

3 Ver: DRUMMOND, J. A. A história Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**, 1991, p.177-197.

4 WESTPHALEN, C.; MACHADO, B. P.; BALHANA, A. P.; Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná Moderno. Boletim da Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. Curitiba (7): 1-52, 1968, apud: CARDOSO, J. A., WESTPHALEN, C. M. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba: Ed. Livr. do Chain, 1986, p. 09.

para introduzir um tema de estudo como uma situação problema. As possibilidades de uso de documentos no ensino de história são diversas, cabe ao professor definir os critérios que melhor se adequam a necessidade dos seus alunos, assim

> Para que o documento se transforme em material didático significativo e facilitador da compreensão de acontecimentos vividos por diferentes situações, é importante haver sensibilidade ao sentido que lhe conferimos enquanto *registros do passado*. Nessa condição, convém aos alunos perceberem que tais registros e marcas do passado são os mais diversos e encontram-se em toda parte: em livros, revistas, quadros, músicas, filmes e fotografias (BITTENCOURT 2004, p. 329).

A mediação do professor deve promover o diálogo entre as fontes, de modo que o aluno compreenda o contexto em que foram produzidas, os interesses que moveram tais registros e, ainda que e qual memória pretendiam construir. Olhar para além de uma imagem, por exemplo, é o que se busca com o uso escolar da fotografia nas aulas de história, de modo que os alunos não as tomem como testemunho real do passado, mas que a compreendam a complexidade simbológica que ela carrega, como foi concebida, que leituras podem ser feitas a partir dela, levando em conta a sua natureza polissêmica, bem como as interações possíveis entre a imagem fotográfica e o repertório sociocultural que de quem a olha (OLIVEIRA, 2012, p. 49-50).

Para fundamentar teoricamente a prática pedagógica, recorro às produções acadêmicas que discutem a questão ambiental numa perspectiva histórica, o uso da fotografia no ensino de história e as que trazem contribuições sobre o fotógrafo Peter Scheier, idealizador das imagens do álbum do comemorativo do centenário de emancipação política do Paraná, e que é fonte privilegiada na sequência didática, desenvolvida no último capítulo desta pesquisa.

Convém observar que nas últimas décadas do século XIX, grande parte do território da recém-criada Província do Paraná era formado por extensas matas e por vales de rios que borbulhavam uma vida silvestre quase que intocada. Os sertões paranaenses ainda eram domínio do *gentio*, termo utilizado nos documentos oficiais da época para se referir as populações indígenas que vagueavam e ocupavam

grandes extensões dessas paragens, apesar do discurso de “vazio demográfico” propagado pelas elites locais.[5]

Porém, sertanistas, exploradores e viajantes estrangeiros, esquadrinharam e mapearam as terras, desceram as corredeiras dos rios, localizaram e classificaram as riquezas naturais, preparando o terreno para o processo civilizatório que se avizinhava[6] e não foi preciso completar um século para que este cenário, um tanto bucólico, fosse dominado e exaurido em nome do progresso[7].

Das “matas sem fim de pinheiros”, destacadas pelo primeiro Presidente da Província do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcelos, em seu relatório à Assembleia Provincial de 1854[8], passando pela ação das serrarias que se espalharam pelo interior paranaense na primeira metade do século XX e o loteamento das “terras incultas” promovido pelas Companhias de Colonização do norte do estado, transformaram o antigo Paraná Provincial e atrasado, no Paraná Civilizado e Moderno do século passado.

Em nome do progresso, do lucro e da modernidade sobrou muito pouco da cobertura vegetal nativa. Como exemplo dessa destruição a *araucária angustifólia*, mais conhecida como o pinheiro do Paraná e grande símbolo identitário do Paranismo[9] transformou-se também no símbolo do intenso desmatamento, sendo uma das espécies nativas em processo de extinção, ocupando atualmente menos de 3% do território original[10] de acordo com o Instituto Ambiental do Paraná. Hoje, quando se viaja pelo interior do Paraná, o que se vê ao longo do horizonte é uma imensidão de monoculturas como a da soja e do milho, pastos para o gado, além das áreas reflorestadas com eucalipto e *pinus* voltadas à demanda das grandes indústrias do

---

5 MOTA, L. T. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924), 2009. p. 14.

6 PAZ, F. M. **Na poética da História**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

7 OLIVEIRA, D. de. **Urbanização e industrialização no Paraná**, 2001, p. 30-32.

8 PARANÁ. Presidente (1854-1855: Vasconcelos). **Relatório do Presidente da Província do Paraná Zacarias de Goes e Vasconcelos na abertura da Assembléia Legislatíva Provincial em 15 de julho de 1854**. Curityba: Typ. Lopes, 1854.

9 Este movimento contou com participação de intelectuais, artistas e literatos que cultuaram e divulgaram a história e as tradições da terra paranaense. Foi um movimento que não teve a consistência de um manifesto, de uma escola ou de uma estruturação teórica ou acadêmica. REZENDE, C. J. (Organizador). **Paraná espaço e memória**: diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

10 Paraná. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. **Nota técnica Ipardes**: dinâmica ambiental do Estado do Paraná. Curitiba, n. 13, 2010. p. 05.

papel, chamadas de “deserto verde” por muitos especialistas em meio ambiente. Nas cidades, os rios viraram esgoto; no meio rural eles estão repletos de defensivos agrotóxicos, e ainda passam por processo de assoreamento por estarem desprotegidos de suas matas ciliares. Em nome das *commodities* internacionais que geram divisas aos cofres estatais, são os grandes latifundiários do agronegócio que traçam as decisões políticas e ocupam cargos nas esferas de poder.

Diante desses apontamentos sobre o processo de devastação do território paranaense é importante e urgente trazer a temática ambiental para dentro da sala de aula, fazendo uma abordagem crítica da realidade. Assim, os estudantes poderão refletir sobre as relações que se estabelecem entre o meio ambiente e os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, de modo a compreender como foram construídos historicamente, pois resultam das decisões e ações de sujeitos num determinado tempo e lugar.

Ao eleger a história ambiental como campo de pesquisa, tendo como recorte a história ambiental do Paraná, proponho ir além de uma visão historiográfica tradicional, que constrói uma narrativa positiva da ocupação do espaço paranaense e é compreendida como resultado de uma "expansão civilizatória", calcada na ideia de pioneirismo, desenvolvimento e progresso, concepção superada pela produção acadêmica contemporânea.

Desta forma, o Paraná como província e posteriormente como estado da federação brasileira pode ser compreendido como uma construção histórica, resultante de relações de poder entre as forças hegemônicas locais e a sua articulação com instâncias mais amplas, passível de entendimento por meio de pesquisa histórica que busca desvelar os múltiplos interesses que marcaram o desmembramento da 5ª Comarca de São Paulo. É possível ainda, ampliar os elementos de análise, superando a ideia de que as delimitações do território paranaense e de outros espaços são devidas apenas ao fator geográfico. Conforme Cerri, “podemos verificar que a região, mais que uma fração da nacionalidade, é também uma construção da classe dominante (...) espaços de exercício diferenciado e especializado da construção de pequenos consensos hegemônicos”[11].

---

11 CERRI, L. F. Regionalismo e ensino de História. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa: UEPG, v. 1, n. 1, 1996. p. 139.

Tendo como referência o debate sobre a questão ambiental na história do Paraná, proponho nesta pesquisa, organizada em três capítulos (introdução, capítulo 1, capítulo 2 e capítulo 3 ) uma incursão inicial sobre a representação da natureza no Paraná oitocentista e a construção do ideário civilizatório, problematizando num primeiro momento a história ambiental, conceitos, temas, fontes e linhas de pesquisa de modo a abordar as múltiplas possibilidades desse campo de pesquisa que tem se materializado num número significativo de publicações que favorecem a sua abordagem interdisciplinar, seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito escolar. Num segundo momento, recorro a narrativa histórica para abordar o Paraná Provincial: a terra prometida na modernidade, problematizando aspectos dos discursos construídos pela elite política e pelos intelectuais e que exprimem uma visão de mundo alinhada ao ideário de dominação da natureza em benefício do processo civilizador. Para enriquecer essa discussão, trago também a visão dos viajantes (Saint-Hilaire, Avé-Lalemant e Bigg-Witter) sobre a natureza e as transformações ocorridas no território paranaense ao longo do século XIX e que, em linhas gerais era percebido como a nova terra prometida e que também representava o pensamento de parte da intelectualidade paranaense.

No capítulo 3, intitulado “Sequências didáticas: história ambiental do Paraná”, divido em duas partes. A primeira intitulada “A devastação florestal no território paranaense: uma proposta de encaminhamento para o ensino de História do Paraná”, propõe a utilização de mapas, tabelas e gráficos como fontes para a realização de atividades com alunos, com o objetivo de problematizar o processo de devastação florestal no território paranaense, proporcionando aos alunos uma experiência participativa e interdisciplinar na construção do conhecimento histórico.

A segunda sequência didática denomina-se “A apropriação da natureza e a construção da modernidade no Paraná: o uso da fotografia no ensino de história” é ainda uma proposta a ser colocada em prática de modo a permitir uma avaliação sobre a sua aplicabilidade, bem como a realização dos ajustes que se fizerem necessários. O objetivo desta sequência didática é proporcionar aos alunos reflexões sobre os impactos causados pelo intenso processo de apropriação da natureza ocorrido ao longo dos séculos XIX e XX no território paranaense, por meio do estudo sobre a fotografia como documento, fotojornalismo, biografia e álbum de fotografia, didaticamente abordados em aulas expositivas e participativas, estudo de textos, análise de fontes, produção de narrativas e organização de uma exposição. E por fim

apresento as considerações finais, que remetem a satisfação em ter tido a oportunidade de retomar formalmente os meus estudos e conciliar ensino e pesquisa.

## A REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA NO PARANÁ OITOCENTISTA E A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO CIVILIZATÓRIO

Neste capítulo objetivo problematizar a representação da natureza no Paraná oitocentista, bem como a construção do ideário civilizatório. Para tanto, discuto inicialmente a história ambiental como campo de pesquisa, conceitos, temas e fontes considerando que há um significativo conjunto de pesquisas que favorecem a sua abordagem numa perspectiva interdisciplinar, seja no âmbito acadêmico, seja no âmbito escolar. Num segundo momento, aproximo a análise sobre o Paraná Provincial: a terra prometida na modernidade, discursos construídos por representantes dos grupos hegemônicos da política e da intelectualidade e que exprimem uma visão de mundo orientada para o processo civilizador. Para enriquecer essa discussão, trago também a visão dos viajantes (Saint-Hilaire, Avé-Lalemant e Bigg-Witter) sobre a natureza e as transformações ocorridas no território paranaense ao longo do século XIX e que, em linhas gerais era percebido como a nova terra prometida.

### HISTÓRIA AMBIENTAL: CONCEITOS, TEMAS, FONTES E LINHAS DE PESQUISA.

Privilegio nesta pesquisa a história ambiental, tal abordagem visa uma aproximação interdisciplinar entre as ciências naturais e as ciências humanas. Sendo assim o trabalho foi desenvolvido no campo da História Ambiental, que vem tomando corpo no meio acadêmico brasileiro nas últimas décadas, do qual destaco as relações entre sociedade e natureza em diferentes recortes temporais e espaciais.

Ao refletir sobre a contemporaneidade, corroborando com Hartog[12], Oliveira alerta que nos últimos anos vivemos um processo de aceleração das transformações sociais, em decorrência da revolução tecnológica nos meios de informação e comunicação. Há um sentimento presentista e imediatista entre a maior parte das pessoas e em particular nas gerações mais jovens. “Nessa perspectiva, o passado não existe ou, se existe, não é relevante para o entendimento do presente”.[13]

Convergindo com esta análise, Martinez afirma que

> Na militância dos ambientalistas, assim como na daqueles que trabalham com a preservação e recuperação do patrimônio histórico, por exemplo, essa sensação de que o tempo presente aprisiona a tudo e a todos é muito forte e recorrente (...) O desprezo pelo passado e a indiferença quanto ao futuro, que a sociedade brasileira, em particular, parece nutrir secularmente, aproxima o conhecimento histórico e o debate de questões ambientais neste início de século.[14]

Preocupado com essa problemática, proponho como elemento de análise nesse trabalho o processo de devastação florestal relacionado à ocupação do território paranaense, com o objetivo de refletir sobre os impactos causados pelo intenso processo de apropriação da natureza ocorrido ao longo dos séculos XIX e XX.

De acordo com Donald Woster[15], o início da década de 1970 foi marcado pelos intensos debates envolvendo a crise ambiental global, que resultaram na criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), com a realização, em 1972, da primeira Conferência Internacional do Meio Ambiente pela ONU, na cidade de Estocolmo (Noruega). Concomitantemente, cresciam os movimentos que reuniam cidadãos de vários países pelas causas ambientalistas, numa época de reavaliação e reforma cultural em escala mundial. Foi nesse contexto que a problemática ambiental chegou ao meio acadêmico e se apresentou à historiografia como um novo campo de estudos, a História Ambiental. Segundo Bitencourt “Os historiadores, ao se aproximarem e se preocuparem com as lutas e conflitos vividos no tempo presente,

---

12 HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 148.

13 OLIVEIRA. D. **Professor-pesquisador em educação histórica**. Curitiba: IBPEX, 2011. p. 30.

14 MARTINEZ, P. H. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006. p 15-16.

15 WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. p. 199.

passaram a rever e a reconsiderar o lugar da natureza no viver social"[16] pois essa faceta tem uma significativa implicação nas relações de poder, nas relações culturais e de trabalho em diferentes organizações sociais.

As pesquisas em História Ambiental, de acordo Woster[17], podem ser apresentadas em três diferentes níveis: 1 – o entendimento da natureza propriamente dita, incluindo o ser humano como elo nas cadeias alimentares da natureza; 2 – a análise do domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente; e, por último, 3 – a apreensão de percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação que ligam um indivíduo ou um grupo à natureza, conduzindo também suas ações sobre o mundo físico.

Escolhi este último como caminho norteador desta pesquisa, aproximando-o da Nova História Cultural, concepção teórico-metodológica, que orienta a disciplina de História nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (2006), pois muitos trabalhos produzidos pelos historiadores ambientais têm se relacionado aos aspectos culturais, envolvendo as percepções e valores humanos atribuídos à natureza, em diferentes recortes espaciais e temporais.[18]

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a relação Homem/Natureza é uma construção histórica. Por meio desta abordagem evidencia-se que, principalmente durante os séculos que marcam a modernidade (XVIII ao XX), essa relação se deu através de uma visão de domínio e controle dos elementos naturais, na qual a apropriação da Natureza é associada à ideia de progresso e civilização.

Ao tratar sobre a representação da natureza nos estudos históricos, Josimar Paes de Almeida afirma que:

> Não há compreensão sobre a natureza que não seja humana, pois ao entendermos que as interpretações, análises, representações, enfim, o conceito mediador que se possa escolher para dialogar com a natureza é criado pelo homem histórico, possuindo desta forma a sua inserção sociocultural no tempo e espaço.[19]

---

16 BITTENCOURT, C. M. F. Meio ambiente e ensino de história. **Revista História e Ensino**. Londrina: UEL, v. 9, out. 2003. p. 40.

17 WORSTER, D. Op. Cit., 1991. p. 202.

18 Ibid. p. 210.

19 ALMEIDA, J. P. de. História e patrimônio ambiental: artifícios naturais do poder público em Londrina. In: **História – Hoje**: revista eletrônica de História. Vol. 1, n.3. mar. 2004. <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3/londrina.htm> acessado em 25/08/2019.

Aquilo que está fora dos limites do mundo civilizado e organizado foi sempre encarado como um mundo à parte, bárbaro, selvagem, caótico e muitas vezes como uma "Terra Devastada". Esta relação Homem/Natureza que se perde no tempo e no espaço, tem sido objeto da História. Desde épocas mais remotas da humanidade são reconhecidos como "civilizados" aqueles grupos humanos que melhor se organizaram e dominaram a natureza ao seu redor.

Quando considero, por exemplo, os discursos produzidos sobre processo histórico de ocupação do Paraná, percebo que tradicionalmente apontam uma visão da "expansão civilizatória" calcada nos conceitos de pioneirismo, desenvolvimento, modernidade, progresso e como produto das apropriações humanas que se expressam no espaço geográfico.[20]

Segundo Mota, a ocupação do espaço paranaense se deu dentro dos marcos da expansão capitalista que, em meados do século XIX, incorporava mais uma nova área ao seu sistema produtivo.

> A ideologia corrente alimentava um conceito de natureza externa à sociedade, à espera de ser possuída. Assim o interior paranaense da metade do século XIX em diante, com suas florestas, campos, rios, rochas, terra roxa, climas amenos, aguardaria sua incorporação no processo de produção da sociedade industrial moderna.[21]

Completando esta reflexão, Neil Smith analisa a literatura de conquista do século XIX, onde existia a

> (...) antipatia com relação à natureza selvagem. O sertão é a antítese da civilização; ele é estéril, terrível, até mesmo sinistro, não tanto por ser a morada do selvagem, mas por ser seu habitat "natural". O natural e o selvagem eram uma coisa só; eles eram obstáculos a serem vencidos na marcha do progresso e da civilização.[22]

Drummond reconhece os valores humanos atribuídos à natureza como um campo importante da História Ambiental. Assim também referencia o historiador americano Leo Marx, cuja produção foi extremamente influente na década de 1960.

---

20 MOTA, L. T. **A guerra dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: Eduem, 2009. p. 39-53. No capítulo III do livro, o autor discorre sobre a utilização do conceito de vazio demográfico pelos historiadores do Departamento de História da UFPR durante as décadas de 1950 e 1960, quando buscavam construir historicamente o processo de ocupação do interior paranaense.

21 MOTA, L. T. Op. Cit., 2009. p. 10.

22 SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 37

> Marx retoma a tradição clássica greco-romana do pastorialismo e mostra como quase todas as paisagens elogiadas pelos escritores clássicos e contemporâneos amantes da natureza são na verdade “jardins”, áreas rurais criadas e manejadas pelos humanos. Marx mostra como o homem ocidental ama as paisagens que ele mesmo controla ou constrói, forma nada sutil de gostar de si mesmo. Quanto à natureza “selvagem”, “intocada”, “incontrolável”, ele tem pavor ou um apetite insaciável de controlar, domesticar, civilizar. Essas atitudes afetam profundamente as ações das sociedades humanas em relação aos seus ambientes naturais.[23]

Para tanto, mais uma vez utilizo a discussão interdisciplinar para tratar de alguns conceitos ligados a História Ambiental, tendo como referência os marcos da História Cultural. Os historiadores ambientais recorrem constantemente ao debate interdisciplinar com as ciências naturais quando buscam incorporar aos seus estudos variáveis ambientais que envolvem a relação das sociedades humanas com a natureza em determinado tempo e espaço. Por conta disso, nesta pesquisa, foi necessário estabelecer um diálogo interdisciplinar com a área da Biologia, ao tratar de aspectos específicos sobre a composição florestal (flora e fauna) no território paranaense. Esse diálogo também foi uma constante com a Geografia, conforme exemplifica Gilmar Arruda:

> ao se aproximar dos aspectos simbólicos existentes nas relações entre as sociedades e a natureza pode-se buscar noções e conceitos em campos disciplinares próximos à história. A noção de paisagem, assim como o de região, profundamente enraizado no campo da geografia pode abrir variadas perspectivas de análise.
> As paisagens são artefatos da cultura historicamente determinados, transformando-se com as próprias sociedades que os criam. São compostas de camadas de representações, das quais algumas possuem suas origens a centenas, às vezes, milhares de anos, e outras são tão recentes quanto o presente.[24]

Por meio da articulação entre o saber histórico nas produções acadêmicas relacionadas à temática da História Ambiental, e o saber histórico escolar, pretendo construir, junto aos estudantes, a compreensão das relações sociais que norteiam os usos, as apropriações e representações da natureza no passado recente da ocupação do território paranaense, a fim de descortinar uma visão crítica do presente, pois “se

---

23 DRUMMOND, J. A. Op. Cit., 1991. p. 190. Comentário da obra: MARX, Leo. **The machine in the garden-technology and the pastoral ideal in America**. London: Oxford University Press, 1964.

24 ARRUDA, G. Bacias hidrográficas, territórios, paisagens e a história ambiental. **Revista Porto**. Natal, V. 1, 2011. p. 25.

as problemáticas ambientais mais próximas dos alunos se relacionam aos objetivos do ensino de História, a questão que se coloca é de como identificar tais problemas em uma dimensão histórica"[25]. Nesse sentido, o artigo de Arthur Soffiati (1990), intitulado "A Ausência da Natureza nos Livros Didáticos de História"[26], tornou-se uma importante referência para o desenvolvimento desta pesquisa, pois o mesmo antecipa, em sua época, a discussão das questões ambientais relacionando-as ao Ensino de História no Brasil. Para o autor, a constituição do pensamento filosófico que se tornou hegemônico no ocidente foi marcada principalmente pela incorporação da racionalidade cartesiana, na qual o homem enquanto sujeito do conhecimento, se reconhece como "senhor e possuidor da natureza" (visão também presente na cultura judaico-cristã) e pelas rupturas provocadas com revolução intelectual do século XVII. Subdivide a sua discussão em três partes distintas:

1º - No subtítulo "História das relações das sociedades humanas com a natureza" busca demonstrar, desde a antiguidade, que os impactos ambientais provocados pelas civilizações ocasionaram crises que levaram algumas sociedades ao colapso. 2º - Ao tratar sobre "As sociedades brasileiras e a natureza", apresenta a visão europeia de natureza tropical luxuriante, figurando o Novo Mundo no período colonial, ora como um inferno, ora como um paraíso. Observa também o forte impacto ambiental provocado pela implantação do sistema colonial (exploração do pau-brasil, cana-de-açúcar, ciclo do ouro, pecuária etc.) produziram danos ecológicos profundos. No século XX, com o desenvolvimentismo de Kubitschek e, principalmente nos governos militares, formulou-se a ideia de um crescimento econômico a qualquer preço. Defendia-se a visão de que uma nação em desenvolvimento como o Brasil não poderia se "dar ao luxo" de cuidar da proteção ambiental, tese defendida na Conferência de Estocolmo sobre o meio ambiente, em 1972.

3º - Por fim, em "As representações mentais sobre a natureza" compara as visões das sociedades tradicionais como a dos indígenas norte-americanos e polinésios e das filosofias orientais que buscam um equilíbrio na relação com o mundo natural, diferenciando da visão ocidental da tradição judaico-cristã-muçulmana e greco-romana que separam os seres humanos da natureza, e que Deus coloca o

---

25 BITTENCOURT, C. M. F. Op. Cit., 2003. p. 53.

26 SOFFIATI, A. A ausência da natureza nos livros didáticos de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 9, set 1989/ fev. 1990. p. 43-56.

homem como “senhor e possuidor da natureza”. Tal compreensão preparou terreno para legitimar os interesses da burguesia no intenso impacto provocado pela Revolução Industrial, chamado pelo autor de “antropocentrismo mecanicista”.

No Brasil, Soffiati enfatiza a urgência de efetuar estudos sobre a cosmovisão dos povos indígenas em comparação aos já realizados junto aos povos nativos dos Estados Unidos e Polinésios. Como também na investigação da visão utilitarista vulgar de natureza, promovida pela colonização europeia, tendo como fontes, além da documentação oficial, as produzidas pelos cronistas e viajantes, pelos intelectuais e políticos como José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, entre outros.

Apesar de reconhecer as possíveis causas que levaram ao silenciamento quanto à importância da natureza nos processos históricos, o autor adverte que, devido ao agravamento da crise ambiental nas últimas décadas do século XX, já não se justificava mais tal ausência e destaca possíveis abordagens a serem exploradas nos manuais didáticos e também estudos históricos cujo objeto de estudo era a relação sociedade-natureza, os quais poderiam ser problematizados junto as temáticas existentes.

Considero relevante o ineditismo do artigo de Soffiati para o contexto do final da década de 1980, pois coincide com a implementação das discussões ambientais na Política Nacional de Meio Ambiente (de 1981) e na Constituição Brasileira promulgada em 1988. O mesmo prenuncia as discussões envolvendo os conceitos de sustentabilidade e de ecologia que foram amplamente divulgados e refletidos após a Conferência da ONU, na “Rio 92”.

No Brasil, o artigo de José Augusto Drummond[27], publicado em 1991, ajudou a divulgar a História Ambiental como campo de investigação e, desde essa época, ocorreu um aumento significativo no volume de pesquisas realizadas sobre essa temática. Existem atualmente Grupos de Trabalho (GTs) vinculados à Associação Nacional de História (ANPUH), tanto na esfera nacional quanto nos Estados.[28] Foram criados laboratórios de pesquisas e eventos, onde regularmente são apresentados um número cada vez mais significativo de trabalhos acadêmicos realizados em boa parte

---

27 DRUMMOND, J.A. *Op. Cit*.

28 Grupo de Trabalho História Ambiental, da Associação Nacional de História (ANPUH). <http://gthistoriaambiental.org.br/index.php?r=1 > acessado em 21/08/2019.

dos programas de pós-graduação *Latu Sensu* e *Stricto Sensu* vinculados às instituições de ensino superior de todo país.

O campo da História Ambiental está cada vez mais consolidado e difundido, atualmente existem associações de pesquisadores na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia. Os estudiosos brasileiros também participaram na organização da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental (SOLCHA)[29]. Fundada em 2006, a qual realiza Simpósios a cada dois anos, bem como promove a revista "História Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC)"[30], periódico difusor de pesquisas acadêmicas nesta área da historiografia.

Segundo José Augusto de Padua

> A história ambiental apresenta-se hoje como um campo vasto e diversificado de pesquisa. Diferentes aspectos das interações entre sistemas sociais e sistemas naturais são esquadrinhados anualmente por milhares de pesquisadores. A produção atual engloba tanto realidades florestais e rurais quanto urbanas e industriais, dialogando com inúmeras questões econômicas, políticas, sociais e culturais. No andamento concreto dessas pesquisas, vários problemas teóricos de micro, médio e longo alcance costumam aparecer. (...) A pesquisa em história ambiental, de toda maneira, até pelo próprio fato de ser "ambiental", não costuma se fazer na abstração das teorias puras, mas sim nas contradições de lugares e experiências vividas. Na maioria das vezes, ela se dá por meio de recortes geográficos e biofísicos concretos: uma região florestal, uma bacia hidrográfica, uma cidade, uma zona agrícola, etc.[31]

Pádua enfatiza que a História Ambiental ganha consistência quando passa a ser pensada territorialmente, isto é, quando territorializamos a análise histórica. Por ser uma história situada, esta vem ao encontro da História Regional.[32] Para tanto, ao analisar o processo de devastação florestal, busquei indicar como limitação geográfica o território paranaense e a dinâmica de suas fronteiras ao longo dos séculos XIX e XX, bem como as transformações no bioma da Mata Atlântica inserido nesse território.

Esse percurso teórico sobre a construção da história ambiental como campo de pesquisa serviu de referência para o desenvolvimento dessa pesquisa e da produção do material didático de modo a contribuir com a inserção desta temática no ensino de história. Ao explicitar o percurso historiográfico percorrido por meio da

---

29 Acesso ao *site* da SOLCHA: <http://solcha.org/>

30 Acesso ao *site* da HALAC: <https://www.halacsolcha.org/index.php/halac>

31 PÁDUA, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, pp. 81-101, 2010, p. 96.

32 CARVALHO, A. I. de; LAVERDI, R. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: entrevista com José Augusto Pádua. **Revista de História Regional**, v. 19, n. 2, pp. 457-484, 2014.

narrativa e a proposta de prática pedagógica sobre o processo de devastação florestal no território paranaense (1870-1970) espero compartilhar êxitos e limitações que fazem parte do cotidiano da sala de aula e que animam a buscar outras possibilidades para o ensino de História.

## PARANÁ PROVINCIAL: A TERRA PROMETIDA NA MODERNIDADE

Num primeiro momento, pretendo analisar aspectos dos discursos construídos pela elite política e de intelectuais que estiveram no Paraná durante o século XIX no tocante às visões de mundo, de devir histórico e a necessidade de controlar a natureza dos sertões paranaenses e a construção do ideário civilizatório.

Para tanto utilizo como fonte histórica trechos dos discursos de intelectuais, políticos locais e dos viajantes estrangeiros que estiveram no território paranaense em diferentes contextos históricos do oitocentos, para que posteriormente, sirvam de base para a produção didática proposta como resultado desse trabalho.

Os relatórios governamentais do período provincial e os diários produzidos pelos viajantes são ricos elementos para que os estudantes, de qualquer nível ou modalidade de ensino, tenham elementos para compreender historicamente as “conquistas” que resultaram na construção das fronteiras que delimitaram o território conhecido como Paraná.

Convém lembrar que durante o período em que o território paranaense estava vinculado à Comarca de São Paulo, a estrutura administrativa da região era muito precária no âmbito da segurança, da justiça, da educação e as parcas verbas recebidas eram desviadas, no entanto, a cobrança de tributos pela Província de São Paulo e pelo império eram vultuosas. Situação que gerava descontentamento aos paranaenses que almejavam a independência político-administrativa. Há registro dessas tentativas desde 1811, período em que a família real portuguesa esteve no Brasil, quando Pedro Joaquim de Sá, representante da Câmara de Paranaguá, apresentou a D. João VI as vantagens da criação da província do Paraná. No entanto, não obteve êxito, pois a 5ª Comarca de São Paulo não apresentava condições econômicas e sociais satisfatórias para esta autonomia. A única alteração realizada pelo Príncipe Regente D. João VI foi a transferência da sede da 5ª Comarca de Paranaguá para Curitiba em 1812. Em 1821, os defensores da emancipação política

do Paraná iniciaram um movimento chamado de Conjura Separatista, liderado pelo Capitão Floriano Bento Viana que, durante o ato de juramento à constituição do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, apresentou a proposta de emancipação do Paraná às autoridades, que foi rejeitada. Apesar de mais uma tentativa fracassada, os representantes da 5ª Comarca não desistiram das ideias de emancipação de São Paulo e se estenderam para as câmaras de vereadores de Antonina, Castro, Curitiba, Morretes, Paranaguá e Vila do Príncipe (Lapa). No primeiro cinquentenário do século XIX, a 5ª Comarca de São Paulo sofreu significativas alterações, uma vez que o comércio de gado entrou em decadência, mas a exploração da erva-mate e da madeira começou a se destacar no mercado do Prata e no Chile, fortalecendo o desejo da elite pela emancipação. As rebeliões do Período Regencial se espalharam pelo Brasil (1831-1840), e uma das mais importantes, conhecida como Revolta Farroupilha (1835- 1845), ocorreu no Rio Grande Sul, quando os criadores de gado e produtores de charque estavam extremamente descontentes com as autoridades imperiais em relação à economia da região. Para evitar que a 5ª Comarca paulista aderisse à causa dos gaúchos, as autoridades provinciais de São Paulo recorreram às autoridades de Curitiba, prometendo, em troca desse apoio, a emancipação da Comarca. Diante de tal proposta Curitiba passou a lutar em defesa do governo central, postura bem-vista pelo então presidente da província de São Paulo, o Barão de Monte Alegre, que solicitou ao governo imperial, em 1842, a emancipação da sua 5ª Comarca que teria Curitiba como capital. Essa indicação desagradou a câmara de Paranaguá que almejava para si a sede da capital, em nome de sua importância histórica. A disputa entre Paranaguá e Curitiba postergou a emancipação. Em 1843 uma nova tentativa foi realizada, mas os deputados paulistas temendo a redução de recursos tentaram modificar o curso dos trabalhos, e apresentaram um projeto para a formação da província de Sapucaí, que seria separada de Minas Gerais. Essa movimentação fez com que a emancipação paranaense fosse adiada mais uma vez. A rediscussão foi retomada apenas em 1850, diante das preocupações com possíveis invasões do território brasileiro por países vizinhos. Essa conjuntura exigiu que o governo brasileiro organizasse as regiões de fronteira que passaram a ser melhor estruturadas, de modo a evitar qualquer ameaça estrangeira. Isso se materializou com criação da província do Amazonas, por exemplo, e fomentou novamente os debates sobre a emancipação da 5ª Comarca de São Paulo. Mais uma vez, os deputados paulistas tentaram tumultuar esse processo ao desmembrarem seus distritos em dez unidades,

reduzindo, assim o território pertencente à Comarca de Curitiba. Nesta nova configuração Curitiba passou de 5ª Comarca para 10ª Comarca da Província de São Paulo em 1852. No entanto, as províncias de Minas Gerais e Bahia passaram a apoiar a causa paranaense pois desejavam a redução da importância política de São Paulo. Enfim, em 2 de agosto de 1853, o projeto de emancipação da comarca do Paraná tendo como capital a cidade de Curitiba, foi aprovado e sancionado por D. Pedro II. Em 19 de dezembro de 1853 foi realizada a instalação solene da nova província, tomando posse o primeiro presidente, Zacarias de Góes e Vasconcelos.[33]

Em 1854, em seu pronunciamento à Assembleia local, o primeiro presidente da província do Paraná, Zacarias de Goes e Vasconcelos, ditava as bases para "transformar-se a antiga e atrazada comarca de Curityba na esperançosa provincia do Paraná" [34], descrevendo assim os limites geográficos da nova província:

> Banhada, de hum lado pelo Oceano, onde lhe não faltão bons portos, de outro pelo magestoso Paranã, cortada por rios consideráveis, no gozo de hum clima reconhecidamente saudável, com terrenos fertilíssimos, que prestão-se aos mais abundantes e variados productos, tinha a 5ª comarca da província de S. Paulo direito e proporções para haver subido a hum elevado gráu na escala dos melhoramentos que caracteriza a civilização moderna.[35]

Além disso cobrava o grande compromisso que tinha tal assembleia, por ser a primeira constituída na nova província, de lançar "as bases de seo progresso indispensável no presente, e ulterior desenvolvimento no futuro". [36]

Assim estava firmado o compromisso da elite local em transformar uma região inóspita, dominada em sua maior parte por uma natureza ainda intocada, em uma região dita "civilizada", do mesmo modo como uma folha de papel em branco deveria ser preenchida com o melhor do conhecimento humano.

Mas de que forma esta civilização deveria ser construída? Qual o modelo a ser seguido?

Em pleno século XIX, havia um modelo de civilização que se estava buscando não só em âmbito local, mas também ao nacional, pois o projeto do ideário civilizatório

---

33 PRIORI, A., et al. História do Paraná: séculos XIX e XX [online]. Maringá: Eduem, 2012. **A emancipação política do Paraná**. pp. 15-22. ISBN 978-85-7628-587-8. Consulta em 10/12/20.

34 PARANÁ. Presidente (1854-1855: Vasconcelos). **Relatório do Presidente da Província do Paraná Zacarias de Goes e Vasconcelos na abertura da Assembléia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854**, p. 01.

35 Ibid. p 01.

36 Ibid. p 02.

do país era edificado dentro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, pelo próprio Imperador Dom Pedro II.

Segundo Francisco Moraes Paz, este modelo de civilização é

> (...) a utopia do século XIX, situa-se na própria Europa e projeta-se num futuro de realizações. Ela pode ser definida como a busca da modernidade", portanto, a elite intelectual brasileira apostava na construção de uma nova sociedade, regida pela lógica do trabalho e pelos ideais de uma possível modernidade, e desenhada a partir da visão europeia de civilização, sociedade e história.[37]

Ao contrário do século XVIII, chamado de o *"Século das Luzes",* o século XIX constituía-se no:

> "Século da História". É um século que não encoraja a poesia, arte ou filosofia, pois é pensado em termos históricos [...]. Neste século europeu, o culto ao Velho Mundo se opõe aos povos bárbaros e primitivos. E por ser culto, civilizado e eixo irradiador de mudanças, considera-se o centro da história.[38]

Cabia aos intelectuais do Instituo Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) o papel de auxiliar no processo de consolidação do Estado Nacional e de construir um perfil para a "Nação Brasileira", capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das "Nações", além do desejo de constituir uma historiografia nacional de acordo com os modelos europeus.

Aos intelectuais paranaenses competia parte deste processo, pois regionalmente não existia um passado histórico grandioso a ser recuperado, o desafio era o de construir um futuro e desta forma incorporar a província do Paraná ao modelo civilizatório que se desenhava para o país.

## Os viajantes estrangeiros: a visão do outro e a sua ressonância no discurso regional

Dentro do espírito da modernidade no século XIX, para a realização da utopia nacional, os intelectuais brasileiros tinham o auxílio de personagens que vinham de fora, mais precisamente da Europa. Eram eles os viajantes estrangeiros, homens ilustrados,

---

37 PAZ, F M. **Na poética da História:** a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996. p. 15-16.

38 Ibid. p. 15.

> (...) das mais variadas formações, tais como naturalistas - designação que envolve zoólogos, botânicos e geólogos - artistas, educadores, jornalistas, engenheiros, investidores, militares, diplomatas, comerciantes ou missionários. E de diversas procedências, com destaque para os ingleses, franceses, alemães e, mais ao final do século, norte-americanos.[39]

Bem diferentes de outros compatriotas europeus que imigraram para o Brasil, em sua maioria, eram homens simples e muitas vezes ignorantes e que almejavam fugir da miséria e da falta de perspectiva em sua terra natal, os viajantes tinham uma missão civilizadora a cumprir e colocavam-se como imparciais observadores. Procuravam classificar, diagnosticar, investigar tudo o que encontravam, desde aspectos naturais até a aspectos humanos, seguindo à risca os preceitos da ciência no século XIX, ao buscar registrar tudo com a precisão, a neutralidade e o rigor dos conteúdos academicistas.

Os viajantes declaradamente buscavam o reconhecimento científico de suas obras. Durante suas andanças recolhiam amostras minerais, da flora e da fauna, descreviam com detalhes as paisagens que percorriam, analisavam as populações por onde passavam e após tanto esforço, quando voltavam a seus países de origem, publicavam os resultados das expedições em livros, proferiam palestras e por fim, recebiam os louros da Academia.

Este reconhecimento era compartilhado também pelos intelectuais brasileiros, principalmente entre os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que na elaboração do projeto civilizador nacional, apoiavam-se nos relatos dos viajantes estrangeiros, cujos trabalhos eram entendidos como inventários fiéis e científicos das condições naturais e humanas de nosso país. Assim, os viajantes eram tidos como “verdadeiros amigos do Brasil”. [40]

Mas, mesmo com a intenção da imparcialidade em suas narrativas, os viajantes deixam-se conduzir pelas sensações e pela subjetividade. Antes de tudo eram homens do século XIX e viam-se como porta-vozes de uma civilização cujo centro e modelo, em pleno Século da História, era a própria Europa.

> O discurso do viajante - tantas vezes permeado pela lógica da história - realiza o moderno inventário das diferenças, desautoriza aquilo que contraria o progresso da civilização e objetiva um conjunto contínuo de informações. Acima de tudo, valoriza sua época como

39 Ibid. p. 205.
40 Ibid. p. 273.

> etapas preparatórias para as gerações seguintes [sic]. O contraste entre presente-passado e civilização-barbárie, mais que o simples reconhecimento da multiplicidade, reforça o mito da destinação e promove o ideal da história universal. [41]

Dentre a imensa lista de viajantes a esquadrinhar o Brasil durante o século XIX, a Província do Paraná receberia a visita de três destes estrangeiros ilustres. O naturalista francês, August Saint-Hilaire, em 1820; o médico alemão, Roberto Avé-Lallemant, em 1858 e o engenheiro inglês, Thomas P. Bigg-Wither, em 1872. O primeiro chegou enquanto o Paraná era a 5ª. Comarca de São Paulo, denominada Comarca de Curitiba e Paranaguá, enquanto os outros dois conheceram o Paraná já como Província. [42]

Por meio de suas obras, pode-se avaliar as transformações ocorridas no território paranaense ao longo do século XIX, pois "estes viajantes conviveram com situações políticas, econômicas e sociais de três gerações distintas. " [43] Saint-Hilaire, prenunciou uma comarca que, desde 1811, vinha tentando junto às autoridades a sua emancipação política interesse de emancipar-se; Avé-Lallemant conheceu uma jovem província preparando-se para figurar junto ao mundo civilizado, preocupada com a reformulação urbana da capital, com a abertura de estradas e com o estabelecimento de colônias de imigrantes europeus. Já Bigg-Wither presenciou e ao mesmo tempo compartilhou deste processo civilizatório. Como engenheiro, participou da expedição organizada pelo Capitão Palm, encarregada de construir uma estrada de ferro entre o Atlântico e o Pacífico, embrenhando-se nas matas dos vales do Ivaí e Tibagi e, em nome do progresso, passou por inúmeras aventuras e pelas privações de um mundo ainda selvagem.

Fascínio e encantamento eram os sentimentos que afloravam nas narrativas dos viajantes estrangeiros que passaram pelo território paranaense durante o século XIX, no que se refere a sua natureza. Com descrições que lembram as de escritores do Romantismo, chegavam a pintar quadros bucólicos das paisagens que avistavam.

---

41 Ibid. p. 218.

42 Destes três viajantes, Saint-Hilaire foi o que mais influenciou os intelectuais brasileiros do século XIX, sendo citado constantemente por muitos deles. Já Bigg-Wither foi um achado mais recente, cuja obra foi descoberta pelos intelectuais de nosso século. Newton Carneiro apresenta o trabalho de Bigg-Wither como um complemento da obra de Saint-Hilaire. Ver: BIGG-WITHER, T. P**. Novo caminho no Brasil Meridional**: a Província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos - 1872/1875. Rio de Janeiro: J. Oyimpio; Curitiba: UFPR, 1974.

43 PAZ, F. M. História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v.8, 1987. p. 14.

Os Campos Gerais, por exemplo, foram imortalizados por Saint-Hilaire como o paraíso terrestre brasileiro – “Esses campos são certamente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América” [44]. Ao iniciar sua aventura na expedição que atravessou o caminho da província de Santa Catarina ao Paraná, Ave-Lallemant[45] em meio a mata, assim descreveu a paisagem por ele contemplada no interior paranaense:

> Podíamos avistar a milhas de distância, no interior da Província do Paraná, um oloroso mundo de floresta com magníficos vales. Debalde se procura no caos serrano um ponto cultivado; não aparece casa, um campo, nenhuma fumaça sobe, nenhum galo canta. Rumoreja no abismo o regato e nenhum outro som percebe o ouvido. E tínhamos de atravessar esse caos! [46]

Continuando sua descrição, marcada por seu juízo de valor, Ave-Lallemant comenta seu entusiasmo ao terem ele e sua equipe que abrir a picada em meio a densa floresta, utilizando como instrumentos somente uma bússola e facões de mato para abrir uma pequena trilha:

> E que se obtém em troca de todas as fadigas, trabalhos e perigos? Algo que o europeu, mesmo a maioria dos viajantes, não pode sentir: tem-se a visão da floresta virgem em sua mais secreta profundidade, em seus últimos recantos! Os viajantes, em sua maioria, todos aliás, viajam sempre em estradas e caminhos, por mais estreitos e menores que sejam; ou navegam em rios e lagos, sempre com certa comodidade, sob a proteção de uma civilização, mesmo incipiente, guiados por um vaqueano, conhecedor de veredas e recantos, um negro, um índio. Não assim na picada! Aqui apenas a agulha magnética, muda e tranquila, indica o norte, por mais que se lhe pergunte se é alto, se é fundo, se é possível ou impossível passar, subir! Não há mais homem, nem vestígio de homem! Nenhum canto de galo, nenhum ladrido de cão! Por cima da floresta murmura o vento; embaixo, no chão, o rio; ao longe troveja a cachoeira; ninguém está com eles; com o animoso grupo humano, só Deus está. Essa uma admirável situação! [47]

Mesmo assim, Ave-Lallemant demonstra que, apesar da admiração em relação à natureza, ao mesmo tempo ela representa o caos, algo indomável e em seu meio o viajante sente-se indefeso, tranquilizando-se somente quando avista o canto de galo da civilização.

---

44 SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. p. 12.

45 AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1958)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 220.

46 Ibid. p. 222.

47 Ibid. p. 224.

Quando chega ao Brasil, o engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Wither, em 1870, integrava uma equipe formada por engenheiros ingleses e suecos da *Paraná and Mato Grosso Survey Expedition* contratada pelo governo imperial brasileiro e pelo Visconde de Mauá para realizarem estudos sobre a viabilidade de construção de uma ferrovia que interligasse as províncias do Mato Grosso com o Paraná. A expedição iniciou seus trabalhos no início da década de 1870. O engenheiro Bigg-Wither permaneceu no Paraná entre junho de 1871 e abril de 1875. Quando chega ao Brasil permanece no Rio de Janeiro por cinco semanas e presencia a epidemia de febre amarela que assolava a cidade. Além disso, o calor, o ar e as águas estagnadas da baía e o aspecto doentio da população, causam para o inglês uma má impressão sobre o país onde teria que passar os dois próximos anos. Tal impressão só mudaria quando, já em território paranaense, após a subida da Serra do Mar, fica impressionado ao ver a paisagem coberta de geada branca e de sentir a frescura do ar como o da Inglaterra. Sobre este assunto Bigg-Wither faz a seguinte observação:

> Já começávamos a fazer ideia diferente da que tínhamos formado acerca do Brasil, quando estávamos no Rio de Janeiro [...] Penso que todo o amor e estima que viemos a sentir por este país, depois dos meus próximos dois anos de andanças por aqui, começou nesse primeiro dia de contato com o Planalto do Paraná." [48]

Mesmo com uma natureza considerada exuberante, as áreas tropicais são vistas pelos viajantes como regiões insalubres, impróprias para os padrões de vida europeus. Já as províncias do sul, com uma flora e fauna menos luxuriantes são as regiões que merecem destaque. São estas regiões de clima e paisagens mais parecidas com as da Europa, que estão prontas para serem domadas e civilizadas, ou seja, transformadas em locais de moradia e de produção, principalmente agrícola. Por isso o paraíso terrestre de Saint-Hilaire localiza-se nos Campos Gerais, lugar que reúne todas as condições para o estabelecimento de imigrantes europeus.

> Entre todas as partes desse império que percorri até agora, não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia." [49]

---

48 BIGG-WITHER. Op. Cit., 1974. p. 46.

49 SAINT-HILAIRE. Op. Cit., 1995. p. 32.

Aliás, um dos propósitos dos viajantes era o de escrever para o possível imigrante que aqui desejasse se estabelecer. Ele aponta e descreve todas as potencialidades e perigos nas terras que aqui iriam encontrar. Tendo visitado a Comarca de Curitiba no ano de 1820, Saint-Hilaire preconizava ou idealizava como seria uma colônia de imigrantes europeus instalada nos Campos Gerais:

> Como teria sido vantajoso para essa região, por exemplo, se, em vez de ter sido mandada para Cantagalo, a colônia suíça se tivesse estabelecido na parte dos Campos Gerais vizinha das terras habitadas por índios selvagens. Pelo seu número, eles teriam intimidado os indígenas e posto a região a salvo de suas devastações; teriam ensinado aos antigos habitantes do lugar os métodos europeus de agricultura, que certamente são aplicáveis a essa região e, segundo tudo parece indicar, dificilmente se ajustarão as terras vizinhas do Rio de Janeiro. Felizes em sua nova pátria, cujo aspecto lhes teria lembrado, em certos pontos, a sua terra natal, eles teriam descrito o Brasil para os seus compatriotas com as mais belas cores, e essa parte do império teria adquirido uma população ativa e vigorosa.[50]

Em resumo, as terras fertilíssimas, os imigrantes europeus e a realização do progresso por meio do trabalho, representavam o tripé que compunha a proposta redentora dos viajantes para o domínio da natureza e o surgimento de uma “nova” civilização no território brasileiro.

A visão de mundo dos viajantes encontrava ressonância nas vozes dos paranaenses como no texto produzido por um reconhecido intelectual paranaense do século XIX e que compunha o “Catálogo de Produtos da Exposição Provincial do Paraná”, ocorrida no ano de 1866. Em sua introdução, o Dr. José Cândido da Silva Murici profere o seguinte discurso, reproduzido aqui em sua totalidade:

> Na verdade, Srs é grandioso e sublime este combate do trabalho em troca de um louvor e do reconhecimento!
> Que ambição mais nobre do que a este século que perfura a base granítica das montanhas para encurtar distâncias? Deste século que tira de uma pouca agua concentrada a força precisa para domar, subjulgar, vencer a extensissima, revolta e encapelada superficie dos mares? Deste século que faz da scentelha electrica destruidora uma meio de conchegar os homens em amplexo fraternal, e fazel-os conversar da Europa á América como se estivera sob o mesmo tecto?
> Nobre empenho!
> Nobre orgulho, dizemos, o de mostrar a differença que vai deste século em que o homem peleja batalhas com a inteligência, almejando uma palavra de animação para aquelles rememorados em que o premio da luta cabia a força dos musculos patenteada e applaudida nos circos olympicos!

---

50 Ibid. p. 33

> E' assim que se caminha!
> Nós levamos, neste ensejo, a nossa quota para demonstrarmos quanto estimamos, filhos do século XIX, a distancia que há de um palacio da industria de Paris, de Londres, do Porto, as arenas Athenienses.
> [...] Trabalhamos, e não sentimos-nos acanhados em mostrar o que fizemos embora seja mesquinho.
> Se a Europa domina a maior parte do mundo pela perfeição de suas obras, também ella já dera passos incertos e vacillantes, antes que podesse desprender vôos altivos, e tornar-se o arauto esplendido da civilização. E não pouco aprendeu ella da India, da China, que hoje denomina de barbaras!
> Quem sabe se terá que aprender de nós outros, que vivemos obscuros na lide gloriosa da utilidade geral?
> E se não tiver que aprender, terá que ensinar-nos – que é dever prescripto á humanidade pelo sangue vertido no Golgotha; porquanto, se nos fallece a industria, com suas machinas multiplicadoras da força productiva, não nos desampara o vigor de uma natureza opulenta e prodiga de celestiais favores; e é certo que a natureza do velho mundo está exhausta. Ali a terra vive, não de vida própria, senão da que lhe empresta o homem. E a vida transmittida ao cadaver pela pilha galvanica, e nós seremos – quem sabe! A pilha que Deus destinou para electrisar aquelle corpo deteriorado e consumido!
> Aqui uma terra virgem, brotando seiva copiosa e rica, dos tres reinos. Magestosas florestas, rios belíssimos, ceo temperado a toda espécie de trabalho, minas de preciosidade inexgotáveis, animaes de toda a especie, Desde o ouro até o ferro [...] desde a onça até o lagarto; desde o condor até o papagaio; da formosa penelope á mimosa miniatura rolante da esmeralda, tudo attesta como sorria Deos ao crear esta terra de prodígios!
> [...] Deus o previra e apontara a Christovão Colombo o rumo da nova Chanaan.
> Aqui a força virgem, o celeiro, o alimento das machinas que vão nibundo ou gemendo no labutar constante e eterno.
> Tal é o papel marcado á America, ao Brasil, na vida do mundo e da Europa.
> Tentamos fazel-o sobresahir na parte da provincia do Paranã, que acudiu, embora com o passo vacillante da infancia á trombeta do Progresso.
> Oxalá que a demonstração de riqueza do solo, e raridade dos climas do Paraná anime o seu ceo benigno, os seos habitantes hospitaleiros.
> Assim nos afervoramos em preces ao Creador. [51]

Neste texto encontram-se resumidos os ideais preconizados pelos homens do século XIX, bem como percebe-se nele a consciência do devir histórico, de que os bons frutos do progresso e da modernidade seriam destinados àqueles que trabalhassem em prol da sua realização e, é claro, sem esquecer, da graça e intervenção do poder divino. A América, o Brasil, e mais particularmente o Paraná, eram percebidos como a nova Terra Prometida, prontos para serem incorporados ao modelo civilizador sob as graças divinas e, claro, da ciência.

---

51 MURICI, J. C. da S. (Org.). **Catálogo dos diversos productos da exposição provincial do Paraná** . Curitiba . Typographia de Candido Martins Lopes, 1866.

## UM SÉCULO DE FOGO, MACHADO E DEVASTAÇÃO EM ESCALA INDUSTRIAL

O ensino de História na educação básica requer do professor o conhecimento de uma vasta produção historiográfica, considerando que tem a responsabilidade de tratar de conteúdos que vão da Pré-História à contemporaneidade. Por certo que o livro didático se constitui num material de apoio para o desenvolvimento das aulas, mas cabe ao professor recorrer constantemente a uma diversidade de referenciais que enriqueçam a abordagem do conteúdo tratado. Essa realidade faz com que produções voltadas para o ensino de História sejam muito valorizadas pelos professores e em especial, aquelas que abordam temáticas específicas.

Tendo como referência a dimensão do trabalho de um professor generalista, proponho, neste capítulo, a apresentação de uma narrativa sobre a devastação florestal no Paraná. Para tanto, recorri a um conjunto de produções acadêmicas que abordam temáticas relacionadas ao assunto e que tem como objetivo subsidiar o trabalho do professor em sala de aula, diante da escassez de material sobre a História do Paraná. Apresento no decorrer do texto um conjunto de imagens ilustrativas à temática abordada e que podem ser utilizadas pelo professor em sala de aula de modo problematizado.

Ao tratar da construção de uma narrativa histórica com os alunos, a professora e historiadora Lilian Ianke Leite conceitua narrativa e apresenta a posição de historiadores sobre o que caracteriza a narrativa histórica, diferenciando-a da narrativa literária. Para tanto, recorre a conceituações elaboradas por historiadores.

De acordo com Leite (2007), narrar é contar uma história. Essa pode ser real ou fictícia. O fato narrado apresenta uma sequência de ações que envolvem os

personagens no tempo e no espaço. Podemos citar como exemplo de narrativa o conto, a novela ou uma crônica. A narrativa pode ser também uma notícia de jornal, uma história em quadrinhos, uma piada, um poema, desde que apresentem uma sucessão de acontecimentos.[52]

Carlo Ginzburg, historiador e antropólogo italiano reflete que a narrativa histórica se diferencia da narrativa literária, pois enquanto o romancista imagina seus acontecimentos e personagens, o historiador baseia-se em provas, isto é, em vestígios do passado que não podem ser forjados pelo historiador.[53]

Para Jörn Rüsen, historiador e filósofo alemão, a narrativa pode ser histórica e não histórica. A "especificidade da narrativa histórica está em que os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado".[54]

Segundo Roger Chartier, a produção do conhecimento histórico se dá por meio da análise de dados, da formulação de hipóteses, da crítica e verificação de resultados e articulação entre o discurso do historiador e seu objeto de pesquisa. Assim, afirma "mesmo que escreva de uma forma literária, o historiador não faz literatura e isso pelo fato de sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado do qual ele é vestígio".[55]

As reflexões de Sandra Jatahy Pesavento também serviram de referência para pensar como a autora problematiza a produção da narrativa histórica a partir de uma breve análise sobre concepções que embasaram a produção de autores como Michel de Certeau, Paul Ricoeur e Paul Veyne.

De acordo com Certeau, a História pode ser entendida tanto como "um discurso que se propõe criar um saber com estatuto de conhecimento", quanto "um conjunto de procedimentos técnicos e regras de escrita que constroem os dados. De modo que os objetos históricos são produtos discursivos. [56]

---

52 LEITE, L. I. O uso de fontes na construção do conhecimento histórico escolar. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Produção didático-pedagógica. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2007.

53 GINZGURG, C. *apud*: BODEI, R. **A história tem um sentido?** São Paulo: EDUSC, 2001. p. 67.

54 RÜSSEN. J. **Razão histórica: teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 155.

55 CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994. p. 110.

56 PESAVENTO. S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 35.

Para Ricouer, a narrativa reconfigura uma experiência temporal, ou seja, representa o esforço do historiador em reconstruir uma temporalidade, buscando atribuir sentido ao que já passou e apresenta inúmeras variáveis difíceis de ser de algum modo apreendidas, mas esta dificuldade é o que desafia o historiador. Neste sentido, compreende que as construções de narrativas históricas "são reconfigurações de uma experiência temporal."[57]

Para Paul Veyne, o historiador tem como meta escrever a verdade sobre o passado e seu trabalho resulta de uma mediação entre o acontecido em determinado momento do passado e o texto que produziu sobre este passado.[58]

De acordo com Pesavento, o narrador-historiador é ainda aquele que se vale de provas – indícios cuidadosamente pesquisados, selecionados e dispostos em uma rede de analogias e combinações de modo a revelar significados – que, mais até do que explicar, operam como recurso de autoridade à fala do historiador. Além disso, o historiador-narrador entende que as citações não são apenas evidências de que ele andou pelos arquivos cumprindo o seu ofício, pesquisando fontes documentais, mas também no sentido de atestar que esse historiador conhece e participa do diálogo científico e acadêmico de sua época.[59]

O trabalho de pesquisa ora apresentado representa o esforço de percorrer os caminhos de uma pesquisa histórica que se apresente na forma de narrativa para subsidiar a prática docente no campo da história ambiental, tendo como foco o Paraná. Para tanto, utilizei fontes primárias e secundárias de modo a dar sentido à narrativa histórica construída, conforme poderá ser percebido no decorrer do texto.

Neste capítulo pretendo focar o período que representa um ponto de mudança ou "ruptura", a partir do qual a cobertura florestal no Paraná começou a declinar posteriormente ao ano de 1885 e de forma vertiginosa durante todo o século XX. A partir deste quadro, apresento alguns aspectos históricos que permitiram contextualizar o processo de devastação em sua forma mais exacerbada, por meio da atuação das serrarias que se estabeleceram no Planalto Paranaense, cujas ações representaram o período econômico tradicionalmente conhecido como "Ciclo da Madeira", utilizado como recurso de periodização nos livros que tratam da História do

---

57 Ibid. p. 50.

58 VEYNE, P. **Como se escreve a História, Foucault revoluciona a História**. Brasília: Ed. da UNB, 1982.

59 Ibid. p. 50-51.

Paraná. As clareiras abertas à medida que os caminhos se aprofundavam e se alargaram, possibilitavam o aumento exponencial da atividade extrativista da madeira e o seu escoamento visava atender as novas demandas dos mercados internos e externos que se abriam.

## O PROCESSO DE DEVASTAÇÃO NO PARANÁ

### Araucária: uma história de longuíssima duração

A obra do historiador americano Warren Dean, “A ferro e fogo”[60], publicada no Brasil em 1996, é um grande inventário sobre a devastação da Mata Atlântica no território brasileiro. Esse clássico da historiografia brasilianista continua ainda como referência no mundo acadêmico, dentro da temática da História Ambiental no Brasil, que a própria obra ajudou a construir.

Dean realizou um exercício não muito comum na historiografia até então, o de buscar uma articulação entre o tempo natural (ou geológico) e o tempo social. Para ele uma história das florestas não deveria estar limitada a uma visão dicotômica e estática do ambiente natural, sugerindo assim um entendimento mais dinâmico da relação entre os humanos e a natureza. Assim, a floresta não deveria ser apenas encarada como objeto, mas também como “protagonista” da História, ao impor limites e obstáculos às ações humanas, além de moldar as atitudes e os pensamentos das sociedades que buscavam dominá-la.

A área do bioma Mata Atlântica originalmente era muito vasta. Estendia-se do litoral nordestino, se alargava na atual região Sudeste e Sul do Brasil e estava submetida a diferentes influências climáticas, tipos de solo, altitudes etc. O que restou de seu ecossistema ainda forma uma das maiores biodiversidades do mundo. O próprio Warren Dean reconheceu em sua obra que não havia como abranger a totalidade da devastação ocorrida na Mata Atlântica, ficando a sua narrativa limitada aos acontecimentos históricos relacionados ao Sudeste brasileiro (formado pelos

---

60 DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

atuais Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), ao norte paranaense (na zona cafeeira) e ao sul da Bahia (na região produtora de cacau).

O historiador Miguel M. X. de Carvalho, em sua tese "Uma grande empresa em meio a floresta"[61] de 2010, apropriou-se da argumentação de Dean, onde buscou construir uma narrativa que transformou a floresta com araucária também em protagonista, indo além dos trabalhos acadêmicos que, até então, acentuavam apenas os aspectos locais e econômicos do chamado "ciclo da madeira". O que tornou seu trabalho uma referência ao construir uma narrativa histórica que problematizasse tanto a dinâmica da formação da floresta quanto o acentuado processo de devastação provocado pela indústria madeireira, que ocasionou no seu quase desaparecimento na região.

Tendo como referência as experiências apresentadas por Dean (1996) e Carvalho (2010), proponho aqui uma reflexão sobre o diálogo que a História pode realizar com outros ramos do conhecimento científico.

Segundo Drummond, quando pesquisamos temas relacionados à História Ambiental, muitas vezes, necessitamos recorrer a unidades temporais diferentes daquelas que comumente são utilizadas na produção do conhecimento histórico. Foram os estudiosos das ciências naturais do século XIX, ao analisarem fenômenos relacionados às transformações ocorridas em nosso planeta (como a formação das rochas, o movimento dos continentes, as glaciações, além da evolução e a extinção das espécies), que propuseram uma escala temporal muito além dos séculos e milênios.[62]

Assim, surgiram as Eras Geológicas contadas em milhões e até em bilhões de anos. No tempo geológico, a idade da Terra é estimada em 4,5 bilhões de anos, o que torna a passagem humana nesse planeta cronologicamente insignificante, como enfatiza Drummond: "esse tempo fazia da cultura humana uma pequena frase ao fim de uma nota de rodapé na última página do compendio da vida no planeta"[63].

A dinâmica que envolve a formação das florestas está muito além da atividade humana e remete há cerca de 400 milhões de anos. Há 251 milhões de anos atrás,

---

61 CARVALHO, M. M. X.; NODARI, E. S. **As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu** (1884-1920). Cadernos do CEOM (Unochapecó), v. 21, 2009, p. 69.

62 DRUMMOND, J.A. Op. Cit., 1991. p. 178-179.

63 *Ibid*. p. 178.

no período Mesozoico, surgiram as primeiras coníferas e a família das *Araucariaceae*, da qual a *Araucária angustifolia*[64] faz parte. Nessa época os atuais continentes ainda estavam unidos no supercontinente Pangea. O clima planetário passou por várias oscilações, o que fez com que as espécies florestais passassem por longos períodos de expansão e retração nas áreas geográficas que abrangiam.[65]

Todas as espécies da família das *Aucariaceae* encontram-se na região austral do planeta, ocorrendo na América do Sul, Oceania e sul da Ásia (MAPA 01). No continente sul-americano, além da *Araucaria angustifolia* temos a ocorrência da *Araucaria Araucana*[66], espécie que abrange uma área relativamente pequena em meio aos paralelos 37º e 40º Sul, em altitudes superiores a 800 metros no sul da Cordilheira dos Andes entre os territórios do Chile e da Argentina. É considerada a árvore oficial do Chile e sagrada para os povos indígenas Mapuche que vivem na região. Aliás, os Mapuche também são conhecidos como Araucanos (designação dada pelos espanhóis durante o período colonial). O termo genérico araucária possui seu radical na palavra arauco (que na língua mapuche significa "água calcária"). Também está relacionada a região de Araucânia, localizada na parte centro-sul do Chile.[67]

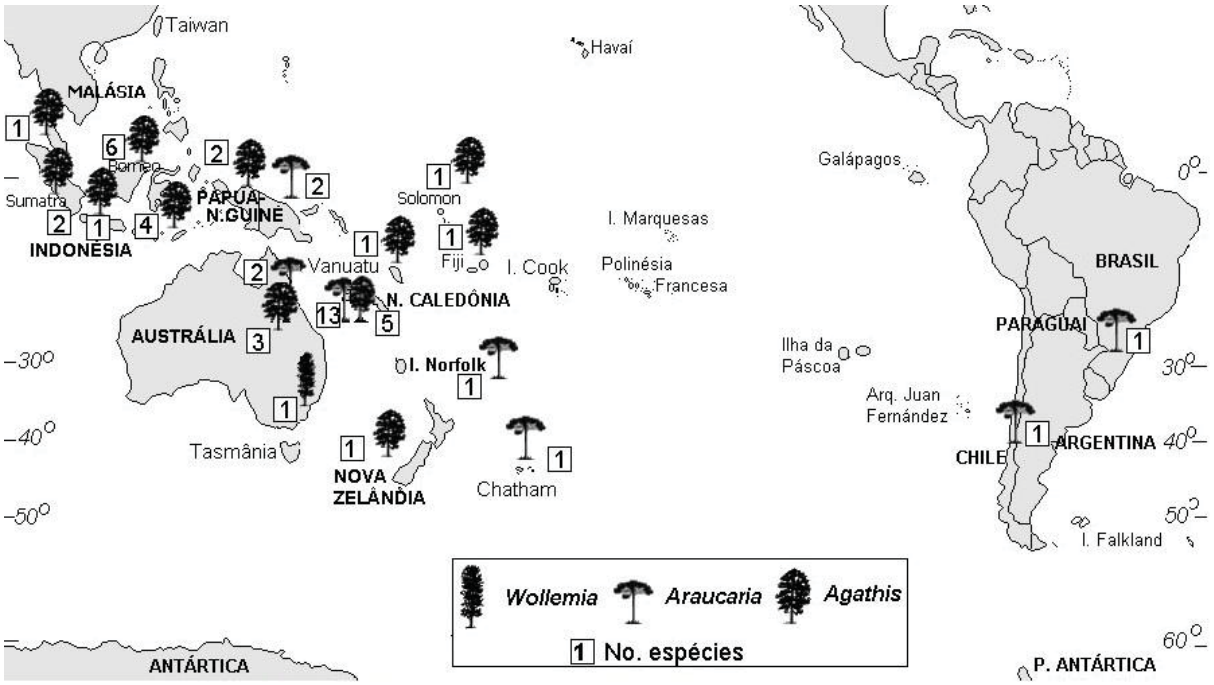
MAPA 01 – DISTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS DA FAMÍLIA MODERNA DAS *Araucariaceae*

64 As coníferas são plantas classificadas no grupo das gimnospermas, cujas sementes não são envolvidas por frutos. A espécie *Araucaria angustifólia* é considerada dióica, ou seja, existe uma árvore masculina e outra feminina cuja polinização é feita predominantemente pela ação dos ventos. Mais informações sobre suas características botânicas. Ver: Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais – IPEF. Disponível em <https://www.ipef.br/identificacao/araucaria.angustifolia.asp>. Acesso em 10/09/2019.

65 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit., 2010. p. 37-43.

66 Informações mais detalhadas sobre suas características botânicas, no *Site*: **Conociendo y disfrutando de la flora de Chile.** Disponível em <http://www.chilebosque.cl/flora/araucaria_araucana.html> Acesso em 10/09/2019.

67 SOLÓRZANO-FILHO, J. A.; KRAUS, J. E. Breve história das matas de araucária. **Revista Forest 99**, Rio de Janeiro, p. 37-40, 1999.

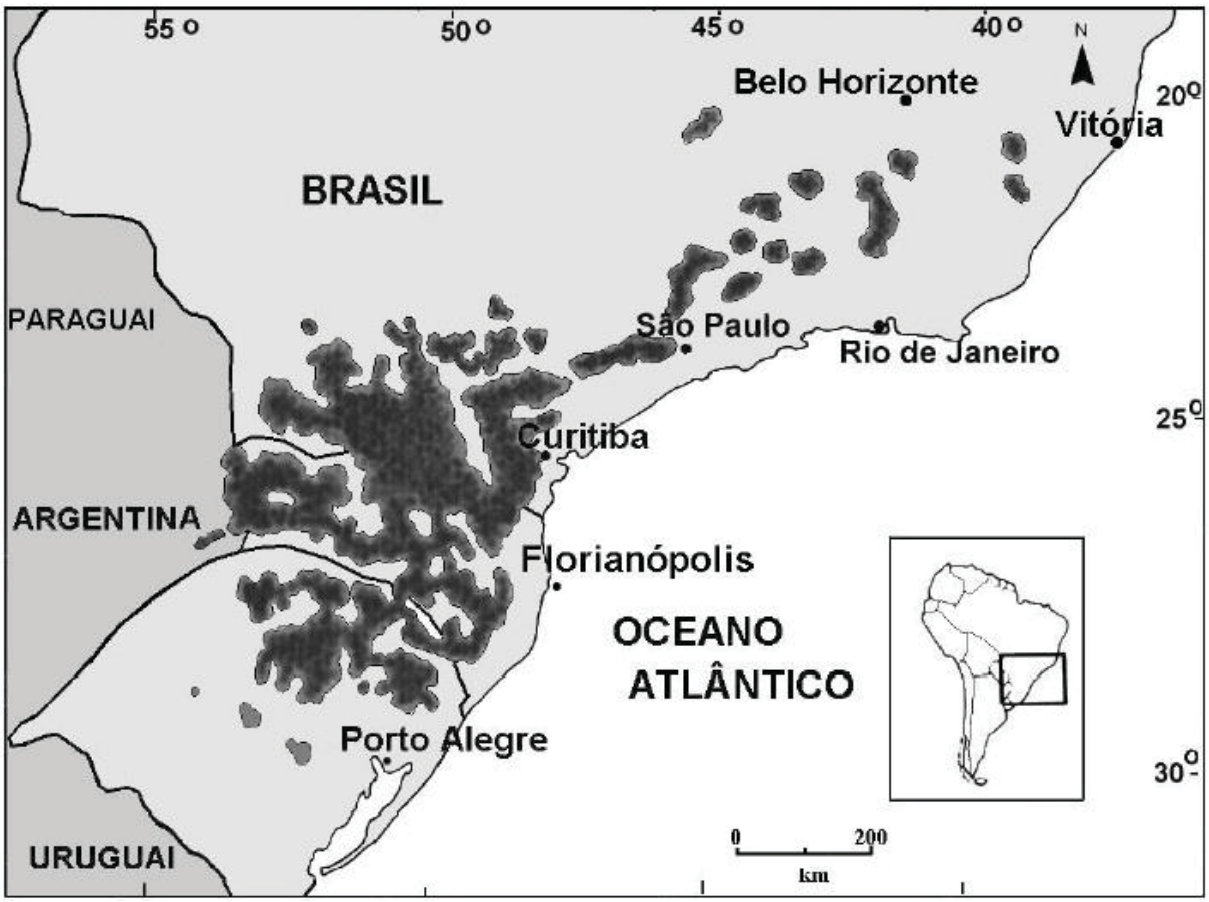



FONTE: DUTRA, T. L.; STRANZ, A. História das Araucariaceae: a contribuição dos fósseis para o entendimento das adaptações modernas da família no Hemisfério Sul, com vistas a seu manejo e conservação. In: RONCHI, L.H. & COELHO, O.G.W. (org**.) Tecnologia, diagnóstico e planejamento ambiental**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003. p. 293-351.

Até o século XIX a floresta com araucária ocupava cerca de 200 mil km² e, como o próprio nome sugere, se definia pela presença marcante da espécie *Araucaria angustifolia*[68] (MAPA 02), também conhecida como pinheiro-do-paraná, pinheiro-do-brasil, ou somente araucária. Essa espécie está adaptada às áreas de clima pluvial subtropical e predomina nos planaltos do sul do Brasil, em regiões de altitudes que vão de 500 a 1200 metros. Estende-se da porção central do Rio Grande do Sul ao sudeste do Estado de São Paulo e em pequenas "ilhas" nas regiões de maior altitude dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo localizada ainda em parte do Paraguai e na província das Missiones, na Argentina.

MAPA 02 – ÁREA "ORIGINAL" DA FLORESTA COM ARAUCÁRIA (EXISTENTE ATÉ A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX).

68 O nome científico desta espécie passou a ser "*Araucária angustifólia*", desde que foi classificada po Otto Kuntz, em 1898, e publicado na "*Revista Generum Plantarum*" (Angustifolia significa "folhas estreitas"). SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. p. 12-13 (nota de rodapé).

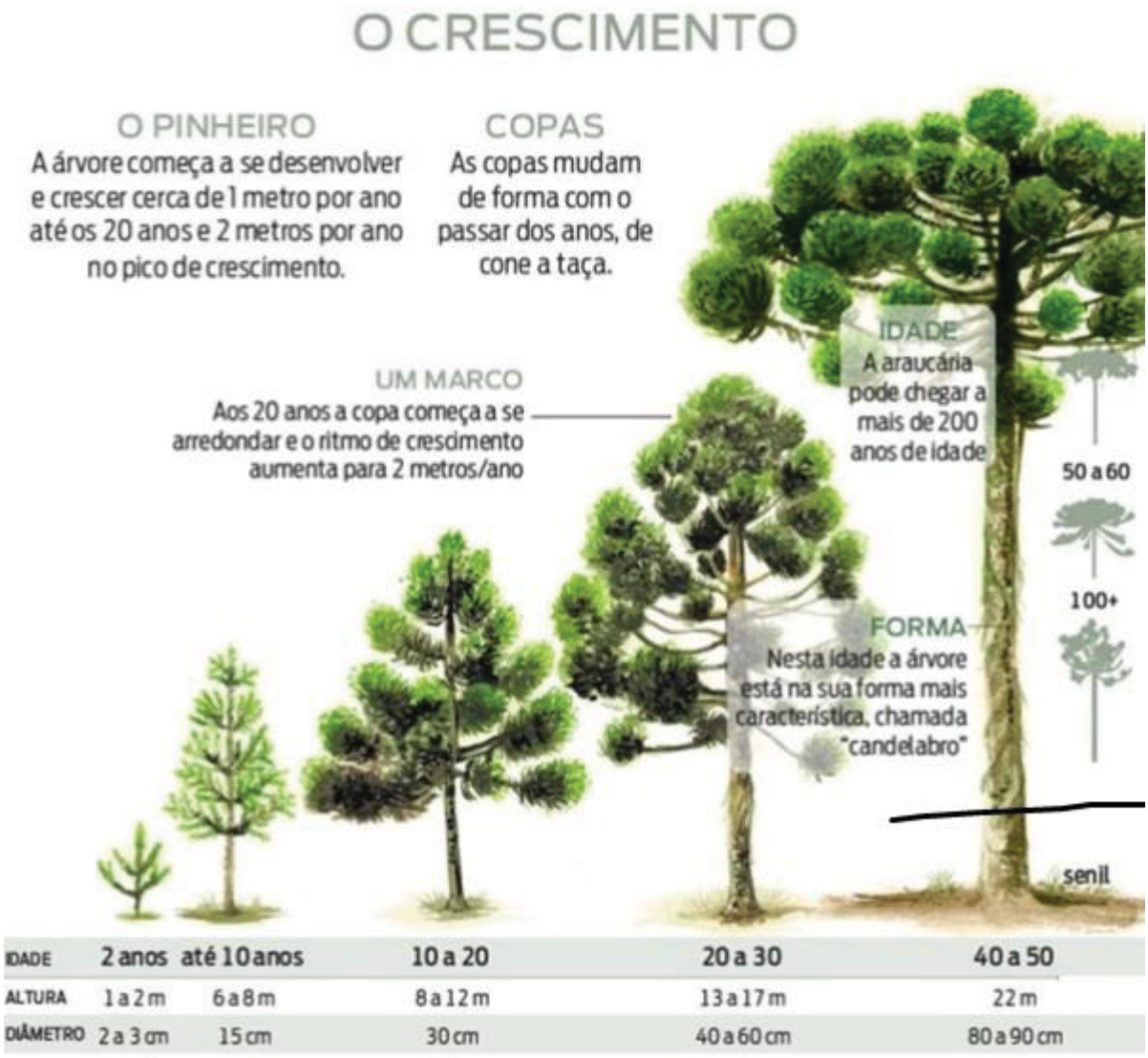



FONTE: DUTRA, T. L.; STRANZ, A. Op. Cit., 2003.

Ainda quanto predominava na vegetação primária, os pinheiros podiam chegar a ter de 30 a 50 metros de altura e ter mais de 2 metros de diâmetro, ocupando os andares superiores da floresta (ILUSTRAÇÃO 01), impressionaram os naturalistas estrangeiros como Saint-Hilaire que exaltou em suas descrições o potencial da "valiosa e imponente araucária" [69], expressão repetida por ele várias vezes.

ILUSTRAÇÃO 01 – ETAPAS DO CRESCIMENTO PADRÃO DA ARAUCÁRIA.

69 SAINT-HILAIRE, A. de. Op. Cit.,1995, p. 13.




FONTE: Flávio Zanette e Redação. Infografia: Chantal Wagner Kornin/ Gazeta do Povo. Disponível em: <https://chantalwk.myportfolio.com/infographic-araucaria-pine-tree> Acessado em 15/09/2019.

Mas, também ressaltou o seu aspecto sombrio, pelo verde-escuro de suas folhas e pelo imenso tronco que sustentava os galhos em forma de candelabro que, unidos numa imensidão de pinheirais, obscureciam a mata abaixo formada por uma diversidade de outras árvores como a canela, o jacarandá, o pinheiro bravo (outra conífera endêmica no território brasileiro), vários tipos de palmeiras, a imbuia, a bracatinga, a aroeira, a erva-mate e o xaxim, além de centenas de outras espécies a botânicas e animais que caracterizavam a dinâmica natural desse ecossistema chamado Floresta Ambrófila Mista[70].

70 As araucárias são "heliófitas", ou seja, crescem melhor sob o sol. As plantas que se desenvolvem abaixo das araucárias são denominadas "ombrófilas", ou seja, gostam de sombra. Ver: FERRI, G. K. Araucaria angustifólia: botânica, evolução e dispersão da espécie sob o viés da História Ambiental Global. **Revista EcoDebate**, v. 1, 2019. Disponível em:

Em sua expedição, entre os anos de 1872 e 1874, o viajante inglês Bigg-Wither também destacou que era possível caminhar dias na mata sem ver a luz do sol, num tempo em que a floresta estava praticamente intacta e correspondia a cerca de 40% do território paranaense. Sobre as araucárias ele teceu o seguinte comentário:

> Havia muito poucas árvores de outra espécie que chegassem à altura do pinheiro. Muitos deles tinham dimensões gigantescas, medindo de 20 a 22 pés [6 a 6,7 metros] de circunferência na base e, fazendo um cálculo por alto, de 120 a 140 pés [36 a 42 metros] de altura, subindo reto e sem ramificação até alguns pés próximas de seu ápice, onde se estendia uma copa abundante, de galhos e folhas, com cerca de 35 a 40 pés de diâmetro. Visto a distância, oferecia efeito muito curioso, dando a impressão de uma floresta de cogumelos. Eram os senhores do solo na região, sendo considerados superiores aos do Báltico.[71]

O fato de as araucárias produzirem uma semente comestível (o pinhão) mereceu destaque entre as características observadas pelos dois viajantes. Além de destacar o seu valor nutricional e comparar o seu sabor com o das castanhas europeias, observaram a sua importância como alimento, tanto dos animais silvestres, como das populações nativas, conforme demonstra Bigg-Whiter em relação aos índios chamados por ele de Coroados (ILUSTRAÇÃO 02), correspondentes aos Kaingangs.

> Durante os meses de maio, junho e julho, é costume dos índios coroados mansos desta zona deixar o aldeamento e sair andando pelas grandes florestas de pinheiros. O pinhão, fruta oblonga, de cerca de uma polegada e meia de comprimento, com um diâmetro de meia a três quartos de polegada na parte mais grossa, tem uma casca coriácea, como a da castanha espanhola. O paladar é, entretanto, superior a desta última e, como produto alimentício, basta dizer que os índios muitas vezes só se alimentam dele, durante muitas semanas. Pode ser comido cru, mais os índios habitualmente o assam na brasa até partir, quando fica em condições. O sabor ainda melhora quando cozido, mas este é um sistema que os índios não praticam. O estágio mais delicioso do pinhão é quando ele começa a germinar, fazendo aparecer um pequenino grelo verde numa extremidade. Nada excede à guloseima desse fruto em tal estado. Os porcos-do-mato percorrem longas distâncias para comê-los, ouvindo eu dizer frequentemente que no tempo de pinhão eles andam de dez a quinze milhas, atravessando os campos abertos, para alcançar um capão de pinheiros. Os coroados costumam guardar esse fruto para comê-los mais tarde. Isso eles fazem enchendo diversos cestos de pinhão, colocados dentro da água corrente durante quarenta e oito horas. No fim desse tempo os cestos são tirados fora e o conteúdo é espalhado para secar ao sol. Assim conservados, os frutos ficam secos e sem gosto, perdendo sem dúvida grande parte de suas propriedades nutritivas. Se eles pudessem ser importados frescos para a Inglaterra, fariam sem dúvida a

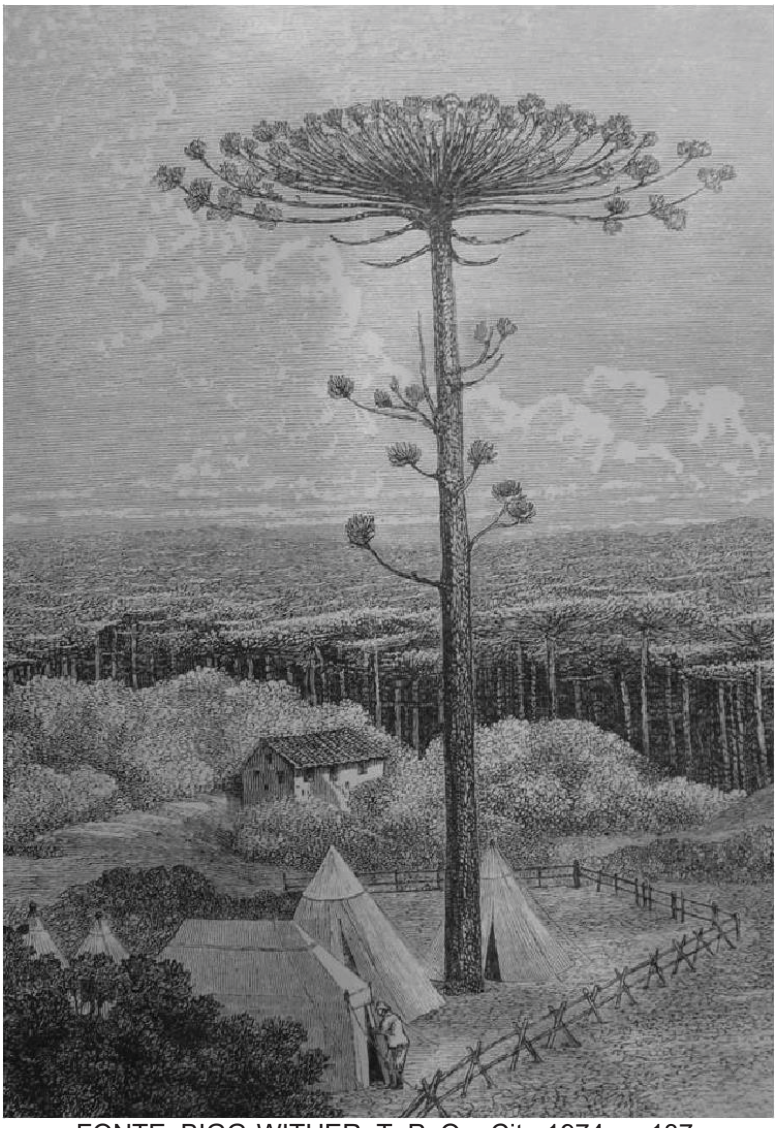
---

<https://www.ecodebate.com.br/2019/05/24/araucaria-angustifolia-botanica-evolucao-e-dispersao-da-especie-sob-o-vies-da-historia-ambiental-global-artigo-de-gil-karlos-ferri/> Acesso em 15/09/2019.

71 BIGG-WITHER, T. P. *Op. Cit*, 1974, p. 74-75.

> fortuna dos senhores que, em certa época do ano, gritam sugestivamente em cada esquina de rua: “Tudo quente, tudo quente”.

ILUSTRAÇÃO 02 – ACAMPAMENTO DO GRUPO 1 À MARGEM DA FLORESTA DE PINHEIROS.



FONTE: BIGG-WITHER, T. P. Op. Cit., 1974, p. 137.

Há evidências arqueológicas de que a ocupação humana mais antiga no planalto sul-brasileiro ocorreu a partir de 4.320 anos atrás, o que coincide com a expansão da floresta com araucária na região. Também, segundo a arqueologia, foram identificados os povos da tradição ceramista Taquara/Itararé[72], reconhecidos como antepassados dos Kaingangs e chamados de Proto-kaingang ou Proto-Jê, cuja datação mais antiga remonta a 2.200 anos. Uma das principais características dessa

72 As pesquisas arqueológicas definem a Tradição Taquara, relacionada aos sítios arqueológicos localizados, no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina, e a Tradição Itararé, aos sítios arqueológicos localizados em São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

tradição está relacionada a construção de habitações circulares subterrâneas nas extensões de campos abertos. As áreas florestais possibilitaram a fixação e o aumento populacional desse povo coletor-caçador na região, pois tinham a disposição os pinhões como abundante fonte de alimento, que também atraíam uma grande variedade de animais silvestres. Algumas pesquisas apontam a possibilidade desses grupos indígenas terem colaborado para a expansão da floresta, disseminando as sementes de plantas consideradas úteis como a araucária e outras árvores frutíferas como o butiá, o jerivá e o araçá.[73]

Quando confrontamos a dinâmica das florestas sob o ponto de vista da longa duração, com as ações exercidas pelas sociedades humanas nos três últimos séculos de nossa Era, principalmente da sociedade europeia ao implantar um sistema de dominação em várias partes do globo, é que verificamos o seu potencial devastador, provocando alterações quase que irreversíveis e de forma acelerada em ecossistemas que levaram milhares e até mesmo milhões de anos para serem formados.

Além do olhar estético e científico dos naturalistas, a floresta com araucárias era vista de forma utilitarista pelos homens de negócio, por meio de uma mentalidade produtiva voltada para o lucro e ao "progresso" a qualquer custo. A araucária foi a espécie vegetal mais visada de toda história do Brasil pela indústria madeireira, que precisou de apenas algumas décadas no século XX, para levar ao seu quase desaparecimento no sul do país.

Carvalho localiza no Primeiro Planalto Paranaense, mais precisamente na região centro-sul do Estado, em meio a Mata com Araucárias, o marco inicial da indústria madeireira em nosso país. Como já colocado anteriormente, foram nas primeiras décadas do século XX que o Brasil deixou a condição de importador de madeira e se tornou um grande exportador dessa matéria prima passando a explorar intensivamente a floresta com araucárias para fins madeireiros. Não é por acaso que a araucária também é chamada de pinheiro do Paraná, pois ali se localizava a maior reserva nativa dessa espécie dentro do território nacional. Assim, a araucária acabou por ser intensamente explorada, já que o volume de madeira útil por hectare como aproveitamento da indústria madeireira superava e muito os outros ecossistemas

---

73 IRIARTE, J.; BEHLING, H. *The expansion of Araucaria forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itararé Tradition*. **Environmental Archaeology**. Vol 12, n.2, p.120-125, 2007.

nativos no território brasileiro. Além disso, havia uma grande aceitação da madeira pelos mercados compradores devido ao seu aproveitamento quase que total. [74]

> Seus usos mais comuns são taboado, vigamentos, pranchões, caixas, móveis, cabos de vassoura e de ferramentas, palitos de dentes e de fósforo, fabricação de compensados, pasta mecânica e celulose, papel, matéria plástica, lã e seda artificiais, instrumentos de música, instrumentos de adorno, artigos de esporte, separadores para acumuladores, caixas de ressonância de piano, tacos de nós, mourões, telhas de taboinhas, etc. Os galhos e refugo, e especialmente o "nó de pinho" servem para lenha e combustível de caldeiras. O mesmo "nó de pinho" convenientemente preparado serve para belíssimas obras artísticas de tornearia de que temos, no Estado, importantes fábricas. A resina serve de base para a fabricação de vernizes, terebentina, acetona, ácido pirolenhoso e outros produtos químicos.[75]

A partir da década de 1920 a exportação do pinho rapidamente ultrapassou em importância a erva-mate como fonte principal de arrecadação do Estado, assim a indústria da madeira acabou por atrair boa parte da mão-de-obra excedente do mate. As serrarias passaram a fazer parte da paisagem e logo se espalharam pelo interior paranaense, ocupando as áreas dos extensos pinheirais. A maioria empregava pouco capital e possuíam um maquinário rudimentar que, se por um lado transformava as toras em taboas e ripas fora dos padrões internacionais e de pouca qualidade, por outro facilitava a atividade nômade, pois esgotada a floresta a serraria era deslocada rapidamente para outro local e geralmente abandonaria uma região devastada sem que houvesse qualquer ação relacionada a uma reposição florestal.

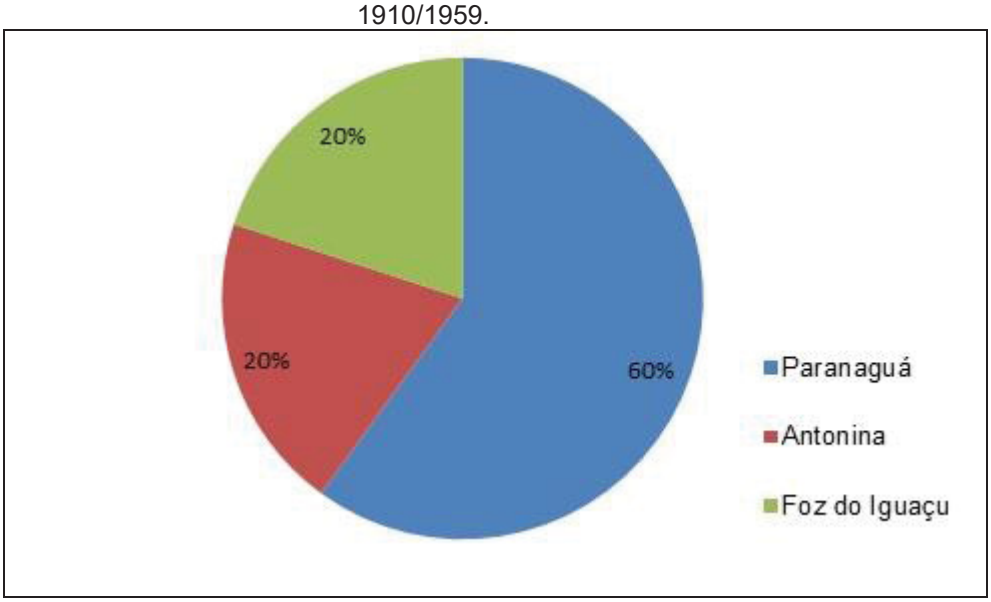
As frentes colonizadoras no norte (décadas de 1930-1950), no oeste e sudoeste paranaense (décadas de 1950-1970) abriram uma grande demanda interna pelo consumo da madeira. Mesmo assim, a maior parte da produção era voltada ao mercado externo, inicialmente ao platino (Argentina e Uruguai) e depois, no período pós Segunda Guerra Mundial, acabou por se expandir ao mercado europeu, do qual se destacava a Inglaterra, a Alemanha, a França e a Holanda. A exportação da madeira paranaense realizou-se por meio de três portos principais: os portos marítimos de Paranaguá e Antonina e o porto fluvial de Foz do Iguaçu (GRÁFICO 01).

---

74 CARVALHO, M. M. X. de. *Op. Cit*., 2010. p. 105-114.

75 REITZ, R.; KLEIN, R. M. Araucariáceas. **Flora Ilustrada Catarinense**. Itajaí, 1966. p.21.

GRÁFICO 01 - EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE MADEIRA ATRAVÉS DOS PORTOS 1910/1959.




FONTE: LAVALLE. M. **A Madeira na Economia Paranaense**. Curitiba: Grafipar, 1981. p. 23.

Como se pode verificar no gráfico, o porto de Paranaguá recebeu o maior fluxo de madeira para exportação devido, principalmente, a sua ligação ferroviária com Curitiba e, por sua vez, com as áreas de exploração madeireira. O porto de Antonina era considerado um porto secundário, podendo receber também, em menor número, as cargas advindas pela estrada da Graciosa. O pinho serrado era a principal madeira escoada por esses dois portos, mas as condições de logística envolvendo o seu transporte e a sua estocagem eram péssimas. Durante todo tempo de sua exploração, essa situação só se agravou na medida em que as serrarias aumentavam a sua produção de forma desordenada.

Em Paranaguá, os armazéns destinados à estocagem da madeira, além de insuficientes, eram inadequados para o fim que se destinavam, ficando, muitas vezes, o produto exposto às intempéries, pois não se previam as condições especiais para o acondicionamento e a secagem da madeira. Para agravar ainda mais a situação, no ano de 1941 ocorreu um grande incêndio nos armazéns e os imensos estoques de madeira acabaram por ser devorados pelas chamas, fato que coincidiu dentro de uma fase favorável à exportação.[76]

Desde a década de 1920 as autoridades brasileiras buscavam colocar algumas condições básicas para melhoria do armazenamento da madeira beneficiada. Um

76 LAVALLE, A. M. **A madeira na economia paranaense**. Curitiba: Grafipar, 1981. p. 19-20.

exemplo disso está relacionado ao período em que Affonso Alves de Camargo presidiu o Paraná em seu segundo mandato (1928-1930). Vale lembrar que em seu mandato anterior (1916-1920) o seu escritório particular advogou pelos interesses dos proprietários de grandes áreas florestais. Assim, em 1928, promoveu um grande Congresso em conjunto com o Sindicato de Madeireiros na tentativa de desenvolver ações e padrões de qualidade como a classificação da madeira destinada aos mercados externos, dentre as quais destacou-se as seguintes exigências:

> 1) – que seja secca;
> 2) – que esteja perfeita;
> 3) – que corresponda às classes officialisadas na Bolsa;
> 4) – que não apresente indícios de se achar contaminada de qualquer praga ou em deterioração.[77]

Mesmo assim, continuou a ser corriqueira a estocagem da madeira beneficiada a céu aberto ao longo das ferrovias. Imensos "paredões" de taboas empilhadas ladeavam os trilhos por infindáveis quilômetros, já que não havia vagões suficientes que dessem conta da produção. Numa região caracterizada por um clima úmido, em pouco tempo a madeira mal acondicionada perdia o seu valor comercial, quando não apodrecia, acabava por empenar, invalidando totalmente a possibilidade de exportação. O problema não estava relacionado apenas a falhas no sistema ferroviário, mas na própria irracionalidade dos que comandavam as serrarias, pois havia períodos em que aumentavam exponencialmente a produção sem considerar a possibilidade de transporte ou a qualidade final do produto e simplesmente empilhavam as madeiras ao longo da ferrovia mesmo sabendo da sua inviabilidade de embarque. Por consequência, havia muita reclamação dos importadores referente às condições da madeira brasileira que lá chegava, principalmente dos europeus, e mesmo com a exigência de padrões cada vez mais rigorosos continuavam a se frustrar com a qualidade da madeira desembarcada.

Já a exportação pelo porto fluvial de Foz do Iguaçu desenvolveu-se por características próprias e estava vinculada diretamente ao mercado platino. Até a década de 1940, embarcava-se a madeira na forma de toras em vapores, barcaças ou jangadas, também chamadas de marombas (FOTOGRAFIA 01), que desciam o rio

---

77 CAMARGO, A. A. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná**. Curitiba, s/ed., 1929. p. 54.

Paraná em direção as províncias de Corrientes e Missiones no território argentino[78]. Diferentemente dos portos marítimos, ali predominavam as madeiras de lei que existiam em abundância nos vales da Floresta Estacional Semi-Decidual, porção da Mata Atlântica que abrangia o Terceiro Planalto paranaense. Entre as madeiras nobres se destacavam o cedro, a peroba, o louro e o ipê.

FOTOGRAFIA 01 – JANGADAS (MAROMBAS) DESCENDO O RIO PARANÁ EM DIREÇÃO ÀS SERRARIAS ARGENTINAS. PODIAM CONTER ATÉ DUAS MIL TORAS AMARRADAS E ENTRELAÇADAS (SEM DATA).



FONTE: COLODEL, J. A. **Rio Paraná**: Caminho de Pessoas, Mercadorias e Ideias. Disponível em: <Http://Jaccolodel.Blogspot.Com/2013/09/Rio-Parana-Caminho-De.Html> Acessado Em 27/11/2019.

Os argentinos dominaram e exploraram a região até a década de 1920, onde estabeleceram o sistema de *Obrage* que funcionava da seguinte forma: os obreiros argentinos eram os investidores capitalistas que controlavam o sistema de transporte fluvial no rio Paraná, detinham frotas de vapores e eram “donos” dos portos da região. Eles contratavam a mão-de-obra de dezenas de peões advindos do Paraguai

78 COLODEL, J. A. **Rio Paraná:** caminho de pessoas, mercadorias e ideias. Disponível em: <http://jaccolodel.blogspot.com/2013/09/rio-parana-caminho-de.html> Acessado em 27/11/2019.

denominados *mensus*, que em sua maioria eram formados por índios guarani, organizados em grandes frentes extrativas de erva-mate e, posteriormente, de madeira nas terras que margeavam o rio Paraná. Durante muito tempo as terras do oeste paranaense ficaram abandonadas pelas autoridades brasileiras, o que facilitou o contrabando da matéria-prima pelos obreiros. Essa situação só mudou após O Golpe de 1930, quando essa região passou a receber maior atenção do governo federal. Os intelectuais que participaram dos governos de Getúlio Vargas propuseram um programa político-ocupacional denominado “Marcha para o Oeste”, objetivavam a consequente nacionalização da região por meio de um povoamento mais organizado e a cassação das concessões de comércio e de terras que estavam nas mãos dos argentinos e dos paraguaios.[79]

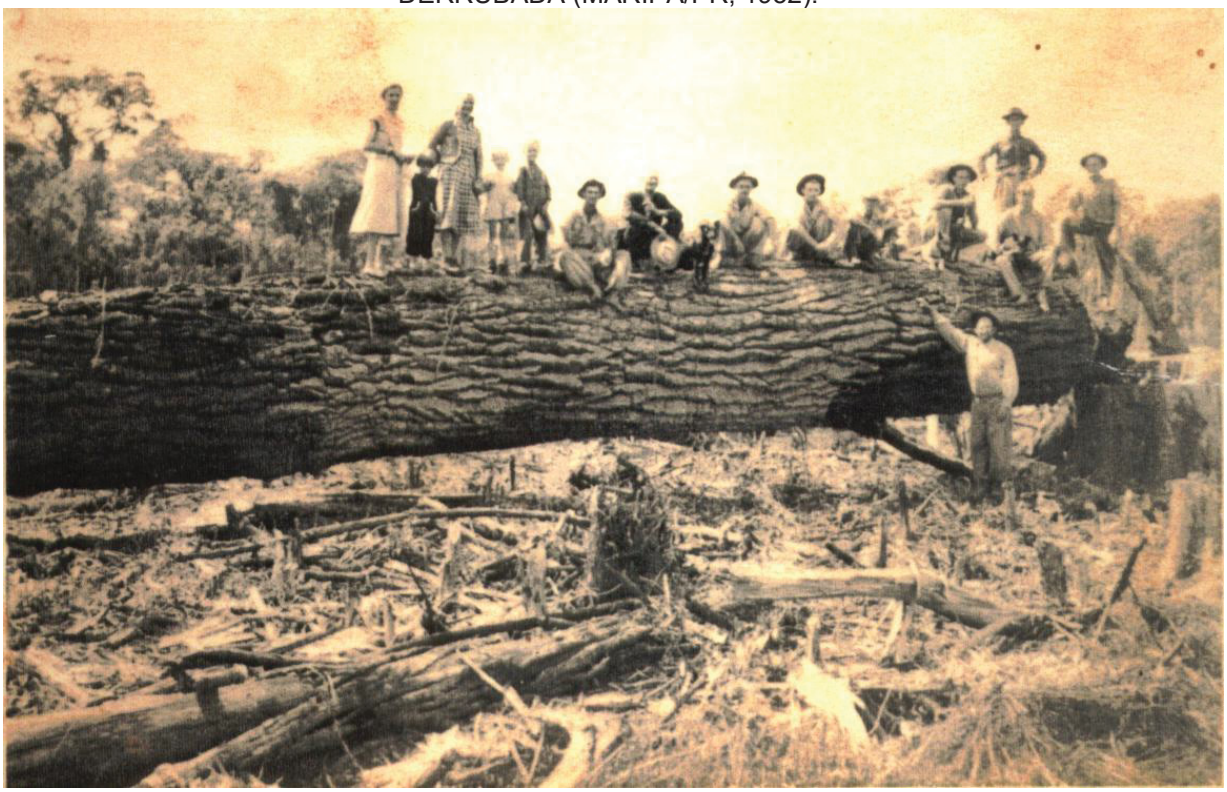
Aproveitando-se da situação, no ano de 1946, negociadores gaúchos compraram a Fazenda Britânia de uma antiga *obrage* pertencente a uma empresa de capital inglês estabelecida em Buenos Aires e fundaram a “Companhia Madeireira Rio Paraná – MARIPÁ”, dando início a grande frente migratória para o oeste paranaense, que atingiu o seu auge na década de 1950 (FOTOGRAFIA 02). Ali, associaram a exploração da madeira à venda de terras para os colonos gaúchos e catarinenses de origem italiana e alemã, em sua maioria, onde inicialmente ocorria o desmatamento com a ajuda dos próprios colonos na base da foice e do machado, com a condição de que somente a empresa detinha a exclusividade no comércio madeireiro. Depois os colonos, já com a compra de suas pequenas propriedades rurais, ficavam livres para desenvolver a atividade agrícola. Dos primeiros núcleos populacionais impulsionados pela MARIPÁ surgiram cidades como Toledo e Marechal Cândido Rondon.[80]

---

79 WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina, 1995. p. 227-239.

80 MACCARI, N. S. K. **Migração e memória**: a colonização do oeste paranaense. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná. p. 58-78.

FOTOGRAFIA 02 – COLONOS POSAM JUNTO A UMA IMENSA PEROBA-ROSA APÓS A DERRUBADA (MARIPÁ/PR, 1952).



FONTE: Paraná. Secretaria do Estado da Educação. **O Sesquicentenário Do Paraná No Contexto Escolar**: Caderno-Síntese e Lâminas de Projeção. Curitiba, 2004. P. 35.

Em estudo feito por nos contratos de compra encontrados em cartórios na região de Imbituva e Tibagi, Lavalle (1981) apresenta uma prática comum nas transações estabelecidas entre os madeireiros e os proprietários de terras rurais em meio às décadas de 1940 e 1960. Para a pesquisadora tais contratos indicavam, na grande maioria das vezes, que as terras não tinham valor para os madeireiros e estes objetivavam apenas a aquisição dos pinheiros e das madeiras de lei ali encontrados abundantemente. Os pagamentos eram feitos à vista, mas a retirada das árvores ocorria somente no momento em que o comprador achasse mais propício, podendo levar dois, dez, vinte ou mais anos. O comprador, apesar de não adquirir as terras, obtinha certos direitos em relação a elas. Na época da extração podia ali estabelecer acampamentos para os trabalhadores, instalar equipamentos para serrarias, construir estradas para o movimento da madeira e até dispor de pasto para alimentar os animais de carga (isto antes do advento dos veículos de tração e transporte como tratores e caminhões que começaram a ser utilizados na década de 1950) sem que houvesse qualquer ressarcimento ao verdadeiro proprietário rural. Com o passar do tempo, à

medida que a madeira ia escasseando e a demanda por ela aumentava, também o lucro do madeireiro crescia de forma vertiginosa em relação ao pagamento efetuado inicialmente, demonstrando assim quem eram os grandes beneficiários dos contratos estabelecidos, pois as árvores localizadas nas terras alheias, literalmente funcionavam como reservas de mercado às grandes madeireiras.[81]

Mais recentemente, em pesquisa voltada a área de Antropologia Social, Ayoub (2011) afirma que os contratos de compra de árvores incluíam mecanismos que favoreciam ainda mais os madeireiros na obtenção de direitos sobre as áreas em que estavam os pinheirais, demonstrando que os interesses iam além da aquisição das árvores em pé e, que sim, a posse das terras era de fundamental importância para o desenvolvimento das suas empresas. Nesse sentido, acaba contrapondo o ponto de vista exposto por Lavalle, pois para a pesquisadora:

> a ênfase que os historiadores, que se voltaram à questão madeireira no Paraná, (...) [deram] ao desinteresse pelas terras, oculta, na verdade, procedimentos de expropriação e angariamento de territórios: se os dados apontam apenas para a confecção de contratos de vendas de árvores, na prática, o modo com que esses acordos eram acionados e selados envolvia muitas vezes a inviabilização da permanência dos supostos vendedores de madeira em seus territórios.[82]

Para tanto, Ayoub apresenta uma prática comum utilizada pelas madeireiras e pelas companhias colonizadoras nos sertões paranaenses. Por muitas vezes, a mesma empresa se ocupava das duas frentes o que aumentava o seu poder econômico e a sua influência política em algumas regiões do Estado, resultando também em grandes conflitos agrários[83]. Ao trabalhar com relatos sobre a ocupação da madeireira Zattar no atual município de Pinhão durante as décadas de 1940 e 1980, a autora expôs a forma de atuação da empresa marcada pela expropriação das terras e pelo uso da violência contra a população local.

O entorno dos Campos de Guarapuava, na região centro-sul do estado do Paraná, desde o século XIX, era permeado por ramais ligados ao caminho das tropas

---

81 LAVALLE, A. M. *Op. Cit*., 1981, p. 103-105.

82 AYOUB, D. S**. Madeira sem lei**: jagunços, posseiros e madeireiros em um conflito fundiário no interior do Paraná. 2011. Dissertação (Mestrado). Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná. p. 42.

83 A “Guerra de Porecatu” (1950 – Norte do Paraná) e o “Levante dos Posseiros” (1957 – Sudoeste do Paraná) são os maiores exemplos dos conflitos armados ocorridos durante as grandes frentes colonizadoras no Estado. Ver: <http://memorialdademocracia.com.br/conflitos/pr>, acessado em 12/12/2019.

onde as elites agrárias começavam a constituir suas bases nas fazendas de invernadas de gado e na extração de erva-mate, reproduzindo as atividades econômicas já estabelecidas nos Campos Gerais. Eram assim denominadas como regiões de “fronteiras” com os sertões, marcadas ainda pelos embates de resistência das comunidades indígenas (kaingangs) aos avanços dos colonizadores. Porém, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, gradativamente ali começaram a se estabelecer uma população formada por caboclos e migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e de outras paragens do Paraná, além de imigrantes europeus que abriam novas frentes colonizadoras a revelia da tutela do Estado. Muito desse movimento foram consequências da Revolução Federalista (1893) e da Guerra do Contestado (1912-1916). Não podemos deixar de salientar a comunidade quilombola da Invernada do Paiol da Telha, constituída por descendentes de escravos que ali também se estabeleceram. Além disso, nesse lugar nasceu uma forma muito peculiar de ocupação, chamado de sistema faxinal[84].

Os personagens elencados acima tinham algo em comum: eram também chamados de posseiros, isto é, não eram reconhecidos pelo Estado como proprietários das terras “devolutas”, nos moldes da legislação vigente, num tempo em que se garantia no “fio do bigode” as questões relacionadas a posse das terras, estabelecida por acordos costumeiros entre vizinhos, sem que houvesse a confecção de qualquer tipo de documento oficial. Tal fato posteriormente facilitou a regularização, por meio da burocracia cartorária e de acordos políticos, de milhares de alqueires de terras em nome dos grandes empresários das madeireiras e das companhias de colonização.

---

84 Segundo Löwen Sahr (2008) o Sistema Faxinal concentrou-se na região centro-sul do Estado do Paraná desde os tempos coloniais e sua gênese está relacionada a antigas comunidades rurais da península ibérica, cujo modelo fora introduzido na América a partir da colonização espanhola e aplicado nas reduções jesuíticas, onde a propriedade rural envolvia o uso comunal da terra. Com o passar do tempo, esse modelo sofreu algumas adaptações na forma de apropriação das terras em solo paranaense com influências portuguesas, caboclas e até mesmo de imigrantes eslavos estabelecidos na região. As características que o singularizam são as seguintes: a) a associação da pecuária, da agricultura e do extrativismo; b) a partilha do chão com as terras de criar sendo de uso comum; c) a prática de uma agricultura de subsistência com instrumentos tradicionais; d) a forte convivência e integração com o meio ambiente através da conservação da biodiversidade e de culturas de extrativismo. Acrescenta-se ainda sua história e cultura própria, suas tradições e seus costumes, bem como, sua vivência comunitária. (Ver: LÖWEN SAHR, C. L. Os mundos faxinalenses da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. Terr@Plural, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 213-226, jul./dez. 2008.)

No ano de 1939, quando a madeira se tornou o produto mais exportado no Paraná, as grandes reservas florestais de Guarapuava passaram a ser visadas e uma década depois já era a região madeireira mais importante do Estado. Foi nessa conjuntura que surgiu a Indústria Zattar, formada por descendentes de imigrantes libaneses que, de antigos comerciantes estabelecidos em Curitiba, passaram a investir na atividade madeireira, primeiramente no município de Fernandes Pinheiro onde instalaram uma grande e lucrativa serraria e foi em 1949 que resolveram estender os seus domínios para uma área localizada ao sul de Guarapuava em direção ao rio Iguaçu que posteriormente iria se constituir no município de Pinhão[85]. Aliás, Pinhão foi desmembrado de Guarapuava no ano de 1964 por influência da família Zattar junto ao meio político e seu primeiro prefeito, Ozires Seiler Roriz, era um dos funcionários mais graduados da madeireira.

A antropóloga Dide Ayoub afirma que desde seu estabelecimento em Pinhão, ao final da década de 1940, até os anos 1970, a empresa obteve terras no município registrando-as em cartório chegando a escriturar em seu nome, em torno de trinta mil alqueires de terras, metade das terras do município. A madeireira comprava pinheiros dos moradores, autointitulados “posseiros”, no entanto, os contratos assinados não eram da compra da madeira, mas das propriedades em si. Como eram analfabetos, em sua maioria, assinavam os contratos confiando que estavam vendendo as árvores sem saber que, em verdade, abriam mão de suas terras. Para garantir a propriedade das áreas florestais, a madeireira passou a utilizar-se de homens armados, reconhecidos pelos posseiros como jagunços, que atuavam violentamente contra os que se recusassem cumprir com os termos da empresa, praticando queimas de casas e de paióis, matanças de animais, tiroteios contra casas, emboscadas e assassinatos. Segundo Ayoub, tudo isso passou a compor uma atmosfera de terror e a ideia de que os jagunços “mataram muita gente” a mando dos “Zattar”, está ainda hoje impregnada no imaginário de muitos dos moradores do município de Pinhão.[86]

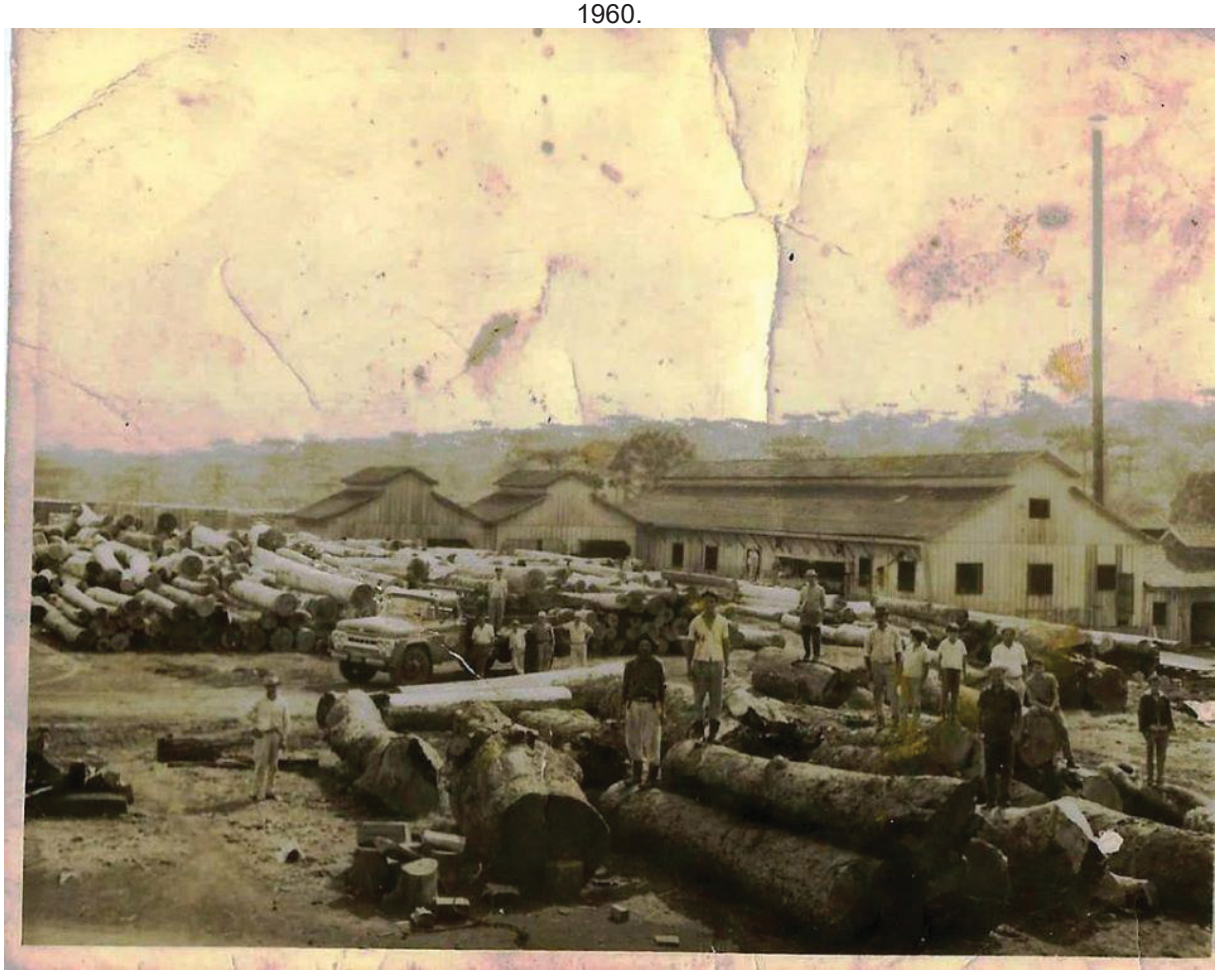
Ainda existem na região os vestígios da antiga vila de Zattarlândia, localizada a 30 quilômetros da sede do município, construída junto às serrarias da madeireira (FOTOGRAFIA 3). Durante o período de seu funcionamento, entre 1949 até a sua decadência na década de 1970, possuía um aparato de infraestruturas que, na época,

---

85 AYOUB, D. S. *Op. Cit*., 2011, p. 30-33.
86 *Ibid*. p. 16-17.

era ainda impensável em muitas cidades do interior paranaense. Formada por um conjunto de residências e outras edificações como armazéns, clube, escola, igreja, posto de saúde e, até mesmo por um cinema. Como em muitas vilas operárias, as famílias dos altos funcionários ocupavam as melhores casas na área central e a maioria dos trabalhadores contratados, moravam nas casas menores espalhadas no entorno da Vila. Em seu interior circulava uma moeda própria intitulada “boró”, um pedaço de papelão marcado com um determinado valor que compunha parte do salário recebido pelos trabalhadores, aceita somente nos estabelecimentos comerciais mantidos pela empresa. Tal prática, muito comum nas madeireiras do interior paranaense, limitava os trabalhadores em seu poder de compra, cujos parcos ganhos salariais acabavam por retornar aos cofres da própria empresa.[87]

FOTOGRAFIA 03 – EXTRAÇÃO DE PINHEIROS E IMBUIAS EM ZATTARLÂNDIA, DÉCADA DE 1960.



FONTE: Arquivo da Família Stachechem. Disponível Em: <Https://Sites.Unicentro.Br/Jornalagora/Grandes-Lembrancas-De-Uma-Pequena-Localidade/> Acessado em 19/01/2020.

87 *Ibid*. p. 43-47.

Circundados por grandes toras de madeira, tão comuns nas paisagens das serrarias paranaenses da época, alguns trabalhadores posavam ao fotógrafo anônimo (FOTOGRAFIA 03) Mas, o que chama a atenção, em segundo plano, é a imagem de um caminhão estacionado para quem sabe carregar a madeira beneficiada e seguir viagem. A partir da década de 1950 os caminhões protagonizaram o transporte de madeira, substituindo o sistema ferroviário de forma gradativa, pois chegavam às regiões mais distantes como o Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná. As estradas de rodagem passaram a se espalhar por todo o território paranaense e antes das malhas asfálticas, eram tortuosas e lamacentas, o que tornava as viagens verdadeiras aventuras, onde trechos de rios eram transpostos em precárias balsas e passavam por regiões serranas de difícil acesso e extremamente acidentadas. Como descreve Carvalho "os caminhões entraram em cena e foram fatores decisivos para o período mais intenso de exploração madeireira e devastação da floresta com araucária"[88] entre as décadas de 1950 e 1970.

Seguindo os moldes das Indústrias Zattar, outros grupos empresariais passaram a dominar a indústria madeireira na região centro-sul do Paraná. Além das serrarias espalhadas pelo interior da floresta com araucárias, possuíam fábricas de beneficiamento da madeira onde produziam tábuas, caibros, vigas, barrotes, caixas, cabos de vassoura, fósforos, entre outros, voltadas ao consumo cada vez maior dos grandes centros urbanos do Brasil e do exterior. João Krestzen em sua obra "As grandes potências econômicas no Estado do Paraná"[89] de 1951, listou entre essas empresas,

> desde grupos menores, como a Serrarias Anciutti S.A, com 4 serrarias nos municípios de Irati, Teixeira Soares e União da Vitória, e também a Cia. Pinheiro, Indústria e Comércio, com 8 serrarias, até grupos industriais mais poderosos, com capitais investidos em outros ramos de atividade, como é o caso da Indústrias Reunidas F. Matarazzo [considerada], naquela época, a maior organização industrial da América Latina.[90]

88 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit., 2010. p. 147.
89 KRETZEN, J. As grandes potências econômicas no Estado do Paraná. 2 ed. Curitiba: Escritório Sul-Brasil, 1951.
90 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit., 2010. p. 148.

Num crescente processo de acúmulo de capital, já na década de 1940, passaram a empregar novos métodos técnicos, como a produção de pasta mecânica e de lâminas de compensado. Mas foi na implantação das grandes fábricas de celulose e papel como a Klabin[91], em 1946, localizada na antiga fazenda Monte Alegre (região dos Campos Gerais), que os níveis de investimentos e especialização cresceram de forma exponencial. Ao contrário das serrarias que eram nômades, as grandes fábricas de papel se fixaram em lugares estratégicos, pois demandavam de grandes infraestruturas, logísticas de transporte, além de consumir muita energia em seu processo produtivo. Mesmo assim, proporcionaram lucros muito maiores com um volume menor de madeira utilizada, o que não significou que o ritmo da devastação florestal tinha diminuído já que a exploração do ecossistema paranaense se intensificou ainda mais nas décadas de 1950 e 1960.[92]

Durante o período entre as Guerras Mundiais no Paraná, a madeira da araucária se tornou o segundo produto em exportação do Estado. Em esfera nacional a araucária também representou, até meados da década de 1970, a principal madeira de exportação do país. Em um estudo apresentado pelo botânico alemão Kurt Hueck, toda a exportação brasileira de madeira realizada no ano de 1963 correspondeu a cerca de 1.224.000 m³ e desse total, 92% era de araucária. Nos dois anos seguintes a porcentagem da araucária no total exportado continuou oscilando entre 85 e 90%, o que evidenciava a importância das matas de araucária do Sul do Brasil para a economia do país. Segundo o pesquisador, nesse mesmo período, comparada a esses números, a exportação de madeiras amazônicas eram quase que insignificantes [93].

A criação do Instituto Nacional do Pinho (INP) em 1941 demonstrou a consolidação do poder econômico e político do grupo madeireiro, representado pelo Sindicato Patronal dos Exportadores de Madeira do Paraná, afinal não era o Instituto Nacional da Madeira, e sim do Pinho, o que denotava a importância dessa espécie na exportação madeireira no Brasil juntamente com outras madeiras de lei encontradas nas áreas florestais no sul do país, tais como a imbuia, a peroba e o ipê. Por meio do INP buscava-se regulamentar e racionalizar a produção madeireira a fim de exportar

---

91 Sobre a Klabin, daremos mais informações no capítulo seguinte.

92 CARVALHO, M. M. X. de. *Op. Cit*., 2010. p. 148-150.

93 HUECK, K. **As florestas da América do Sul**: Ecologia, composição e importância econômica. Ed. da UnB, Polígono (SP), 1972. p. 237.

um produto com maior qualidade visto as constantes reclamações advindas do mercado externo anteriormente. Isto não significava que os madeireiros seguissem fielmente as especificações técnicas, já que muitos continuavam burlando tais determinações. Uma das medidas do INP em 1947 foi a proibição da exportação de toras de pinho, visando incrementar o processo produtivo e uma maior valorização do produto na forma de laminação, chapas de compensado, pasta mecânica etc. Também havia a denúncia de que os mercadores argentinos compravam as toras brutas no Brasil e lucravam muito mais exportando a madeira já beneficiada. Um dos principais desafios do INP estava relacionado ao programa de recuperação das áreas desmatadas. Para tanto, o governo procurou criar áreas de conservação por meio da implementação de um processo de reflorestamento da mata nativa, com ênfase nas espécies como a araucária e as demais madeiras de lei. Além disso, tentou-se desacelerar o processo de desmatamento visando um maior aproveitamento dos recursos naturais, mas sem muito sucesso. Ao longo dos seus 26 anos de existência, o INP foi um dos poucos órgãos estatais a promover eventos e estudos científicos, publicados no Anuário Brasileiro de Economia Florestal e a patrocinar pesquisas de grandes estudiosos acadêmicos. Assim, geógrafos, botânicos, engenheiros agrônomos e pesquisadores estrangeiros debatiam sobre variados temas relacionados à economia e política florestal, ecossistemas, técnicas de manejo, as consequências do desmatamento e a importância dos parques florestais. Em 1960, também foi um dos responsáveis pela transferência do primeiro curso de Engenharia Florestal da Universidade de Viçosa para Curitiba, sendo ainda hoje vinculado à Universidade Federal do Paraná. Por consequência, os relatórios e os estudos emitidos pelo INP forneciam os dados mais confiáveis sobre a produção madeireira e os temas florestais na época.

Porém, os sinais evidentes do esgotamento das florestas com araucárias no final da década de 1960, trouxe uma grande mudança nas políticas governamentais voltadas à exploração madeireira. Em 1967, durante os anos de chumbo da Ditadura Militar, os tecnocratas decidiram por extinguir o INP e, em seu lugar, criaram o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). A partir deste momento, a araucária deixaria de ser vista como a grande fonte geradora da riqueza florestal em nosso país, significando que o governo não investiria mais em programas de reflorestamento com espécies nativas nas áreas degradadas da região, optando por substitui-las por espécies exóticas como o pinus e o eucalipto por meio de um generoso programa de

incentivos fiscais. Mesmo assim a araucária ainda continuou a ser o principal produto madeireiro até o final da década de 1970, período em que os pinheiros passaram a ser cortados cada vez mais jovens pela falta de matéria-prima, fazendo com que a produção caísse vertiginosamente a partir de 1975. Por outro lado, o pinus revelou-se bem adaptado ao planalto sul-brasileiro na medida em que as áreas reflorestadas se mostravam maduras para o corte em um tempo significativamente mais curto do que a araucária ou de qualquer outra espécie nativas da Floresta Ombrófila Mista. Estudos também demonstravam que o as árvores do pinus localizadas no sul do Brasil passaram a se desenvolver mais rapidamente do que em seu próprio *habitat* de origem, na América do Norte.[94] Assim,

> o pinus permitiu a sobrevivência econômica da indústria madeireira sulina (ou pelo menos parte dela), pois a araucária já estava com os dias contados e não havia mais tempo para iniciar um programa massivo de reflorestamento com espécies nativas como a araucária, pois estas demandavam mais tempo para alcançar o mesmo volume de madeira que o pinus e o eucalipto. Ou seja, se o pinus não tivesse sido adotado como a saída, a falência da maior parte da indústria madeireira seria uma certeza.[95]

Foram também as grandes fábricas de papel as responsáveis pelo aumento gradual das áreas reflorestadas com pinus e eucalipto, o que tornou a floresta plantada um negócio lucrativo e trouxe, nas décadas seguintes, o investimento de grandes conglomerados de capital estrangeiro. Isto representou uma “pá de cal” em qualquer estudo que previsse o manejo da mata com araucárias para fins industriais.

Desta forma, as grandes copas das araucárias, protetoras de uma imensa biodiversidade, representada pela Floresta Ambrófila Mista, foram reduzidas a fragmentos de capoeiras hoje empobrecidas geneticamente. A floresta dizimada não representou somente uma perda ambiental, desapareceu com ela todo um processo histórico que envolvia a ocupação do interior das terras do planalto sul-brasileiro, pois essa história representou, o enriquecimento dos grandes madeireiros com a derrubada e o beneficiamento da madeira e também mobilizou inúmeras famílias de pessoas simples que se deslocaram para o interior e acompanharam o intenso movimento nômade das serrarias. A ruptura desse modo de vida relacionado à

---

94 CARVALHO, M. M. X. de. *Op. Cit*., 2010. p. 155-158.
95 *Ibid*. p. 149.

exploração da floresta, ainda é um campo aberto para as pesquisas acadêmicas que têm como perspectiva a História Cultural.

## Os primórdios da exploração madeireira

Na transição entre o fim do período imperial e o cenário republicano do início do século XX, Curitiba moldava-se para tornar-se digna de ser uma capital, viviam-se as transformações da *Belle Époque*. Copiando o modelo europeu no tocante as grandes obras urbanísticas, os governantes locais estavam agora preocupados com a higiene e a saúde pública, assim à medida que os rios eram drenados e saneados surgiu o Passeio Público em 1886. Grandes obras públicas alargaram as ruas da cidade, eram instaladas a iluminação pública a gás e o transporte de bondes dava seus primeiros passos ainda que puxado por mulas como na época das tropas, pois a eletricidade se consolidaria somente a partir da segunda década do século seguinte. Sobre os escombros das antigas casas coloniais, palacetes de arquitetura eclética surgiram e obviamente eram neles onde moravam os Barões do Mate e seus familiares, representantes da elite local, que passaram a usufruir dos benefícios trazidos pela brisa da modernidade.[96]

No começo do século XX além de exercer o domínio da política local, a burguesia do mate fora responsável pelo reordenamento econômico da sociedade paranaense na substituição da escravidão pela mão de obra livre advinda, principalmente, dos novos imigrantes. O Mate ainda era o principal produto de exportação da economia paranaense, o que iria perdurar até a década de 1930. Enquanto a Europa e a América do Norte já viviam a 2ª fase da Revolução Industrial, aqui ainda a máquina à vapor era adaptada a uma cadeia produtiva ligada ao beneficiamento da erva-mate. Foram os primeiros passos rumo a modernização de um incipiente parque industrial ervateiro instalado nos arredores de Curitiba e no litoral.[97]

---

96 Ver: BENVENUTTI, A. F**. As reclamações do povo na Belle Epoque**: a cidade na discussão da imprensa curitibana (1909-1916). Dissertação de Mestrado, Departamento de História, UFPR, 2004.

97 RESENDE, R. C. A erva-mate e as transformações socioeconômicas e políticas no Paraná. Revista Da Universidade Vale Do Rio Verde. Três Corações, v. 15, n. 2., ago/dez.2017., p 288-290.

Por meio da tabela 01 é possível identificar a diversidade industrial e manufatureira em Curitiba na virada do século. Aparece em destaque a atividade da tonelaria, ou melhor, as fábricas de barricas como um segmento atrelado à atividade ervateira[98] (TABELA 01). As barricas surgiram em substituição aos antigos surrões de couro que eram carregados nas cangalhas das mulas. Agora as novas embalagens poderiam ser mais bem acondicionadas nos armazéns e transportadas nos carroções e nos vagões dos trens, além de terem uma melhor apresentação com seus belos rótulos em litogravuras visando o mercado externo dos países platinos. Vale salientar que a matéria prima para a confecção das barricas era o pinho que começava a ser utilizado em escala industrial, como também apresenta a atividade da madeira no crescimento significativo das carpintarias e das serrarias, muitas delas dirigidas por imigrantes de origem europeia que se estabeleciam em Curitiba. (FOTOGRAFIA 4)

TABELA 01 – PRINCIPAIS FÁBRICAS E OFICINAS EXISTENTES EM CURITIBA, 1900.

| Fábricas e Oficinas | Abs. | % |
|---|---|---|
| Fábricas de barricas para erva-mate | 100 | 22,83 |
| Oficinas de seleiros | 81 | 18,49 |
| Olarias | 41 | 9,36 |
| Marcenarias | 39 | 8,9 |
| Fábricas para beneficiar erva-mate | 25 | 5,70 |
| Oficinas de alfaiatarias | 21 | 4,79 |
| Serralherias | 21 | 4,79 |
| Carpintarias | 19 | 4,33 |
| Oficinas de funileiros | 12 | 2,73 |
| Moinhos de farinha | 10 | 2,28 |
| Serrarias | 10 | 2,28 |
| Curtumes | 10 | 2,28 |
| Fábrica de café moído | 10 | 2,28 |
| Oficina de carros | 7 | 1,59 |
| Fábrica de licores e xaropes | 6 | 1,36 |
| Oficinas de consertos de instrumentos | 5 | 1,14 |

98 PEREIRA, M. A. M. A Cidade de Curitiba no discurso dos viajantes e cronistas do século XIX e início do século XX. **Revista de História Regional, Ponta Grossa**, v. 1, n. 1, 1996, p. 28

| | | |
|---|---|---|
| Fábricas de águas gasosas | 5 | 1,14 |
| Outros | 16 | 3,60 |

FONTE: RIBEIRO (1985, p. 130)

FOTOGRAFIA 04 – BARRICAS DE PINHO PARA EXPORTAÇÃO DE ERVA-MATE SENDO ESVAZIADAS NA ERVATEIRA AMERICANA, FOTO DE 1916.



FONTE: (Acervo Cid Destefani) < http://lespaxa.blogspot.com/2013/06/bairro-do-batel.html> acessado em 18/07/2019.

> Explora-se, também, na época, a indústria de fósforos, que possuía em Curitiba a maior fábrica do Brasil e, talvez, da América Latina, a Fábrica (...) de Hurlimann & Cia., fundada em 1896. A Fábrica Paranaense possuía um quadro de 300 operários em 1912, para uma produção diária de 200 latas de fósforos, das quais 90% eram destinadas à exportação.[99]

Mesmo com a diversidade de atividades produtivas, conforme demonstra a TABELA1, a economia paranaense continuaria ainda a ser extremamente extrativista, tendo a sua história contada, em síntese, por meio de dois produtos direcionados essencialmente ao mercado externo: a erva-mate e a madeira. Vocação essa que perdurou até o esgotamento das florestas em meados da década de 1970 já no final do século XX.

---

99 *Ibid*., p. 28.

Desde a emancipação política que deu origem a Província do Paraná, a conquista dos “sertões inóspitos” e a exploração das florestas ainda intocadas constituía uma parte da “missão civilizadora” a ser promovida pelos governos e pelas elites locais. Essa demanda seria resolvida com a implantação da primeira ferrovia que deveria transpor a barreira da Serra do Mar, que separava o litoral do planalto paranaense.

Porém, segundo destaca Leandro, já existia no século XIX um contínuo e sistemático tráfico de madeiras no litoral paranaense e que “as tentativas oficiais de coibir a devastação das matas litorâneas, no período, foram ineficazes”[100] abarcando tanto o período em que este território ainda era a 5ª Comarca de São Paulo, quanto aquele que precedeu a sua emancipação política.

> Foi especialmente a Capitania do Porto de Paranaguá, na palavra de seus capitães, a instituição que apontou diversas irregularidades na prática desse comércio. Nos documentos gerados pela repartição – correspondência aos Presidentes de Província, aos Ministros da Marinha e relatórios diversos – é possível visualizar uma movimentada trama em torno da derrubada de diversos tipos de árvores: araribá, cabriúva, guanandi carvalho, maçaranduba, jacarandá, peroba vermelha, cedro vermelho, vinhático, oiti, canela preta, canela goiaba, urucurana, ipê, entre outras. A derrubada para comercialização de certas espécies da Mata Atlântica era uma atividade corriqueira e de forte impacto na região.[101]

Tal comércio ilegal estava inserido nas práticas cotidianas dos atores sociais que viviam entre a serra e o mar, pois o mesmo atendia a demanda dos navios que aportavam na baía de Paranaguá à medida que o aumento contínuo da exportação de erva-mate com a Bacia do Prata estimulava também o tráfico de madeira para aqueles países. O autor cita, por exemplo, que a miséria era a principal causa do corte de madeira promovido pela comunidade de Guaraqueçaba.

Ainda no século XIX o governo provincial passou a apoiar as primeiras iniciativas voltadas à exploração da madeira, como o caso da Companhia Florestal Paranaense, fundada em 1871 pelos irmãos e engenheiros André e Antonio Rebouças[102], em sociedade com João Frederico Russel (Conde da Estrela) e Antonio

---

100 LEANDRO, J. A. Devastação e Tráfico de Madeira no litoral do Paraná Provincial. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 4, n. 2, 1999, p. 100.

101 *Ibid*., p. 95-96.

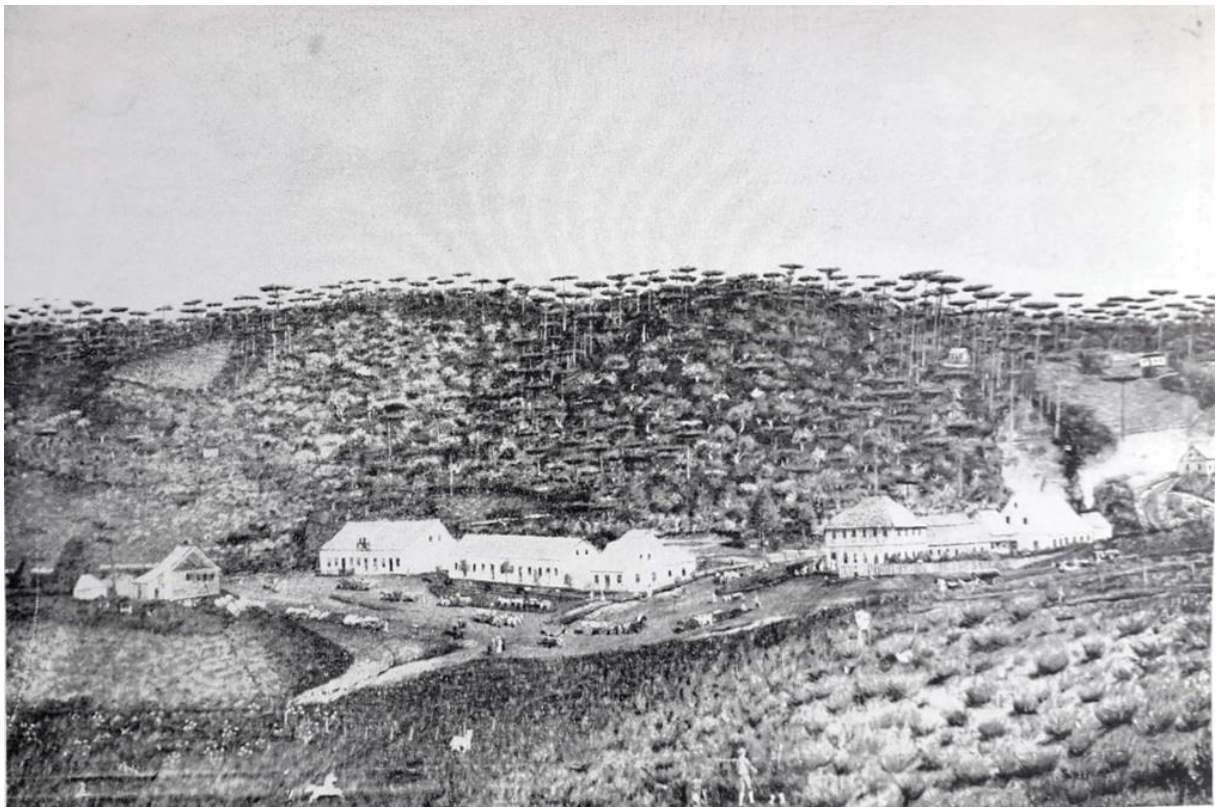
102 André Rebouças nasceu em 1838 e faleceu em 1898. Já Antonio Pereira Rebouças, seu irmão, nasceu em 1839 e faleceu em 1874. Eram negros e filhos do famoso advogado e estadista Antonio Rebouças (1798-1880). Em 1858, ambos concluíram o curso de engenharia e após um período de estudos na Europa, patrocinado pelo governo Imperial (1861-1862),

Pinto Gomes. A serraria localizava-se na Borda do Campo (FOTOGRAFIA 05), ao final da estrada da Graciosa, e se destinava ao processamento do pinho como matéria-prima voltada à confecção de barricas para o acondicionamento da erva-mate. Mas, principalmente, por sua posição estratégica, a companhia também daria suporte ao fornecimento de madeira para a construção da almejada ferrovia.[103]

FOTOGRAFIA 05 – SERRARIA DA CIA. FLORESTAL, NA BORDA DO CAMPO. PRIMEIRA INDÚSTRIA MADEIREIRA LOCALIZADA NO BRASIL. ÓLEO DE AUTOR DESCONHECIDO (SEM DATA).

regressaram ao Brasil empregando-se em diferentes serviços públicos. [...] entre as diversas ocupações para as quais foi designado Antonio pelo governo imperial, a partir de 1864, esteve a que lhe trouxe ao Paraná, para trabalhar na construção da estrada de rodagem ligando Antonina a Curitiba (a Estrada da Graciosa). [...] A estrada da Graciosa era, naquele momento, a maior necessidade e dor de cabeça do governo Irmãos Rebouças no Paraná. [...]Apesar do falecimento prematuro de Antonio Rebouças em 1874, seu irmão André manteve-se vinculado aos empreendimentos até o ano de 1875. Barbosa, E. B. L., Anjos, J. J. T. dos, & Silva, P. V. B. da. (2020). Irmãos Rebouças no Paraná do século 19 e os intelectuais negros. Acta Scientiarum. Education, 42(1), e45603. https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.45603.

103 Sobre esse aspecto o viajante inglês Thomas P. Bigg-Wither, assim descreve o seu encontro com Antonio Rebouças em sua serraria: “O Sr. Antonio Rebouças era um *gentleman* de cor, homem de empresa e de grandes conhecimentos, gozando da alta estima do Imperador. Ele era também um dos concessionários da *Paraná and Mato Grosso Railway Surveys*. [...]. Fomos recebidos pelo próprio com grande cordialidade [...]. Foi com grande pesar que soubemos da morte prematura desse cavalheiro uns dois anos depois. Não havia tempo para uma visita às serrarias, mas confesso que fiquei surpreso ao verificar que a força motriz era à vapor e não à água. A dificuldade e despesas consequentes da colocação de várias peças do engenho no alto da Serra tinham sido enormes e não me saia da cabeça a ideia de que a força hidráulica poderia ter sido aproveitada com a mesma eficiência e por muito menos. Mas, de qualquer forma, todo elogio é devido ao sr. Rebouças, o primeiro a utilizar sistematicamente a ótima madeira daquela região.” (BIGG-WITHER, Op. Cit., 1974, pp.74-75).



FONTE: CARNEIRO, N. Um precursor da justiça social: David Carneiro e a economia paranaense. Curitiba: [s.n.], 1965.

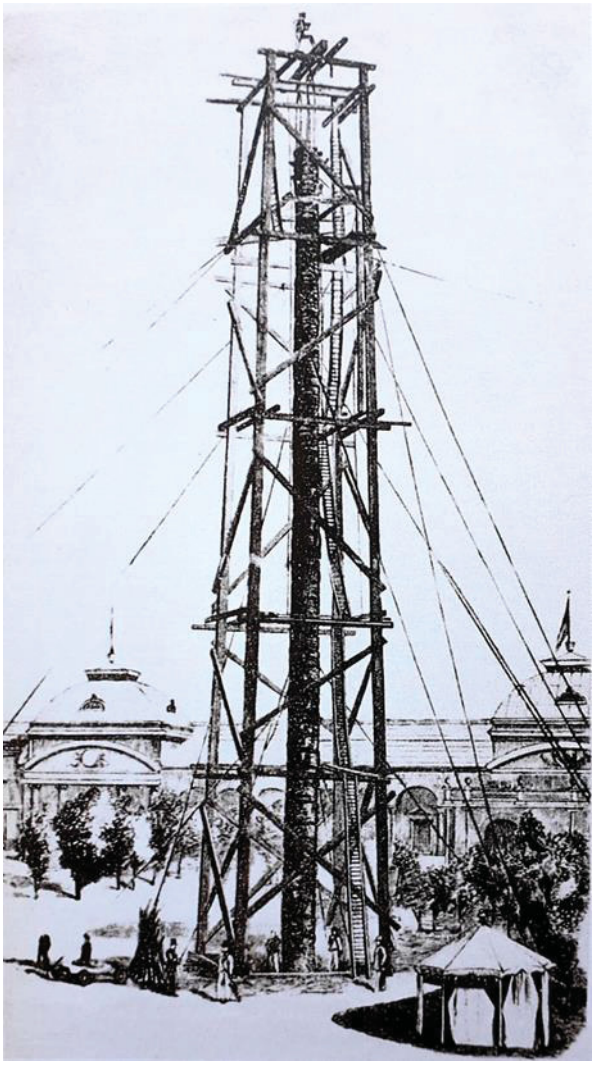
Porém, o fato de os engenheiros defenderem que, técnica e economicamente, o traçado da ferrovia deveria ligar Curitiba até Antonina, os colocou em conflito com a elite parnanguara, que, por interesses óbvios, queriam que a mesma tivesse como destino o porto de Paranaguá. Politicamente, esse desgaste chegou até o governo imperial onde se decidiu pelo caminho ferroviário até Paranaguá, o que motivou enfraquecimento dos irmãos Rebouças e o fracasso do seu empreendimento madeireiro no Paraná.[104]

Entusiasta da exploração madeireira, André Rebouças foi responsável por ter apresentado o Pinheiro-do-Paraná na Exposição Universal de Viena (Áustria) em 1873 (ILUSTRAÇÃ 03). Com 33 metros de altura, a árvore foi transportada em pedaços pela Companhia Florestal Paranaense.

ILUSTRAÇÃO 03 - PINHEIRO EM PROCESSO DEMONTAGEM PARA AA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE VIENA, EM 1873.

---

[104] TRINDADE, A. D. **Os irmãos Rebouças e as perspectivas da imigração espontânea no Paraná (1865-1875)**. Curitiba: 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009, p. 12-13.



FONTE: CARNEIRO, N. Op. Cit., 1965.

As autoridades locais formaram comissões representativas junto à delegação brasileira nas exposições universais que ocorreram na Europa e nos Estados Unidos da América a partir da segunda metade do século XIX. Assim, participaram das exposições de Paris (1867), Viena (1873) e Filadélfia (1876) onde promoveram os artigos de exportação da jovem província do Paraná, como a erva-mate e a madeira, com o objetivo de despertar o interesse dos países industrializados pelos produtos extrativos paranaenses.[105] Tais exposições se constituíam em grandes espetáculos da modernidade, onde máquinas, inventos e mercadorias eram expostos como verdadeiros retratos do mundo imperialista que se formava. “Os eventos expositivos

105 CARNEIRO, C. B. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013, p. 47-48.

tornaram-se um meio de contato entre os países ‘avançados’ e os ‘atrasados’, entre países industriais e fornecedores de bens primários, entre metrópole e colônia.”[106]

As ferrovias e a devastação florestal

Neste subitem abordo a questão das ferroviárias, reforçando a proposição de que a sua expansão está intimamente ligada ao avanço da devastação florestal, não só em nosso estado, como em toda região sul, abrangida pela Floresta Ambrófila Mista, mais comumente conhecida como a Mata com Araucárias.

Antes mesmo de se concluir a ferrovia Curitiba-Paranaguá, já existiam projetos relacionados à sua expansão ao interior, neste caso, ligando Curitiba à Ponta Grossa, nos Campos Gerais. Coube a empreitada ao engenheiro Teixeira Soares, o mesmo responsável pelo trecho mais desafiador na construção da estrada de ferro, correspondente a subida da Serra do Mar.

Dentre as propostas apresentadas, decidiu-se pelo traçado que atravessava a Serrinha (como era conhecida a Serra de São Luiz do Purunã) em direção ao Vale do rio Iguaçu e, dali em diante, a via férrea seguiria para a Estação de Ponta Grossa, cuja inauguração ocorreu em 1894. Ao chegar à margem direita do Iguaçu (no quilômetro 212), a ferrovia encontrava a hidrovia recém-inaugurada. O objetivo principal era o de integrar a região Centro-Sul da província por meio dos vapores fluviais da companhia de navegação, cuja concessão pertencia ao Coronel Amazonas Menezes.[107]

Portanto, em 1892 foi inaugurada uma estação ferroviária no local denominado Porto Caiacanga (também chamado de Porto das Laranjeiras), onde já existia uma comunicação com o Registro de Rio Negro, do antigo Caminho das Tropas e, consequentemente, no entorno da estação surgiu a atual cidade de Porto Amazonas (FOTOGRAFIA 06). O principal trecho da navegação fluvial ligava Porto Amazonas até o porto de União da Vitória, e deste, com prolongamento até Porto Vitória. Devido aos meandros do rio, os barcos à vapor demoravam cerca de dois dias

---

106 SANTOS, P. C. dos. Um olhar sobre as exposições universais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais Eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013, p. 6-7.

107 Estações ferroviárias do Brasil. Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-pgro/ptamazonas.htm>. Consulta em 10/10/20.

para percorrer uma distância de aproximadamente 300 quilômetros (ou 55 léguas) entre os extremos da hidrovia.[108]

A construção de ferrovias e sua ligação com a navegação fluvial já haviam sido sugeridas anteriormente pelos Presidentes da Província do Paraná[109] e foram concretizadas somente no final do Império:

> Esta navegação à vapor composta de pequenas embarcações, medindo as maiores 25 metros de comprimento por 6 metros de largura, transportavam 1400 sacos de erva-mate (5600 arrobas) ou 400 dúzias de tábuas de madeira com a ajuda de duas lanchas rebocadas, além de passageiros. Mais de uma vintena de embarcações até 1953 trafegaram pelo Rio Iguaçu e seus afluentes, os rios Negro, Potinga, Timbó e Canoinhas.[110]

Em 1884 o barco à vapor "Cruzeiro", de propriedade do Coronel Amazonas, transportou uma caldeira para montagem da primeira serraria na região. As tábuas ali confeccionadas restringiram-se inicialmente à construção de casas na região do porto de União da Vitória, só posteriormente seriam fabricadas as aduelas para barricas, usadas no acondicionamento da erva-mate, como já eram realizadas nos arredores de Curitiba.[111]

FOTOGRAFIA 06 – BARCOS À VAPOR EM PORTO AMAZONAS (CARTÃO POSTAL DE 1907). O PRÉDIO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA ENCONTRA-SE NO CANTO SUPERIOR DIREITO.

---

108 GUIMARÃES, S. K. **Estado e Patrimônio Cultural**: a memória da hidrovia no rio Iguaçu (PR). Ponta Grossa, 2017. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. p. 39-43.

109 Sobre esse aspecto o Presidente de Província André Augusto de Pádua Fleury contratou os serviços dos engenheiros alemães José e Francisco Kellers que organizaram uma expedição para mapear e explorar as bacias hidrográficas no interior da Província tendo como objetivo, entre outras tarefas, o levantamento técnico da navegabilidade dos rios paranaenses. Os resultados da pesquisa constam nos anexos da Fala dirigida à Assembleia Provincial, em 1866, pelo Presidente Fleury. Ver: PARANÁ. Presidente (1863-1865: Fleury). **Relatório com que o Exm. Sr. Presidente de Província Dr. André Augusto de Pádua Fleury passou a administração ao Exmo. Sr. Vice-Presidente Dr. Manoel Alves de Araujo no dia 4 de junho de 1865**. Curityba: Typ. Lopes, 1865.

110 KROETZ, L. R. As Estradas de Ferro do Paraná (1840-1940). São Paulo, 1985. Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade de São Paulo. p. 44.

111 LANGE, F. L. P. **Iguaçu**: um caminho pelo rio. Curitiba: F.L.P. Lange, 2005. p. 38.



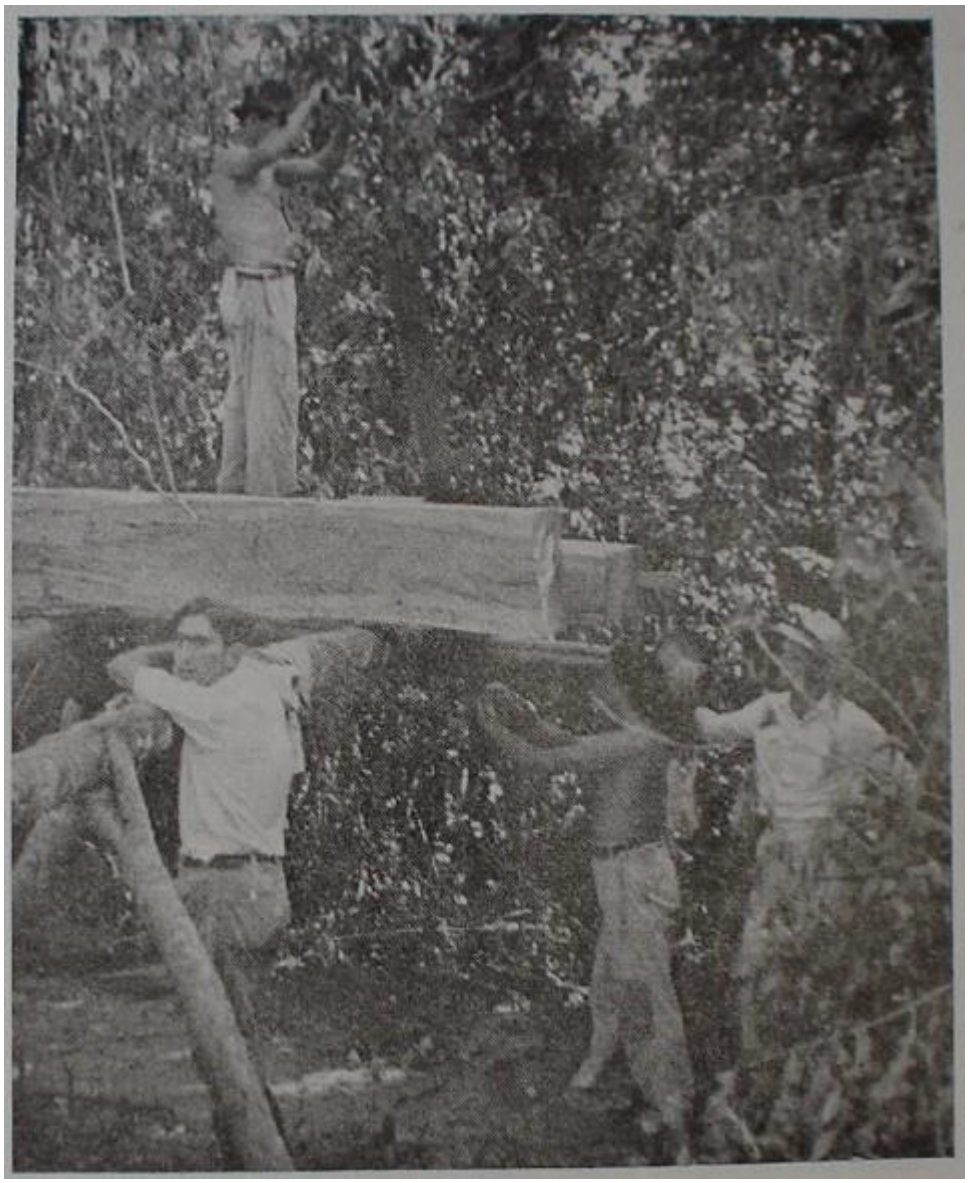
FONTE: Estações ferroviárias no Brasil. http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-pgro/ptamazonas.htm

A maior parte da madeira transportada era formada pelo pinho e, nessa época, seu volume era bem menor que o da erva-mate, principal produto da região. Mesmo assim, o sistema hidro ferroviário começava a cumprir o seu papel de fazer chegar ao Porto de Paranaguá, em menor tempo e em maior quantidade, a produção extrativa em terras cada vez mais longínquas.

Na virada do século existiam 64 serrarias no Estado. Em 1906, segundo o censo realizado pelo governo federal, o número de serrarias subiu para 108, na sua maioria concentradas em São José dos Pinhais (26), Curitiba (13) e em Araucária (07)[112]. Apesar desse aumento, durante a primeira década do século XX, a produção madeireira ainda era incipiente, pois muitas das serrarias eram artesanais, isto é, contavam com a força humana para transformar as toras em vigas, tábuas e outras peças de madeira, utilizando processos rudimentares como o de falquejar a madeira a mão ou de cortar as toras com traçadeira (FOTOGRAFIA 06).

FOTOGRAFIA 06 – TRABALHADORES DESDOBRANDO MADEIRA COM SERRA MANUAL. DATA DESCONHECIDA.

112 CARVALHO, M. M. X.; NODARI, E. S. As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu (1884-1920). **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), v. 21, 2009, p. 69.



FONTE: Glessinger, E. A Integração da Madeira. **Anuário Brasileiro de Economia Florestal**. Ano 9, n.9. Rio De Janeiro: Instituto Nacional Do Pinho, 1957.

Em outros casos, existiam as serrarias conhecidas como “engenhos de serra”, movidas à força hidráulica e em lugares onde também funcionavam moinhos de cereais, estabelecimentos que geralmente pertenciam aos colonos estrangeiros. Esse modelo de serraria servia para atender as necessidades locais, como na construção de casas, carroças e de mobiliário rústico, abrangendo um raio de vizinhança de poucos quilômetros, por conta da dificuldade de transporte da madeira serrada.[113]

113 CARVALHO, M. M. X. de. **Uma Grande Empresa em Meio a Floresta**: a história da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization*. Florianópolis, 2010. Tese (Doutorado). Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 109-112.

Isso explica o fato de, nessa época, o pinheiro-do-paraná ser tão pouco explorado comercialmente. Por conta disso, o Brasil ainda era importador de madeira do pinheiro-de-riga[114], provinda dos países bálticos, mesmo sendo este de qualidade inferior a espécie nacional, o que iria perdurar até o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).[115]

Aparentemente o processo que levaria a devastação florestal e a ocupação do interior paranaense ainda marchava a passos lentos. Porém, nos bastidores da política nacional, mesmo com a mudança que originou o Período Republicano, a elite local dava continuidade ao ideário civilizatório construído durante o Império no século anterior, relacionado à ocupação dos "sertões" ou espaços "vazios" no território brasileiro.[116] Por conta disso, no limiar do Império, havia um megaprojeto de integrar a região centro-sul por meio de uma grande rede ferroviária.

Deste modo foi concebida a ferrovia São Paulo-Rio Grande que atravessaria as regiões "inexploradas", promovendo a apropriação das riquezas naturais e a formação de colônias por imigrantes (preferencialmente europeus) no seu entorno. Por isso ocupar era a palavra de ordem e os trilhos estabeleceriam comunicação entre as regiões das bacias do Paranapanema, Iguaçu e Uruguai.[117]

No ano de 1888 deu-se início a construção da ferrovia, novamente com a participação do engenheiro João Teixeira Soares, só que agora como um dos acionistas da obra[118], sendo dividida em duas etapas: a) Primeira: em São Paulo a

---

114 Também chamado de pinus sylvestris, pinheiro-da-Escócia, pinho nórdico, dentre outros). Era encontrado em diversas parte do mundo, mas predominava na floresta da Caledônia e no Leste Europeu. O termo pinho-de-riga é uma referência à cidade de Riga, na Letônia, que usava essa madeira nas construções. REAL, G. **Uma nobre entre as mais nobres madeiras**. 2017, p.1. Disponível em https://www.estudioripa.com.br/post/pinhoderiga. Acessado em 15/12/2020.

115 WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Vicentina., 1995, p. 204.

116 Segundo Gilmar Arruda, o termo "sertão" estabelecia uma relação com a ideia de natureza tropical, selva ou floresta virgem. Consequentemente, "remetia ao processo de 'conquista' dos enormes espaços interiores do país e estava inserido [no contexto da] formação do Estado-Nação moderno, ou na introdução da modernidade no país." (Ver: ARRUDA, G. Cidades e sertões: o historiador entre a história e a memória. **Projeto História** (PUCSP). São Paulo, v. 19, 1999. p. 122.)

117 Ainda havia questões fronteiriças a serem resolvidas que se arrastavam desde os tempos coloniais, como o caso da Questão de Palmas, quando a Argentina reivindicou a posse da região no entorno da jusante do rio Iguaçu (atualmente formada pelo sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina). Em 1895, o laudo arbitral do presidente norte-americano, Grover Cleveland, deu ganho de causa à delegação brasileira representada pelo Barão do Rio Branco. Sobre a Questão do Contestado envolvendo a disputa territorial entre Santa Catarina e Paraná, esta só seria resolvida na segunda década do século seguinte. (Ver: WACHOWICZ, R. C. Op. Cit, 1995, p. 181-187.)

118 O acionista majoritário era Antonio Roxo de Rodrigues, também conhecido como Roxo Roiz. Foi diretor presidente da companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande – EFSPRG até a transferência da concessão para o grupo de Farquhar. No Distrito de Guaragi, em Ponta Grossa-PR, existiu a Estação Roxo Roiz em sua homenagem (hoje se encontra demolida). (Ver:

malha ferroviária seria integrada à Sorocabana e, a partir de Itararé, o traçado seguiria em direção de União da Vitória, atravessando o rio Iguaçu; b) Segunda: a ferrovia seguiria pelo vale do rio do Peixe, que até então pertencia ao território paranaense, terminando no município gaúcho de Marcelino Ramos, na margem esquerda do rio Uruguai.

A primeira etapa (Itararé-Porto União da Vitória) foi concluída no ano de 1905, mas sem os investimentos necessários seu traçado era extremamente tortuoso e acompanhava os acidentes naturais do terreno, acarretando o aumento da distância a ser percorrida (MAPA 03).

O governo federal já favorecia, desde os tempos do Império, à introdução do capital estrangeiro por meio de concessões. Assim, coube ao catarinense Lauro Müller, que ocupava o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas, estender o convite para que o famoso investidor americano Percival Farquhar[119] desse continuidade à obra relacionada a segunda etapa (de União da Vitória até Marcelino Ramos.[120]

Com criação da *Brazil Raiway Company* no ano de 1906, Farquhar, associado a outros investidores americanos e europeus, obteve o total controle acionário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, além de uma série de vantagens como a garantia de juros em caso de prejuízo e a isenção de impostos para importação de

---

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/roxoroiz.htm> Acessado em 12/08/2019.

119 O magnata e engenheiro Percival Farquhar (1864-1953) era dono de dezenas de empresas nos Estados Unidos e de outras tantas espalhadas pelo mundo, principalmente na América Latina. Seus investimentos no Brasil foram muito diversificados, chegando a controlar, somente na capital federal, o transporte de bondes e o fornecimento de gás e de eletricidade, onde também foi pioneiro no serviço de telefonia. Modernizou o porto do Rio de Janeiro, onde construiu as docas para rivalizar com o porto de Santos. Possuía inúmeros hectares de fazendas (de Minas Gerais ao Mato Grosso), investia no cruzamento bovino e, por conta disso, construiu o maior abatedouro/frigorífico brasileiro, localizado em Osasco/SP, voltado ao mercado interno e a exportação de carne congelada. Investiu na navegação fluvial e marítima e, no sul do Brasil, entrou no ramo da erva-mate e, principalmente, na exploração da madeira. Em seu auge possuía um *holding* que totalizava 38 empresas diferentes. Mas, o ramo que mais se destacava era o das ferrovias que, entre outros fatores, provocou também a sua bancarrota, como foi o caso da malfadada construção da ferrovia Madeira-Mamoré, executada entre os anos de 1907 e 1912 no coração da floresta Amazônica. Ao findar da Primeira Guerra Mundial seu império capitalista no Brasil entrou em concordata. (Ver: MILANI. M. C. **Percival Faquhar, um homem quase sem nenhum caráter entre oligarcas e nacionalistas de muita saúde (1898-1952)**. Tese (Doutorado). São Paulo, 2017. Programa de Pós-Graduação em História Econômica. Universidade de São Paulo.

120 FRAGA. N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial do sul do Brasil. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná. p.55-56.

produtos referentes ao funcionamento da ferrovia como trilhos, máquinas e carvão. O governo brasileiro autorizou a concessão por um período de 90 anos e o direito de "posse" das terras que margeavam os trilhos dentro de uma zona de 30 quilômetros (quinze para cada lado).[121] Deste modo, a construção da segunda etapa da ferrovia se deu entre os anos de 1908 e 1910.

MAPA 03 – TRAÇADO DA ESTRADA DE FERRO ITARARÉ - PORTO UNIÃO




FONTE: ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS NO BRASIL. Disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/roxoroiz.htm> Acessado em 12/08/2019.

121 MACHADO, P. P. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado). Departamento de História. Universidade Estadual de Campinas. p. 133.

MAPA 04 – PLANTA DA VIAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ EM 1908, ORGANIZADA PELA DIRETORIA DE OBRAS E VIAÇÃO.[122]

122 "(...) este [Mapa] de 'obras e viação' é bastante simplificado, não constando nem mesmo a rede hidrográfica. A preocupação única de seus elaboradores foi a de registrar as estradas de ferro e as de rodagem que nessa época estão concluídas ou em construção.

O Paraná ingressa no século XX dando grande destaque à estrada de ferro. A Estrada de Ferro Paraná (Paranaguá-Curitiba) está em plena atividade, possuindo três ramais: o que liga Lapa a Rio Negro, transportando a produção da colônia Lucena (Itaiópolis); o de Curitiba a Rio Branco, que visava inicialmente integrar a Capital com Jaguariaíva e o Norte Pioneiro; o terceiro liga Morretes a Antonina, para beneficiar este último porto.

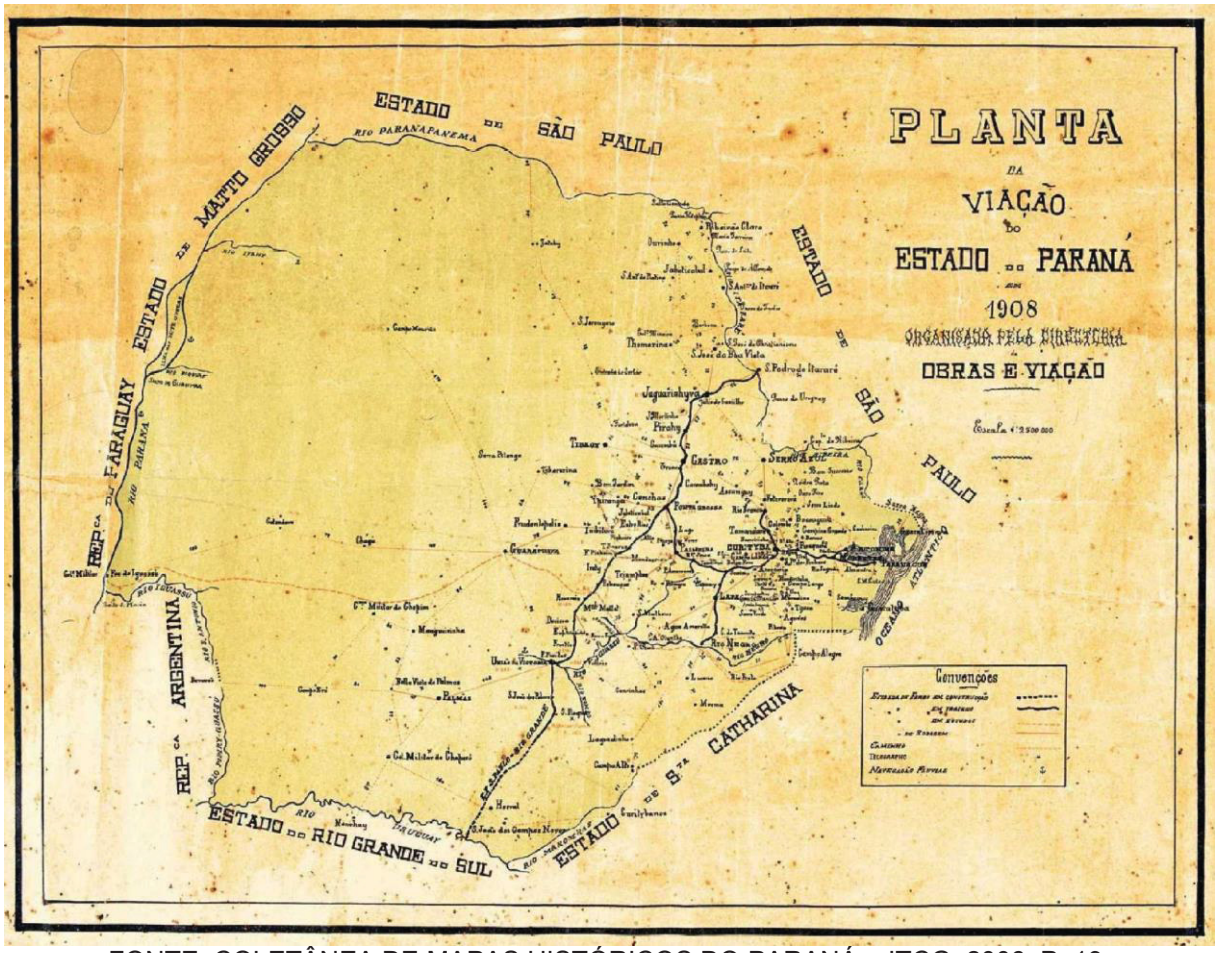
A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, ligando Itararé (SP) a União da Vitória (PR) está em franca atividade. A '*Brazil Railway Company'*, que adquiriu a concessão, [constrói] a continuação de União da Vitória a Marcelino Ramos (RS).

Ao longo das estradas, dezenas de serrarias se encarregam do beneficiamento da madeira, cuja indústria está em ascensão.

As estradas de rodagem, pelas quais transitavam os tradicionais 'carroções eslavos', estão colocadas em segundo plano. Em 1908, o 'trem de ferro' ganhava a concorrência com as rodovias carroçáveis.

Nesse tempo, o Paraná já havia perdido no Supremo Tribunal Federal, em dois julgamentos, a questão do Contestado para Santa Catarina. Mesmo estando em fase de recursos, para o Paraná a divisa meridional com o Estado do Rio Grande do Sul é definida pelo rio Uruguai.

O censo de 1900 atribuíra ao Paraná 327.136 habitantes, evidenciando o contínuo crescimento de sua população." (Transcrição completa do texto que acompanha o mapa na obra: PARANÁ. Instituto de Terras, Cartografia e Geociência. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná**. Curitiba: ITCF, 2006. p. 18.)



FONTE: COLETÂNEA DE MAPAS HISTÓRICOS DO PARANÁ – ITCG, 2006, P. 19.

A fim de garantir que o empreendimento ferroviário se tornasse lucrativo era necessário obter carga e pessoas para viabilizar o transporte, deste modo os ganhos precisariam ocorrer em outras duas frentes: 1º - na exploração massiva dos recursos florestais com objetivos madeireiros e; 2º - no loteamento das terras já devastadas visando a atração de colonos à região. Para materializar seus planos Farquhar criou a subsidiária *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* (ou simplesmente Lumber) que desempenharia as atividades de exploração da Araucária e de colonização sucessivamente.[123]

Foi esse *modus operandi* praticado pela *Brazil Railway Company* e sua subsidiária Lumber que definitivamente colocou em marcha o processo massivo de devastação das florestas no planalto paranaense e catarinense numa escala industrial até então nunca vista, com intenso desmatamento e sem qualquer projeto de

123 CORRÊA, L.M. A atuação do *holding Brazil Railway Company* (1904-1920). In: **ANPUH**, 2017, Brasília. XXIX Simpósio de História Nacional: Contra Preconceitos-História e Democracia, 2017. v. 1. p. 3-5.

recomposição da vegetação primária. O que resultou num caminho sem volta, já que as empresas (serrarias), que em outros tempos se estabeleceram na região, copiaram o modelo de atuação até o esgotamento da mata com araucárias nas últimas décadas do século XX como veremos a seguir.

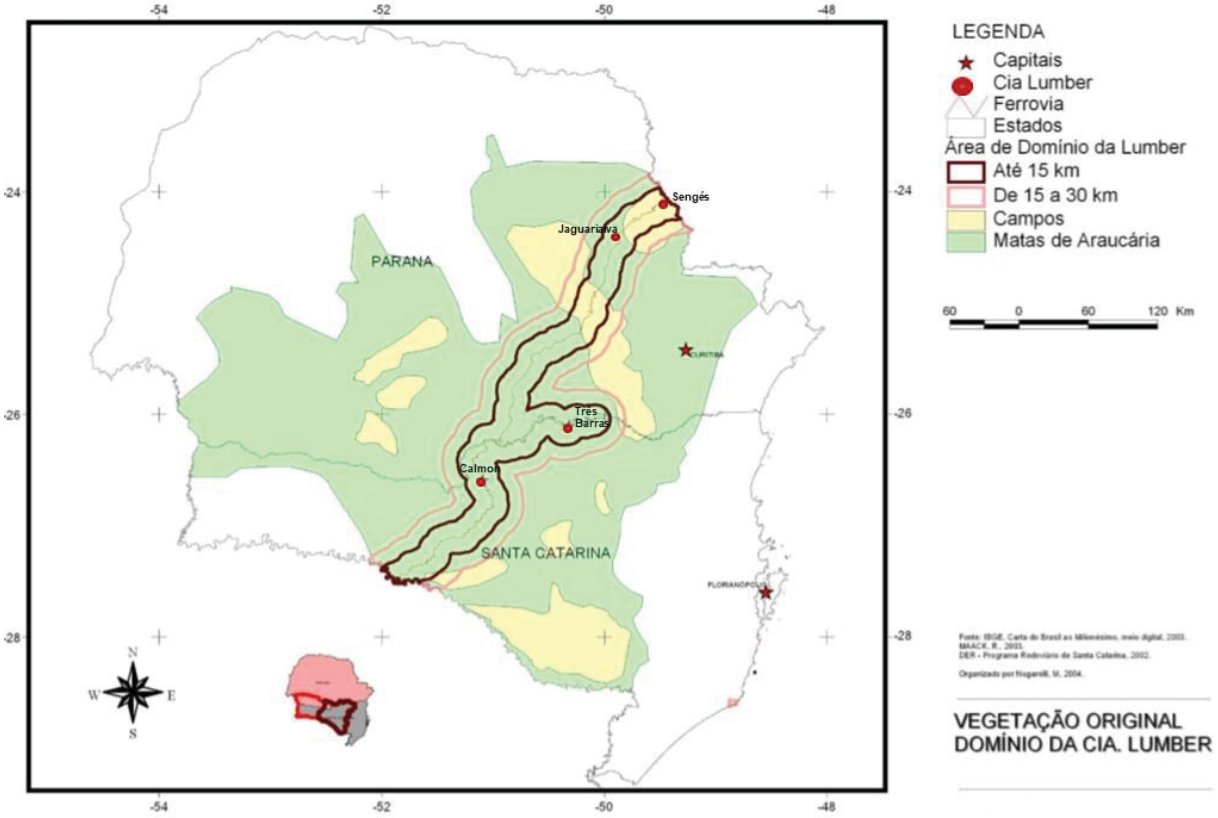
## Lumber: a devastação em escala industrial

Durante o ano de 1910, Farquhar trouxe dos Estados Unidos grande parte do maquinário pesado que teria como destino a instalação da principal e mais moderna serraria da *Southern Brazil Lumber.* Uma grande logística foi montada para transportar por trem de Paranaguá até Porto de Cima e dali seguir, via fluvial, até a foz do rio Negro. Nessa região, divisa do Paraná com Santa Catarina surgiu a maior unidade da Lumber (no atual município catarinense de Três Barras), inaugurada em 1911 e considerada, nos anos em que esteve na ativa, a maior serraria da América do Sul (MAPA 05).

Além desse grande complexo onde viria surgir a cidade de Três Barras, para dar conta da imensidão florestal sob sua administração, durante a década de 1910 foram construídas outras três serrarias menores: Calmon, no vale do rio do Peixe e outras duas em antigas fazendas no Paraná, localizadas em Jaguariaíva e Sengés. Como colocado anteriormente, a Lumber tinha a sua disposição 30 quilômetros no entorno dos trilhos, correspondente a 24 mil quilômetros quadrados[124] (área maior que o Estado de Sergipe) e encravada no meio a Floresta Ambrófila Mista (Mata com Araucárias)

MAPA 05 - VEGETAÇÃO ORIGINAL - DOMÍNIO DA LUMBER

124 MILANI. M. C. *Op. Cit*, 2017, p. 24.




FONTE: Mapa organizado por NOGAROLLI, M., 2004. IN: FRAGA, N. C. *Op. Cit.*, 2006 p. 58.

Com o objetivo de dar início o mais rápido a exploração da área doada pelo Governo Federal, a partir de 1911, a *Brazil Railway*, por meio de sua subsidiária *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, tratou de expulsar de seus domínios todos aqueles que não possuíam títulos de propriedade, composto pela maior parte dos sertanejos na região. Tal decisão, assim como a própria concessão, contrariava a Lei de Terras promulgada durante o Segundo Reinado, em 1850.[125] Além disso, o Governo do Paraná avalizava as ações da empresa, já que o escritório de advocacia de Affonso Camargo, então Vice-Presidente do Estado, a defendia juridicamente sem que houvesse qualquer constrangimento em submeter os interesses públicos aos interesses privados.[126] Essa situação é uma mostra de como os governos (federal e estadual) tornaram-se complacentes com a devastação usando o progresso como argumento para favorecer interesses econômicos a qualquer custo. O binômio exploração-colonização respondia satisfatoriamente aos interesses do

125 "Com a Lei de Terras de 1850, o antigo sistema colonial de concessão de sesmarias havia sido extinto, e dali por diante as terras deveriam ser compradas, refletindo os novos tempos capitalistas em que a terra passou a ser considerada uma mercadoria." (Ver: CARVALHO, M. M. X. de. *Op. Cit*. 2010, p. 204-205.

126 FRAGA. N. C. Op. Cit, 2006, p. 56

Estado Brasileiro e suas autoridades tornaram-se fiéis escudeiros do gigante empreendimento de Farquhar, mesmo quando esses interesses forjaram uma verdadeira revolução civil nos “sertões” entre o Paraná e Santa Catarina, nas terras que até então eram consideradas “devolutas”. Desde os tempos coloniais as famílias caboclas já haviam se estabelecido nesses confins próximos dos entroncamentos do antigo Caminho das Tropas. Viviam principalmente da coleta da erva-mate, beneficiando e revendendo aos grandes fazendeiros locais numa relação clientelista.

A chegada da ferrovia e da madeireira alterou radicalmente a economia tradicional da região, desarticulando os costumes sociais e culturais dos moradores sertanejos. No processo de desmatamento, imensos guindastes e suas correntes arrastavam as grandes toras em direção à composição de trem. Assim, os ervais nativos que existiam em meio à mata, eram arrancados juntos neste deslocamento.

> As novas regiões ocupadas pela empresa, depois de desmatadas, eram loteadas e vendidas a colonos colocados na região pelo estado do Paraná, principalmente poloneses e ucranianos. A intervenção da companhia atingia em cheio o conjunto da região, significando para o caboclo a destruição das matas e ervais. Além do impacto econômico, houve o impacto ambiental e, como resultado do processo de grilagem, um verdadeiro processo de exclusão étnica.[127]

A Lumber formou um corpo de segurança com aproximadamente 300 homens, maior que o efetivo do regimento da polícia de Santa Catarina, que contava, em 1910, com 280 soldados para atender todo o território estadual. Usavam violência para expulsar os moradores e retiravam a madeira das propriedades sem pedir autorização e sem indenizar, provocando grande revolta dos sertanejos. [128]

A Guerra do Contestado (1912-1916) não foi causada somente pelas ações da Lumber, as transformações provocadas pelos negócios de Farquhar foram estopim da maior conflito civil do século XX no Brasil.

> A Lumber era parte do [chamado] “Triunvirato Mortal” (formado por 1-*Brazil Railway* e as suas subsidiárias, 2-as elites locais e o 3-poder estatal). Todos esses três agentes estavam empenhados em expulsar os posseiros das terras que ocupavam tradicionalmente em favor dos novos interesses em jogo.[129]

---

127 MACHADO, P. P. *Op. Cit*., 2001, p. 146.
128 *Ibid*. p. 147-148.
129 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit. 2010, p. 239

Invocando a figura mística do monge José Maria, morto na batalha de Irani em 1912, os sertanejos, invadiram várias cidades na região do Contestado, sabotaram trechos da ferrovia e, em 1914, atacaram com fúria a serraria Calmon, incendiando todo seu estoque, o que causou um enorme prejuízo à empresa.[130] Havia rumores que pretendiam fazer o mesmo na maior unidade da Lumber em Três Barras.

Foram vários os confrontos frente às forças policiais do Paraná e de Santa Catarina, até que as tropas do governo federal foram acionadas pelo presidente Hermes da Fonseca num contingente com mais de 7 mil soldados.[131] Assim como em Canudos (1896-97), uma força militar descomunal foi utilizada contra uma população simples. Milhares foram os mortos entre os massacres e epidemias até o final do conflito em 1916.

No ano de 1913, a Lumber alcançou uma grande produção de madeira estocada para exportação (27 milhões de pés ou mais de 63 mil $m^3$). Mas o caos instalado na região fez com que parasse suas máquinas por longos períodos entre os anos de 1914 e 1915. Como agravante, o início da I Guerra Mundial (1914-1918) fez com que a *Brazil Railway* abrisse falência devido à quebra dos banqueiros investidores europeus.[132]

Porém isso não significou a aniquilação da empresa. Com o fim das guerras (do Contestado e Mundial) a mesma entrou em recuperação judicial, sendo nomeado como seu administrador o banqueiro de Boston e amigo de Farquhar, William Cameron Forbes (1870-1959).[133] Foi a partir daí e, essencialmente, com a conclusão do ramal ferroviário ligando Três Barras ao porto de São Francisco do Sul, em 1917, é que a serraria começou a cumprir com o seu propósito de potencializar a exploração da araucária em escala mega-industrial. Além de ser a árvore mais abundante na mata, passou a ser mais valorizada no mercado internacional. Também eram aproveitadas em menor escala a imbuia, a canela e o cedro, as chamadas madeiras de lei.

A *Lumber Company* estabeleceu um processo industrial altamente mecanizado e com grande organização técnica. Inicialmente se dava o corte das toras em meio à floresta, tarefa realizada por grupos de trabalhadores (em sua maioria,

---

130 *Ibid*. p. 241-242.
131 MACHADO, P. P. *Op. Cit*., 2001, p. 268.
132 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit. 2010, p. 235.
133 *Ibid*. p. 247.

caboclos contratados por empreitada) que se embrenhavam nas matas, selecionavam e serravam as árvores maiores. Na sequência, as toras já derrubadas eram presas por longos cabos de aço e içadas por guinchos movidos à vapor. As toras gigantescas eram arrastadas até a margem de pequenos ramais ferroviários construídos pela própria empresa. Ao serem arrastadas, destruíam toda a vegetação que estivesse em seu caminho, árvores menores, consideradas economicamente menos interessantes. Quando chegavam à beira dos trilhos principais, o mesmo guincho erguia as toras e as colocava sobre vagões que eram conduzidos até a serraria, em Três Barras, que contava com cerca de 400 trabalhadores. Lá dentro, as toras eram serradas, selecionadas e armazenadas mecanicamente. Em seguida, eram carregadas nos trens e levadas até os portos de São Francisco do Sul e Paranaguá e dali enviadas ao exterior.[134]

O principal destino da produção madeireira eram os países platinos, especialmente as capitais Buenos Aires, na Argentina e Montevidéu, no Uruguai.[135] Em 1919, o comércio portenho correspondia a 40% de toda venda da Companhia.[136] Outros países e continentes apareciam como destino do pinheiro destacando-se, sobretudo, a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha e a antiga União Sul-Africana (atual África do Sul).[137] Havia também um grande incremento nas vendas para o Sudeste brasileiro (São Paulo e Rio de Janeiro), evidenciado pelo intenso crescimento urbano dessas regiões durante o século XX. Assim, a maior parte da madeira provinda das serrarias da Lumber (FOTOGRAFIA 08), em Três Barras e Calmon, acabava por ser destinada à exportação, enquanto as duas unidades de Jaguariaíva e Sengés, abasteciam mais o mercado interno.

FOTOGRAFIA 08 – SERRARIA LUMBER EM TRÊS BARRAS: ETAPAS DE PRODUÇÃO, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DA MADEIRA.

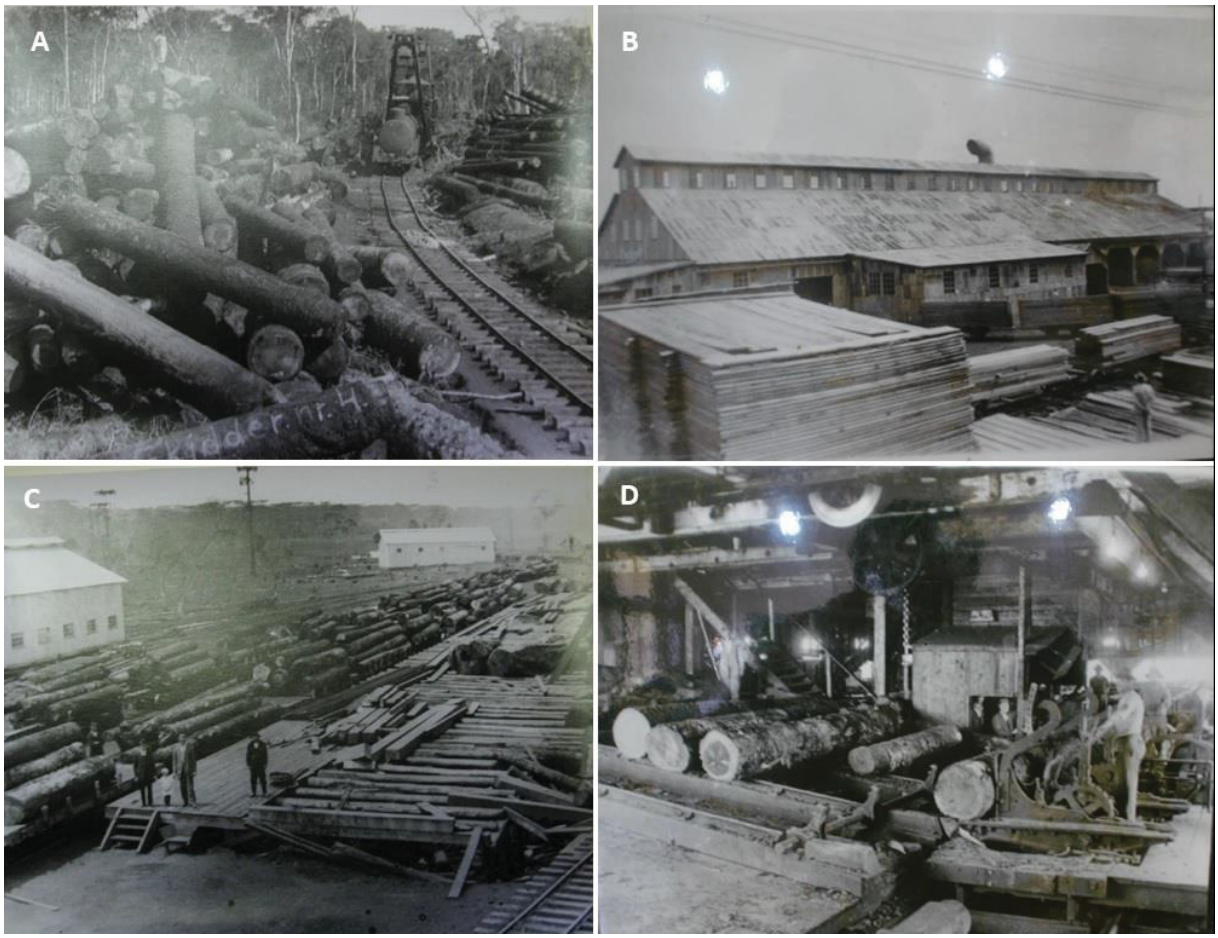
---

134 TOMPOROSKI, A. A. **O polvo e seus tentáculos**: a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. Florianópolis, 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 32.

135 Até mesmo foi produzido um filme, em 1922, para que a Lumber divulgasse a empresa no Brasil e no Rio da Prata, com legendas em espanhol. COMPANHIA Lumber. Produção de Alberto Botelho. 39 min., mudo, preto e branco. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=78H4czJ-anI> Acesso em 17/08/2019.

136 CARVALHO, M. M. X. de. Op. Cit., 2010, p. 264.

137 *Ibid*. p. 137.



A) Guincho da Lumber e toras de araucárias amontoadas ao longo dos trilhos. Região de Três Barras. Década de 1910. FONTE: *Forest History Society*. B) Galpões construídos para a secagem da madeira, chamados de *dry kilns*. Data desconhecida. FONTE: Museu Histórico de Três Barras. C) Toras nos vagões chegando à serraria da Lumber em Três Barras. Década de 1910. FONTE: *Forest History Society*. D) Toras rolando em direção a um "carro serrar", responsável pela transformação das toras em pranchões. Data desconhecida. FONTE: Museu Histórico de Três Barras.

No período de 1911 a 1939 em que a Lumber esteve sob o controle do capital americano os negócios expandiram-se consideravelmente. Segundo Carvalho (2010), nesse período: "produziu aproximadamente 1.524.378 m³. Ou seja, (...) em 27 anos (1912-1939) implicou no desmatamento de pelo menos 37 mil ha."[138] Em muitos momentos a *Brazil Railway* foi denunciada por outras empresas por monopolizar o mercado ao beneficiar as suas subsidiárias no acesso à estrada de ferro. A situação era tão adversa que muitos pequenos madeireiros viam suas tábuas empilhadas, ao longo dos trilhos, por até dois anos à espera do embarque.

A Lumber também obtinha seus lucros com a colonização e o loteamento das terras já desmatadas, complementando o processo de devastação iniciado pela atividade madeireira. As árvores que ainda permaneciam nos lotes tornavam-se

138 *Ibid*. p. 276.

“reservas de mercado”, já que os colonos eram obrigados a revendê-las pelo preço estabelecido e no momento que a empresa assim decidisse. Tal atitude não permitia a regeneração natural da vegetação, demonstrando que seus empresários não tinham interesse algum em reflorestar estas áreas ainda que parcialmente, pois equivocadamente as florestas com araucária eram vistas como praticamente infinitas.[139]

Na década de 1940, marcada pela conjuntura da II Guerra Mundial (1939-1945), como também pela instituição do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), ocorreu o processo de estatização das companhias estrangeiras. Entre elas estava a *Brazil Railway*, que se transformou na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Passada ao poder do Estado, a serraria da Lumber em Três Barras continuou funcionando até 1951, quando foi definitivamente desativada.[140] Era o fim de um grande império madeireiro, mas não o fim da devastação florestal no sul do país, que ainda iria perdurar por mais algumas décadas até o esgotamento das florestas primárias e seus inconsequentes danos sociais e ambientais.

## DISCURSOS DIVERGENTES

A história da floresta com araucária no território paranaense não se resume apenas a um conjunto de relatos sobre sua devastação que, apesar de ter se mostrado incontrolável ao longo do século XX, também recebeu severas críticas e inquietações de três grandes estudiosos que foram contemporâneos deste processo, Romário Martins, Frederico Carlos Hoehne e Reinhard Maack. Por meio de suas produções e discursos buscavam alertar sobre a destruição florestal desenfreada cujo desfecho já nos é bastante conhecido.

É importante salientar que o motivo dessa crítica estava fundamentado, basicamente, em argumentos produtivistas. Ou seja, encontravam-se mais preocupados com o imenso desperdício dos recursos naturais e suas propostas se relacionavam ao seu uso racional e na recuperação das áreas degradadas por meio de reflorestamentos, além da otimização e modernização da indústria madeireira visando uma maior qualidade produtiva em detrimento da imensa quantidade

---

139 *Ibid*. p. 277.

140 Esta área passou para o controle do Exército Brasileiro. No local foi criado o Campo de Instrução Marechal Hermes, utilizado para manobras militares.

desperdiçada. Apesar de se mostrarem sensibilizados às questões ambientais seria anacrônico dizer que, na época em que expuseram suas advertências, os mesmos antecipassem os discursos ecológicos e de sustentabilidade, cujos conceitos foram formulados apenas nas últimas décadas do século XX.

## Romário Martins e a legislação florestal no Paraná

Um homem multifacetado: assim podemos definir o curitibano Alfredo Romário Martins (1874-1948). Entre as tantas atribuições que desempenhou, foi tipógrafo, jornalista, historiador e político, exercendo dez mandatos como Deputado Estadual e várias funções na administração pública, destacando-se como diretor do Museu Paranaense. Foi um dos grandes líderes intelectuais da sociedade local em seu tempo, exercendo papel de vanguarda ao partilhar do movimento simbolista e positivista sob a influência de Júlio Perneta e Dario Velloso, quando defendeu o anticlericalismo e intitulou-se como um socialista combativo, chegando a publicar em 1895 a obra “Pelo Socialismo”, voltada a análise dos sistemas sociais e de crítica à sociedade. Porém, contraditoriamente, a elite provinciana o aplaudia e o agraciou com o título de “Príncipe dos Jornalistas do Paraná”. Além de participar na criação de várias revistas literárias, propôs a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, fazendo com que se empenhasse entre os anos de 1901 a 1916, na pesquisa documental e cartográfica sobre a questão dos limites entre o estado do Paraná e Santa Catarina. Estes foram movimentos e correntes cruciais à compreensão do pensamento de Romário Martins e em sua participação e liderança no movimento paranista, como veremos adiante.[141]

Porém, o aspecto de maior relevância abordado neste trabalho é o fato de Romário Martins ter dedicado grande parte de sua vida pública na discussão das questões relacionadas à devastação das florestas em solo paranaense durante a primeira metade do século XX. Nesse contexto o Paraná foi o primeiro estado brasileiro a aprovar um código florestal, no ano de 1907[142] contando com a sua

---

141 CARNEIRO, C. B. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013. p. 96-100.

142 Paraná. Lei Estadual nº 706 de 01/04/1907, que cria o Código Florestal no Paraná. Lembremos que o primeiro Código Florestal Brasileiro só foi instituído anos depois, pelo Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934.

colaboração, enquanto legislador estadual. O interesse nesse pioneirismo coincidiu com o discurso que viria a proferir no ano seguinte, durante o 2º Congresso de Agricultura ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, quando defendeu fervorosamente a expansão da indústria madeireira no Paraná, na época ainda incipiente e enfatizou as inúmeras utilidades do pinho brasileiro e de suas excelentes qualidades como madeira, contra a importação das espécies provindas da Europa e da América do Norte. “Comparado com os seus similares, o pinho-do-paraná tem vantagens eminentes. É mais forte, tem maior elasticidade, é mais belo, é dócil à plaina, é esplendente ao polimento – e é nosso”[143]. Com extremo otimismo, reverenciou o pinho como uma “fortuna colossal” afirmando que, só no território paranaense, haveria um imenso estoque de pinheiros industrializáveis com capacidade de trazer “emancipação econômica” ao Brasil[144].

O Código Florestal que ajudou a redigir, juntamente com o deputado João David Perneta, no ano de 1907 ia além da proposta de somente organizar a extração madeireira, o que antecipava a sua exploração em larga escala. Ali apresentaria a ideia de que a conservação das florestas também estava voltada à proteção das nascentes e do curso dos rios (o que chamamos hoje de Áreas de Proteção Permanente ou Matas Ciliares), da regulamentação do uso e ocupação do solo e de sua relação com a salubridade pública. Romário Martins imaginava que se conseguisse incutir essa visão racional de uso dos recursos florestais na sociedade paranaense, demonstraria o seu avanço no modelo de uma sociedade civilizada (visão positivista). Nas décadas seguintes revisou e atualizou o Código Florestal, redigindo e aprovando suas novas versões em 1919[145] e em 1926[146], dentro do contexto da nova dinâmica comercial com o findar da 1ª Guerra Mundial, o que resultou no aumento exponencial da exportação madeireira aos países platinos e mais tarde, aos países europeus que, durante as décadas seguintes, necessitariam de muita matéria prima (diga-se madeira) para reconstruir o Velho Mundo arrasado durante os maiores conflitos do século XX.

---

143 MARTINS, A. R. **Livro das árvores do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004. p. 154.

144 *Ibid*. p. 154.

145 Paraná. Lei Estadual nº 1893 de 11/04/1919, que reorganiza o Código Florestal no Paraná.

146 Paraná. Lei Estadual nº (?) de (?)/02/1926, que reorganiza o Código Florestal e consolida as demais leis vigentes sobre a exploração de madeiras.

Como novidade, no projeto de lei de 1919, havia a proposta de se estabelecer novas medidas reguladoras da exploração madeireira e do papel do Estado em normatizar e providenciar o reflorestamento das áreas devastadas, que começavam a se estender pelo interior. Já as mudanças trazidas na lei de 1926, evidenciavam a classificação de três conjuntos de áreas florestais no solo paranaense: as florestas protetoras (aquelas já expostas na lei de 1907), as florestas de exploração voltadas para uma atividade madeireira mais racional e na proposta de criação de reservas florestais controladas pelo Estado, inspiradas no modelo conservacionista estadunidense, visando a preservação das espécies nativas. Outro fato relevante foi a criação do "Dia da Árvore", no dia 22 de setembro. Com caráter pedagógico, esta data cívica deveria ser comemorada, principalmente, nos estabelecimentos escolares como veneração e reconhecimento da importância das matas "em seus aspectos econômicos, morais e científicos"[147]. O ineditismo também esteve presente quando elaborou o Código de Caça e Pesca, cujo texto foi aprovado pela Assembleia Legislativa no ano de 1924[148]. Mais uma vez, a frente da mentalidade predatória da época, Romário Martins se preocupava também com os animais silvestres que habitavam as florestas em nosso Estado ao proibir a caça de aves e quadrúpedes (exceto carnívoros) entre os meses de setembro e março, além da pesca em época de piracema.[149]

Para não cairmos numa falsa visão ecológica do autor nos moldes como concebemos atualmente e seguindo a argumentação de Décio Szvarca, a preocupação de Romário Martins com os elementos naturais (vegetais e animais) da paisagem paranaense estava relacionada à sua utopia civilizadora, onde a natureza era representada de forma romantizada e com forte influência positivista, por isso Romário Martins defendia que era nobre aos homens o esforço de preservar as espécies, além da ideia que todos os seres eram úteis para o próprio equilíbrio e harmonia do conjunto da natureza.[150]

---

147 *Ibid*. Artigo 30, alíneas "a" e "b".

148 Paraná. Lei Estadual nº 2296 de 04/04/1924, que cria o Código de Caça e Pesca do Paraná.

149 *Ibid*. Artigo 1º e Artigo 2º.

150 SZVARÇA, D. R. **O forjador: ruínas de um mito**. Romário Martins (1874-1944). Curitiba, UFPR, 1993. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. p. 19-49.

> É nobre porque reconcilia o homem com os demais representantes da natureza animada, chama-o a razão das cousas, fal-o sensível a grandeza da criação, desperta-lhe os sentimentos altruísticos – o seu amor à ordem, a construção e a belleza. É útil porque, da não exterminação das espécies animais alludidas, dependem para a humanidade condições econômicas, insubstituíveis, que nenhum homem de alguma observação desconhece.[151]

Ainda em vida Martins verificou as transformações na vegetação paranaense, desde a época em que possuía intermináveis pinheirais no final do século XIX, até a década de 1940, quando já se evidenciava o esgotamento em futuro próximo das florestas de araucária. Com o passar dos anos tornou-se severo crítico da maneira descontrolada com que a indústria madeireira estava acabando com as matas de araucárias. Se antes essas empresas eram por ele vislumbradas como empreendedoras e vítimas do descaso pelo governo federal, posteriormente passou a taxá-las de "pseudo indústrias das serrarias", pois funcionavam de forma arcaica, sem o aproveitamento total e esbanjando grande volume de matéria prima. Por conta disso, em 1944, publicou o Livro das Árvores do Paraná, uma de suas últimas obras, onde revisava a opinião defendida no congresso de agricultura de 1908 e buscava ainda apresentar soluções para a melhor utilização e preservação das árvores nativas em acordo com a legislação existente por ele elaborada.[152]

Ademais, parece contraditório o Paraná ter sido o primeiro Estado a apresentar um Código Florestal no território brasileiro, apesar da necessidade de se estabelecer um ordenamento legal à atividade madeireira, já que a devastação passou a ocorrer de forma cada vez mais desmedida e desordenada, o que exigia uma regulamentação apropriada. Mesmo com o esforço em aprimorar o seu texto em versões atualizadas, Romário Martins lamentava a inoperância do Código, já que os madeireiros não tiveram muitas dificuldades para descumprir o que estava prescrito na lei, pois contavam com as vistas grossas dos governantes que também não moviam ações para sua efetiva aplicação.[153]

> Esse Código [...] ficou constituindo mera decoração da legislação paranaense, como, aliás, tantas leis visadoras de interesse público. A existência do Código protetor do mais rico patrimônio natural do Estado não

---

151 MARTINS, A. R. **A caça e a pesca no Paraná**: lei e sua justificativa. Curityba: s.n, 1924. p. 10.

152 CARVALHO, M. M. X. de. *Op. Cit*., 2010. p. 166.

153 AMADIGI, F. R**. Legislação florestal no Paraná**: a "preocupação ecológica" de Romário Martins (1907-1944). Curitiba, 1999. Monografia (Graduação). Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. p. 31-32.

> impedia em coisa nenhuma que as florestas continuassem a ser impunemente devastadas pela pseudo indústria das serrarias. Foi como se não existisse. A mentalidade política do Paraná não comportava ainda a preocupação pelos problemas do futuro.[154]

Outrossim, devemos considerar que o Código Florestal ocorreu na contramão do grande projeto político, não só estadual como também nacional, de ocupação das terras "devolutas" do interior do país, resultando na tão aclamada "Marcha para o Oeste", vindo de encontro aos interesses não só das madeireiras, mas das grandes companhias colonizadoras, pois para concretizar o propósito de desbravar o sertão, colonizar as terras e fazê-las produtivas, era imprescindível a derrubada das matas.

## O Pinheiro como símbolo da Identidade Paranaense – O Paranismo

Em 1853 a Província do Paraná, desmembrada de São Paulo, foi a última unidade federativa criada no II Império. Apesar de ter sido estratégica no papel vigilante e centralizador do poder imperial, na tentativa de frear os impulsos separatistas das províncias sulistas, durante muito tempo, entre o final do século XIX e o início do século XX, foi considerada apenas como lugar de passagem, com uma economia incipiente fundamentada nas atividades extrativas (erva-mate e madeira) e na criação de gado (como resquício do tropeirismo). Além de contar com uma pequena população que se concentrava em apenas um terço de seu território (na porção centro-leste), conhecida atualmente como Paraná Tradicional ao mesmo tempo que os outros dois terços eram desconhecidos e suas fronteiras ainda indefinidas. Até o final do período imperial também não possuía autonomia política, pois os Presidentes de Província vinham de fora e eram nomeados por D. Pedro II.

Mesmo o Paraná sendo relegado a um segundo plano, neste período ocorreram algumas medidas imperiais que impulsionaram a pobre Província ao mundo da modernidade, como a política voltada aos imigrantes europeus atraídos para as áreas rurais e constituindo colônias agrícolas com ajuda do governo. Como consequência, alguns se dirigiram aos centros urbanos e formaram um grande contingente de mão de obra especializada, alterando as características da sociedade local. Mais importante ainda, foi a construção da estrada da Graciosa em 1876 (uma

---

154 MARTINS, *Op. Cit*., 2004, p.93.

das primeiras estradas de rodagem do Brasil) e da grande obra de engenharia que resultou na estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, em 1885. As duas exerceram papel fundamental para o incremento da economia local, pois encurtaram o tempo e aumentaram exponencialmente a quantidade de mercadorias transportadas entre Curitiba e o litoral ao atravessar as grandes escarpas da Serra do Mar.

Porém, foi a partir da Proclamação da República, em 1889, que a elite paranaense começou a ganhar mais autonomia e, por consequência, os políticos, intelectuais e artistas locais passaram a ser mais atuantes. Ao final do Império os clubes republicanos foram inspirados pelo positivismo, cujo lema era: “amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”. Assim, a ideia positivista do modelo republicano influenciou grande parte da elite local. Para o fundador do Positivismo, o francês August Comte, a fase metafísica seria superada pela sociedade positiva ou científica. Em síntese, a Monarquia representava a metafísica e, portanto, o atraso, enquanto a República trazia consigo todo o ideal modernizante representado pela ciência (criação da indústria e elogio do maquinismo) e, sendo assim, capaz de gerar uma nova sociedade.[155]

Uma outra consequência do Positivismo resultou em um forte sentimento anticlerical por parte dos republicanos. Ao final do século XIX o discurso científico tinha adquirido um caráter incontestável, enquanto a visão de mundo da religião ainda ancorava a fase mítica da sociedade, representando também o atraso do Antigo Regime. Por conta disso, não foi uma coincidência o fato de a primeira constituição republicana estabelecer a separação entre o Estado e a Igreja, instituindo o chamado Estado Laico[156]. Assim, os republicanos fizeram grandes esforços para reelaborar a história nacional ao substituir os símbolos e rituais religiosos por símbolos e rituais cívicos. Nesse sentido, as representações de santos foram substituídas por grandes personagens de nossa história (os heróis). Foi assim que surgiu, por exemplo, o grande herói e mártir da República: Tiradentes, cujo sacrifício (por uma pátria que ainda nem existia) o assemelhou ao próprio Cristo[157].

---

155 PEREIRA, L.F.L. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. p. 18.

156 Op. Cit, 155, p. 19.

157 Op. Cit. p. 46.

As mudanças também atingiram os centros urbanos, quando muitos logradouros de ruas e praças tiveram seus nomes modificados para que a população esquecesse dos símbolos imperiais e passassem a reverenciar os novos símbolos republicanos. Em Curitiba as ruas e praças centrais receberam o mesmo tratamento. A antiga rua da Imperatriz virou a Rua XV de Novembro (data cívica da Proclamação da República). A rua do Imperador, recebeu o nome daquele que o destronou, o Marechal Deodoro da Fonseca e a Praça Central, antes chamada de Largo da Matriz (em referência à Igreja de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais), passou a ser mais conhecida como Praça Tiradentes (em homenagem ao herói santificado pela República).

Curitiba estava longe de ser uma grande metrópole, mas havia significativas mudanças em seu processo de urbanização, quando deixava para trás os ares provincianos rumo a modernidade proporcionada pelo surto econômico da indústria e exportação do mate. Tal conjuntura já vinha se constituindo desde o final do Império, à medida em que eram criadas instituições voltadas à cultura, à arte e a educação, como o Arquivo Público, a Biblioteca Pública, o Gymnasio Paranaense, a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná, o Museu Paranaense, entre outros. No período republicano ocorreu uma grande mobilização da elite local para criar a Universidade do Paraná, a primeira do país. Eram evidentes os sinais de mudanças na cidade que incitava uma grande efervescência cultural para o deleite da burguesia local. Surgiram os cafés, os restaurantes, estúdios fotográficos, as atrações dos cinematógrafos, além das grandes feiras e exposições dedicadas às novidades tecnológicas. Tudo isso não escondia o fato de que a maioria da população vivia em meio a pobreza, a insalubridade e epidemias (como a varíola, o tifo e a gripe espanhola). O crescimento populacional refletia a falta de políticas públicas no campo da habitação, de saneamento, de geração de empregos e de segurança, demonstrando que muito havia o que se fazer nas terras da antiga 5ª Comarca.[158]

Neste meio tempo eram abertas escolas de artes, música, pintura e se espalhavam os grupos e clubes literários que reuniam os grandes escritores, poetas e pensadores locais. “As discussões versavam sobre republicanismo, livre-pensamento, ocultismo, positivismo, patriotismo, nacionalismo, movimentos

158 Op. Cit. 155, p. 19.
CARNEIRO, C. B. O museu paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013, p. 67 -74.

operários, simbolismo, neopitagorismo, maçonaria, espiritismo (...) e anticlericalismo”[159]. Aliás, o movimento literário simbolista formou uma geração de grandes nomes reconhecidos nacionalmente, como Emiliano Perneta, Nestor Vitor, Dario Velloso, Júlio Perneta, entre outros. Até a década de 1920, os simbolistas souberam utilizar a imprensa como veículo para disseminação de suas ideias, assim como nos periódicos literários criados por eles como Club Curitibano, O Sapo e O Cenáculo.[160]

Foi neste cenário que se destacou a figura de Romário Martins, cuja colaboração na imprensa diária da capital paranaense foi intensa desde a Proclamação da República, quando fundou e participou de várias revistas literárias e científicas da época.[161] Segundo Szvarca, Martins foi fortemente influenciado pelo Movimento Simbolista, que marcou os traços de sua extensa obra, como o forjamento de símbolos e de uma “alma regional” que identificassem no Paraná e no paranaense as ideias de uma civilização nos parâmetros da civilização europeia. Também foi um dos protagonistas na defesa do Estado do Paraná frente à disputa nos limites fronteiriços com Santa Catarina e teve que reunir extensa documentação e mapas históricos como fontes em diversos arquivos, visando comprovar a primazia do Paraná na questão do Contestado. Isso fez com que despertasse a sua veia de historiador e suas publicações, que versavam sobre vários temas da história do Paraná, tornaram-se as grandes obras de referência na época.[162] Tudo isso o credenciou para que se constituísse no grande líder do Movimento Paranista que ajudaria a criar.

Quando o poeta Domingos Nascimento viajou para o norte do Estado em 1906, verificou que a população local chamava os forasteiros vindos da região de Curitiba de “paranistas”, termo que equivalia ao “paulista”, pois era assim que se autointitulava a maior parte dos migrantes do norte cafeeiro. Segundo o próprio Romário Martins, quando seu amigo e poeta apresentou a descoberta do curioso termo em um de seus textos “viu na palavra não somente a beleza, mas também que

---

159 Op. cit. 156, p. 74

160 Op. cit, 156, p. 86-87

161 SZVARÇA, D. R. **O forjador**: ruínas de um mito. Romário Martins (1874-1944). Curitiba, UFPR, 1993. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. Página 3

162 SZVARÇA, D. R. O forjador: ruínas de um mito. Romário Martins (1874-1944). Curitiba, UFPR, 1993. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. Página 3-5

no sufixo “ista” encerrava a significação de cultor de alguma coisa – de paranaense devotado, defensor de sua terra por exemplo”[163]. Alguns anos mais tarde, o próprio Romário Martins acabou por se apropriar da palavra ao criar o Movimento Paranista.

O Paranismo, como também ficou conhecido, envolveu a atuação de políticos, intelectuais, artistas, escritores e historiadores na construção de uma identidade cultural para o Estado do Paraná. Tal construção estava impregnada de imagens de progresso, civilização, trabalho e ordem e queriam criar padrões de comportamento para a sociedade paranaense da época. Sendo assim, visavam constituir o “ideal paranista”, projetando o paranaense do futuro, pois este tipo ideal estaria no futuro pois durante a conjuntura da Primeira República havia um forte cunho descentralizador o que abriu espaço para a construção de regionalismos por meio do fortalecimento das oligarquias locais. Foi quando, em alguns estados da federação, os intelectuais vinculados aos Institutos Históricos, buscaram um fortalecimento de suas identidades regionais por meio de uma construção histórica mítica. No Rio Grande do Sul se moldou a figura do gaúcho, em Minas Gerais surgiu um forte sentimento de mineiridade e em São Paulo se construiu a figura heroica do bandeirantismo.[164]

Os alertas do geógrafo alemão Reinhard Maack

O geógrafo alemão Reinhard Maack[165] em sua obra Geografia física do estado do Paraná, publicada em 1968, descreve a sua preocupação com as regiões de matas devastadas, alertando que 199.688 Km² do território estava nesta condição. Observa que, de norte a oeste do estado, a mata pluvial já havia sido substituída pela agropecuária, numa extensão de 48.208 Km², até 1965. Devido a expansão da monocultura do café, não havia espaço para que houvesse a regeneração do mato secundário. Soma-se a esta situação o incêndio florestal ocorrido em 1963 no Paraná. Destaca que 57.314 Km² de área de mato secundário é corresponde a área primitiva de mata das araucárias que foi sistematicamente devastada e abandonada

163 MARTINS, R. **Paranistica**. A Divulgação. Curitiba, fev. mar.1946, p.90-94.

164 PEREIRA, L.F.L. Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. Página 49-50

165 MAACK. R. **Geografia física do estado do Paraná. Curitiba:** UFPR/ IBPT, 1968.

posteriormente, restando apenas os “esqueletos de árvores”[166] e que abriram espaço para as samambaias. As preocupações de Maack também fazem referência à Serra da Boa Esperança, onde registra ao longo da rodovia Guarapuava-Pitanga a destruição de significativas reservas de imbuia, alertando que a reposição deste tipo de vegetação exigiria mais de cem anos para que pudesse estar em condições de aproveitamento. Alerta, que em pouco tempo, os remanescentes da mata virgem seriam totalmente dizimados.

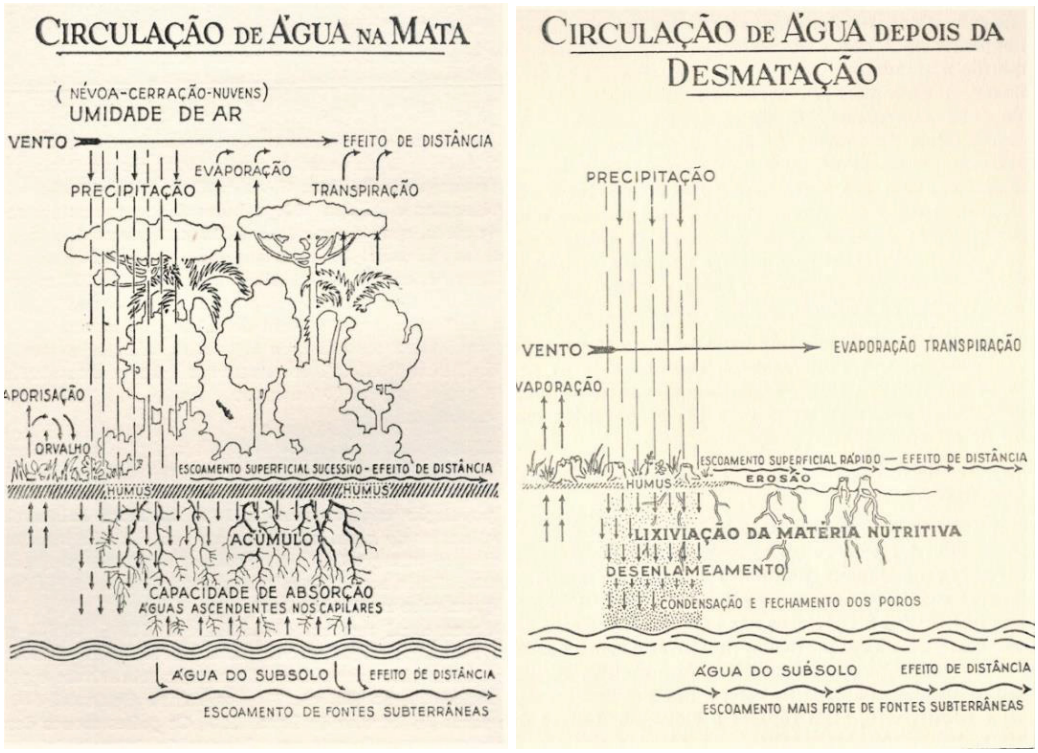
Em seus registros, constata que o mato secundário ocupa o lugar da mata pluvial-tropical, mesmo em áreas onde não se cultiva o café. Esta condição está presente nas margens do rio Ribeira e afluentes e também no rio Ivaí-Piquiri no terceiro Planalto e ainda margeando o rio Paraná.

Como consequência do desmatamento e da ausência da criação de reservas e ou de reflorestamento, Maack registra a destruição do habitat dos indígenas da etnia Xetá, a alteração nos níveis de precipitação, que se tornaram irregulares, observando a oscilação de períodos de seca e de maior incidência de chuvas em diferentes regiões do estado.

Outro alerta, diz respeito à população paranaense, que teve um crescimento de 26,8% em 18 anos, em contrapartida, foram destruídos 35% da vegetação original. Ressalta que esse aumento populacional se deu principalmente no meio urbano e não rural, o que acentua ainda mais a preocupação com a devastação da floresta. Os fatores naturais como o clima, que envolvem a temperatura, a umidade e a circulação da água, bem como o solo exaltados pelas suas qualidades pelos primeiros viajantes, foram alterados segundo Maack pela destruição irracional das matas e que tiveram como consequência a redução da umidade, o aumento da temperatura e alteração química da composição do solo, a lixiviação das camadas superiores e o seu empobrecimento com a destruição das bactérias e com a erosão. Para ilustrar suas observações, o geógrafo faz uma apresentação de dois esboços adaptados à situação do estado do Paraná, a partir de um esquema desenvolvido por J. Siegmund de 1949 (ILUSTRAÇÃO 04).

ILUSTRAÇÃO 04 - CIRCULAÇÃO DA ÁGUA NA MATA ANTES E DEPOIS DA DESMATAÇÃO

166 Op. Cit. 165, p. 231.




FONTE: MAACK, R. **Geografia Física do Paraná**, Curitiba, 1968, p. 236 e 238.

Tanto Romário Martins como Reinhard Maack demonstraram a sua preocupação com a destruição descontrolada da vegetação das terras paranaenses, bem como as consequências negativas dessa realidade para o desenvolvimento econômico que se pretendia. Apesar de toda essa preocupação e do desempenho de ambos, não se vislumbrava na época qualquer ação governamental para mudar o quadro apresentado.

A realidade da destruição da vegetação natural era vista como símbolo de progresso, como já apontado anteriormente, e foi esta percepção que marcou a construção do álbum comemorativo do centenário do Paraná, publicado em 1953, com fotografia de Peter Scheier, pelo governo do estado do Paraná e que será objeto de estudo no próximo capítulo.

## SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: HISTÓRIA AMBIENTAL DO PARANÁ

Sequência didática pode ser descrita como um conjunto de práticas pedagógicas que permeiam a abordagem de uma determinada temática curricular e que exigem do professor o planejamento de todas as etapas do trabalho que pretende desenvolver com os seus alunos. Isso compreende a definição de objetivos, dos conteúdos, da metodologia, do material didático, do tempo a ser utilizado, das atividades a serem desenvolvidas pelos alunos e da avaliação.

A escassez de materiais didáticos sobre a história do Paraná e mais especificamente sobre a história ambiental do Paraná, bem como o meu interesse por este campo de pesquisa, resultaram na produção de duas sequências didáticas. A primeira tem como título “A devastação florestal no território paranaense: uma proposta de encaminhamento para o ensino de história”. Ela é o resultado de um trabalho já desenvolvido com alunos do 9º ano e que envolveu o uso de mapas e tabelas para a melhor compreensão do processo de devastação florestal no Paraná, por meio da análise de documentos diversos dos comumente utilizados nas aulas de história. A segunda sequência didática intitulada “A apropriação da natureza e a construção da modernidade no Paraná: o uso da fotografia no ensino de história” é uma proposta construída a partir do desafio de explorar o álbum comemorativo do centenário de emancipação política do Paraná no campo da história ambiental, tendo como fonte privilegiada a fotografia.

Entendo que muitas das práticas realizadas em sala de aula se perdem ao longo do tempo, pois em meio a estafante rotina de professores da educação básica, não há tempo para sistematizar as experiências e/ou aprofundar os estudos em uma determinada temática. Como tive a oportunidade de participar do ProfHistória compartilho aqui ambas as sequências didáticas que resultam dos estudos e das experiências de uma vida dedicada ao magistério e ao campo da história ambiental.

## A DEVASTAÇÃO FLORESTAL NO TERRITÓRIO PARANAENSE: UMA PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO PARANÁ

O material apresentado neste capítulo, intitulado “A devastação florestal no território paranaense: uma proposta de encaminhamento para o ensino de História” é composto de um conjunto de fontes (Mapas e Tabelas) produzidas pelos órgãos ambientais (Instituto Ambiental do Paraná - IAP) e de planejamento (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES), vinculados ao Governo Estadual do Paraná. Estas fontes foram utilizadas como material para a realização de atividades com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, inseridas em meu Plano de Trabalho Docente com o objetivo de problematizar as questões ambientais (neste caso o processo de devastação florestal no território paranaense) e relacioná-las ao contexto da história do Paraná, visando proporcionar aos alunos a uma experiência participativa na construção do conhecimento histórico.

Inicialmente os alunos foram instigados a observarem a sequência de mapas do território paranaense demonstrados na FIGURA 13. Mesmo sem fazer análises mais aprofundadas, visualmente, puderam perceber que ao longo de um século, apenas com a alternância de duas cores (o verde representando as áreas florestais e o branco às regiões desmatadas[167]) que houve um intenso processo de alteração da paisagem natural. O conjunto de mapas apresenta o processo de desflorestamento que ocorreu simultaneamente a ocupação do Paraná, numa sucessão de datas (1890 – 1930 – 1950 – 1965 – 1990), deixando evidente o contraponto entre as duas extremidades, como se o último mapa (1990) fosse um negativo fotográfico do primeiro (1890).

Na sequência, foi apresentada a TABELA 02 que quantifica, em uma base de dados, os resultados de pesquisas que demonstram a perda da cobertura florestal ao longo do tempo (em hectares) e em termos percentuais.

Em resumo, tanto os mapas quanto a tabela apresentam ao observador a gradativa diminuição da cobertura florestal nativa ao longo do tempo, de acordo com o ideário de ocupação e exploração território do nosso atual estado, principalmente a partir do momento em que se constituiu a Província do Paraná em meados do século XIX.

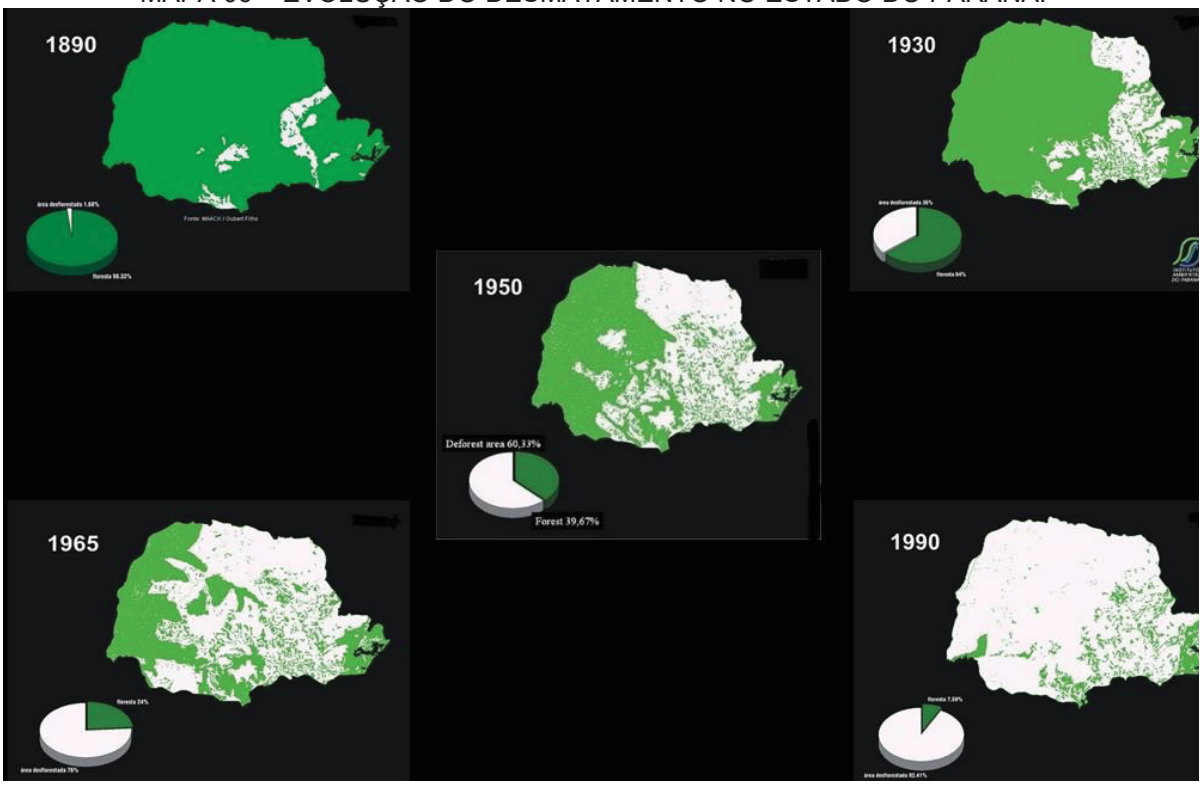
---

167 O primeiro mapa (1890) pode ser considerado uma exceção ao contexto da devastação, por apresentar os chamados “campos naturais”. Áreas classificadas como estepes (Ver o **mapa 01**, p. 23), formadas por grandes extensões de gramíneas, árvores esparsas e porções arbustivas. Nesse mapa os espaços “em branco” no território paranaense estão concentrados no segundo planalto (região dos “Campos Gerais”) e no terceiro planalto (nas porções denominadas “Campos de Guarapuava” e “Campos de Palmas”).

Como atividade foi proposto aos alunos à confecção (construção) de um gráfico com os dados retirados da tabela 02 e comparados aos mapas que retratam a evolução do desmatamento no Paraná (MAPA 06). Para tanto, definiu-se que o mesmo fosse elaborado em papel milimetrado (A4) seguindo às seguintes orientações:

- Eixo Vertical Y (10 cm) – porcentagem da vegetação nativa devastada (de 0 a 100%);
- Eixo Horizontal X – passagem do tempo (1500 – 2000 – perfazendo 500 anos em 20 cm) – noção de proporcionalidade (regra de três).

MAPA 06 – EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ.




FONTE: INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (2002)

TABELA 02 – EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ[168]

| ANO | COBERTURA FLORESTAL (ha) | PERCENTUAL (%) |
|---|---|---|
| (a) 1500 | 17.000.000 | 85,00 |

168 Referências: (a) Cobertura florestal primitiva – estimativa; (b) Maack, 1968; (c) FUPEF, 1984; (d) SOS Mata Atlântica/ INPE/ ISA, 1998; (e) IAP, 2001.

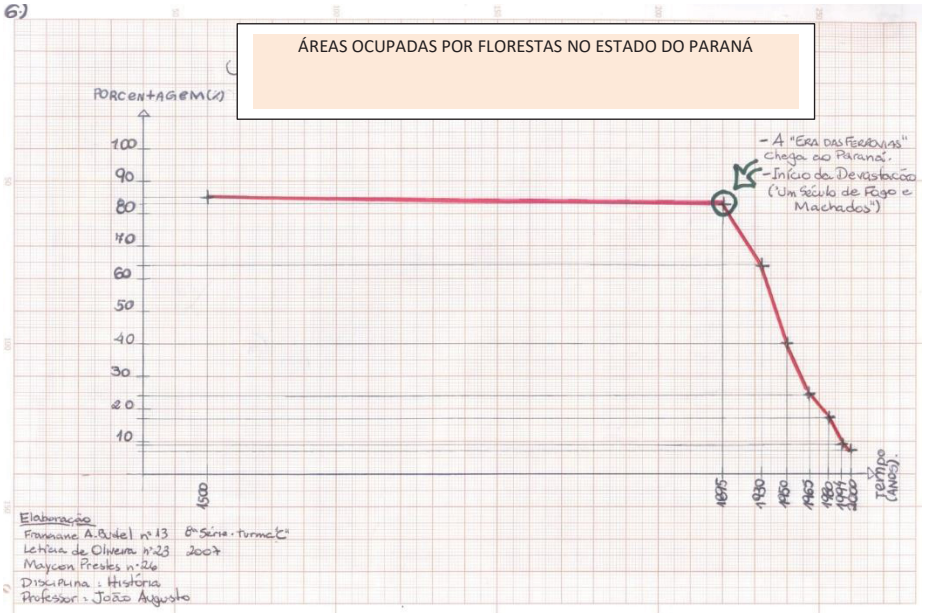
| | | |
|---|---|---|
| (b) 1895 | 16.782.400 | 83,41 |
| (b) 1930 | 12.902.400 | 64,13 |
| (b) 1950 | 7.983.400 | 39,68 |
| (b) 1965 | 4.813.600 | 23,92 |
| (c) 1980 | 3.413.447 | 16,97 |
| (d) 1994 | 1.712.814 | 8,60 |
| (e) 2001 | 1.509.158 | 7,50 |

FONTE: INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (2002).

Convém observar que esta atividade não se limitou apenas aos conceitos relacionados à disciplina de História. Neste exercício interdisciplinar, que durou duas aulas, os alunos ficaram apreensivos, estranhando o fato de terem que construir gráficos com precisão matemática na aula de História, ao fazerem contas (Regra de Três) e localizarem os pontos (coordenadas).

Durante o processo de desenvolvimento da atividade, conforme os alunos foram traçando o conjunto de pontos que ligavam a porcentagem devastada (eixo Y) ao longo da passagem dos anos (eixo X), puderam vislumbrar a evolução do desmatamento do Paraná, conforme apresentado no gráfico 02.

GRÁFICO 02 – ÁREAS OCUPADAS POR FLORESTAS NO ESTADO DO PARANÁ.



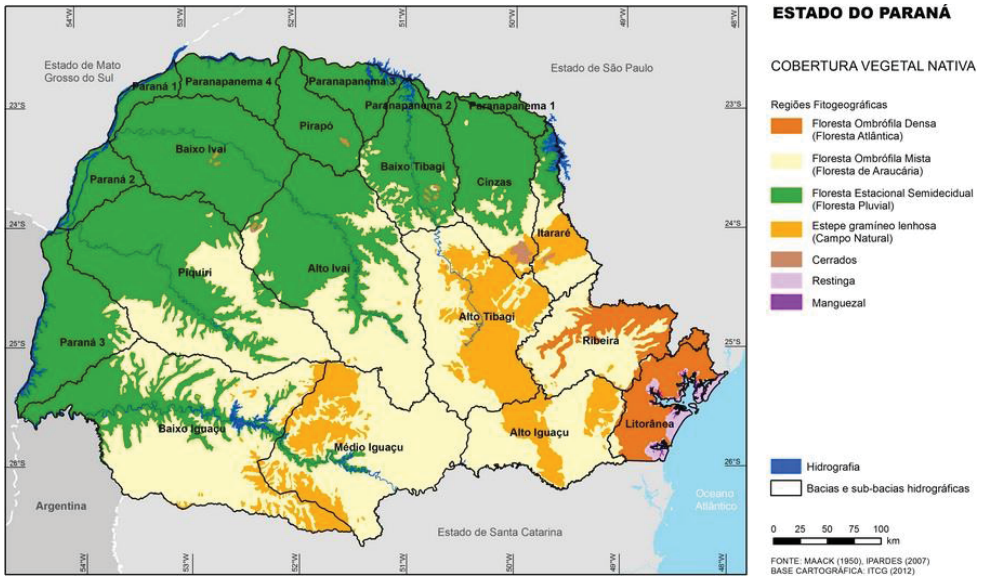

FONTE: Acervo pedagógico do professor João Augusto Reque.

A linha resultante do cruzamento dos dados merecia destaque, por isso foi colorida de vermelho e para interpretá-la adotou-se o conceito de temporalidade proposto pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), relativo à curta duração (acontecimentos), à média duração (conjunturas) e à longa duração (estruturas), citados por Circe Bittencourt:

> Os *níveis da duração* articulam os fatores distintos que explicam as mudanças sociais. O primeiro nível, correspondente ao acontecimento, geralmente se refere ao plano político acidental e individual (forma política da atualidade). O segundo nível aplica-se às conjunturas das relações de poder e das flutuações da economia. O terceiro nível, que se ocupa de movimentos lentos da ecologia humana, de comportamentos coletivos mais enraizados e de crenças ideológicas e religiosas, articula-se, por exemplo, à história cultural das mentalidades. [169]

Na história brasileira, tivemos pouco mais de 400 anos em que poucas mudanças estruturais aconteceram. Durante o período colonial as pequenas vilas espalhavam-se ao longo do litoral em um território quase que continental e pouco havia se avançado em direção ao interior, onde o "sertão" inóspito ainda era considerado território do "gentio" selvagem, o que ocasionou pouca alteração nas áreas compostas pela vegetação dentro das fronteiras que limitavam o território do Paraná (MAPA 07).

MAPA 07 - ESTADO DO PARANÁ: COBERTURA VEGETAL NATIVA




Fonte: MAACK (1950); IPARDES (2007); BASE CARTOGRÁFICA: ITCG (2012)

169 BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 207.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o território paranaense encontra-se quase que totalmente inserido no Bioma da Mata Atlântica[170] e, em termos florestais (conforme o MAPA 07), pode ser assim subdividido:

- a Mata Atlântica ou Floresta Ambrófila Densa, que abrangia a Planície Litorânea, a região da Serra do Mar e parte do Vale do Ribeira;
- a Mata de/com Araucária ou Floresta Ambrófila Mista, que abrangia o Centro-Sul paranaense, marcadamente caracterizada pelo clima subtropical; e
- a Floresta Pluvial ou Floresta Estacional Semi-Decidual (Mata do Interior), que abrangia grande parte dos vales dos rios tributários a rio Paraná (Paranapanema, Ivaí, Piquirí, Tibagi e Iguaçu) no oeste e norte paranaense.

Porém, quero abrir uma ressalva por meio da reflexão trazida por Duarte (2005) ao afirmar que "a nossa sociedade atual não foi a primeira a alterar o meio natural com ações e práticas destrutivas"[171], já que muitos livros didáticos apresentam a chegada dos portugueses como a gênese fundadora do Brasil. A "Carta de Caminha" corrobora com essa visão como documento "oficial" dessa conquista ao descrever essas terras como o "Éden terrestre".

Por conta disso, é importante destacar com os alunos o fato de que essas terras já eram densamente povoadas por populações indígenas de várias etnias[172], sendo que dessas, inúmeras desenvolviam práticas agrícolas adotando métodos considerados "rudimentares" como a coivara, o que deixa cair por terra aquela visão idílica e romântica ao pensar que as matas e campos apresentavam-se num estado absolutamente "natural". Apesar dos impactos destrutivos serem pouco significativos em comparação com o período de dominação europeia.

---

170 IBGE (2004). **Mapa de Biomas do Brasil**. Primeira Aproximação. Escala 1:5.000.000. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/index.php/estantes/mapas/563-mapa-de-biomas-do-brasil>.

171 DUARTE, R. H**. História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 38.

172 Segundo o Censo Escolar de 2013, no Paraná existem 26.559 indígenas, destes, 11.934 habitam as terras indígenas. Os povos kaingangs, de forma geral, são predominantes e correspondem a 70% da população indígena, seguida da população guarani, que representa os demais 30%, além de um pequeno núcleo autodenominado Xetá. Ver: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Boletim – Resultados do Censo Escolar:** Educação Indígena no Paraná – 2013. Curitiba, n. 8, out. 2014, p. 1-6.

Observando o gráfico 02, os alunos também puderam concluir que, posteriormente ao ano de 1885, ocorreu uma ruptura/mudança que marcou um novo processo dentro do território paranaense. A proposta era de nos atermos àquele ponto e demonstrar que, a partir dele, a devastação florestal se intensificou de forma acelerada em pouco mais de cem anos, abrangendo o final do século XIX e todo o século XX.

A partir do trabalho realizado até então, surgiu a necessidade de explorar o conceito de devastação. Conforme explicita Martinez:

> É preciso, assim, definir o alcance descritivo e explicativo na utilização da palavra "devastação" no estudo do meio ambiente pelos historiadores, aproximando-se de uma conceituação. Trata-se, então, de uma forma de exploração dos recursos naturais, marcada, fundamentalmente, pelas características: 1) utilitarismo exacerbado, de caráter predatório, perdulário, dilapidador e destrutivo; 2) drásticas intervenções nos ecossistemas, com impactos ecológicos muitas vezes irreversíveis e que levam ao abandono ou estagnação das atividades econômicas (processos erosivos, perdas na biodiversidade, comprometimento de mananciais, contaminação); 3) fins mercantis, com rendimentos imediatos e elevados no curto prazo; 4) indiferença e ausência de racionalidade na manutenção de estoques dos recursos explorados. É neste sentido que proponho adotar o termo "devastação" na prática da História Ambiental no Brasil. [173]

A abertura dos caminhos, o domínio dos sertões e a "Idade das ferrovias"

Visando ampliar a compreensão dos alunos sobre o significado da mudança apresentada no gráfico 02 foi necessário contextualizar historicamente os acontecimentos que a antecederam. Esta atividade foi realizada a partir do estudo do texto que segue com os alunos.

Em 1854, o Presidente Goes e Vasconcelos denunciava, em seu discurso, que um dos problemas cruciais a ser resolvido era o da abertura de caminhos dentro da Província do Paraná e sobre este assunto manifestou-se da seguinte forma:

> A 1ª necessidade desta provincia he, decididamente, o melhoramento de suas vias de communicação.
> A lavoura (...) [e] o comercio não pode[m] desenvolver-se, enquanto as estradas se conservarem como estão; e o anhelo de atrair, aos excelentes terrenos da provincia, colonos europêos em certa escala encontra forte resinstência no estado deplorável o das suas vias actuaes de communicação, onde não póde rodar hum carro, e tudo se transporta, mal e mui dispendiosamente, em costas de animaes.
> Sobretudo, por em facil communicação o interior da provincia com a marinha, e os municipios serra-abaixo com os de serra-acima, he negócio de tão vital

173 MARTINEZ P. H. *Op. Cit*., 2006. p. 67.

> interesse, que não sei que utilidade haveria em crear-se esta provincia, se os seos mandatários não cuidassem em resolver, á todo transe essa questão que a mais de cem annos agita-se, sem solução satisfatória.[174]

Assim, uma de suas primeiras medidas foi a de dar início, em 1854, a construção da estrada de rodagem da Graciosa, ligando o Litoral ao Planalto Curitibano.

Os caminhos abriam passagem à civilização, e foi por meio deles que, de forma lenta e dificultosa, o interior paranaense começou a ser ocupado. Durante muito tempo os caminhos coloniais surgiram de veredas abertas na mata pelas populações indígenas. Mas ainda havia um interior vastíssimo a ser explorado, composto por terrenos acidentados, pelas extensas florestas e por rios correndo para o interior, eram essas as grandes dificuldades naturais a serem vencidas e conquistadas pelos homens "civilizados".

Durante a maior parte do século XIX, no Paraná, tudo girava em torno do Mate e da Pecuária, cujo transporte era feito nas cangas de mulas, conduzidas pelos tropeiros desde Viamão até Sorocaba, pelo chamado Caminho das Tropas que, com passos lentos atravessavam os Campos Gerais. Dos seus pousos e invernadas surgiram as zonas de povoamento como Castro, Lapa e Ponta Grossa. Os caminhos mais tortuosos eram os que ligavam Curitiba, no planalto, até Antonina, Morretes ou Paranaguá, no litoral, como os do Itupava, do Arraial e da Graciosa.

Esses passos lentos representavam o próprio temperamento do paranaense comum, que apesar dos interesses políticos em melhorar as vias de acesso da Província, contentava-se em suprir as necessidades mínimas de subsistência. Seu sossego só parecia ser perturbado face à ameaça dos índios e animais selvagens.[175]

Para os progressistas, as estradas eram saudadas com entusiasmo. Segundo o viajante e médico alemão Robert Avé-Lallemant, que passou pela Província em 1858, o barulho da derrubada das matas mais parecia "um grito de despertar da civilização que se aproximava".[176]

Devido, principalmente, a falta de mão-de-obra, a construção da Estrada da Graciosa, ligando Curitiba a Antonina, foi bastante morosa, sendo concluída somente

---

174 PARANÁ, Presidente. (1854-1855: Vasconcelos), *Op. Cit*., p. 86.

175 PAZ, F. M. Op. Cit., 1987. p. 22.

176 AVÉ-LALLEMANT, R. Op. Cit., 1980. p. 287.

no ano de 1873. Neste meio tempo foram realizados vários planos para o melhoramento também das estradas que cortavam o interior.

Após a Guerra do Paraguai (1864-1870), as fronteiras do ideário nacional se alargam e tornam-se internacionais. O projeto da empresa *Paraná and Mato Grosso Survey Expedition* reunia técnicos, estadistas e capitalistas, unindo especialistas brasileiros e europeus. Nomes ilustres encabeçados pelo Visconde de Mauá, pelos engenheiros Antonio Rebouças, William Lloyd (inglês) e o Capitão Christian Palm (sueco) eram concessionários de um mesmo ideal: apresentaram ao governo brasileiro o projeto de construir uma Estrada de Ferro que ligasse o oceano Atlântico ao Pacífico. Ela cortaria o território paranaense, se estenderia do Mato Grosso até a Bolívia, subiria a Cordilheira dos Andes e chegaria ao seu fim, no litoral Peruano[177].

Mas, esse megaprojeto de uma ferrovia transcontinental acabou não sendo concretizado devido a inúmeros contratempos. Mesmo assim, marcou o início e a incorporação do Paraná na chamada "Idade das Ferrovias" (1850-1880).[178]

Em 1875, o Relatório conclusivo feito pelo engenheiro inglês William Lloyd sobre as possibilidades de construção da ferrovia anteriormente citada, foi apresentado pelo Barão de Mauá, que faz as seguintes ponderações:

> É imperfeito o conhecimento, que temos da imensa região, que essa estrada de ferro tem de atravessar; o que se sabe, porém, chega e sobra para que o pensamento seja elevado à altura de uma aspiração nacional! Com efeito, – será pouca coisa fazer penetrar um caminho de ferro nos mais afastados confins do nosso território; – conquistar ao deserto dezenas de milhares de léguas quadradas; levar-lhe à população os meios de trabalhar, habitar, enfim, os habitantes de tão remotas paragens a produzir e a consumir, concorrendo, dessa forma, com o seu contingente para a prosperidade e grandeza da pátria.
> – Será pouca coisa arrancar, por assim dizer, as ricas produções, que encerram as entranhas dessa região afastada, e conduzi-las por um rápido trajeto de 50 horas a um porto de mar, convertendo em riqueza o que não tem hoje valor algum apreciável?

---

177 Deste projeto participou, como engenheiro, o inglês Bigg-Wither, resultando na obra já citada anteriormente.

178 Assim trata Hobsbawm sobre a Idade das Ferrovias: "A rede ferroviária mundial passava de pouco mais de 200 mil quilômetros (1870) [...] Essa malha de transportes cada vez mais fina incorporou até os países atrasados e anteriormente marginais à economia mundial e criou nos velhos centros de riqueza e desenvolvimento um interesse novo por essas áreas remotas. De fato, agora que eram acessíveis. Muitas dessas regiões pareciam à primeira vista meras extensões potenciais do mundo desenvolvido, que já estavam sendo povoadas e desenvolvidas por homens e mulheres de origem europeia, eliminando ou repelindo os habitantes nativos, gerando cidades e sem dúvida, como o tempo, civilização industrial: EUA a oeste do Mississipi, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Argélia [e] o Cone Sul da América do Sul." (HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 96.)

> [...] O articulista [...] apresenta votos pelas reformas sociais, econômicas e financeiras necessárias para abrir o Brasil à imigração. Erro separar as empresas de viação do problema da colonização.[179]

Em seu relatório o engenheiro Lloyd complementa seguindo o mesmo raciocínio:

> A larga zona dos Campos Gerais ainda não foi sulcada pelo arado e conta pouco gado manso; depois dessas belas planícies estende-se, até muito além do Paraná, quase ao chegar aos limites da exploração em Mato Grosso, uma vastíssima floresta virgem, talvez inteiramente desconhecida, revestindo terras de subido valor para a agricultura, mas ainda hoje ociosa e desaproveitadas."[180]

Os enfoques e preocupações destes homens desbravadores coincidiam e acabavam apontando os mesmos caminhos: ocupar, dominar, civilizar e abrir espaço para a imigração europeia. Desta forma as florestas cheias de perigos, consideradas incultas e improdutivas, se tornariam terras fertilíssimas, cheias de riquezas dadivosas, mas é claro, somente se subjugadas por aquele que teria competência para tanto: o homem civilizado.

Segundo Lavalle, "em virtude das dificuldades da descida da Serra do Mar, a exportação do pinho paranaense só foi possível, em larga escala, com a abertura da ligação ferroviária Curitiba-Paranaguá (1885) e com o ramal Morretes-Antonina (1891)."[181] (FOTOGRAFIA 09).

Conjunturalmente, este processo marca a incorporação do Paraná na expansão capitalista da Revolução Industrial, principalmente no tocante a extração e beneficiamento da erva-mate e da madeira, às correntes migratórias europeias, ao avanço das ferrovias, além das grandes frentes pioneiras do norte, oeste e sudoeste paranaense que foram consolidadas nas primeiras décadas do século XX.

---

179 NOVO Mundo. n. 19. v. II, 23/05/1875, apud. REDE FERROVIARIA FEDERAL S. A. **Edição comemorativa do centenário da Estrada de Ferro do Paraná**, 1985, p. 94-95.

180 Ibid., p. 95

181 LAVALLE, A. M. **A madeira na economia paranaense**. Curitiba: Grafipar, 1981. p. 13-14.

FOTOGRAFIA 09 – LOCOMOTIVA BALDWIN QUE FEZ A PRIMEIRA VIAGEM DE PARANAGUÁ PARA CURITIBA (1884).



FONTE: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **O sesquicentenário do Paraná no contexto escolar**: caderno-síntese e lâminas de projeção. Curitiba, 2004. p. 29.

## A APROPRIAÇÃO DA NATUREZA E A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NO PARANÁ: O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O objetivo desta sequência didática é proporcionar aos alunos um conjunto de atividades que favoreçam uma compreensão crítica do processo de devastação florestal no território paranaense (1870-1970) para que possam refletir sobre as relações que foram estabelecidas entre o meio ambiente e os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais e como foram construídos historicamente, isto é, resultam das decisões e ações de sujeitos num determinado tempo e lugar. Em síntese, espero propiciar aos alunos reflexões sobre os impactos causados pelo intenso processo de apropriação da natureza ocorrido ao longo dos séculos XIX e XX no território paranaense, tendo como fonte privilegiada a fotografia.

Para iniciar os trabalhos sobre a temática História Ambiental no Paraná, proponho uma aula expositiva com a participação dos alunos, tendo como norte os seguintes questionamentos: *O que é história ambiental*? *Qual a relação que se pode*

*estabelecer entre o passado e o ambiente paranaense*? *Como vocês imaginam que era o território onde hoje é o Paraná há 100 anos atrás*? *Cinquenta anos atrás*? *Será que ocorreram transformações significativas no ambiente*? *Qual a árvore símbolo do Paraná*? *Qual a importância desta árvore para o meio ambiente e para a história da economia paranaense*?

A partir destes questionamentos pretende-se explorar com os alunos aspectos da história ambiental do Paraná discutidos ao longo do capítulo 2, bem como os conceitos de devastação, de progresso, de modernidade, de urbanização, do cotidiano e de desenvolvimento presentes no processo histórico de ocupação do Paraná.

Num terceiro momento, a proposta é problematizar o conceito de documento, tipos de documentos e em especial a fotografia como documento para a história. Conceitos estes abordados nesta pesquisa.

Na sequência os alunos terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a fotografia e os limites e as possibilidades deste tipo de documento para a produção do conhecimento histórico. Seguido de uma breve incursão sobre o fotojornalismo no Brasil, tido como a principal escola de formação de Peter Scheier, responsável pela produção do álbum do centenário do Paraná e a exploração de alguns aspectos de sua biografia, por meio da reconstrução de fragmentos de texto sobre o referido fotógrafo. Isto posto, a proposta é seguir para análise do álbum comemorativo do centenário de emancipação política do Paraná. Todas estas etapas foram pensadas para subsidiar os alunos na produção de narrativas históricas, a partir do trabalho com fichas compostas por imagens do álbum e por questões semiestruturadas. Após a finalização dos trabalhos em grupo e a apresentação oral em classe, a proposta é a organização de uma exposição na escola sobre o processo de devastação florestal do Paraná a partir da fotografia de Peter Scheier, que será formada pela breve biografia do fotógrafo, imagens do álbum e as narrativas produzidas pelos alunos.

A avaliação permeará todas as etapas planejadas nesta sequência didática, indicando os ajustes necessários, o nível de interesse, de participação e a apropriação dos conceitos abordados na realização das atividades.

A fotografia como documento para a história: possibilidades e limites

A palavra fotografia é formada pela junção de *phôs* que significa luz e grafia que é escrita. Assim, “fotografia é a arte de fixar, por meios técnicos, a luz refletida pelos objeto”[182] (KOSSOY, 1998, p. 161).

A fotografia começou a ser utilizada por volta de 1826 na América e na Europa, tendo como recurso a câmara escura e processos químicos capazes de capturar e fixar a imagem. Somente no ano de 1888 é que foi inventando um aparelho portátil para realizar esse processo era a máquina fotográfica. A partir de então, o uso da fotografia foi se intensificando por todo o mundo, sendo utilizado tanto por profissionais, quanto por amadores e passou a fazer parte nas publicações de jornais e revistas de todo gênero. Esse movimento atraia a atenção das pessoas pela fotografia movidas interesse em possuir uma câmera fotográfica. A indústria, atenta ao mercado consumidor vai buscar alternativas para popularizar o acesso a este bem, tão desejado naquele contexto. Nos anos de 1940 surge a Polaroide, seguida de muitas outras opções ao longo dos anos até a invenção da fotografia digital no final do século XX.

O fascínio das pessoas pela fotografia e a sua percepção como retratação do real, como nos lembra Kossoy [183] não passou despercebido pelos representantes de correntes ideológicas diversas que passaram a utilizar a fotografia como recurso para a disseminação de suas propostas, [...] valores, conceitos e padrões sociais.[184]

Devido a relevância da fotografia, desde a sua invenção, esta forma de registro foi tomada como documento e, por isso passou a ser considerada uma fonte de pesquisa importante para a produção do conhecimento histórico. No entanto, todos os documentos, incluindo a fotografia, devem ser analisados de forma crítica pelo historiador. Ele tem a responsabilidade de levantar inúmeras variáveis sobre este tipo de documento, ou seja, precisa questionar, por exemplo: Onde foi produzida a fotografia? Quando? Quem foi o autor da fotografia? O que motivou aquele registro? Que impressão a fotografia causa em quem a vê? E preciso pensar a fotografia como uma ação intencional, que pode ter valorizado determinados aspecto em detrimento

---

182 178 KOSSOY, B. **Análise e interpretação do documento fotográfico**: novas abordagens. In: Usp. Seminário Perspectivas do Ensino de História: USP, 1988, p. 161-2, Citado por CAMPOS, Helena Guimarães. História e linguagens, volume único: livro do professor. 1 ed. São Paulo: FTD, 2009 (coleção história e linguagem)

183 KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3 ed., São Paulo: Ateliê, 2002. Verificar grafia.

184 OLIVEIRA, R. S. D. et. al. **A utilização da fotografia em sala de aula**. História (Coleção A reflexão e a prática no ensino). São Paulo: Blucher, 2012 p. 48 a 59.

de outros. Além de todos estes aspectos há que se preocupar com a edição das fotografias, cada vez mais utilizadas e que podem comprometer uma análise deste tipo de documento pelo historiador. E novas questões podem surgir: O que motivou a alteração da imagem fotográfica? Que interesses motivaram estas alterações? Que recursos utilizou? A Imagem original pode ser recuperada? O que retratava. Diante de todas essas observações é importante compreender que "[...] a fotografia é uma representação do real "[...] o resultado de uma leitura particular do real, ou melhor, de uma interpretação pessoal aprioristicamente carregada de pré-conceitos, e pré-juízos acerca do mundo e da vida[...]".[185]

Apesar de todos os questionamentos que precisam ser feitos em relação a fotografia como uma importante fonte, que em diálogo com outros tipos de documento pode ampliar a análise dos contextos históricos em que foram produzidos. Para Bittencourt, [...] o uso da fotografia pode favorecer o entendimento de mudanças e permanências, por intermédio de um estudo comparativo" [...] que permita observar aspectos de um mesmo lugar em tempos distintos, de modo que o aluno possa perceber semelhanças e diferenças, destacando os elementos que permitam essa análise e ainda discutindo os motivos pelas quais a fotografias foram produzidas. [186]

Conhecer alguns aspectos do tipo de fotografia utilizada no álbum e da biografia do fotógrafo é essencial para a utilização deste tipo de fonte na história, pois o olhar de quem apreende as imagens por meio de uma câmera fotográfica é marcada pela suas experiências e pelo seu modo de ler o mundo. Como alerta Bittencourt (2004, p. 367) é imprescindível ter em mente "[...] que existe sempre um sujeito por trás da máquina fotográfica." A proposta de continuidade desta sequência didática tem como pré-requisito os conceitos problematizados nas aulas anteriores, bem como os apontamentos sobre o uso da fotografia como documento, seus limites e possibilidades a partir da leitura e análise do texto. Neste sentido, Bittencourt (2004) alerta para a necessidade de problematizar a fotografia a partir dos seguintes aspectos, a serem tratados com os alunos na análise das imagens:

---

185 Análise e interpretação do documento fotográfico: novas abordagens. In: Usp. Seminário Perspectivas do Ensino de História: USP, 1988, p. 161-2, Citado por CAMPOS, Helena Guimarães. História e linguagens, volume único: livro do professor. 1 ed. São Paulo: FTD, 2009 (coleção história e linguagem). p. 162.

186 BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental/ coordenação Antonio Joaquim Severino, Selam Garrido Pimenta).

- É preciso reconhecer que a fotografia não é uma reprodução do real, mas uma representação do real;
- Apesar de uma aparente neutralidade, é necessário lembrar que a imagem capturada é produto da intenção de um fotógrafo;
- O espaço, a grau de luminosidade, a escolha do ângulo, o destaque de pessoas e ou objetos é de escolha do fotógrafo;
- O mesmo local, fotografado a partir de ângulos diferentes pode revelar determinados aspectos e ocultar outros, de acordo com o que o fotógrafo pretende mostrar;
- É imprescindível questionar o que, por que e para que as fotografias foram feitas;
- Compreender que as fotografias geram para os seus observadores imagens mentais distintas pois interagem com as memórias de cada um.
- Para que sejam utilizadas como fonte para a história, as fotografias precisam ser datadas, seus personagens reconhecidos e apresentem informações que permitam a sua articulação com outras fontes.[187]

A problematização destes aspectos junto aos alunos é importante para que possam melhor compreender os limites e as possibilidades da fotografia como fonte para a produção do conhecimento histórico. Nesse sentido, cabe, sempre que possível, explorar aspectos da história de quem produziu as imagens, pois auxiliam a pensar sobre as múltiplas variáveis que marcam o olhar do fotógrafo. No caso da formação profissional de Peter Scheier destaco o fotojornalismo que poderá ser apresentado aos alunos por meio de uma aula expositiva.

Esse enfoque permeará a apresentação de uma aula na sequência que versará sobre o fotojornalismo no Brasil e a relação deste tipo de fotografia com Peter Scheier. Sugiro que o professor apresente aos alunos alguns exemplares das revistas como O Cruzeiro, Manchete, entre outras, para que os alunos possam ter contato com este tipo de publicação.

---

187 Texto adaptado para fins didáticos de KOSSOY, B**. Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3 ed., São Paulo: Ateliê, 2002 In: CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Moura Ricardo. História e linguagens, volume único. Livro do Professor. 1 ed. São Paulo: FDT, 2009 (Coleção História e linguagens); BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História**. São Paulo: USP, 1988. p. 161-2 e História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004, p. 267-268. (coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

O fotojornalismo no Brasil – breve incursão

Ao trazer uma breve abordagem do fotojornalismo pretendo localizar com os alunos o lugar de atuação de Peter Scheier, pois teve significativo impacto nas suas produções e que consequentemente são percebidas nas imagens que foram produzidas por ele para comporem o álbum do Centenário do Paraná, objeto de estudo utilizado na sequência didática proposta nesta pesquisa. Em princípio, julgo necessário retomar o conceito de fotojornalismo, que segundo Souza pode ser compreendido a partir de duas perspectivas:

> a) Fotojornalismo (lato sensu) - No sentido lato, entendo por fotojornalismo a atividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou "ilustrativas" para a imprensa ou outros projetos editoriais ligados à produção de informação de atualidade. (...)
> b) Fotojornalismo (stricto sensu) - No sentido restrito, entendo por fotojornalismo atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico.[188]

Tendo como referência essas duas formas de conceituar o fotojornalismo, seja em caráter mais genérico e ilustrativo ou numa perspectiva mais focada em determinada temática, passo a apresentar um breve percurso do fotojornalismo no Brasil. De acordo com Costa, o fotojornalismo no Brasil teve um desenvolvimento semelhante ao ocorrido na Europa e Estados Unidos, onde a fotografia servia de mera ilustração do texto, de modo a torná-lo mais agradável. Posteriormente, a fotografia passou a ocupar um espaço de destaque ao criar o acontecimento ao poucos, sua importância passou a disputar com o texto o lugar de destaque no relato dos fatos.[189] No Brasil, a fotografia na imprensa surgiu no início do século XX, compondo a Revista da Semana em 1900, na Ilustração Brasileira em 1901, e no Kosmos em 1904 [...]. Os primeiros repórteres fotográficos eram provenientes de classes populares, sem formação específica e que dispunham de equipamentos precários à atividade. Essa foi a realidade da fotografia de imprensa no Brasil e que só se modificou com a

188 SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.p. 103

189 COSTA, H.; SILVA, R. R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 98

reformulação da revista *O Cruzeiro* na década de 40, e que alterou definitivamente o estatuto social do fotógrafo de reportagem. De acordo com José Medeiros: "*O Cruzeiro* passou a ser a etapa final do jornalismo no Brasil, o sonho dourado das pessoas. Um fotógrafo da revista passava a ser famoso, era reconhecido e reverenciado nas ruas.

A primeira equipe de fotógrafos de *O Cruzeiro* coube a tarefa de reformulação da fotografia de reportagem sob a orientação de alguns estrangeiros. Destaca-se aqui a importância dos profissionais que imigraram para o Brasil nessa época, e aos quais se atribui a responsabilidade pela difusão do moderno fotojornalismo na imprensa. Jean Manzon deu início às transformações após o seu ingresso em *O Cruzeiro*[190.] Foi seguido por muitos outros nomes que passaram a integrar a equipe de fotógrafos da revista: José Medeiros, Indalécio Wanderley, Luís Carlos Barreto, Flávio Damm, Ed Keffel, Roberto Maia, Peter Scheier, Henri Ballot, Eugênio Silva, Edgar Medina, Salomão Scliar, Marcel Gautherot, Lutero Ávila e Badaró Braga[191.] O redimensionamento de *O Cruzeiro* a partir da inclusão da fotografia como elemento ativo de reportagem, a variedade dos assuntos abordados e o surgimento de uma foto publicidade atuante foram a mola para a sua expansão. Expedições à floresta amazônica para contatar tribos indígenas, o carnaval e as praias cariocas, os esportes, a política, o *glamour* das atrizes, os acidentes automobilísticos, os crimes famosos, e a vida das nossas grandes cidades. Tudo era motivo para uma boa fotorreportagem, com o objetivo de abordar temáticas que correspondessem aos interesses da classe média brasileira. A estratégia adotada pela revista teve êxito, em 1952 atingiu 700 mil exemplares. Pode-se dizer que o fotojornalismo unificou o país por meio das páginas da revista *O Cruzeiro*, construindo uma realidade pelo exercício de visão do fotógrafo. Porém, como bem percebeu José Medeiros: "A fotografia não conta necessariamente o real, pelo contrário, ela pode mentir pra burro, a pessoa por trás da câmara pode mostrar o que quiser, como quiser".[192]

De qualquer modo, a imagem fotográfica passou a ser um elemento ativo contendo a mensagem ideológica do autor, direcionada pela linha editorial do periódico. Cabe observar que muitas vezes era o próprio fotógrafo quem escrevia os textos e as legendas de suas reportagens. Estabeleceu-se uma dinâmica entre a

---

190 *Idem*, p. 103.
191 *Idem*, p.104
192 *Idem ibidem*.

fotografia e o texto, cada um tentando deter para si o privilégio na definição dos acontecimentos. Esta mudança caracterizou o moderno fotojornalismo que fez do leitor um coparticipante. Ele podia sugerir temas para as reportagens, indicar o fotógrafo que deveria fazê-las e tinha quase sempre o seu pedido atendido. O repórter fotográfico, para fazer valer suas intenções ideológicas, desenvolveu sobremaneira a visão fotográfica. Durante quase dez anos essa foi a dinâmica que oxigenou o fotojornalismo brasileiro, demarcando um período de grande influência na sociedade no qual a criatividade foi a nota dominante. A percepção de que o real pode ser moldado arbitrariamente, ao mesmo tempo em que fundou o fotojornalismo moderno no Brasil, inebriou alguns fotógrafos que passaram a fraudar suas reportagens e ou a apelar para o exagero sentimentalista Essa forma de agir se deu pela significativa expansão do fotojornalismo no Brasil, pela aceitação e demanda dos leitores pela imagem fotográfica e pela ganância pelos lucros

O declínio da venda das revistas ilustradas como de *O Cruzeiro* se deu, principalmente pelo surgimento da televisão na década de 1950. Além disso, a revista Manchete tornou-se majoritária no mercado ao veicular a ideologia do desenvolvimentismo brasileiro e destacar em diversos números o governo Juscelino Kubitschek, suas realizações e, em especial a construção de Brasília. Naquele contexto muitos fotógrafos que haviam atuado na revista *O Cruzeiro* passaram a trabalhar para a *Manchete*.[193]

> O gênero revista ilustrada se esvaziou com o desenvolvimento da TV. Decaíram ou mesmo desapareceram, como foi o caso das revistas *O Cruzeiro*, *Paris Match*, *Life*. O que aconteceu então com o fotojornalismo, seja no Brasil, seja no mundo, foi que ele abandonou o caminho da imagem, no qual estava sendo definitivamente derrotado pela televisão e se voltou para o texto.[194]

Diante desta realidade, chegou-se ao fim um dos períodos de maior experimentação e criatividade do fotojornalismo brasileiro. E foi em meio a esta conjuntura que Peter Scheier produziu as fotografias que foram utilizadas no álbum comemorativo ao centenário de emancipação política do Paraná[195], e, não por acaso, as suas lentes seguiam os traços do olhar do fotojornalismo, conforme pode-se observar em muitas das imagens que compõem o álbum do centenário do Paraná.

---

193 COSTA, H.; SILVA, R. R. *Op. Cit.*, p. 194; p. 104-106.
194 FUNARTE, José Medeiros – 50 anos de fotografia (1986), p. 21.
195 SCHEIER, Peter. **Paraná, Brasil**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953.

Por certo, esta não foi a única fonte de formação do fotógrafo que partiu da Europa aos 29 anos, em meio a um ambiente cultural em que a fotografia ocupava um lugar de destaque desde o final do século XIX e em especial no período entre guerras. Apesar do desconhecimento dos seus primeiros registros, o fato de trazer seus equipamentos fotográficos para o Brasil, demonstra que já havia se iniciado suas incursões nesta arte.[196]

O fotógrafo Alemão Peter Scheier – construção de breve biografia

Ao solicitar a produção da biografia de Peter Scheier é necessário que os alunos tenham conhecimento das características básicas deste gênero textual. Para tanto, o professor de Língua Portuguesa poderá ter uma significativa contribuição e enriquecer esta etapa do trabalho. Se isso não for possível, o professor de História precisa verificar se os alunos têm conhecimento a esse respeito Importante destacar que a biografia é um tipo de texto que narra a história da vida de alguém. Para a sua escrita é preciso pesquisar sobre a vida da pessoa em diferentes fontes de modo a coletar a maior quantidade possível de informações para que o texto seja elaborado a partir de dados consistentes e interessantes que permitam ao leitor compreender aspectos da vida pessoal e profissional do biografado. Dados como data de nascimento e morte, principais contribuições, atividades profissionais, vida pessoal, principais influências, por exemplo, são informações importantes e que devem constar numa biografia. O texto pode ter como título apenas o nome da pessoa ou ainda incluir um aspecto que se pretende priorizar. No caso de Peter Scheier, será a sua atuação como fotógrafo.

Para identificar alguns aspectos da biografia de Peter Scheier a proposta é apresentar a seguir um conjunto de fragmentos de textos[197] que fazem referência a trajetória da vida e da profissão do fotógrafo escolhido para representar, por meio de suas fotografias, o Paraná no seu centenário. A partir das leituras desses recortes de textos, os alunos terão a incumbência de organizar as informações e elaborar uma

196 COSTA, H. **Um olho que pensa**: estética moderna e fotojornalismo. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade e Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

197 GOUVEIA, S. M. M. **O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier.** São Paulo, 2008. Dissertação (mestrado – Área de concentração: história e fundamentos da arquitetura e do urbanismo). FAUUSP. SPADA, E. **Arquivo Peter Scheier**: a fotografia como narrativa visual; org. Heloisa Penteado. São Paulo: IMS, 2020 p.5-56.

breve biografia de Peter Scheier para compor a exposição que será realizada ao final dos trabalhos. Os alunos serão divididos em grupos de três estudantes, os quais deverão ler os trechos de textos selecionados e destacar as principais informação sobre o fotógrafo. Seguem algumas questões que podem nortear o trabalho dos grupos: Onde nasceu? Por que veio ao Brasil? Quando? Quais profissões exerceu? Onde trabalhou? Quais as suas principais obras? O que caracteriza o acervo produzido por Peter Scheier? Qual o contexto em que produz o álbum do centenário comemorativo dos 100 anos do Paraná, dentre outras. A equipe poderá ainda pesquisar mais informações sobre a biografia do fotógrafo. Ao final dos trabalhos os grupos terão a incumbência de apresentar os textos produzidos para toda a turma e o melhor texto será utilizado na exposição. O professor pode ainda construir a biografia do autor por meio da produção de um texto coletivo, ouvindo as contribuições dos alunos durante este processo de elaboração.[198]

> "De família judia, Peter Scheier deixou a Alemanha nazista em 1937. Chegou em São Paulo aos 29 anos."[199]

> "A ideia de fotografia como mostruário de ideias e de produtos, como uma vitrine, está no cerne dos quatro livros realizado pelo fotógrafo: *Paraná*, comissionado pelo governo do estado do Paraná, em 1953, na ocasião do aniversário de 100 anos do estado; São Paulo: *Fastest Growing City in the world* [...] em 1954; *Brasília Vive*!, de 1961; e *Imagens do passado de Minas Gerais*, de 1968. Todos eles eram peças promocionais, com pouco espaço para expor contradições." [200]

> "Em poucos anos, o passatempo se tornou profissão, e o Foto Studio Peter Scheier, aberto no início dos anos de 1940, atendeu às mais diversas demandas até 1975." [201]

198 A fim de facilitar o uso dos trechos em sala, os mesmos estão disponibilizados em formato de impressão no Anexo I.

199 SPADA, *Op. Cit.,* p. 5.

200 SPADA, *Op. Cit.*, p. 13.

201 *Idem*, p. 5.

"Seu estúdio fotográfico, administrado por sua esposa Gertrude Wilheim "[...] atuava em diferentes frentes: eventos sociais, retratos particulares, arquitetura, indústria, marketing institucional, fotojornalismo, reprodução de obras de arte, publicidade e serviços de laboratório, entre outros" [202]

"[...] ele atuou por quase uma década no semanário *O Cruzeiro* e colaborou com agências internacionais, publicando fotorreportagens nas revistas *Time, life e Saturday Evening Post*, entre outros periódicos." [203]

"Era comerciante e contador, e tinha a fotografia como *hobby.*"[204]

"Diversas anotações técnicas testemunham a prática de um fotógrafo metódico e obsessivo com a qualidade do seu ofício: registros detalhados sobre o tempo de revelação de filmes, cálculos sobre a quantidade adequada de luz, diagramas e estudos sobre a posição correta de câmeras e equipamentos de iluminação." [205]

"Em 1933, Peter Scheier deixou sua cidade natal. Naquele ano, Adolf Htler ascendeu ao poder [...] iniciando o III Reich." [206]

"Em outubro de 1933 estabeleceu-se na cidade alemã de Holenau, [...] trabalhou na fábrica de açúcar dos Strakosch, dirigida por seu tio materno. Começou a planejar a sua emigração. [...]. Seu tio escreveu uma carta de recomendação, que lhe garantiria seu primeiro emprego no Brasil em um frigorífico." [207]

---

202 *Idem ibidem*.
203 *Idem ibidem*.
204 *Idem ibidem.*
205 *Idem ibidem.*
206 GOUVEIA, *Op. Cit*., p. 56.
207 *Idem*, p. 59.

"Em julho de 1939, Scheier casou-se com Gertrude, recém chegada ao Brasil. No ano seguinte, abriram o Foto Studio Peter Scheier" [208]

"[...] nasceu em 1908 na pequena cidade de Glogau, sudeste da Alemanha, à margem do Rio Order."[209]

"Em 1937, Peter Scheier foi para Viena [...] conheceu Gertrude Willeim, uma jovem tcheca de 20 anos, com quem se casaria mais tarde, no Brasil. [...] Em 18 de setembro de 1937, Scheier saiu de Viena rumo à França, onde embarcou no navio para o Brasil [...]. em 25 de outubro, desembarcou no porto do Rio de Janeiro, dirigindo-se em seguida para São Paulo." [210]

"De março de 1945 a outubro de 1951 Peter Scheier foi colaborador da revista *O Cruzeiro,* revista semanal ilustrada [...] continha seções e reportagens variadas e sua característica marcante era a fotorreportagem." [211]

*"Paraná, Brasil* (1953) - foi uma edição comemorativa do I Centenário do Estado do Paraná. Com fotos em preto e branco, retrata vários aspectos daquele estado: sua agricultura, sua população, a forte presença imigrante e a economia." [212]

"Ao longo de sua carreira, Peter Scheier produziu quatro álbuns temáticos sobre Paraná, São Paulo, Brasília e Minas Gerais."[213]

"Durante os cerca de seus anos em que trabalhou no Masp, Scheier documentou os mais diversos cursos ofertados pelo museu: balé para crianças, e adultos, arte infantil, escola de modelos, fotografia, cinema e atividades do Instituto

208 *Idem*, p. 64.
209 *Idem*, p. 44.
210 *Idem*, p. 59.
211 *Idem*, p. 90.
212 *Idem*, p. 211.
213 *Idem*, p. 210.

de Arte Contemporânea [...] =. Além disso reproduzia obras, registrava exposições, desfiles de moda, eventos musicais e palestras”[214]

Após a conclusão desta etapa de elaboração de uma breve biografia de Peter Scheier, o professor passará a explorar com os alunos o álbum comemorativo do centenário de emancipação política do Paraná. Essa incursão pode ser feita por meio de aulas expositivas com a participação dos alunos, explorando paralelamente ao conteúdo as imagens do álbum.

O álbum comemorativo do centenário do Paraná – 1953

A apresentação do álbum será feita em formato de slides, de modo que os alunos tenham uma visão geral do conjunto de imagens produzidas por Peter Scheier e que foram selecionadas para compor o álbum comemorativo, essa atividade consiste em tentar decifrar um enigma, pois algumas questões deverão permear o olhar nesse percurso: Por que estas imagens foram selecionadas? Qual a lógica dessa composição de fotografias numa mesma página? Qual a temática privilegiada? Há algum aspecto que faz referência a devastação florestal? Que conceitos perpassam as fotografias? Qual a relação entre as fotografias e as legendas? Podemos dizer que o álbum apresentado é um enigma? Por quê? Nesta aula, os alunos terão participação oral, descrevendo e questionando as imagens, conforme sugerido anteriormente. O professor fará as intervenções necessárias para ampliar as possibilidades de análise das fotografias e incentivar a participação de todos os alunos.

Para Jacques Le Goff a fotografia “que revoluciona a memória ao multiplicá-la e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.”[215] Na contemporaneidade o uso da fotografia, em diferentes contextos, tem se tornado cada mais intenso e a escola tem sido desafiada a também explorar este universo imagético, oferecendo aos alunos práticas que favoreçam uma análise crítica da

214 SPADA, *Op. Cit.*, p. 12.

215 LE GOFF, Jacques. História e memória; tradução Bernardo Leitão [et.al]. 5ªed. Campinas: São Paulo: UNICAMP, 2003, p. 460.

fotografia, buscando elementos que o auxiliem a historizar a sua produção, os seus usos e os interesses que mobilizaram a sua feitura. [216]

Ao comentar que todo álbum é um enigma Spada[217] faz referência a uma exposição organizada por Michel Nicéphire Niépce, a qual tinha como título Toda fotografia faz um enigma. Segundo a autora, "Frizot considera o enigma é parte constitutiva da fotografia e do processo fotográfico analógico, resultando da distância no tempo e no espaço que separa o ato registrado em filme e a fruição do resultado positivo".[218] Para Spada o álbum representa um enigma ainda mais complexo, uma vez que decorre de uma lógica de organização desconhecida e que se perdeu no tempo. Isso se dá principalmente nos álbuns familiares e que são desprovidos de informações relativas ao evento, pessoas ali retratadas ou mesmo quem foi o responsável por sua organização. No caso de álbuns produzidos profissionalmente, há geralmente, informações sobre o ano em que foi produzido, organizadores, legendas, editora, e etc. No entanto, informações sobre quem fez a encomenda do álbum nem sempre estão presentes no material, evidenciando a necessidade de o pesquisador e ou interessado desvendar o enigma que permeia a produção.[219]

O álbum privilegiado nesta pesquisa é intitulado Paraná Brasil, edição comemorativa do 1º centenário do estado do Paraná, contexto em que Bento Munhoz da Rocha Netto era o governador. As fotos são atribuídas a Peter Scheier, sendo que a supervisão e a impressão foram realizadas pela Imprensa Paranaense, S.A, no ano de 1953. Esse material foi produzido em meio a um conjunto de outras ações lideradas pelo então governador do Paraná. Conforme Nunes[220], Munhoz da Rocha, governador do Estado na época, contratou artistas e técnicos para projetarem um conjunto imagético formado de monumentos públicos e de memoriais, bem como imagens bidimensionais que materializassem a memória oficial pretendida. Para tanto, foram investidos significativos recursos em propaganda governamental que tinham como objetivo principal enaltecer a atuação do governador. Dentre estes investimentos, destaca-se a publicação de duas revistas ilustradas. Uma delas nomeada de 1º

---

216 LEITE, L. I. O uso de fontes na construção do conhecimento histórico escolar. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Produção didático-pedagógica. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2007.

217 SPADA, *Op. Cit*. 197.

218 *Idem*, p. 197, p.5-56. p. 68.

219 *Idem ibidem.*

220 NUNES, A. L. A construção visual de uma comunidade imaginada paranaense nas comemorações ao Centenário do Paraná (1953). **Revista Cadernos de Clio**, v.6, n.2, 2015.

Centenário da Emancipação Política do Paraná: 1853 - 1953, destaca os principais atos administrativos do governo. É composta com um significativo conjunto de imagens. Outra publicação do mesmo período foi o Álbum do Centenário, que traz em sua capa o título Paraná Brasil.

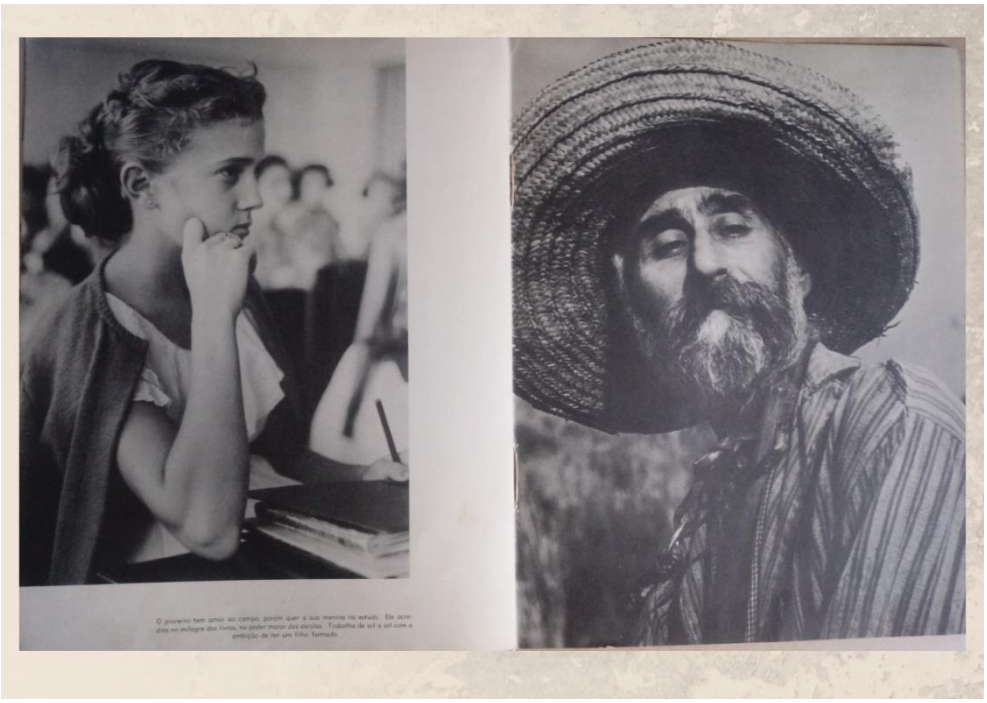
Como já dito, o álbum é um enigma, abre inúmeras possibilidades de interpretação. Eu como professor de História optei por uma análise temática na tentativa de explicitar os ideários que ali se sobressaem e que reforçam os de progresso, de modernidade contrapondo-se ao natural, ao rural e ao passado.

O referido álbum é composto por imagens fotográficas e breves textos que, em síntese, reforçam a ideia de um estado que supera os desafios impostos pelas características naturais por meio do trabalho, do desmatamento, da produção agrícola, da construção de uma capital com arquitetura moderna, pelo desenvolvimento pujante do norte paranaense, pela educação formal e que deixam, no passado ou em fase de extinção os traços típicos do período de colonização do estado pelos imigrantes.

A primeira temática que me chamou a atenção foi a importância atribuída à educação contrapondo-se a foto de uma estudante branca, bem-vestida e penteada com a de um senhor usando chapéu e vestimentas simples e desgastadas, tendo como legenda "*O pioneiro tem amor ao campo, porém quer a sua menina no estudo. Ele acredita no milagre dos livros, no poder maior das escolas. Trabalha sol a sol com a ambição de ter um filho formado*"[221] (FOTOGRAFIA 10).

221 Importante ressaltar que a publicação não tem paginação, contudo, para facilitar a leitura, incluímos os números das páginas. SCHEIER, *Op. Cit.,* p. 07-08.

FOTOGRAFIA 10 – ESTUDANTE E TRABALHADOR DO CAMPO



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 7-8.

O Colégio Estadual, descrito como "*um dos mais modernos estabelecimentos do gênero no país.*"[222] tem a sua fachada retratada com a presença de estudantes em movimento, talvez com a intenção de enfatizar a dinâmica que envolve a escolarização e também a presença de automóveis que representam também a modernidade. (FOTOGRAFIA 11) Na mesma página, uma fotografia de duas jovens é retratada em destaque, sugerindo que a educação no estado atendia a todos, independentemente do gênero, o que denota uma preocupação em evidenciar novos tempos.

FOTOGRAFIA 11 – ESTUDANTES E FACHADA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ



222 *Idem*, p. 21.

Numa segunda imagem do Colégio Estadual do Paraná, ainda em construção, ao fundo, tendo como primeiro plano uma carroça e um pinheiro. A legenda descreve a cena *"Ao lado da Casa do Estudante, duas características: o velho pinheiro e o carroção colonial que leva lenha e verduras à cidade"*[223]. Novamente percebe-se o contraste entre o moderno e os remanescentes da história do estado. (FOTOGRAFIA 12)

Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. .21.

FOTOGRAFIA 12 – CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

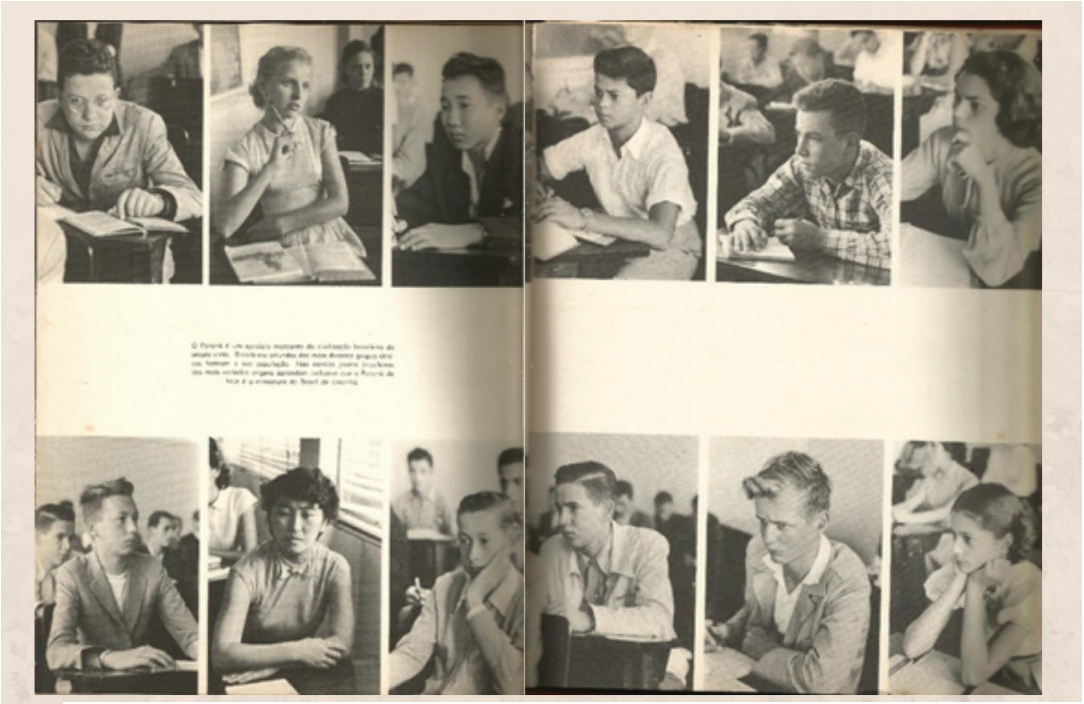


Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 28.

O último conjunto de imagens sobre a educação, apresenta o retrato de doze jovens estudantes, todos muito concentrados nas atividades escolares, sendo oito do sexo masculino e quatro do sexo feminino. De acordo com a legenda o estado do Paraná é *"[...] um episódio marcante da civilização brasileira do século XX", tanto por acolher diferentes grupos étnicos, quanto como por oferecer à juventude o acesso à educação.*[224] Nota-se que não há entre os retratados nenhum estudante negro ou com traços indígenas. (FOTOGRAFIA 13)

223 *Idem.* p. 28.
224 *Idem*, p. 29.

FOTOGRAFIA 13 – ESTUDANTES PARANANENSES



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 29-30.

FOTOGRAFIA 14 – ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 25.

Uma segunda referência à educação superior, em imagens que destacam jovens vestidos de terno subindo as escadarias do prédio da Universidade Federal do Paraná, motivo de orgulho pois "*Ao Estado mais jovem da união coube a primazia do instituto universitário do país. O Paraná segue galgando as escadarias da sua Universidade, seus filhos crescerão com êle"* [225] .Reforçando essa ideia, na sequência já na sacada do prédio um grupo maior de estudantes *"aguardam a chamada das aulas"*[226], tendo ao fundo a Praça Santos Andrade e as suas araucárias. (FOTOGRAFIA 14)

Outro conjunto de representações imagéticas tem como temática o trabalho e a economia que se faz presente no campo *"Um*

FOTOGRAFIA 14 – DESCANSO DO TRABALHO DO CAMPO

225 *Idem*, p. 20.
226 *Idem*, p. 25.

*momento de descanso no trabalho intensivo da desmatação e derrubada"*[227] é a legenda da primeira imagem que apresenta um homem sentado ao lado de uma criança, ambos de costas, em frente a uma tapera, ladeados por uma área onde restam apenas os vestígios da vegetação nativa, evidenciando o domínio do homem sobre a natureza. (FOTOGRAFIA 15)

FOTOGRAFIA 15 - DESCANSO DO TRABALHO DO CAMPO



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 5.

A cafeicultura aparece no álbum em mais de vinte fotografias, relacionadas ao desmatamento, a ocupação de áreas no norte do Paraná, ao cultivo do café e ao seu manejo (cultivo de mudas, plantio, colheita, abanação, secagem, ensacamento, estocagem, degustação, seleção de grãos), ao transporte do café por rodovias, ao Porto de Paranaguá, ao processo de urbanização do norte do Paraná, que somadas dão a medida da importância dessa cultura para a economia paranaense no contexto dos anos de 1950. O auge da expansão cafeeira, descrita numa composição de duas páginas, como *"suprema riqueza do Paraná"*[228] é um dos destaques do álbum ao apresentar num primeiro plano um tronco e ao fundo um cafezal, uma mão calejada pela lida cheia de grãos de café e, por um fim um fazendeiro, perante vários maços de dinheiro *"[...]*

227 *Idem* p. 5.
228 *Idem*, p. 10.

*decide que o mais acertado é converter seus lucros em novos pés de café."*[229] (FOTOGRAFIA 16)

FOTOGRAFIA 16 – CAFÉ

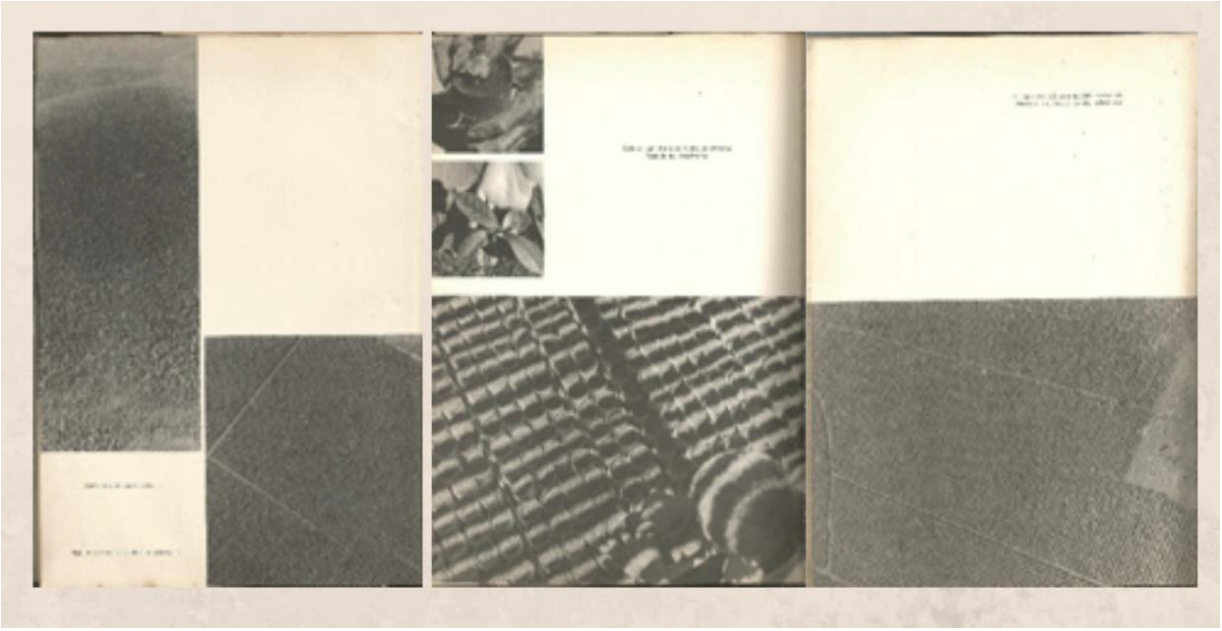


Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 9-10.

Numa outra página, o impacto da expansão da cafeicultura na paisagem é apresentada em duas fotografias, a primeira destaca a mata nativa e a segunda uma plantação da monocultura do café, esquadrinhada simetricamente sem preservar qualquer vestígio do que existia *"antes tudo era mata bruta...hoje os cafezais se perdem no infinito."*[230] Reforça esta perspectiva uma fotografia de *"um cafezal vista de avião. Do alto é que se pode melhor admirar a perfeição do plantio* [231]*"*. A presença do trabalhador nas lavouras é destacada nas diferentes etapas do processo produtivo, favorecendo a percepção de que a cultura cafeeira era, em sua essência, manual, o que demandava muita mão-de-obra. (FOTOGRAFIA 17)

229 *Idem*, p. 9.
230 *Idem*, p. 27.
231 *Idem*, p. 70

FOTOGRAFIA 17 – EXPANSÃO DA CAFEICULTURA



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 27, 69-70.

Com menor ênfase, outros aspectos da economia paranaense são retratados como o trigo que "*em manhãs de primavera, os loiros trigais ondulam ao vento, prestes a ser ceifados*"[232] é representado em conjunto com um trabalhador que porta a sua ferramenta, um alfanje, para a colheita manual. A produção de leite é retratada com a imagem do gado pastando, seguida do retrato de um jovem numa carroça transportando os latões de leite. (FOTOGRAFIA 18)

232 *Idem*, p. 12.

FOTOGRAFIA 18 – PRODUÇÃO AGRÍCOLA



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 12, 144 e 13.

Do mesmo modo há referência *"a árvore do mate e o ervateiro uma atividade que marcou profundamente a evolução econômico-social do estado"*[233] mas que ficou no passado. Os colonos e o cultivo da batata são lembrados em uma fotografia de uma página. (FOTOGRAFIA 19) O retrato de uma torre de sondagem de petróleo, escalada por um trabalhador, demonstra a busca dessa fonte de energia no território paranaense. (FOTOGRAFIA 20) A fabricação de papel é apresentada por meio de máquinas grandiosas e de alguns trabalhadores. Nessa junção *"o trabalho do homem é suprido pelas máquinas aperfeiçoadas"* [234]. (FOTOGRAFIA 21)

FOTOGRAFIA 19 – COLONOS



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 17.

FOTOGRAFIA 20 – TORRE DE SONDAGEM DE PETRÓLEO



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 18.



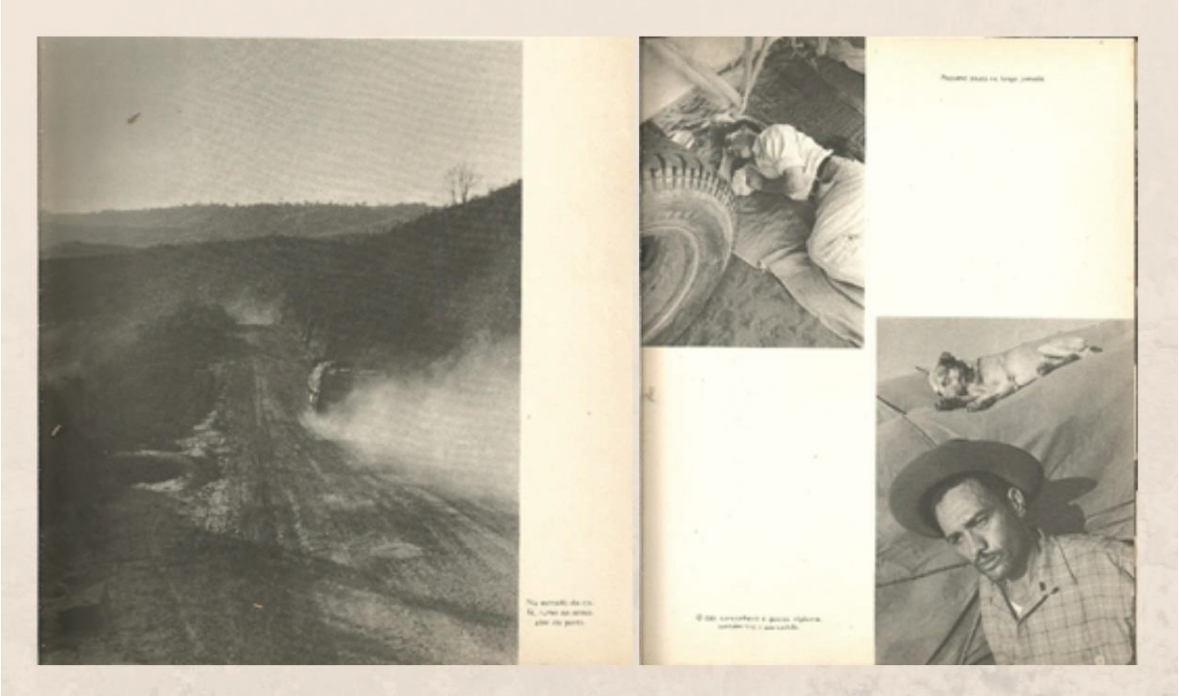
Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 137.

233 *Idem,* p. 14.
234 *Idem*, p. 19.

FOTOGRAFIA 21 – PRODUÇÃO DE PAPEL

Para movimentar a economia as estradas velhas, estreitas e sinuosas passavam por um processo de asfaltamento e exigiam o trabalho de homens e de máquinas para tornar os caminhos entre o interior do estado e o porto de Paranaguá mais adequados ao fluxo de exportação da produção cafeeira. O homem descansando à sombra do caminhão, ou na companhia de um cão em suas viagens fazem referência ao trabalho e a simplicidade do paranaense envolvido no processo de desenvolvimento pelo qual o Estado estava passando. (FOTOGRAFIA 22)

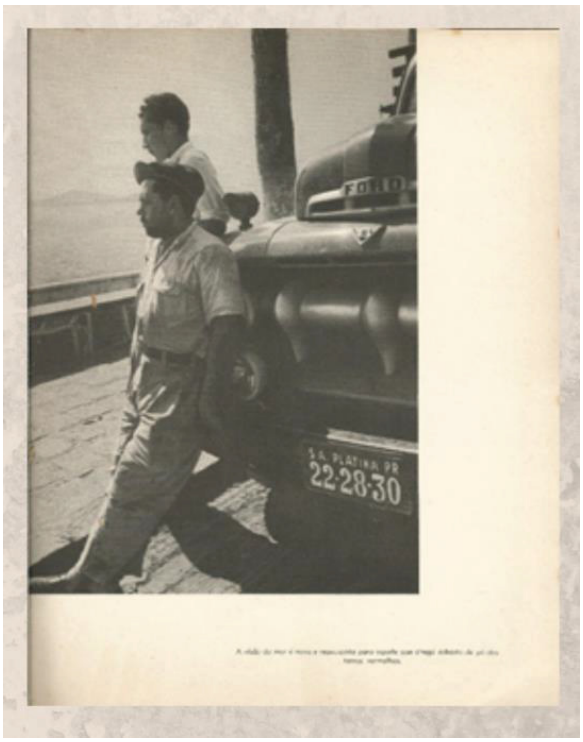
FOTOGRAFIA 22 – ESTRADAS E VIAGENS



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 91-92.

FOTOGRAFIA 23 – CHEGADA AO LITORAL

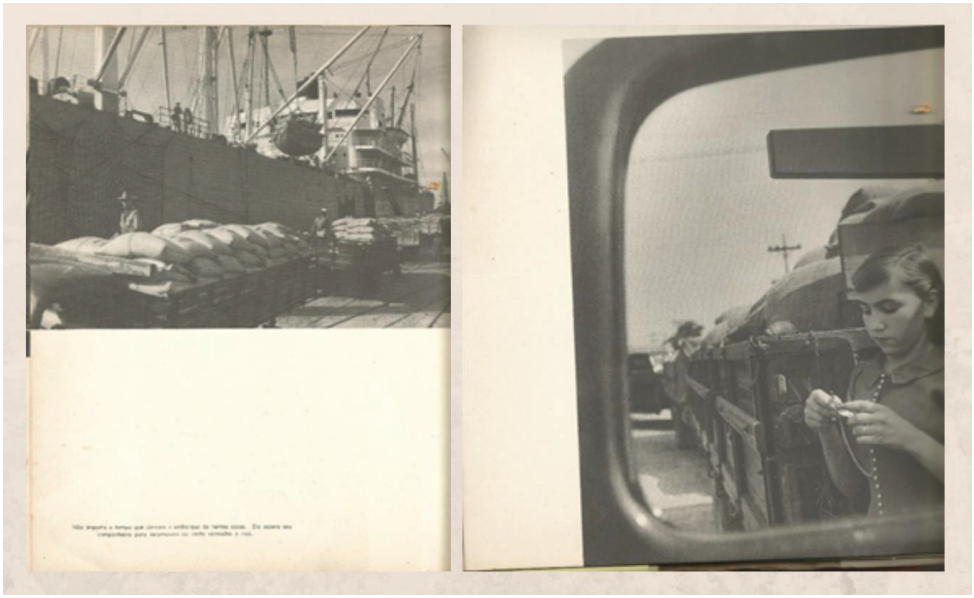
Recostado em seu caminhão, ao final de uma longa jornada, dois homens são retratados no litoral e a legenda nos diz que *"a visão do mar é nova e repousante para aquele que chega coberto de pó das terras vermelhas"*[235], uma referência ao solo da região norte do Paraná. (FOTOGRAFIA 23)




Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 110.

Há que se observar a importância que a organização do álbum dá ao Porto de Paranaguá ao destacar a ampliação do cais em decorrência das demandas que se superam a cada ano, a grande quantidade de sacas em processo de embarque, o emprego de guindaste e da força do trabalhador portuário para o embarque das exportações que fazem com que *"o Paraná* produza divisas *para o Brasil"*[236]. (FOTOGRAFIA 24)

FOTOGRAFIA 24 – PORTO DE PARANAGUÁ



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 113-114.

235 *Idem*, p. 110.
236 *Idem,* p. 121.

Algumas atividades artesanais como a fabricação de pianos, de móveis e a marchetaria ocupam duas páginas do álbum, fazendo referência a qualidade do trabalho realizado por artesão no Paraná e que tem reconhecimento em vários lugares do mundo, bem como destacam o uso da madeira nativa em diversas atividades econômicas. (FOTOGRAFIA 25)

FOTOGRAFIA 25 – ARTESANATO PARANAENSE



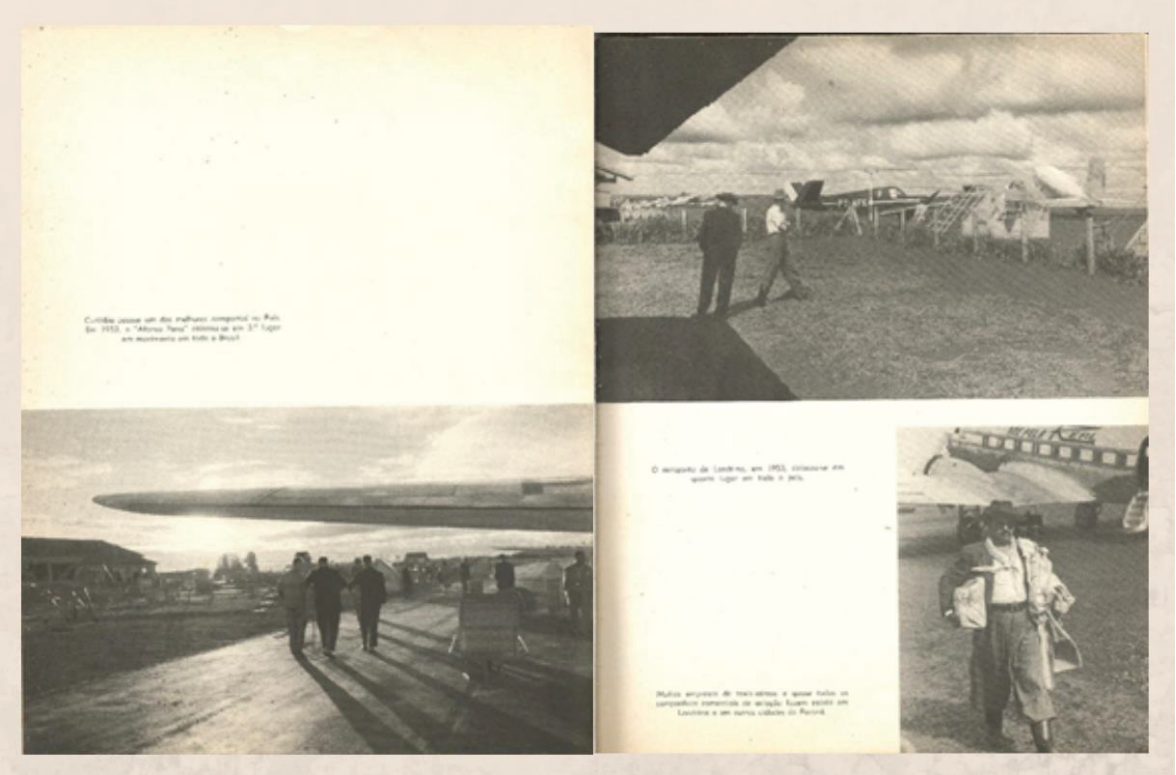
Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 39-40.

Avançando nas temáticas priorizadas no álbum do Centenário, o processo de modernização da capital e o crescimento das cidades do norte do Paraná mereceram destaque. Eles refletem o ideário de um estado pujante rumo ao desenvolvimento e que perpassa a impressão de que a capital paranaense era o símbolo consolidado desta nova realidade com seus arranha-céus, o intenso fluxo de veículos e de pessoas, a substituição de construções antigas por "*novas e arrojadas concepções arquitetônicas"*[237] além dos aeroportos como o *"Afonso Pena que coloca o estado no terceiro lugar em movimento no Brasil"*[238]. (FOTOGRAFIA 26)

237 *Idem*, p. 34.

238 *Idem,* p. 45.

FOTOGRAFIA 26 – AEROPORTO AFONSO PENA



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 45-46.

Em relação ao norte do Paraná há um significativo conjunto de imagens que mostram a rapidez das transformações ocorridas na região, num período de apenas 20 anos um pequeno vilarejo deu lugar a cidade de Londrina, marcada por construções dignas de uma cidade de grande porte e que mereceu destaque no álbum do Centenário do Paraná.

A migração para a região cafeeira é motivada pelas inúmeras possibilidades de trabalho e pelas oportunidades que se abriam no comércio, na prestação de serviços e na agricultura. As imagens da rodoviária de Londrina são utilizadas para representar esse fluxo intenso de pessoas. (FOTOGRAFIA 27)

> Muita gente que chega, pouca gente que sai. Homens vindos de todos os recantos do Brasil e das mais diversas partes do mundo encontram no Paraná o trabalho almejado e em pouco tempo organizam o seu pequeno sítio ou seu negócio, quando se entregam às atividades bem recompensados pelos colonos, contratados pelos fazendeiros mais adiantados.[239]

239 *Idem,* p. 55-56.

FOTOGRAFIA 27 – LONDRINA



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 53-54.

Além destas atividades, o álbum destaca a grande quantidade de negócios que são realizados na região como a comercialização de terras, cada vez mais valorizadas, a negociação das safras e a diversidade de pontos comerciais e de produtos que movimentam a economia da região e que sintetizam o conceito de progresso que se pretende evidenciar no centenário do Paraná. (FOTOGRAFIA 28)

FOTOGRAFIA 28 - NEGÓCIOS




Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 61-62.

Os imigrantes denominados de *"elemento estrangeiro"*[240] são representados e descritos como *"adaptados ao clima, a gente e a terra"*[241] paranaense, contribuindo com seu trabalho para o progresso do Paraná. (FOTOGRAFIA 29)

240 *Idem,* p. 142.
241 *Idem,* p. 143.

FOTOGRAFIA 29 - IMIGRANTES



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 103-104.

Por fim, destaco o extrativismo vegetal. A quase totalidade das temáticas até aqui abordadas e presentes no álbum do Centenário perpassam a devastação da vegetação original pois *"a civilização devassa os caminhos e devasta a floresta. Quase sempre é preciso derrubar para construir"* [242], *"o fogo abre clareiras que vão pontilhando de civilização os caminhos da conquista*". [243] Esse era o mote daquele contexto, reforçado tanto nos escritos, quanto nas imagens presentes no álbum. Para exemplificar tal abordagem passo a tecer as minhas percepções dessa temática no álbum. Numa composição de duas páginas, busca-se retratar em quatro fotografias as fases das indústrias madeireiras que é a derrubada da mata e o fogo, pilhas de toras e a madeira já beneficiada. *"De belos pinheiros a simples pilhas de madeira – tributo à civilização."*[244]. (FOTOGRAFIA 30)

242 *Idem*, p. 122
243 *Idem,* p. 107.
244 *Idem,* p. 124.

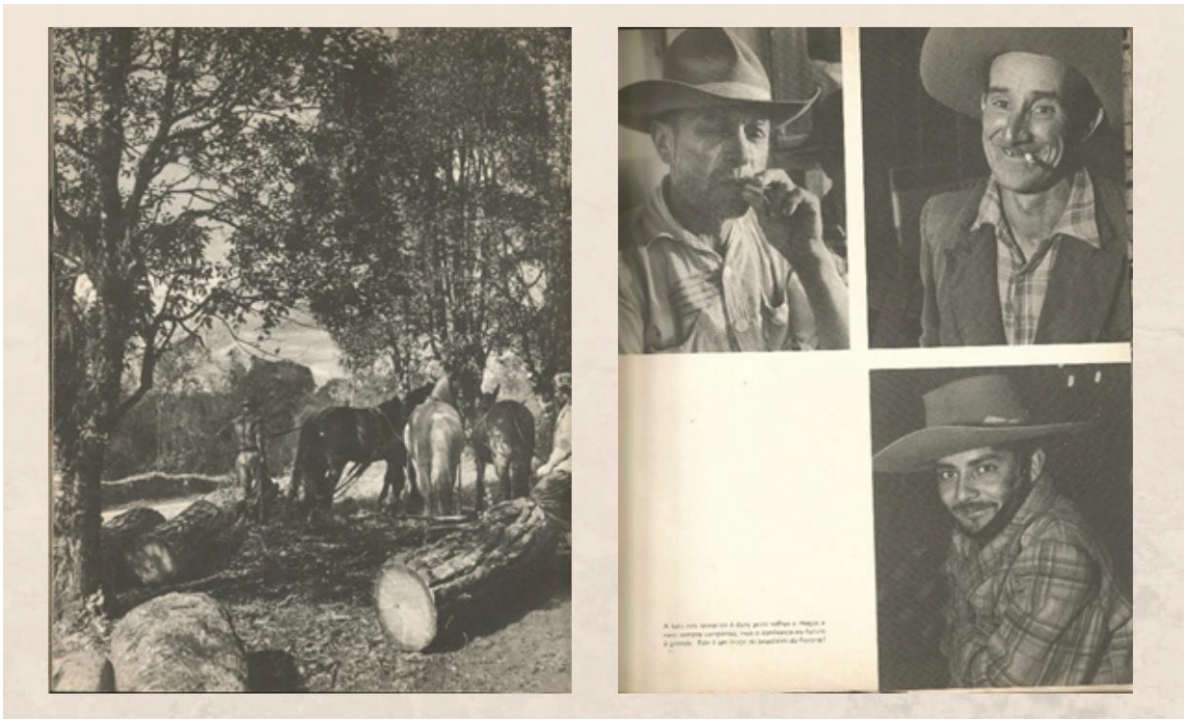
FOTOGRAFIA 30 – EXTRATIVISMO VEGETAL



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 121, 122, 123 e 124.

Na sequência, uma imagem de cavalos sendo preparados para puxar toras de madeira é ladeada pela imagem de três homens simples e com idades aparentemente distintas, seguidas da legenda *"a luta nas serrarias é dura para velhos e moços e nem sempre compensa; mas a confiança no futuro é grande. Este é um traço do brasileiro do Paraná!"*[245]. (FOTOGRAFIA 31)

FOTOGRAFIA 31 - SERRARIAS



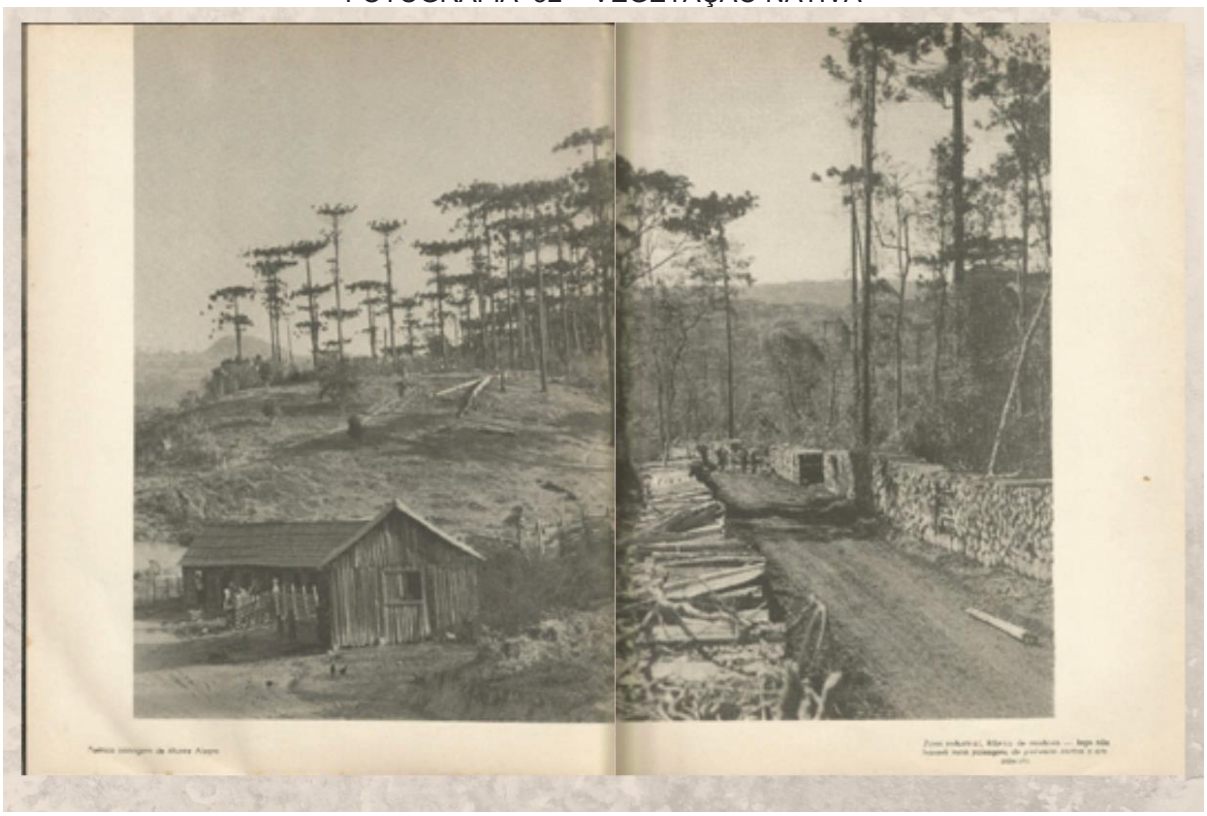
Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 125-126.

Como se fosse a continuidade desse processo, o álbum traz três imagens de caminhões transportando madeira sobre uma ponte, sobre um rio e numa estrada empoeirada, entre estas imagens há também um homem encostado numa pilha de tábuas e que olha para o futuro. Destaque também é dado para a utilização da madeira, e em especial, da araucária para a construção de casas em diferentes estilos em Curitiba e no norte do Paraná. A devastação se dá em várias frentes. Ela é fotografada, por exemplo, numa paisagem de Monte Alegre (que se tornou município de Telêmaco Borba em 1963 e sedia a indústria Klabin de Papel e Celulose) onde se visualiza araucárias, árvores já derrubadas, pilhas de madeira e a presença humana *"zona industrial, fábrica de madeira – logo não haverá mais paisagens de pinheiros contra o crepúsculo."*[246] Reforça essa afirmação as duas fotos da página seguinte do

245 *Idem*, p. 126.
246 *Idem*, p. 134.

álbum, as quais trazem uma pilha imensa de pedaços de madeira e várias bobinas de papel como o resultado positivo de todo o processo que se inicia com a derrubada da vegetação nativa e que a transforma num produto que atende aos anseios da modernidade e do capital. (FOTOGRAFIA 32)

FOTOGRAFIA 32 – VEGETAÇÃO NATIVA



Fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 133-134.

A organização das imagens e legendas que realizei a partir de temáticas é um dos olhares possíveis e que pode favorecer a utilização do álbum nas aulas de História, bem como permite problematizar com os alunos conceitos tratados ao longo do texto da dissertação sobre a história ambiental do Paraná.

Proposta de análise das imagens do álbum pelos alunos e a organização da exposição

Após toda a exploração desse percurso teórico e metodológico sobre o álbum, para a continuidade dos trabalhos com os alunos dos estudos sobre a devastação florestal no Paraná, foram selecionadas um conjunto de imagens que tem relação mais direta com o processo de devastação, objeto de estudo privilegiado nesta sequência didática (FICHAS 01-08). Elas serão disponibilizadas aos alunos, previamente organizados em grupos de 3 a 4 integrantes que terão a

responsabilidade de: descrever as imagens, observando o primeiro, o segundo e o terceiro plano; aspecto destacado, temática abordada, elaborar questionamentos que permitam problematizar o conjunto de imagens e as legendas (destaca a ideia de progresso, de desenvolvimento, de devastação, de urbanização, de desafio, de confiança no futuro, de superação do antigo pelo moderno, de modernidade, de trabalho, entre outros).

O desafio será posto aos alunos que terão a incumbência de analisar as imagens e os conceitos tratados de modo a melhor compreender o processo histórico de devastação florestal no território paranaense, tendo como fonte, as imagens e legendas do álbum comemorativo do centenário de emancipação política do Paraná, organizado a partir das fotografias de Peter Scheier.

O trabalho de análise das imagens será acompanhado pelo professor em sala de aula, auxiliando os alunos nesse processo. Cada grupo receberá duas fichas com imagens do álbum comemorativo do centenário do Paraná, seguido de questionamentos que podem auxiliar os alunos no desenvolvimento da atividade. Ao final de duas aulas, os grupos terão a responsabilidade de apresentar ao coletivo da sala de aula as imagens e as suas conclusões, descritas em forma de narrativa.

Os registros escritos dos alunos, juntamente com as imagens irão compor uma exposição sobre a História Ambiental do Paraná, a partir do trabalho do Peter Scheier no álbum comemorativo do centenário do estado do Paraná.

Por fim, apresento as sugestões de fichas de trabalho compostas pelas imagens do álbum e algumas questões que poderão ser utilizadas como um roteiro semiestruturado para a produção das narrativas pelos alunos.

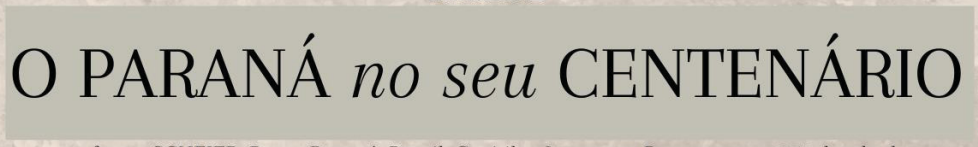
# FICHA 01

**IMAGEM 1**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, capa.

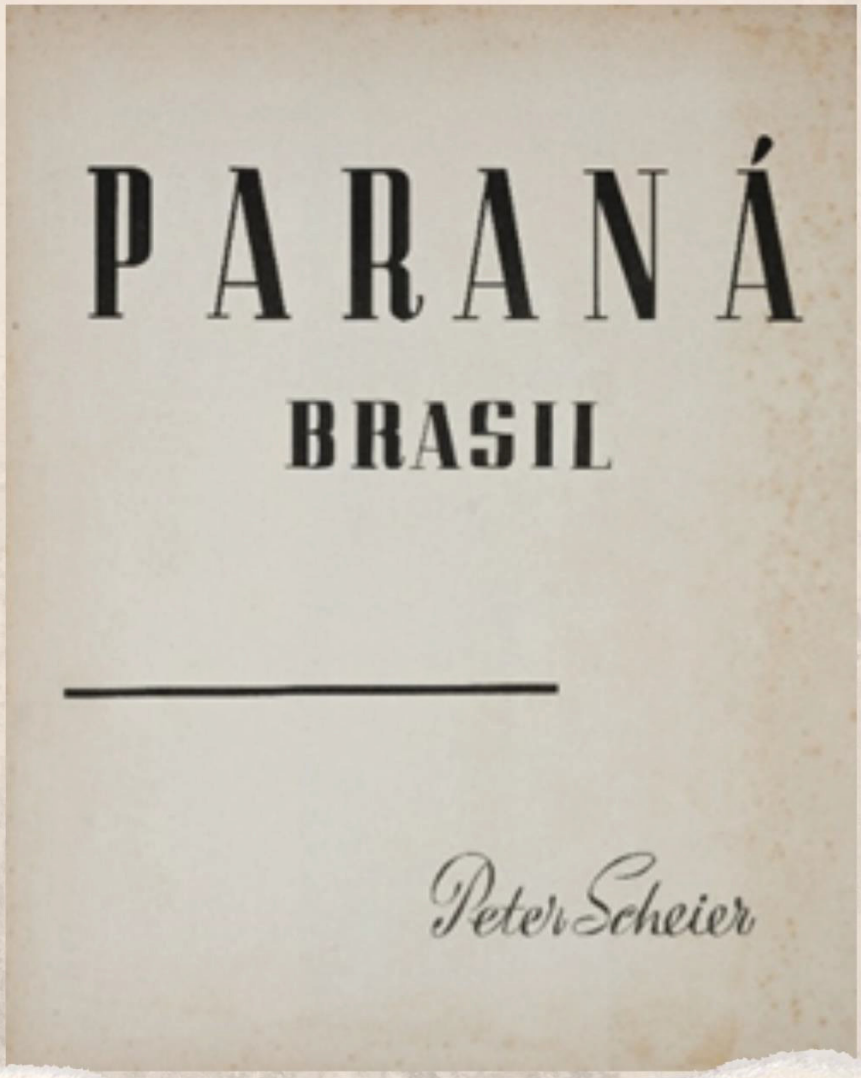
**IMAGEM 2**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, lombada (reprodução)

# FICHA 01

## IMAGEM 3




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, folha de rosto.

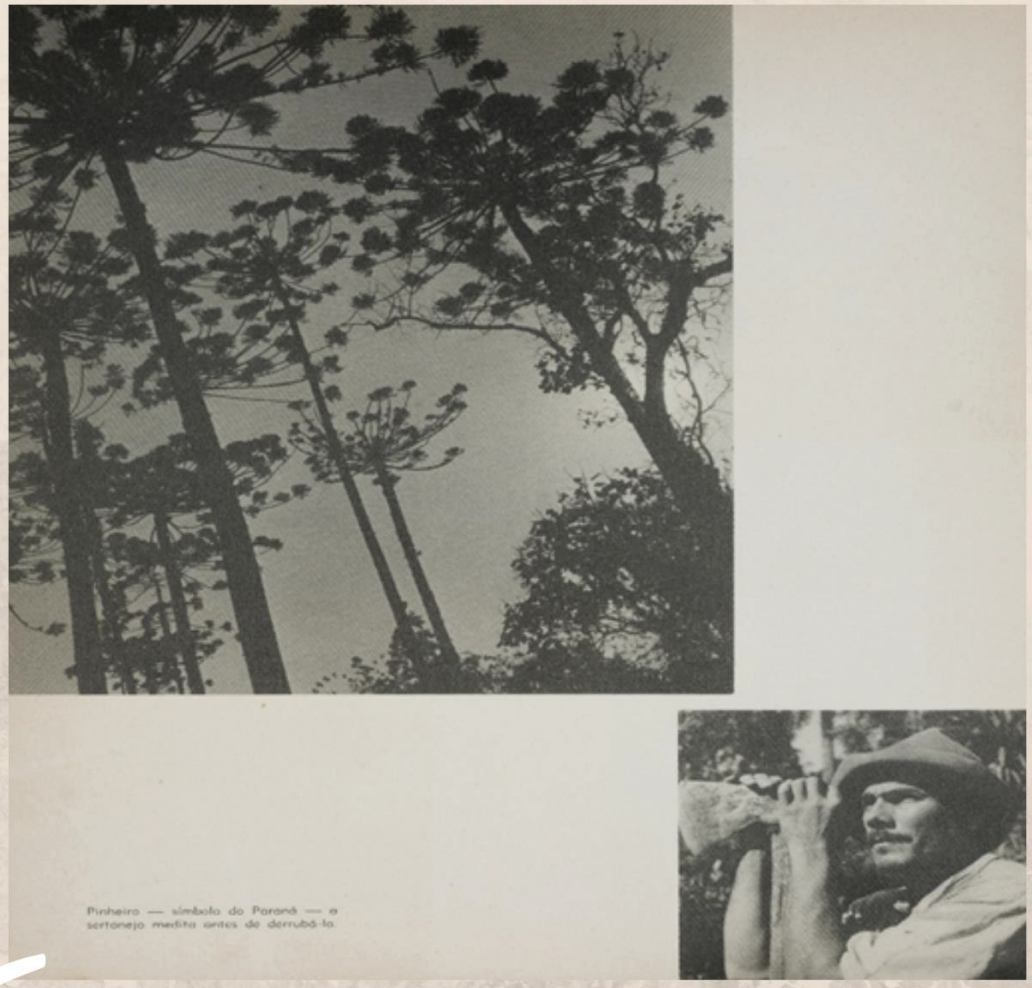
**1) Descreva as imagens 1, 2 e 3;**

**2) Que aspectos a imagem 1 destaca? (trabalho, riqueza, colheita, habilidade, café e etc.);**

**3) Qual o título do álbum presente na imagem 2? Qual o significado do nome? A quem é atribuída a autoria do álbum ou as imagens?**

**4) Além da data que outros aspectos deste conjunto de imagens indicam que é uma publicação antiga?**

# FICHA 02




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 11.

**Pinheiro - símbolo do Paraná - o sertanejo medita antes de derrubá-lo.**

FICHA 02

1) Como o grupo descreve as imagens apresentadas na página?

2) É possível identificar algum tipo de contradição entre as imagens e a legenda proposta no álbum?

3) Se o pinheiro era considerado o símbolo do Paraná, por que ele deveria ser derrubado?

4) Que ferramenta era utilizada, segundo a imagem, para fazer a derrubada dos pinheirais?

5) O que este trabalhador, nominado de sertanejo, poderia estar pensando?

# FICHA 03

## imagem 1



Um momento de descanço no trabalho intensivo da desmatação e da derrubada . . .

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 5.

**Um momento de descanso no trabalho intensivo do desmatamento e da derrubada.**

# FICHA 03

**imagem 2**



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 6.

**O progresso anda depressa em Londrina.**

**1) Como o grupo descreve essas páginas do álbum?**

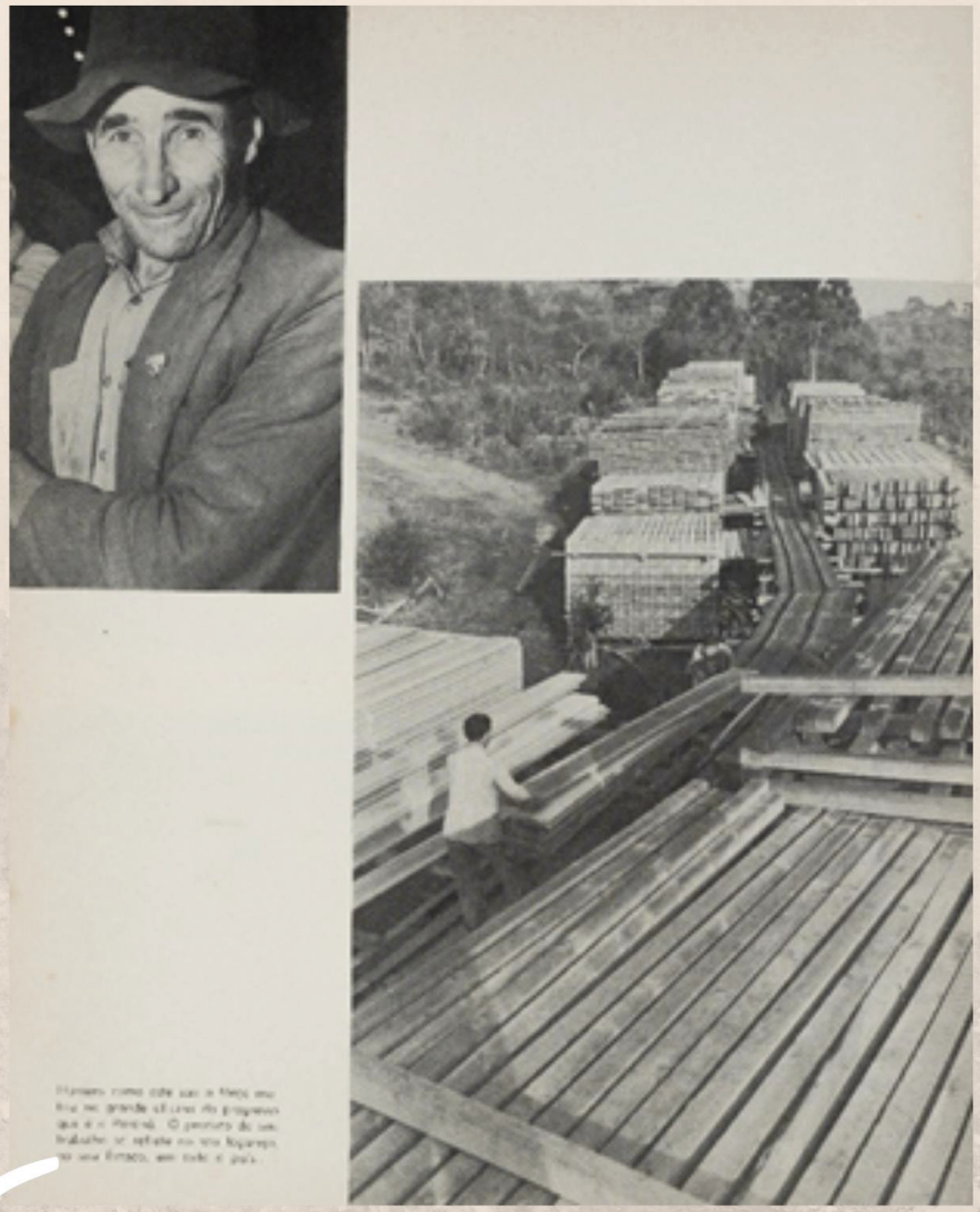
**2) De que forma o cenário retratado na imagem 1 pode ser descrito no primeiro, no segundo e no terceiro plano?**

**3) Qual a ideia de cidade que a imagem 2 pretende destacar?**

**4) A partir da legenda, é possível identificar alguma preocupação com a derrubada da floresta nativa? Como chegou a essa conclusão?**

# FICHA 04

**imagem 1**



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 15.

**Homens como este são a força de trabalho motriz na grande oficina do Progresso que é o Paraná. O produto do seu trabalho se reflete no seu lugarejo, no seu Estado, em todo o país.**

# FICHA 04

**imagem 2**



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 16.

**Como que assustada, a criança olha o cemitério de toras, após a batalha das derrubadas.**

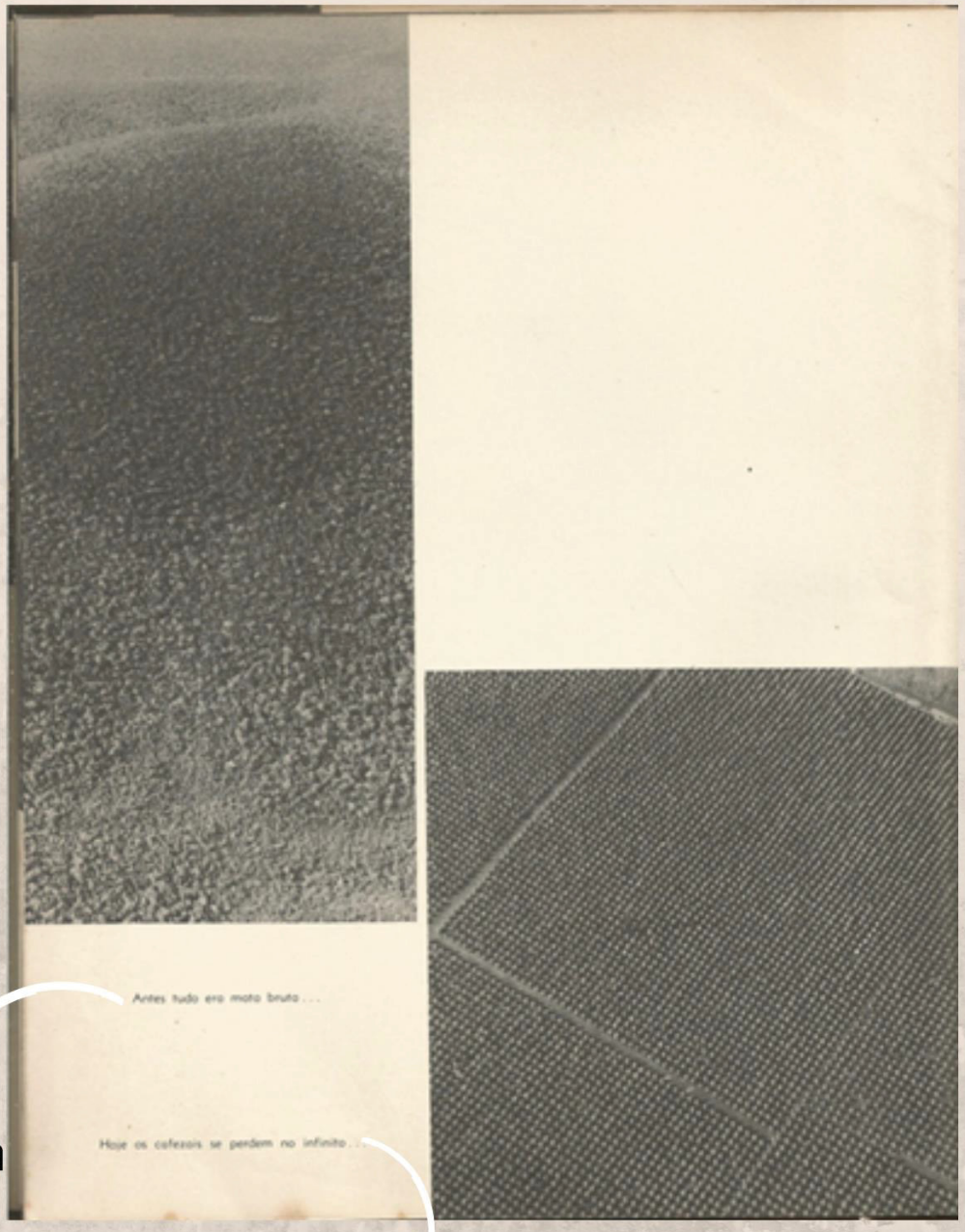
**1) Como o grupo descreve o conjunto de imagens apresentadas?**

**2) Que temáticas destacam?**

**3) Como o trabalho é destacado na imagem e na legenda?**

**4) Qual a relação entre a primeira e a segunda imagem na opinião do grupo?**

# FICHA 05




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 27.

**Antes tudo era mata bruta...**

**Hoje os cafezais se perdem no infinito.**

FICHA 05

1) Descreva as duas imagens presentes na página.

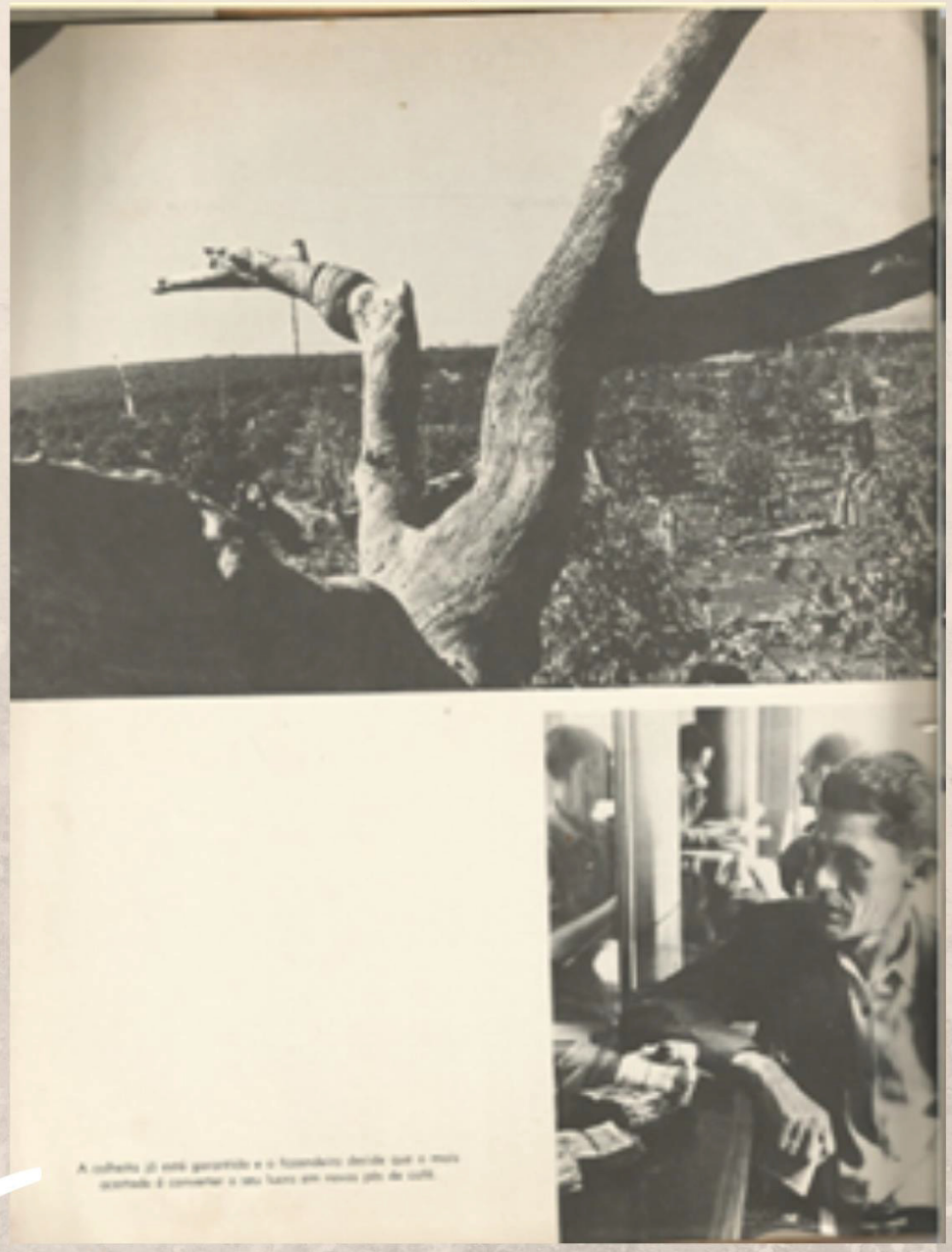
2) Que aspectos das imagens foram os mais impactantes? Por quê?

3) Qual a intenção do organizador do álbum do centenário de emancipação política do Paraná em apresentar essas duas imagens?

4) Qual o conceito que se aplica na leitura desta imagem?

# FICHA 06

**imagem 1**

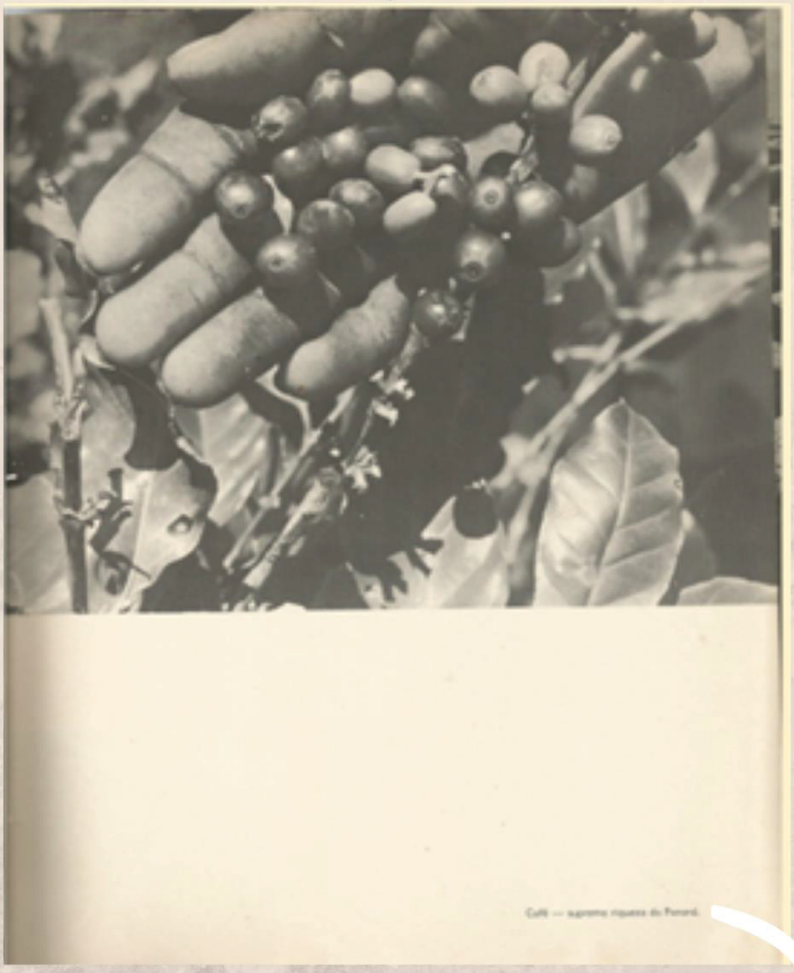


fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 9.

**A colheita está garantida e o fazendeiro decide que o mais acertado é converter o seu lucro em novos pés de café.**

# FICHA 06

**imagem 2**



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 10.

**Café - suprema riqueza do Paraná.**

**1) Como o grupo descreve o conjunto de imagens apresentadas lado a lado no álbum?**

**2) Que título poderia ser dado a este conjunto de imagens?**

**3) Que temáticas se destacam?**

**4) Qual a relação entre as fotografias da primeira página com a da segunda?**

**5) Como o café é apresentado?**

# FICHA 07

(No álbum esta legenda se encontra na página anterior, mas faz parte desse conjunto de imagens.)

Já são afamadas as pitorescas casas de madeira nos campos, nos vilarejos, nos arredores de Curitiba. Muito preferidas pela fácil, econômica e rápida terminação

imagem 1



...e o estilo varia de acordo com o terreno e com as posses do proprietário.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 131.

# FICHA 07

**imagem 2**



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 132.

**1) Descrever o conjunto de imagens apresentadas.**

**2) De acordo com as imagens qual o material era preferido para a construção das residências? Por quê?**

**3) Qual o papel da mata das araucárias no contexto apresentado nas imagens?**

**4) Que conceitos podem auxiliar a analisar este conjunto de imagens?**

**FICHA 08**



Poética paisagem de Monte Alegre

Zona industrial, fábrica de madeira - logo não haverá mais paisagens de pinheiros contra o crepúsculo.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 133-134.

# FICHA 08

1) Descreva as imagens retratadas.

2) Poética paisagem de Monte Alegre. Que lugar é este? Qual o destino de toda a madeira nativa retirada?

3) De acordo com a paisagem retratada, qual a função da vegetação nativa?

4) Que conceitos podem auxiliar na análise dessa imagem?

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, objetivei desenvolver uma pesquisa acadêmica no campo da História Ambiental voltada para o ensino de História. Para tanto, tive a oportunidade de (re) visitar a historiografia, analisar e selecionar documentos e produzir sínteses que me permitiram escrever sobre a devastação ambiental do Paraná a partir do século XIX até o século XX, considerando aspectos sociais, políticos e econômicos, bem como os sujeitos pertencentes a estes contextos históricos. Essa imersão teórica e metodológica culminou com a construção de uma dissertação que visa contribuir com o professor e com a sua prática no ensino de História, pois ainda existem muitas dificuldades para encontrar materiais didáticos pedagógicos que favoreçam uma abordagem mais significativa desses conteúdos em sala de aula e, em especial sobre a história do Paraná. Neste sentido, apresentei duas sequências didáticas voltada aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental que visam problematizar historicamente os temas relacionados à História Ambiental, tendo como recorte a história ambiental do Paraná.

Espero que esta produção contribua para a necessária desconstrução da narrativa positiva e acrítica sobre a ocupação do território paranaense. Por isso, a problematização que permeia este trabalho discute a ocupação do território paranaense e os grandes impactos ambientais desse processo e que resultou na devastação florestal, tão naturalizada nos dias de hoje. E, num segundo momento, me ocupei com o desafio de selecionar documentos e propor a utilização de metodologias de trabalho que permitam aos estudantes a análise de diferentes fontes históricas (mapas, dados estatísticos, fotografias, gráficos discursos governamentais, dentre outros) e a produção de narrativas, que expressem a compreensão do jogo de interesses que justificaram a apropriação e destruição da natureza em nome de uma concepção de progresso e de civilização que atendeu aos interesses do capital. Entendo que tratar desse percurso histórico é essencial na formação das novas gerações, uma vez que os jovens possuem um sentimento presentista e imediatista, os quais não compreendem por si só que o passado é relevante para o entendimento do tempo presente, pois é produto das ações e relações humanas ao longo do tempo.

Julgo importante destacar neste trabalho o diálogo interdisciplinar entre a Biologia, a História e a Geografia que tive que buscar, pois só assim foi possível abordar, a partir de fontes diversas, o processo de devastação, que marcou a história

do Paraná, e ao mesmo tempo evidenciar a retirada desmedida das Araucárias e de outros tipos de madeira que cobria a região. Cito como exemplo desse trabalho interdisciplinar a análise dos discursos construídos pela elite política e de intelectuais que estiveram no Paraná durante o século XIX, os quais constituem-se importantes fontes históricas para que os alunos, a partir da mediação do professor, tenham uma melhor compreensão histórica das intenções civilizatórias dos viajantes que chegaram ao Paraná, bem como percebam a partir destas narrativas, o modo como aconteceram as conquistas que delimitaram o Paraná que hoje conhecemos. Tais fontes podem enriquecer o trabalho do professor, permitindo aos alunos uma aprendizagem significativa a medida que participam da análise de fontes, produzem narrativas históricas e estabelecem relações entre o passado e o presente.

Sobre a temática escolhida para esta pesquisa destaco que apesar de ser um conteúdo obrigatório na educação básica, a História do Paraná e, em especial a História Ambiental deste território, são colocadas à margem do currículo escolar, principalmente devido a carência de materiais didático-pedagógicos que subsidiem o trabalho do professor em sala de aula. Diante desta realidade espero ter contribuído para minimizar esta dificuldade enfrentada pelos professores de História ao propor subsídios teóricos e práticos, uma vez que a dissertação ora compartilhada diz respeito a História Ambiental e devastação florestal no território paranaense. Os três capítulos apresentam um significativo arcabouço teórico, complementado por sequências didáticas formadas por um conjunto de atividades para subsidiar a prática do professor de História, disponibilizando orientações metodológicas e materiais didáticos elaborados a partir documentos sobre a História Ambiental do Paraná.

Considero especial o momento de finalização de uma pesquisa, pois ela fecha o ciclo iniciado com a minha participação no processo de seleção no ProfHistória em 2018. Todo esse percurso representou para a minha vida profissional a oportunidade de revisitar os bancos acadêmicos, de conviver com professores interessados em buscar subsídios teóricos e práticos para a prática docente e registrar, por meio dessa dissertação, minha contribuição para o ensino de História no campo da História Ambiental. Foi, sem dúvida uma oportunidade ímpar que chegou em meio a descoberta de um câncer linfático, que apesar do impacto inicial do diagnóstico e da complexidade de um tratamento quimioterápico, não impediu a continuidade da pesquisa, apesar de alterar o ritmo e o tempo para a sua realização. Pesquisar,

escrever, ler e qualificar o texto foram atividades prazerosas que me tiraram do lugar de paciente.

Infelizmente, nos últimos meses, minha visão ficou comprometida e a intensificação gradativa das dores não permitiram que eu conseguisse dar conta de tudo o que eu havia proposto inicialmente, por isso peço que olhem para o meu trabalho como um registro das leituras e de aprendizados que fiz ao longo da vida, que me serviram no exercício do ofício de professor de História e que foram enriquecidos, complementados e sistematizados a partir dos estudos no mestrado. Mesmo ciente das limitações do texto ora apresentado, compartilho os seus acertos com os professores de História que superam, no cotidiano das escolas públicas, todas as adversidades e insistem em ensinar, em problematizar, em debater o passado de homens e mulheres com as novas gerações.

Por fim, quero registrar que a conclusão da escrita do texto só foi possível porque contei com o auxílio da Dr.ª Lilian Ianke Leite, minha esposa e acompanhante nos momentos de dor. Ela também pesquisadora e professora de História, com quem compartilhei quase duas décadas de vida afetiva e de magistério na educação pública. Juntos, de alguma forma, superamos os desafios que a vida nos impôs e concluímos esta dissertação. Finalizada esta etapa, sigo em paz...

**DADOS CONSULTADOS**

FONTES


ACERVO CID DESTEFANI. Disponível em: http://lespaxa.blogspot.com/2013/06/bairro-do-batel.html . Acessado em 18 jul. 2019.

A “GUERRA DE PORECATU” (1950 – Norte do Paraná) e o “Levante dos Posseiros” (1957 – Sudoeste do Paraná). Disponível em: http://memorialdademocracia.com.br/conflitos/pr . Acesso em 12 dez. 2019.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1958)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

BIGG-WITHER, T. P. **Novo caminho no Brasil Meridional**: a Província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos - 1872/1875. Rio de Janeiro: J. Oyimpio; Curitiba: UFPR, 1974.

CAMARGO, A. A. **Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná**. Curitiba, s/ed., 1929.

CAMPOS, H. G. **História e linguagens, volume único: livro do professor. 1** ed. São Paulo: FTD, 2009.

COMPANHIA LUMBER. Produção de Alberto Botelho. 39 min., mudo, preto e branco. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=78H4czJ-anl . Acesso em 17 ago. 2019.

CONOCIENDO y disfrutando de la flora de Chile. Disponível em: http://www.chilebosque.cl/flora/araucaria_araucana.html. Acesso em 10 de set. 2019.

DUTRA, T. L.; STRANZ, A. História das Araucariaceae: a contribuição dos fósseis para o entendimento das adaptações modernas da família no Hemisfério Sul, com vistas a seu manejo e conservação. In: RONCHI, L.H. & COELHO, O.G.W. (org.) **Tecnologia, diagnóstico e planejamento ambiental.** São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-pgro/ptamazonas.htm . Acesso em 12 aug. 2019.

FLÁVIO ZANETTE E REDAÇÃO. Infografia: Chantal Wagner Kornin/ Gazeta do Povo. Disponível em: https://chantalwk.myportfolio.com/infographic-araucaria-pine-tree . Acessa em 15 set. 2019.

GRANDES LEMBRANCAS DE UMA PEQUENA LOCALIDADE. Disponível em: https://Sites.Unicentro.Br/Jornalagora/Grandes-Lembrancas-De-Uma-Pequena-Localidade/. Acesso em 19 jan. 2020.

GRUPO DE TRABALHO HISTÓRIA AMBIENTAL, da Associação Nacional de História (ANPUH). Disponível em: http://gthistoriaambiental.org.br/index.php?r=1. Acesso em: 21 aug. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS FLORESTAIS – IPEF. Disponível em: https://www.ipef.br/identificacao/araucaria.angustifolia.asp. Acesso em 10 set. 2019.

MAACK, R. **Geografia Física do Paraná**. Curitiba, 1968.

MARTINS, A. R. **A caça e a pesca no Paraná**: lei e sua justificativa. Curityba: s.n, 1924.

_____. **Livro das árvores do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2004.

_____. **Paranistica**. A Divulgação. Curitiba, fev. mar.1946. p.90-94 .

MURICI, J. C. da S. (Org.). **Catálogo dos diversos productos da exposição provincial do Paraná**. Curitiba . Typ. Lopes. 1866.

PARANÁ. Presidente (1854-1855: Vasconcelos). **Relatório do Presidente da Província do Paraná Zacarias de Goes e Vasconcelos na abertura da Assembléia Legislatíva Provincial em 15 de julho de 1854**. Curityba: Typ. Lopes, 1854.

_____. _____. **Relatório do Presidente da Província do Paraná Zacarias de Goes e Vasconcelos na abertura da Assembléia Legislatíva Provincial em 08 de fevereiro de 1855**. Curityba: Typ. Lopes, 1855.

PARANÁ. Presidente (1863-1865: Fleury). **Relatório com que o Exm. Sr. Presidente de Província Dr. André Augusto de Pádua Fleury passou a administração ao Exmo. Sr. Vice-Presidente Dr. Manoel Alves de Araujo no dia 4 de junho de 1865** . Curityba: Typ. Lopes, 1865.

PARANÁ. **Lei Estadual nº 706 de 01/04/1907**, que cria o Código Florestal no Paraná. Lembremos que o primeiro Código Florestal Brasileiro só foi instituído anos depois, pelo Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934.

PARANÁ. **Lei Estadual nº 1893 de 11/04/1919**, que reorganiza o Código Florestal no Paraná.

PARANÁ. **Lei Estadual nº 2296 de 04/04/1924**, que cria o Código de Caça e Pesca do Paraná.

PARANÁ. **Lei Estadual nº (?) de (?)/02/1926**, que reorganiza o Código Florestal e consolida as demais leis vigentes sobre a exploração de madeiras.

REAL, G. **Uma nobre entre as mais nobres madeiras**. 2017, p.1. Disponível em: https://www.estudioripa.com.br/post/pinhoderiga . Acesso em 15 dez. 2020.

SCHEIER, Peter. **Paraná, Brasil**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P. de. História e patrimônio ambiental: artifícios naturais do poder público em Londrina. In: **História – Hoje**: revista eletrônica de História. Vol. 1, n.3, 2004. Disponível em: http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n3/londrina.htm Acesso em 25 ago. 2019.

AMADIGI, F. R. **Legislação florestal no Paraná**: a "preocupação ecológica" de Romário Martins (1907-1944). Curitiba, 1999. Monografia (Graduação). Departamento de História. Universidade Federal do Paraná.

ARRUDA, G. **Bacias hidrográficas, territórios, paisagens e a história ambiental**. Revista Porto. Natal, v. 1, 2011.

ARRUDA, G. Cidades e sertões: o historiador entre a história e a memória. **Projeto História** (PUCSP). São Paulo, v. 19, p. 121-147, 1999.

AYOUB, D. S. **Madeira sem lei**: jagunços, posseiros e madeireiros em um conflito fundiário no interior do Paraná. 2011. Dissertação (Mestrado). Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná.

_____. Bacias hidrográficas, territórios, paisagens e a história ambiental. **Revista Porto**. Natal, v. 1, p. 11-32, 2011. VERIFICAR SE REALMENTE FOI USADO. Se for mantido, temos que citar como AYOUB (2011b)

BARBOSA, E. B. L., ANJOS, J. J. T. dos, & SILVA, P. V. B. da. (2020). Irmãos Rebouças no Paraná do século 19 e os intelectuais negros. **Acta Scientiarum. Education**, 42(1), e45603.

BENVENUTTI, A. F. **As reclamações do povo na Belle Epoque**: a cidade na discussão da imprensa curitibana (1909-1916). Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

BITTENCOURT, C. M. F. Meio ambiente e ensino de história. **Revista História e Ensino**: revista do laboratório de ensino de História. Londrina: UEL, v.9, out. 2003, p. 37-62.

_____. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BODEI, R. **A história tem um sentido?** São Paulo: EDUSC, 2001.

CARDOSO, J. A., WESTPHALEN, C. M. **Atlas histórico do Paraná**. Curitiba : Ed. Livr. do Chain, 1986.

CARNEIRO, C. B. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná. Curitiba: SAMP, 2013

CARNEIRO, Newton. **Um precursor da justiça social**: David Carneiro e a economia paranaense. Curitiba: [s.n.], 1965.

CARVALHO, A. I. de; LAVERDI, R. A dimensão ambiental do conhecimento histórico: entrevista com José Augusto Pádua. **Revista de História Regional**, v. 19, n. 2, p. 457-484, 2014.

CARVALHO, M. M. X. de; NODARI, E. S. As origens da indústria madeireira e do desmatamento da floresta de araucária no Médio Vale do Iguaçu (1884-1920). **Cadernos do CEOM** (Unochapecó), v. 21, p. 63-82, 2009.

_____. de. **Uma Grande Empresa em Meio a Floresta**: a história da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization*. Florianópolis, 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

CERRI, L. F. Regionalismo e ensino de História. In: **Revista de História Regional**. Ponta Grossa: UEPG, v. 1, n. 1, 1996. p. 135-143.

CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994.

COLODEL, J. A**. Rio Paraná**: caminho de pessoas, mercadorias e ideias. Disponível em: http://jaccolodel.blogspot.com/2013/09/rio-parana-caminho-de.html . Acesso em 27 nov. 2019.

COSTA, H. **Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade e Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

COSTA, H.; SILVA, R. R. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CORRÊA, L. M. A atuação do *holding Brazil Railway Company* (1904-1920). In: **ANPUH**, 2017, Brasília. XXIX Simpósio de História Nacional: Contra Preconceitos-História e Democracia, 2017. v. 1. p. 1-14. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488824986_ARQUIVO_AatuacaodoholdingBrazilRailwayCo-CompletoAnpuh-ST115.pdf. Acesso em 13 aug. 2019.

DEAN, W. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DRUMMOND, J. A. A história Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.4, n.8, 1991, p.177-197.

DUARTE, R. H. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERRI, G. K. Araucária angustifólia: botânica, evolução e dispersão da espécie sob o viés da História Ambiental Global. **Revista EcoDebate**, v. 1, 2019. Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/2019/05/24/araucaria-angustifolia-botanica-evolucao-e-dispersao-da-especie-sob-o-vies-da-historia-ambiental-global-artigo-de-gil-karlos-ferri/. Acesso em 15 set. 2019.

FRAGA, N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado**. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná.

GLESSINGER, Egon. A integração da madeira. **Anuário Brasileiro de Economia Florestal**. Ano 9, n.9. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Pinho, 1957.

GOUVEIA, Sonia Maria Milano**. O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier**. São Paulo, 2008. Dissertação (mestrado – Área de concentração: história e fundamentos da arquitetura e do urbanismo). FAUUSP.

GUIMARÃES, S. K. **Estado e Patrimônio Cultural**: a memória da hidrovia no rio Iguaçu (PR). Ponta Grossa, 2017. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HUECK, K. **As florestas da América do Sul: Ecologia, composição e importância econômica**. Ed. da UnB, Polígono (SP), 1972.

IRIARTE, José; BEHLING, Hermann. *The expansion of Araucaria forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Itarare´ Tradition*. **Environmental Archaeology**. Vol 12, n.2, 2007.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 3 ed., São Paulo: Ateliê, 2002.

KRETZEN, J. **As grandes potências econômicas no Estado do Paraná**. 2 ed. Curitiba: Escritório Sul-Brasil, 1951.

KROETZ, L. R. **As Estradas de Ferro do Paraná (1840-1940)**. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade de São Paulo.

LANGE, F. L. P. **Iguaçu**: um caminho pelo rio. Curitiba: F.L.P. Lange, 2005.

LAVALLE, A. M. A **madeira na economia paranaense**. Curitiba: Grafipar, 1981.

LEANDRO, J. A. Devastação e Tráfico de Madeira no litoral do Paraná Provincial. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 93-105, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Bernardo Leitão et al. 5ªed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2003.

LEITE, L. I. O uso de fontes na construção do conhecimento histórico escolar. **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Produção didático-pedagógica. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2007. Disponível em:http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_ufpr_hist_md_lilian_ianke_leite.pdf. Acesso em 24 aug. 2019.

LÖWEN SAHR, C. L. Os mundos faxinalenses da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 213-226, jul./dez. 2008.

MACCARI, N. S. K. **Migração e memória**: a colonização do oeste paranaense. Curitiba, 1999. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná.

MACHADO, P. P. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado). Departamento de História. Universidade Estadual de Campinas.

MARTINEZ, P. H. **História Ambiental no Brasil**: pesquisa e ensino. São Paulo: Cortez, 2006.

MILANI. M. C. **Percival Faquhar, um homem quase sem nenhum caráter entre oligarcas e nacionalistas de muita saúde (1898-1952)**. São Paulo, 2017. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Econômica. Universidade de São Paulo.

MOTA, L. T. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: Eduem, 2009.

NOVO Mundo. n. 19. v. II, 23/05/1875, apud. REDE FERROVIARIA FEDERAL S. A. **Edição comemorativa do centenário da Estrada de Ferro do Paraná**. Curitiba : Ed. da RFFSA, 1985.

NUNES, A. L. A construção visual de uma comunidade imaginada paranaense nas comemorações ao Centenário do Paraná (1953). **Revista Cadernos de Clio**, v.6, n.2, 2015.

OLIVEIRA, D. de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

_____. **Professor-pesquisador em educação histórica**. Curitiba: IBPEX, 2011.

OLIVEIRA, R. S. D. et. al. **A utilização da fotografia em sala de aula.** História (Coleção A reflexão e a prática no ensino). São Paulo: Blucher, 2012.

PÁDUA, J. A. As bases teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, pp. 81-101, 2010.

PARANÁ. Instituto de Terras, Cartografia e Geociência. **Coletânea de Mapas Históricos do Paraná**. Curitiba: ITCF, 2006.

_____. Secretaria de Estado da Educação. **O sesquicentenário do Paraná no contexto escolar**: caderno-síntese e lâminas de projeção. Curitiba, 2004.

_____. _____. **Boletim – Resultados do Censo Escolar**: Educação Indígena no Paraná – 2013. Curitiba, n. 8, out. 2014, p. 1-6.

_____. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. **Nota técnica Ipardes**: Dinâmica Ambiental do Estado do Paraná. Curitiba, n. 13, 2010.

PAZ, F. M. História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v.8, 1987.

_____. **Na poética da História**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

PEREIRA, M. A. M. A Cidade de Curitiba no discurso dos viajantes e cronistas do século XIX e início do século XX. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 9-40, 1996.

PESAVENTO. S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX [online]**. Maringá: Eduem, 2012.

REZENDE, C. J. (Organizador). **Paraná espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos.** Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

RESENDE, R. C. A erva-mate e as transformações socioeconômicas e políticas no Paraná. **Revista Da Universidade Vale Do Rio Verde**. Três Corações, v. 15, n. 2, p. 278-295, ago/dez.2017.

REITZ, R.; KLEIN, R. M. **Araucariáceas. Flora Ilustrada Catarinense.** Itajaí, 1966.

RIBEIRO, L. C. **Memória, trabalho e resistência**: Curitiba 1890-1920. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade de São Paulo.

ROCHA, H. A. B. Aula de história: evento, ideia e escrita. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 83-103, jul./dez. 2015.

RÜSSEN. J. **Razão histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, P. C. dos. Um olhar sobre as exposições universais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. **Anais Eletrônicos...** Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf. Acesso em 25 jul. 2019.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SPADA, Eloisa. **Arquivo Peter Scheier**: a fotografia como narrativa visual; org. Heloisa Penteado. São Paulo: IMS, 2020 p.5-56.

SOLÓRZANO-FILHO, J. A.; KRAUS, J. E. Breve história das matas de araucária. **Revista Forest 99**, Rio de Janeiro, p. 37-40, 1999.

SOFFIATI, A. A ausência da natureza nos livros didáticos de História. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, n. 9, set. 1989/fev. 1990, pp. 43-56.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SZVARÇA, D. R. **O forjador: ruínas de um mito**. Romário Martins (1874-1944). Curitiba, UFPR, 1993. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

TOMPOROSKI, A. A. **O polvo e seus tentáculos**: a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e as transformações impingidas ao planalto contestado, 1910-1940. Florianópolis, 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

TRINDADE, A. D. **Os irmãos Rebouças e as perspectivas da imigração espontânea no Paraná (1865-1875)**. Curitiba: 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009. Disponível em: http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/alexandrodantastrindade.pdf. Acesso em 20 jul. 2019.

VEYNE, P. **Como se escreve a História, Foucault revoluciona a História**. Brasília: Ed. da UNB, 1982.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Gráfica Vicentina, 1995.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.4, n.8, 1991, p.198-215.

## ANEXO I - TRECHOS DA BIOGRAFIA PARA IMPRESSÃO

"Em poucos anos, o passatempo se tornou profissão, e o Foto Studio Peter Scheier, aberto no início dos anos de 1940, atendeu às mais diversas demandas até 1975" (SPADA, 2020, p. 5).

"De família judia, Peter Scheier deixou a Alemanha nazista em 1937. Chegou em São Paulo aos 29 anos" (SPADA, 2020, p. 5).

"Era comerciante e contador, e tinha a fotografia como hobby" (SPADA, 2020, p. 5).

"Seu estúdio fotográfico, administrado por sua esposa Gertrude Wilheim "[...] atuava em diferentes frentes: eventos sociais, retratos particulares, arquitetura, indústria, marketing institucional, fotojornalismo, reprodução de obras de arte, publicidade e serviços de laboratório, entre outros" (SPADA, 2020, p. 5).

**"Em 1933, Peter Scheier deixou sua cidade natal. Naquele ano, Adolf Htler ascendeu ao poder [...] iniciando o III Reich" (GOUVEIA, 2008, p.56).**

**"[...] ele atuou por quase uma década no semanário O Cruzeiro e colaborou com agências internacionais, publicando fotorreportagens nas revistas Time, life e Saturday Evening Post, entre outros periódicos" (SPADA, 2020, p. 5).**

"Em outubro de 1933 estabeleceu-se na cidade alemã de Holenau, [...] trabalhou na fábrica de açúcar dos Strakosch, dirigida por seu tio materno. Começou a planejar a sua emigração. [...]. Seu tio escreveu uma carta de recomendação, que lhe garantiria seu primeiro emprego no Brasil em um frigorífico" (GOUVEIA, 2008, p. 590).

"A ideia de fotografia como mostruário de ideias e de produtos, como uma vitrine, está no cerne dos quatro livros realizado pelo fotógrafo: Paraná, comissionado pelo governo do estado do Paraná, em 1953, na ocasião do aniversário de 100 anos do estado; São Paulo: Fastest Growing City in the world [...] em 1954; Brasília Vive!, de 1961; e Imagens do passado de Minas Gerais, de 1968. Todos eles eram peças promocionais, com pouco espaço para expor contradições" (SPADA, 2020, p.13)

"Diversas anotações técnicas testemunham a prática de um fotógrafo metódico e obsessivo com a qualidade do seu ofício: registros detalhados sobre o tempo de revelação de filmes, cálculos sobre a quantidade adequada de luz, diagramas e estudos sobre a posição correta de câmeras e equipamentos de iluminação" (SPADA, 2020, p. 5).

"Em 1937, Peter Scheier foi para Viena [...] conheceu Gertrude Willeim, uma jovem tcheca de 20 anos, com quem se casaria mais tarde, no Brasil. [...] Em 18 de setembro de 1937, Scheier saiu de Viena rumo à França, onde embarcou no navio para o Brasil [...]. em 25 de outubro, desembarcou no porto do Rio de Janeiro, dirigindo-se em seguida para São Paulo." (GOUVEIA, 2008, p.59)

"Em julho de 1939, Scheier casou-se com Gertrude, recém chegada ao Brasil. No ano seguinte, abriram o Foto Studio Peter Scheier" (GOUVEIA, 2008, p.64).

"[...] nasceu em 1908 na pequena cidade de Glogau, sudeste da Alemanha, à margem do Rio Order. (GOUVEIA, 2008, p.44)

"De marco de 1945 a outubro de 1951 Peter Scheier foi colaborador da revista O Cruzeiro, revista semanal ilustrada [...] continha seções e reportagens variadas e sua característica marcante era a fotorreportagem" (GOUVEIA, 2008, p. 90).

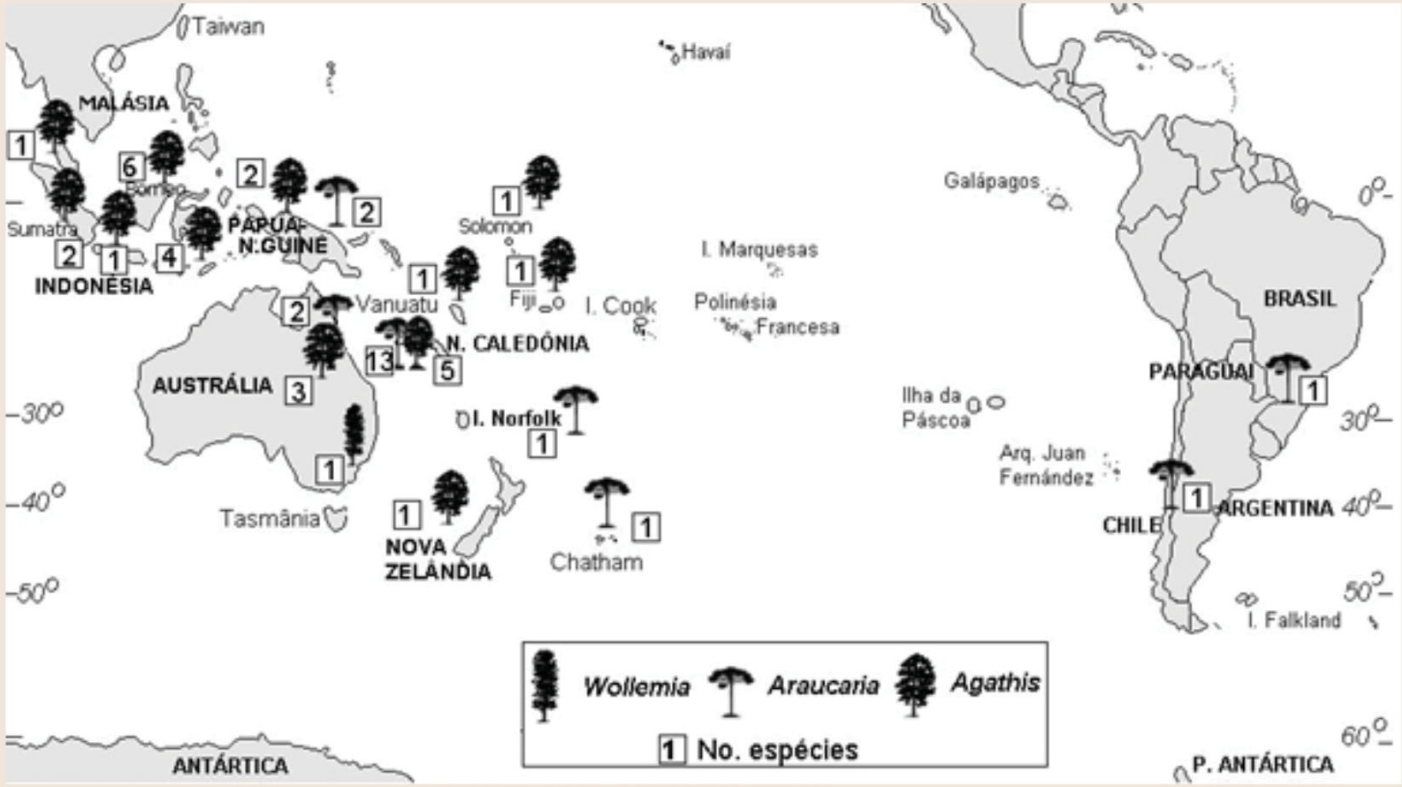
"Durante os cerca de seus anos em que trabalhou no Masp, Scheier documentou os mais diversos cursos ofertados pelo museu: balé para crianças, e adultos, arte infantil, escola de modelos, fotografia, cinema e atividades do Instituto de Arte Contemporânea [...] =. Além disso reproduzia obras, registrava exposições, desfiles de moda, eventos musicais e palestras" (SPADA, 2020, p.12).

"Ao longo de sua carreira, Peter Scheier produziu quatro álbuns temáticos sobre Paraná, São Paulo, Brasília e Minas Gerais" (GOUVEIA, 2008, p.210).

"Paraná, Brasil (1953) - foi uma edição comemorativa do I Centenário do Estado do Paraná. Com fotos em preto e branco, retrata vários aspectos daquele estado: sua agricultura, sua população, a forte presença imigrante e a economia" (GOUVEIA, 2008, p. 211).

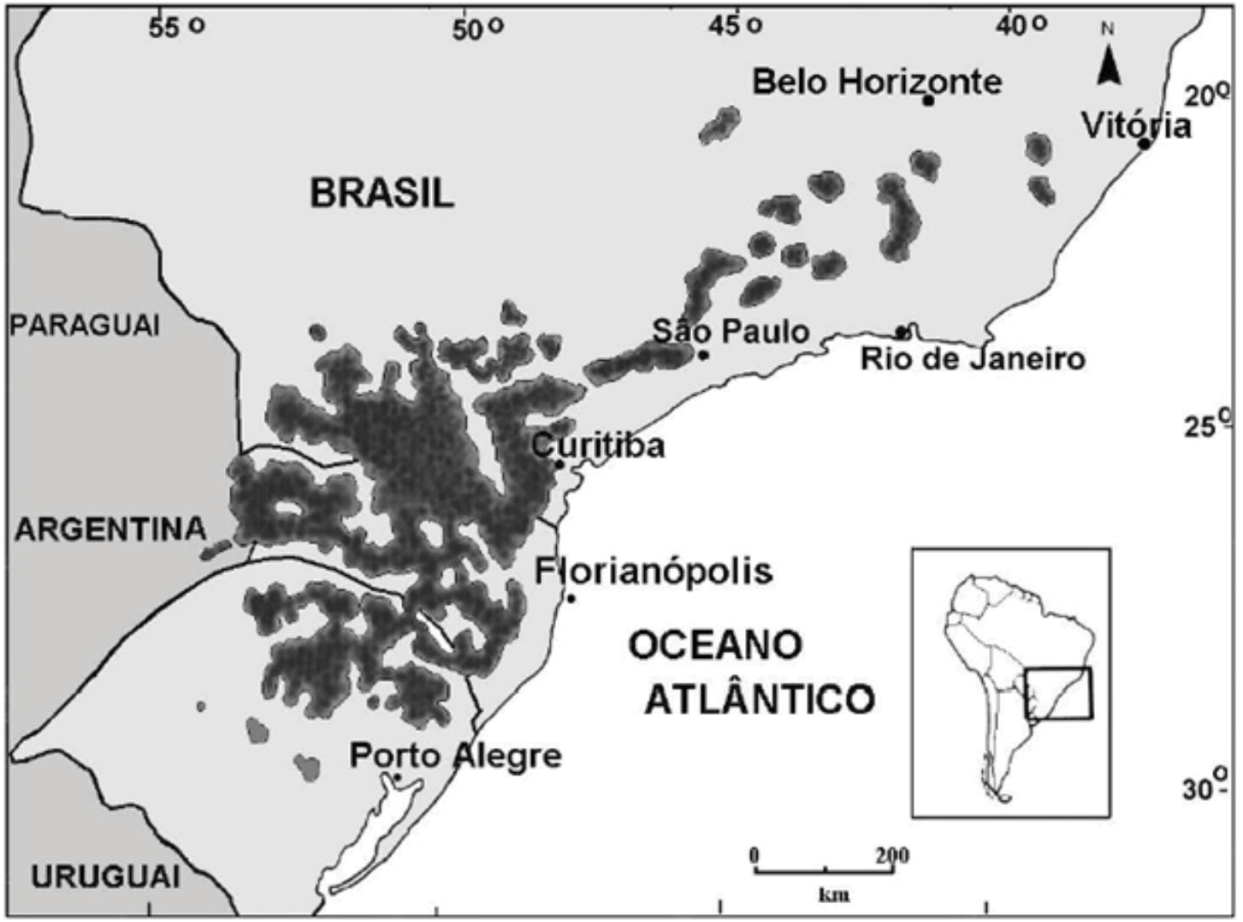
## ANEXO II- IMAGENS PARA IMPRESSÃO

# MAPA 01 - DISTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS DA FAMÍLIA MODERNA DAS Araucariaceae




FONTE: DUTRA, T. L.; STRANZ, A. História das Araucariaceae: a contribuição dos fósseis para o entendimento das adaptações modernas da família no Hemisfério Sul, com vistas a seu manejo e conservação. In: RONCHI, L.H. & COELHO, O.G.W. (org.) Tecnologia, diagnóstico e planejamento ambiental. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003. p. 293-351.

# MAPA 02 - ÁREA "ORIGINAL" DA FLORESTA COM ARAUCÁRIA (EXISTENTE ATÉ A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX).




FONTE: DUTRA, T. L.; STRANZ, A. História das Araucariaceae: a contribuição dos fósseis para o entendimento das adaptações modernas da família no Hemisfério Sul, com vistas a seu manejo e conservação. In: RONCHI, L.H. & COELHO, O.G.W. (org.) Tecnologia, diagnóstico e planejamento ambiental. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003. p. 293-351.

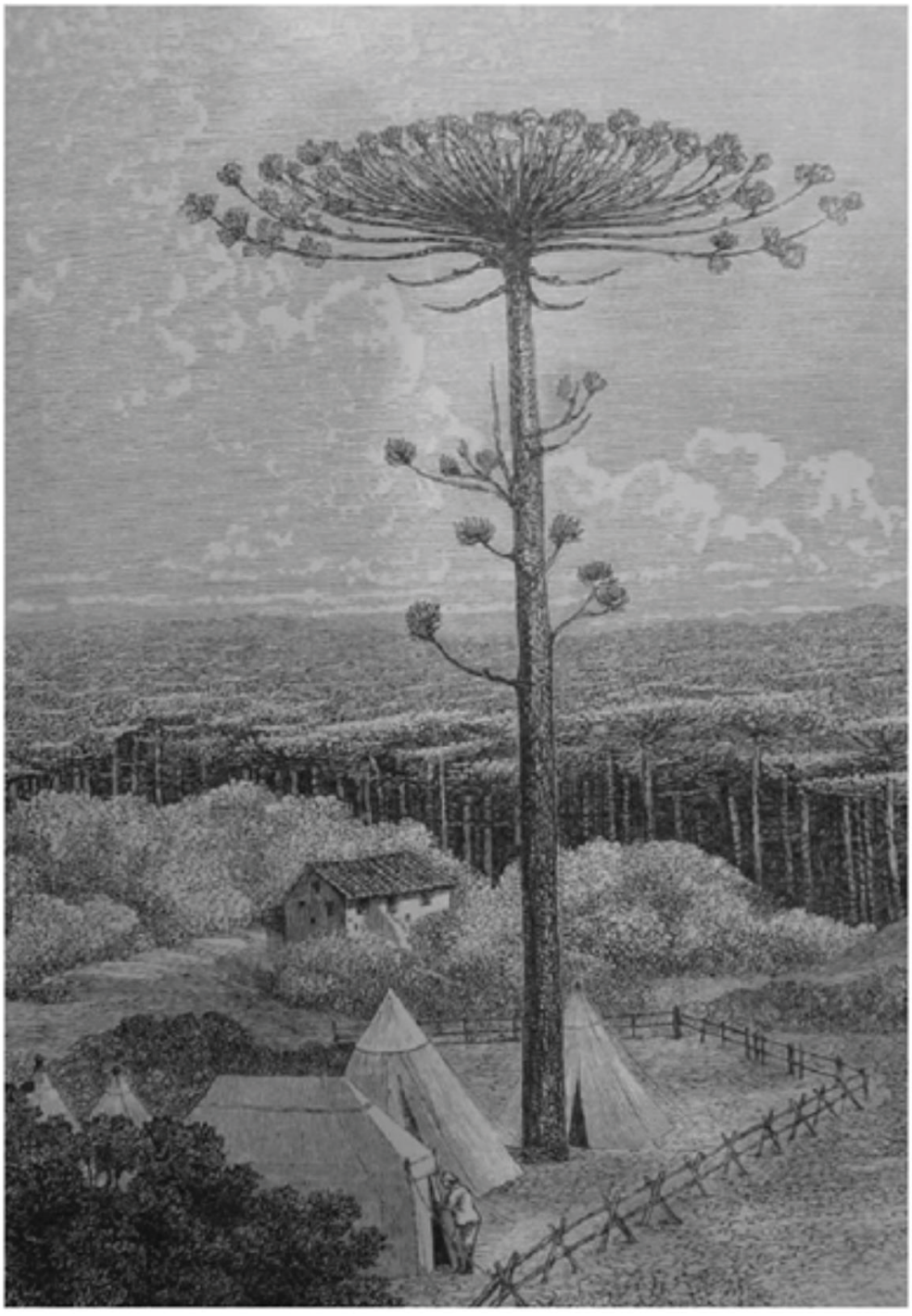
# ILUSTRAÇÃO 01 - ETAPAS DO CRESCIMENTO PADRÃO DA ARAUCÁRIA.




| IDADE | 2 anos | até 10 anos | 10 a 20 | 20 a 30 | 40 a 50 |
|---|---|---|---|---|---|
| ALTURA | 1 a 2 m | 6 a 8 m | 8 a 12 m | 13 a 17 m | 22 m |
| DIÂMETRO | 2 a 3 cm | 15 cm | 30 cm | 40 a 60 cm | 80 a 90 cm |

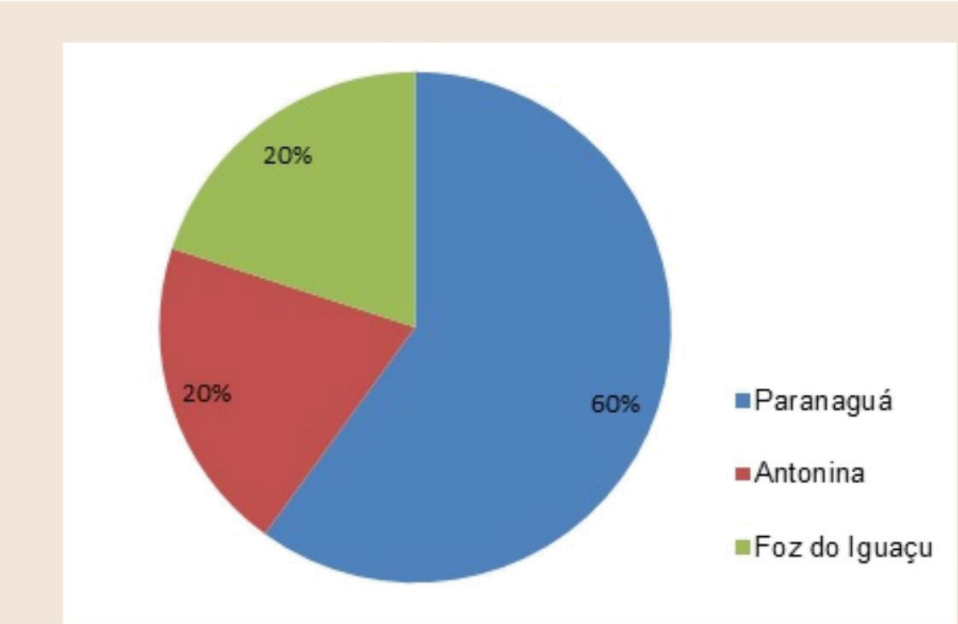
FONTE: Flávio Zanette e Redação. Infografia: Chantal Wagner Kornin/ Gazeta do Povo. Disponível em: <https://chantalwk.myportfolio.com/infographic-araucaria-pine-tree> Acessado em 15/09/2019.

# ILUSTRAÇÃO 02 - ACAMPAMENTO DO GRUPO 1 À MARGEM DA FLORESTA DE PINHEIROS.



FONTE: BIGG-WITHER, T. P. Op. Cit., 1974, p. 137.

# GRÁFICO 01 - EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE MADEIRA ATRAVÉS DOS PORTOS 1910/1959.




FONTE: LAVALLE. M. A Madeira na Economia Paranaense. Curitiba: Grafipar, 1981. p. 23.

**FOTOGRAFIA 01 - JANGADAS (MAROMBAS) DESCENDO O RIO PARANÁ EM DIREÇÃO ÀS SERRARIAS ARGENTINAS. PODIAM CONTER ATÉ DUAS MIL TORAS AMARRADAS E ENTRELAÇADAS (SEM DATA).**



FONTE: COLODEL, J. A. Rio Paraná: Caminho de Pessoas, Mercadorias e Ideias. Disponível em: <Http://Jaccolodel.Blogspot.Com/2013/09/Rio-Parana-Caminho-De.Html> Acessado Em 27/11/2019.

# FOTOGRAFIA 02 - COLONOS POSAM JUNTO A UMA IMENSA PEROBA-ROSA APÓS A DERRUBADA (MARIPÁ/PR, 1952).



FONTE: Paraná. Secretaria do Estado da Educação. O Sesquicentenário Do Paraná No Contexto Escolar: Caderno-Síntese e Lâminas de Projeção. Curitiba, 2004. P. 35.

# FOTOGRAFIA 03 - EXTRAÇÃO DE PINHEIROS E IMBUIAS EM ZATTARLÂNDIA, DÉCADA DE 1960



FONTE: Arquivo da Família Stachechem. Disponível Em: <Https://Sites.Unicentro.Br/Jornalagora/Grandes-Lembrancas-De-Uma-Pequena-Localidade/> Acessado em 19/01/2020.

## TABELA 01 - PRINCIPAIS FÁBRICAS E OFICINAS EXISTENTES EM CURITIBA, 1900.

| Fábricas e Oficinas | Abs. | % |
|---|---|---|
| Fábricas de barricas para erva-mate | 100 | 22,83 |
| Oficinas de seleiros | 81 | 18,49 |
| Olarias | 41 | 9,36 |
| Marcenarias | 39 | 8,9 |
| Fábricas para beneficiar erva-mate | 25 | 5,70 |
| Oficinas de alfaiatarias | 21 | 4,79 |
| Serralherias | 21 | 4,79 |
| Carpintarias | 19 | 4,33 |
| Oficinas de funileiros | 12 | 2,73 |
| Moinhos de farinha | 10 | 2,28 |
| Serrarias | 10 | 2,28 |
| Curtumes | 10 | 2,28 |
| Fábrica de café moído | 10 | 2,28 |
| Oficina de carros | 7 | 1,59 |
| Fábrica de licores e xaropes | 6 | 1,36 |
| Oficinas de consertos de instrumentos | 5 | 1,14 |
| Fábricas de águas gasosas | 5 | 1,14 |
| Outros | 16 | 3,60 |

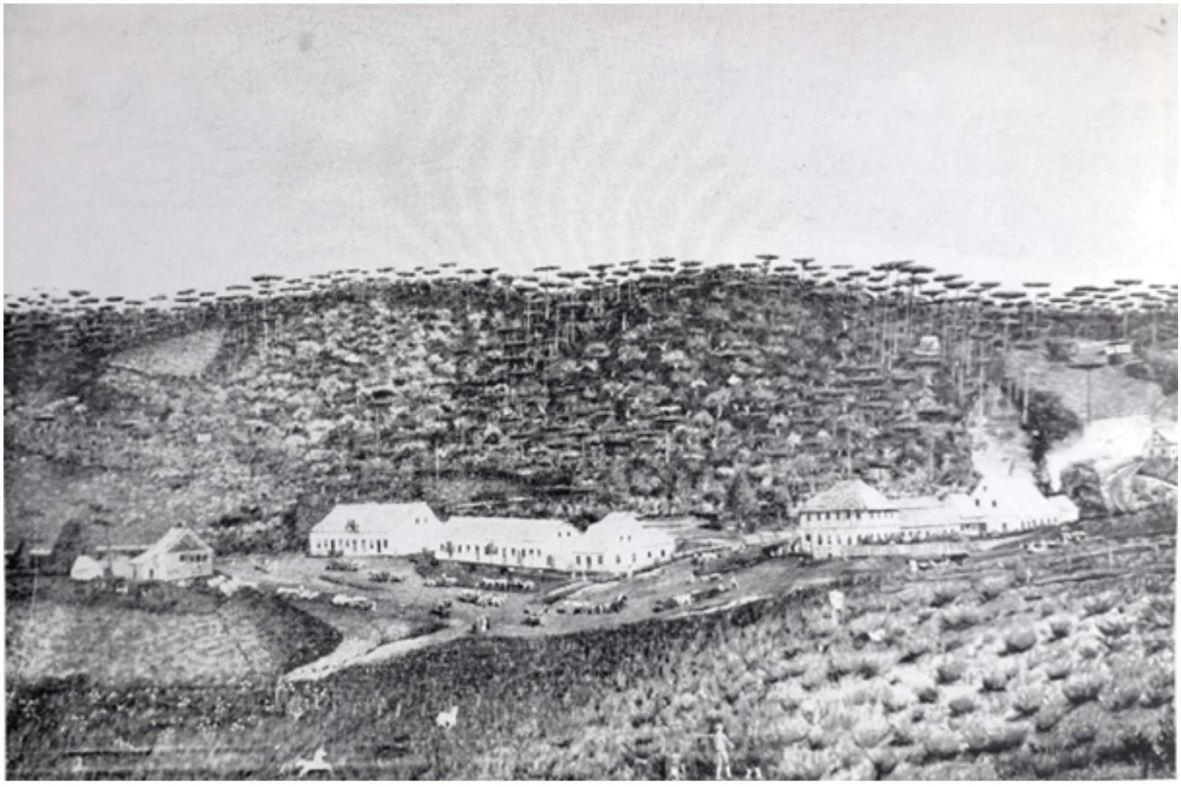
FONTE: RIBEIRO (1985, p. 130)

# FOTOGRAFIA 03 - BARRICAS DE PINHO PARA EXPORTAÇÃO DE ERVA-MATE SENDO ESVAZIADAS NA ERVATEIRA AMERICANA, FOTO DE 1916.



FONTE: (Acervo Cid Destefani) < http://lespaxa.blogspot.com/2013/06/bairro-do-batel.html> acessado em 18/07/2019.

**FOTOGRAFIA 04 - SERRARIA DA CIA. FLORESTAL, NA BORDA DO CAMPO. PRIMEIRA INDÚSTRIA MADEIREIRA LOCALIZADA NO BRASIL. ÓLEO DE AUTOR DESCONHECIDO (SEM DATA).**



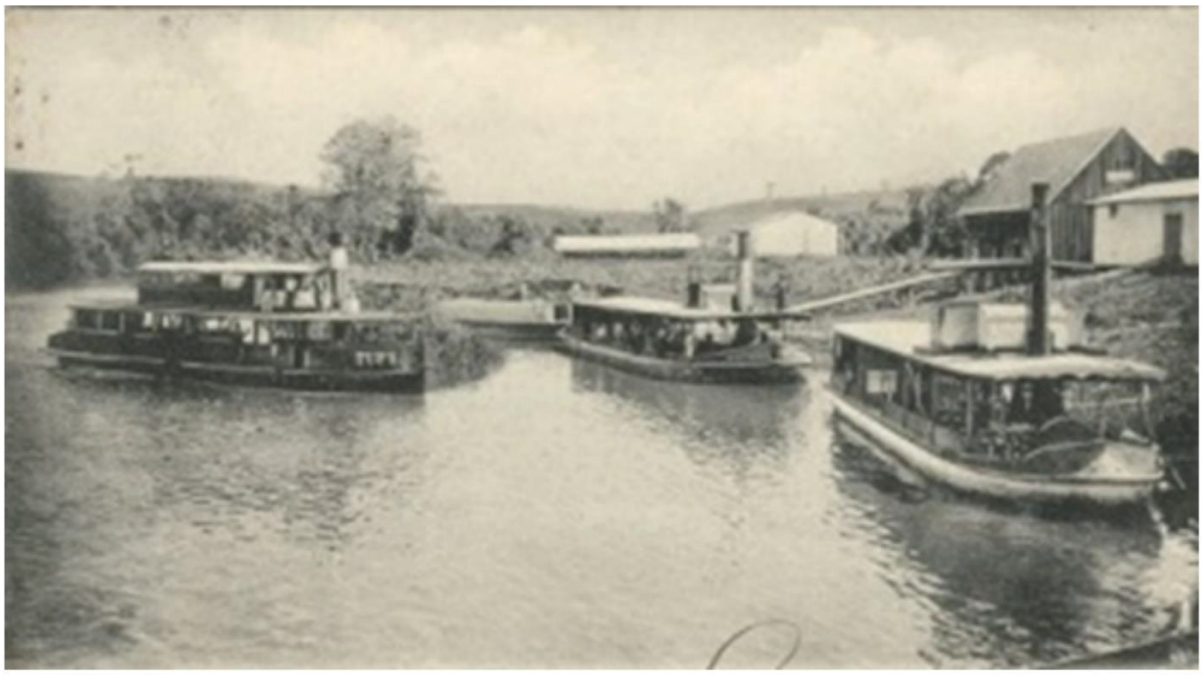
FONTE: CARNEIRO, N. Um precursor da justiça social: David Carneiro e a economia paranaense. Curitiba: [s.n.], 1965.

# ILUSTRAÇÃO 03 - PINHEIRO EM PROCESSO DEMONTAGEM PARA AA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE VIENA, EM 1873.



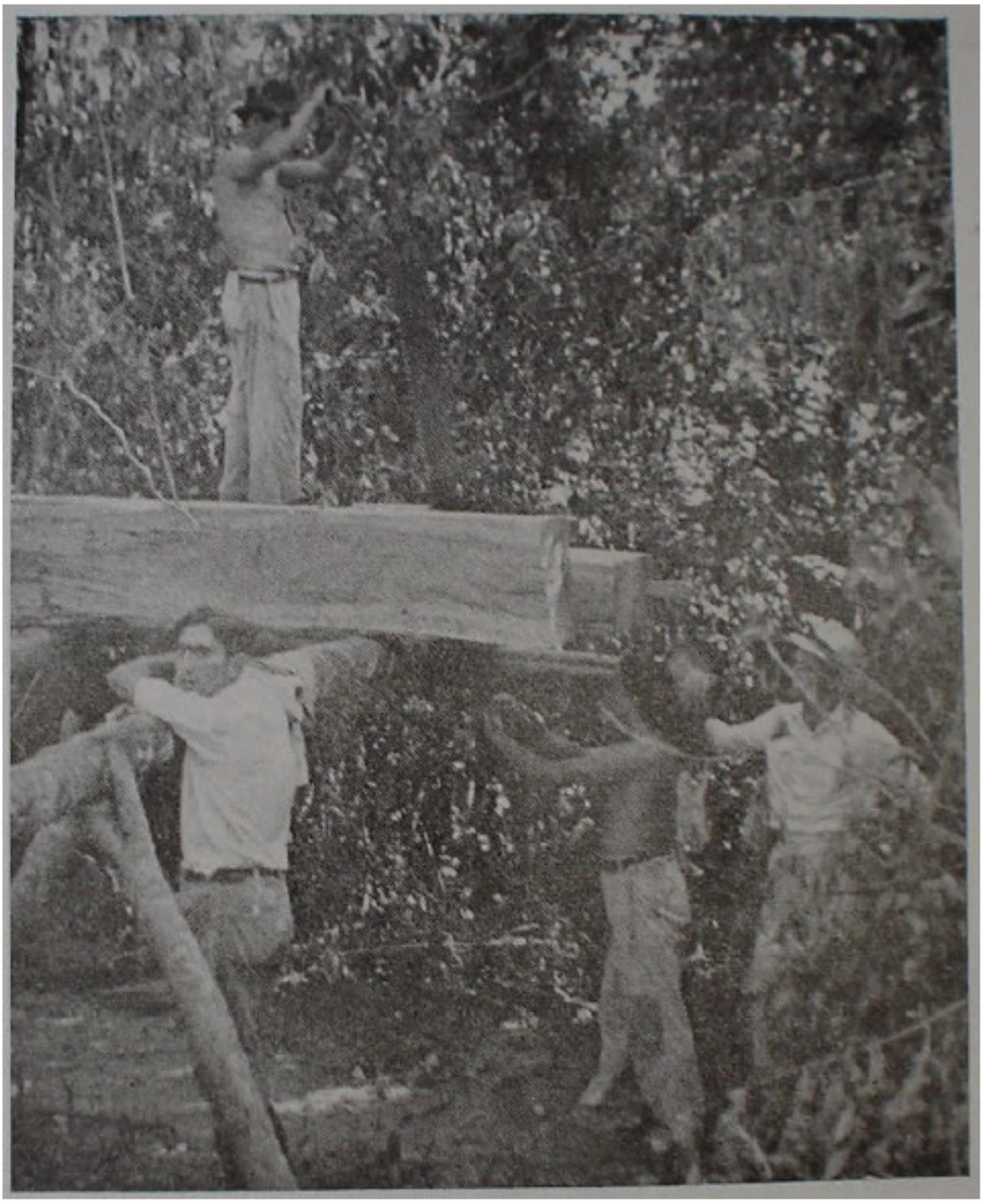
FONTE: CARNEIRO, N. Op. Cit., 1965.

**FOTOGRAFIA 05 - BARCOS À VAPOR EM PORTO AMAZONAS (CARTÃO POSTAL DE 1907). O PRÉDIO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA ENCONTRA-SE NO CANTO SUPERIOR DIREITO.**



FONTE: Estações ferroviárias no Brasil. http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-pgro/ptamazonas.htm

# FOTOGRAFIA 06 - TRABALHADORES DESDOBRANDO MADEIRA COM SERRA MANUAL. DATA DESCONHECIDA.



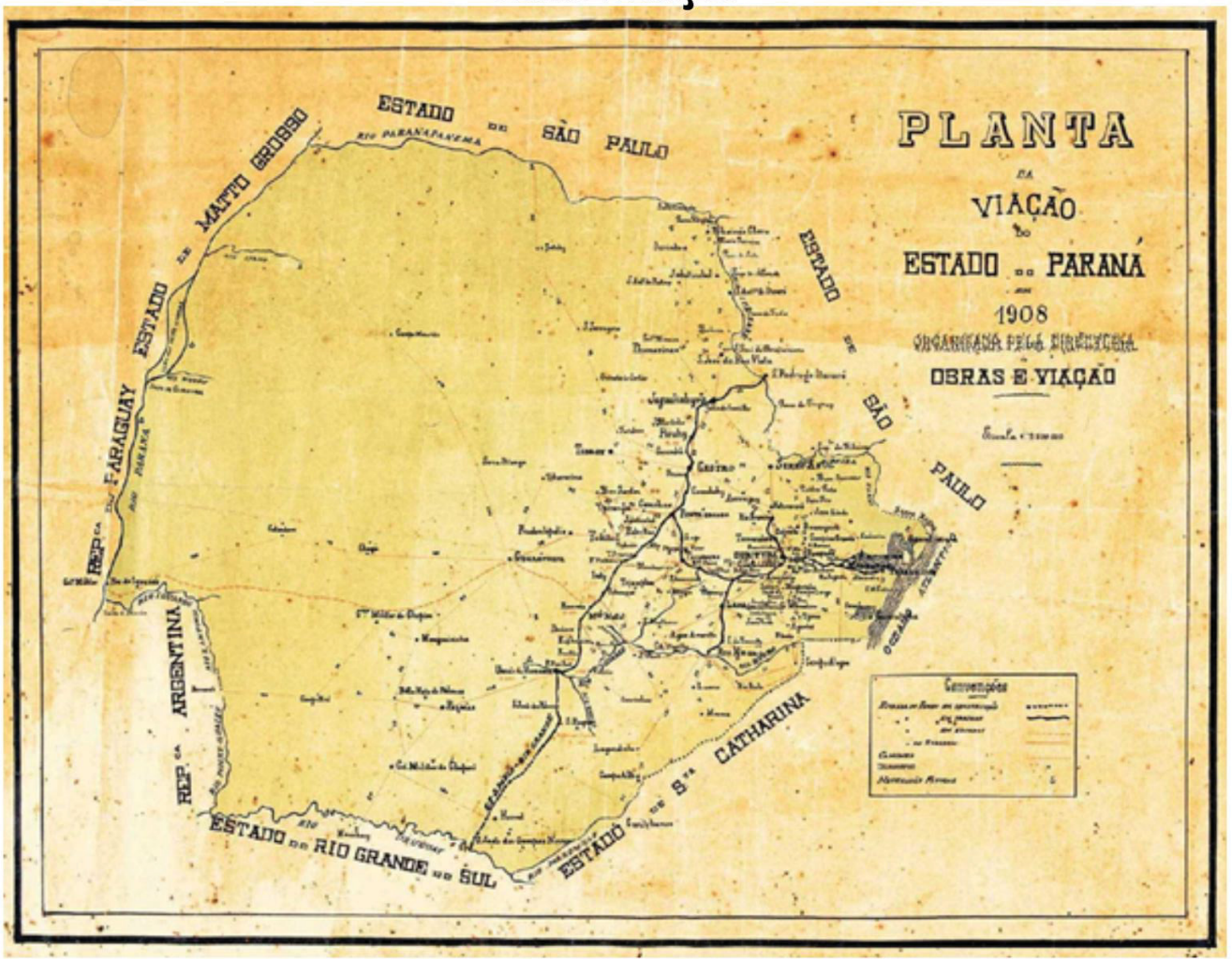
FONTE: Glessinger, E.  A Integração da Madeira. Anuário Brasileiro de Economia Florestal. Ano 9, n.9. Rio De Janeiro: Instituto Nacional Do Pinho, 1957.

# MAPA 03 - TRAÇADO DA ESTRADA DE FERRO ITARARÉ - PORTO UNIÃO



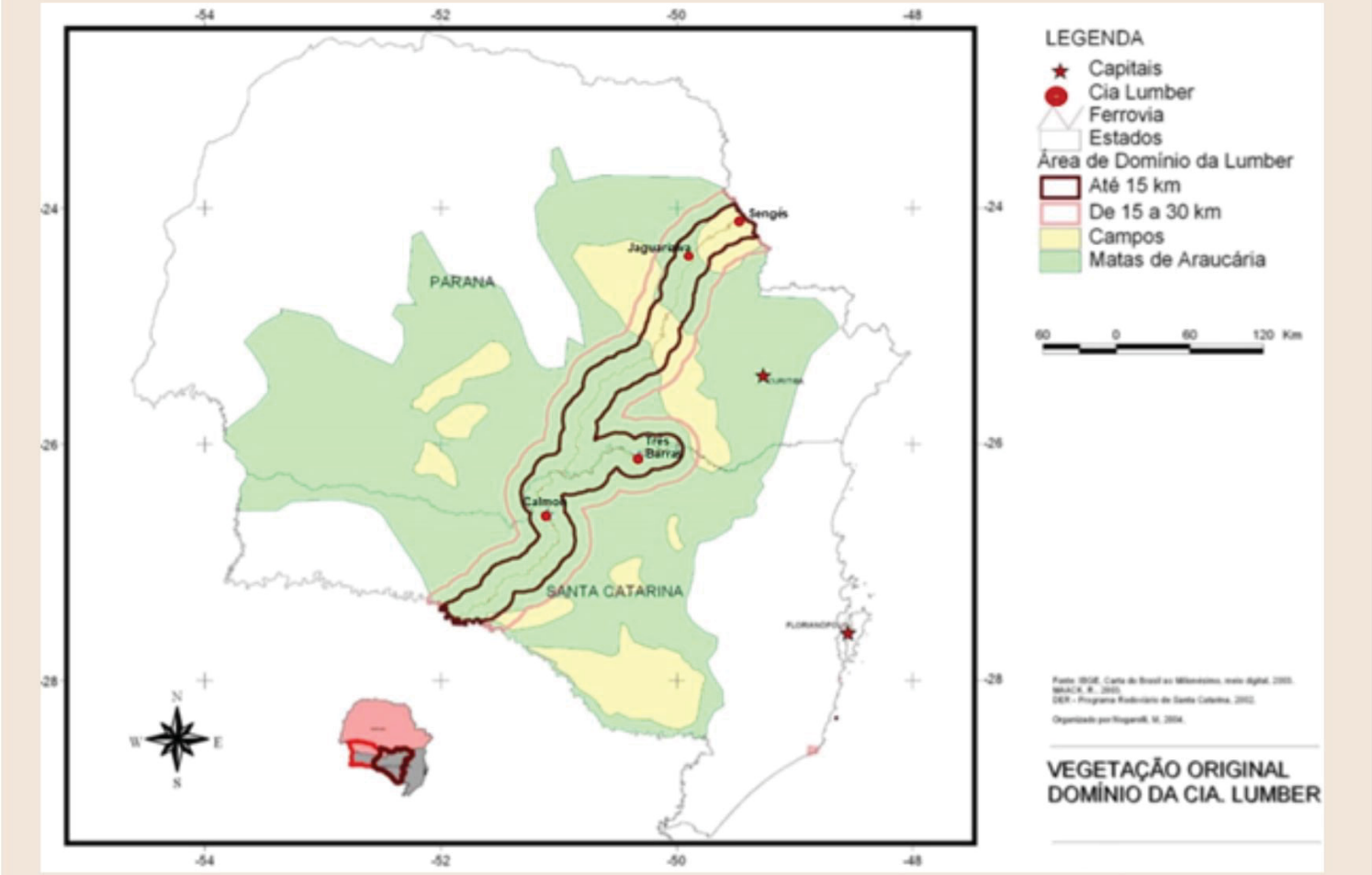

FONTE: ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS NO BRASIL. Disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/roxoroiz.htm> Acessado em 12/08/2019.

# MAPA 04 - PLANTA DA VIAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ EM 1908, ORGANIZADA PELA DIRETORIA DE OBRAS E VIAÇÃO



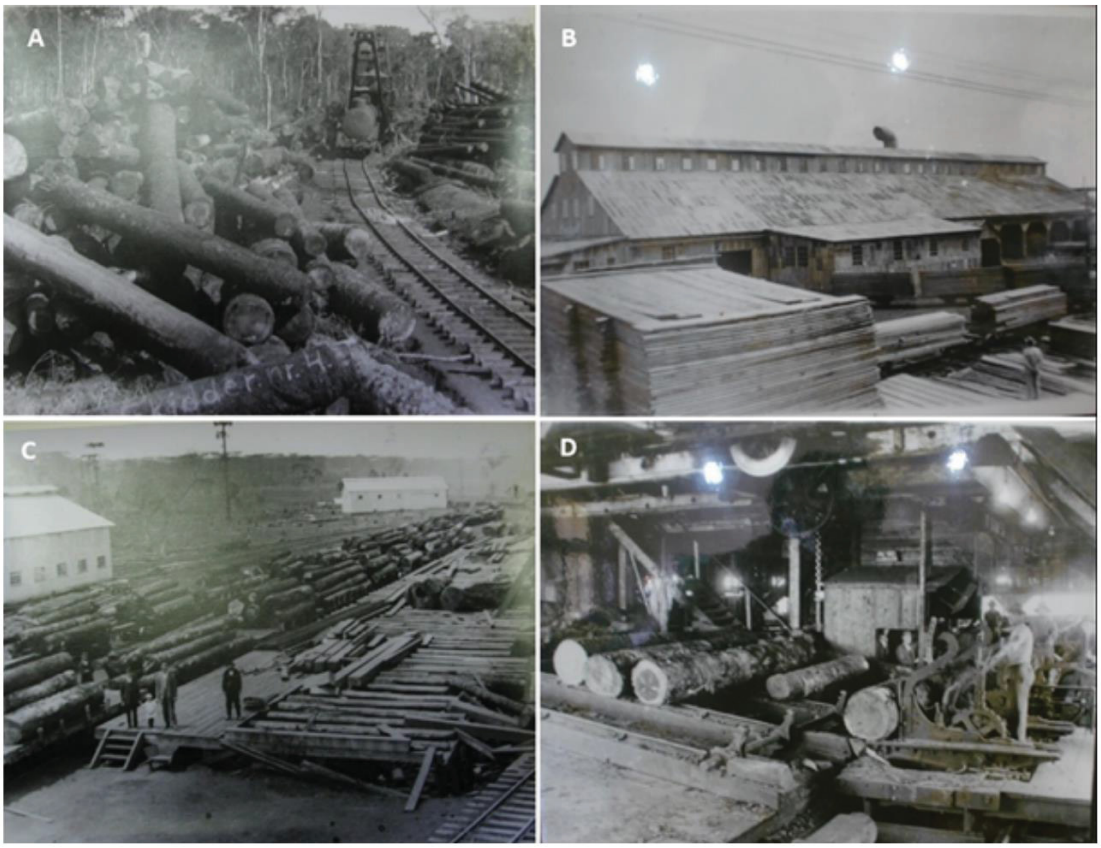

FONTE: COLETÂNEA DE MAPAS HISTÓRICOS DO PARANÁ – ITCG, 2006, P. 19.

# MAPA 05 - VEGETAÇÃO ORIGINAL - DOMÍNIO DA LUMBER



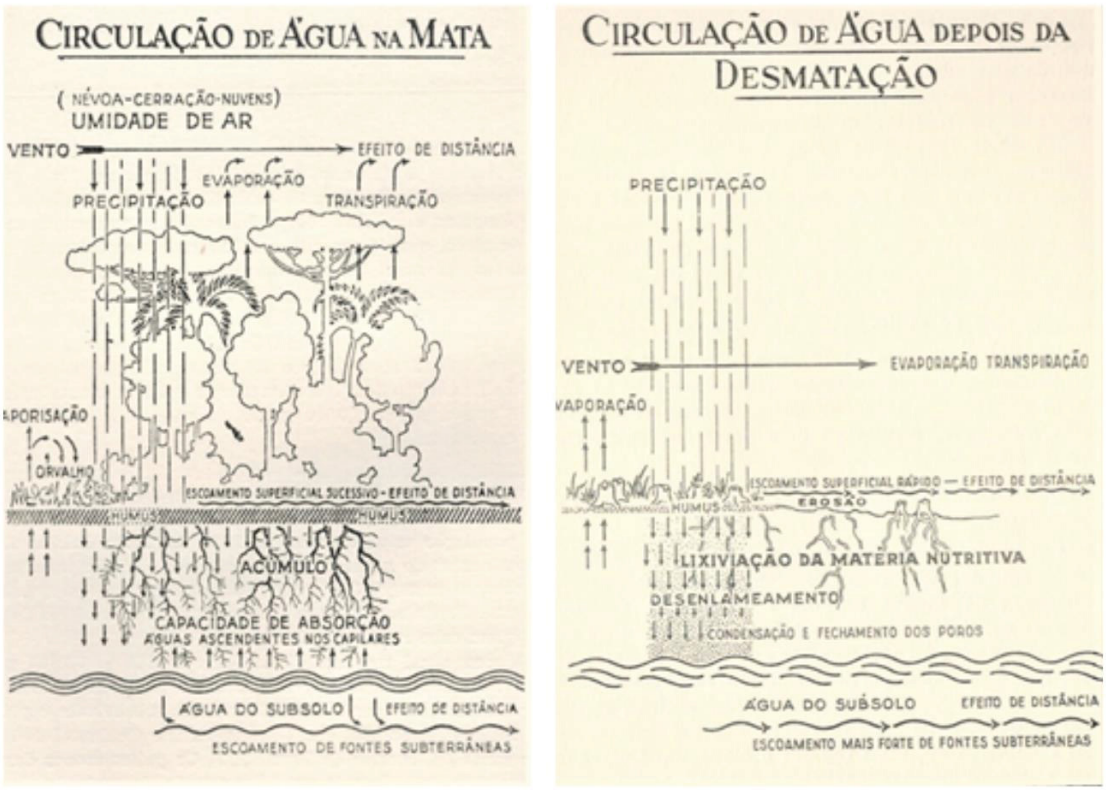

FONTE: Mapa organizado por NOGAROLLI, M., 2004. IN: FRAGA, N. C. Op. Cit., 2006 p. 58.

# FOTOGRAFIA 07 - SERRARIA LUMBER EM TRÊS BARRAS: ETAPAS DE PRODUÇÃO, ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE DA MADEIRA.



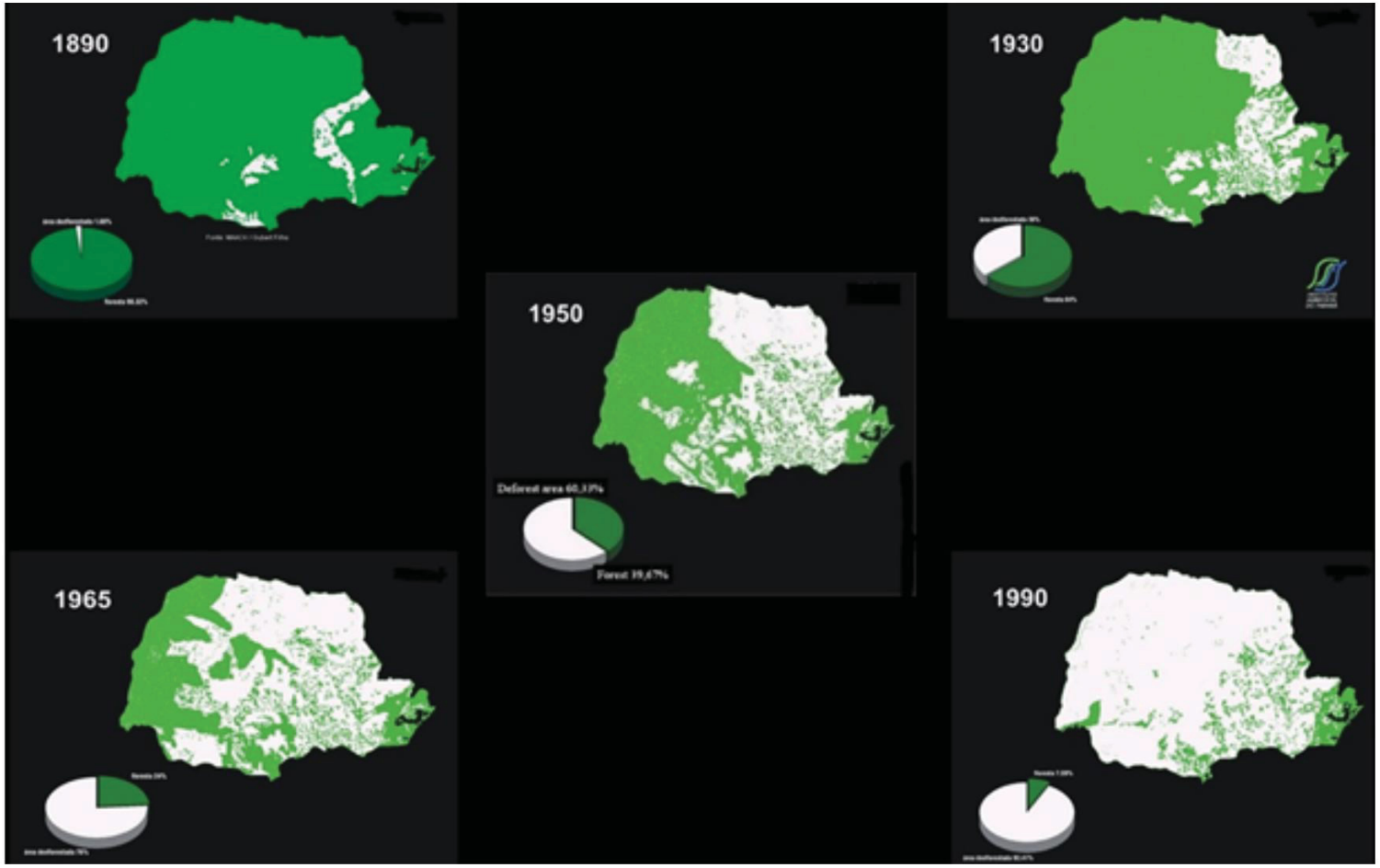

A) Guincho da Lumber e toras de araucárias amontoadas ao longo dos trilhos. Região de Três Barras. Década de 1910. FONTE: Forest History Society. B) Galpões construídos para a secagem da madeira, chamados de dry kilns. Data desconhecida. FONTE: Museu Histórico de Três Barras. C) Toras nos vagões chegando à serraria da Lumber em Três Barras. Década de 1910. FONTE: Forest History Society. D) Toras rolando em direção a um "carro serrar", responsável pela transformação das toras em pranchões. Data desconhecida. FONTE: Museu Histórico de Três Barras.

# ILUSTRAÇÃO 04 - CIRCULAÇÃO DA ÁGUA NA MATA ANTES E DEPOIS DA DESMATAÇÃO




FONTE: MAACK, R. Geografia Física do Paraná, Curitiba, 1968, p. 236 e 238.

# MAPA 06 - EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ.




FONTE: INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (2002)

## TABELA 02 - EVOLUÇÃO DO DESMATAMENTO NO ESTADO DO PARANÁ

| ano | cobertura florestal (ha) | percentual (%) |
|---|---|---|
| (a) 1500 | 17.000.000 | 85,00 |
| (b) 1895 | 16.782.400 | 83,41 |
| (b) 1930 | 12.902.400 | 64,13 |
| (b) 1950 | 7.983.400 | 39,68 |
| (b) 1965 | 4.813.600 | 23,92 |
| (c) 1980 | 3.413.447 | 16,97 |
| (d) 1994 | 1.712.814 | 8,60 |
| (e) 2001 | 1.509.158 | 7,50 |

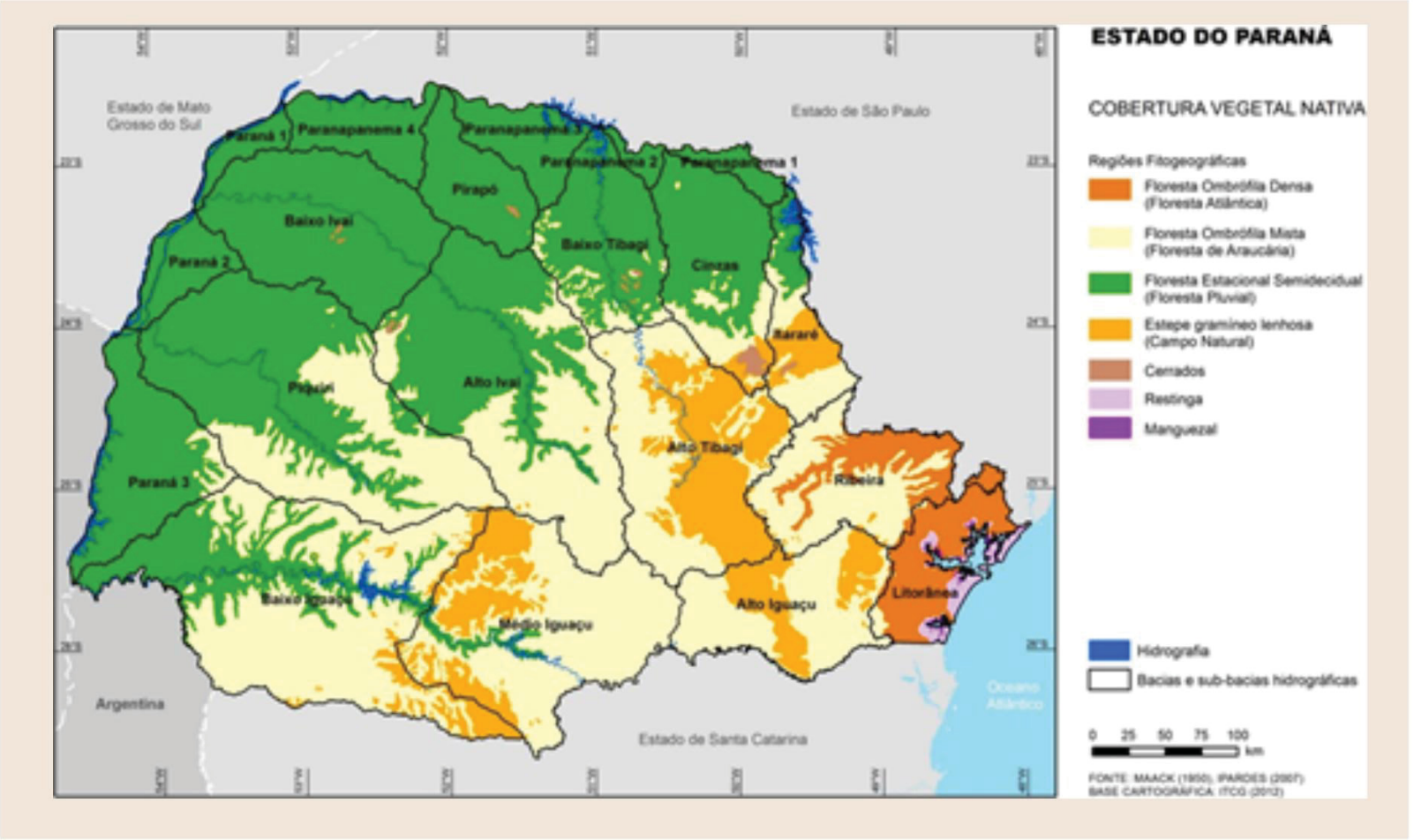
FONTE: INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ (2002).

# GRÁFICO 02 - ÁREAS OCUPADAS POR FLORESTAS NO ESTADO DO PARANÁ



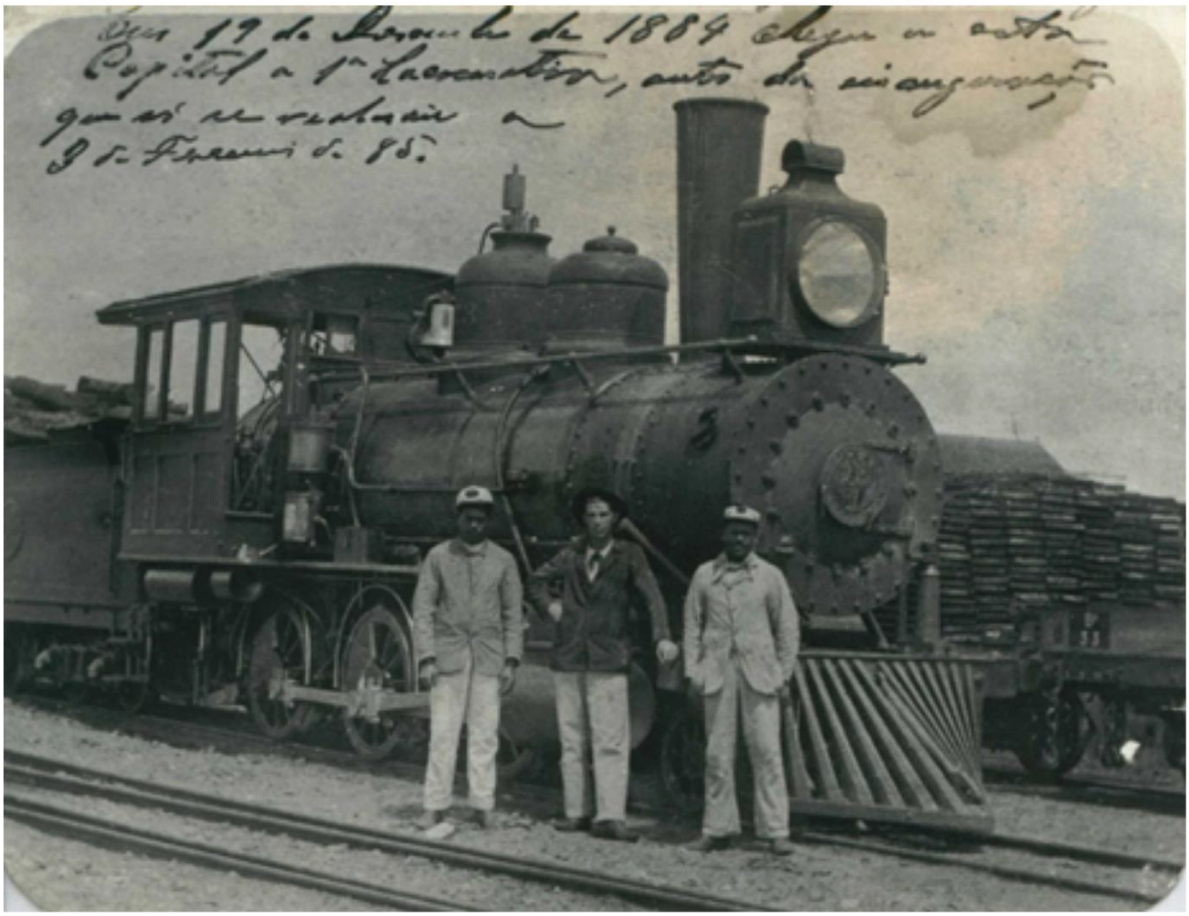

FONTE: Acervo pedagógico do professor João Augusto Reque.

# MAPA 07 - ESTADO DO PARANÁ: COBERTURA VEGETAL NATIVA



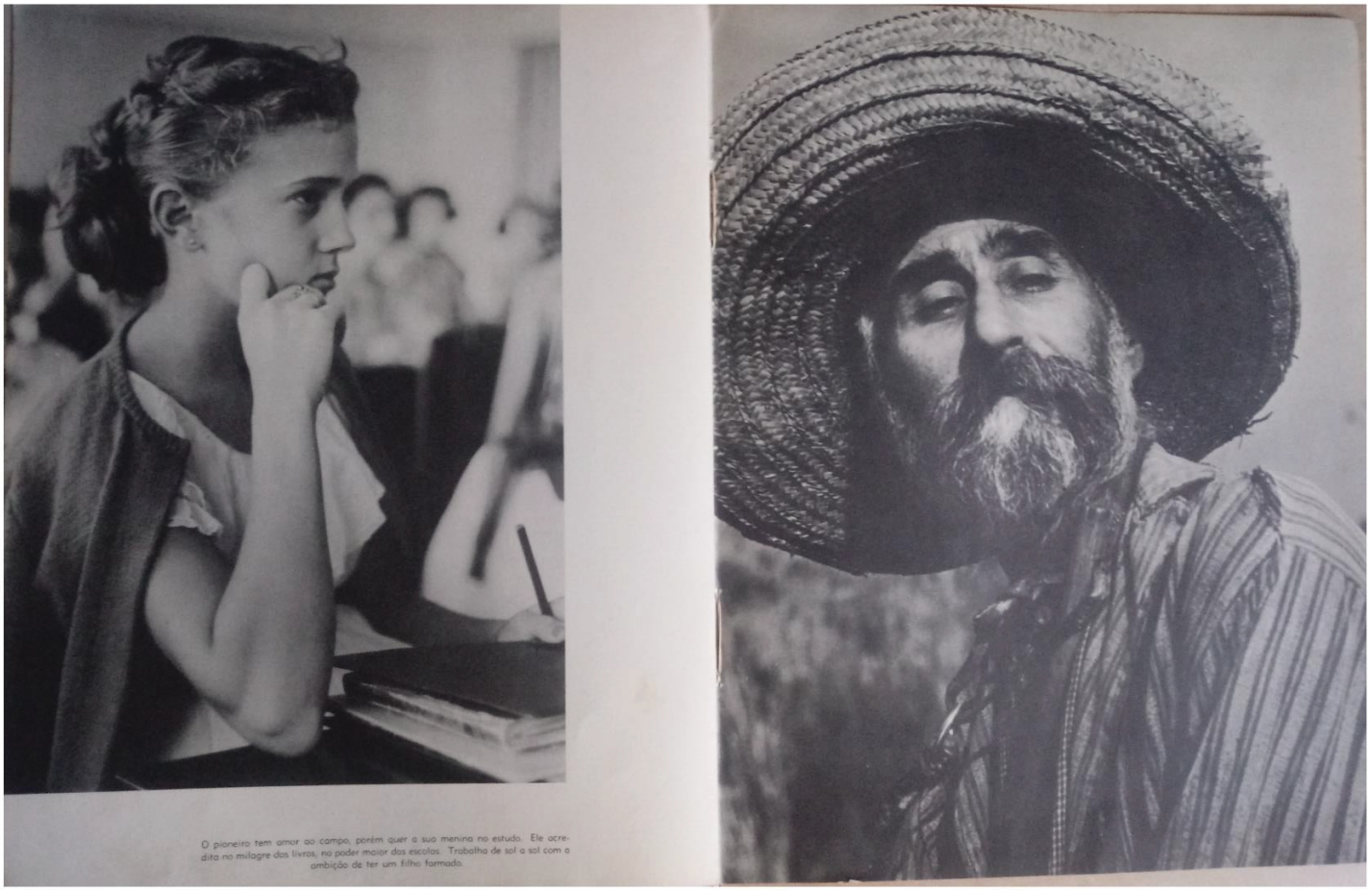

Fonte: MAACK (1950); IPARDES (2007); BASE CARTOGRÁFICA: ITCG (2012)

# FOTOGRAFIA 08 - LOCOMOTIVA BALDWIN QUE FEZ A PRIMEIRA VIAGEM DE PARANAGUÁ PARA CURITIBA (1884).



FONTE: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. O sesquicentenário do Paraná no contexto escolar: caderno-síntese e lâminas de projeção. Curitiba, 2004. p. 29.

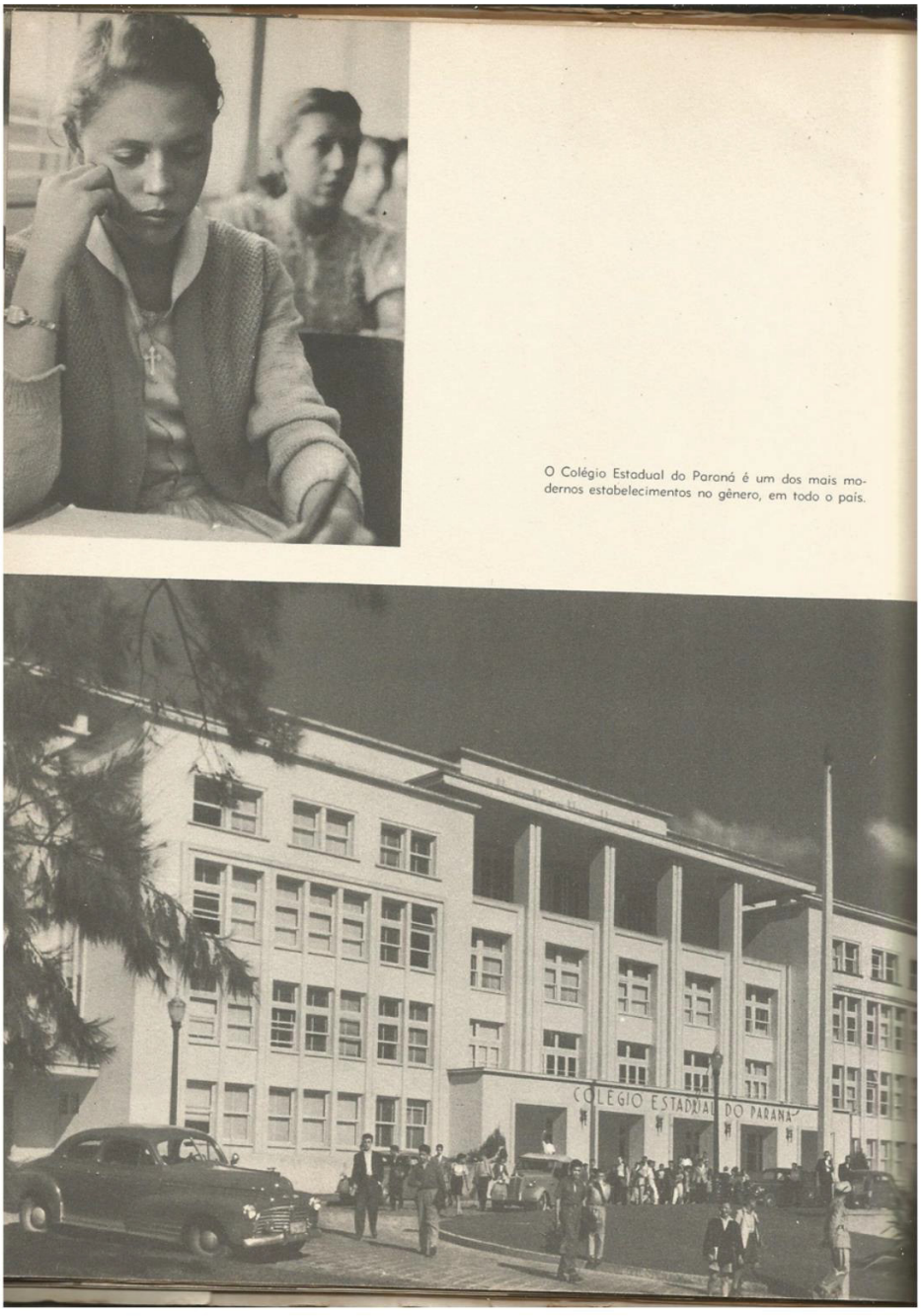
# FOTOGRAFIA 09 - ESTUDANTE E TRABALHADOR DO CAMPO




**LEGENDA: O pioneiro tem amor ao campo, porém quer a sua menina no estudo. Ele acredita no milagre dos livros, no poder maior das escolas. Trabalha de sol a sol com a ambição de ter um filho formado.**

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 7-8.

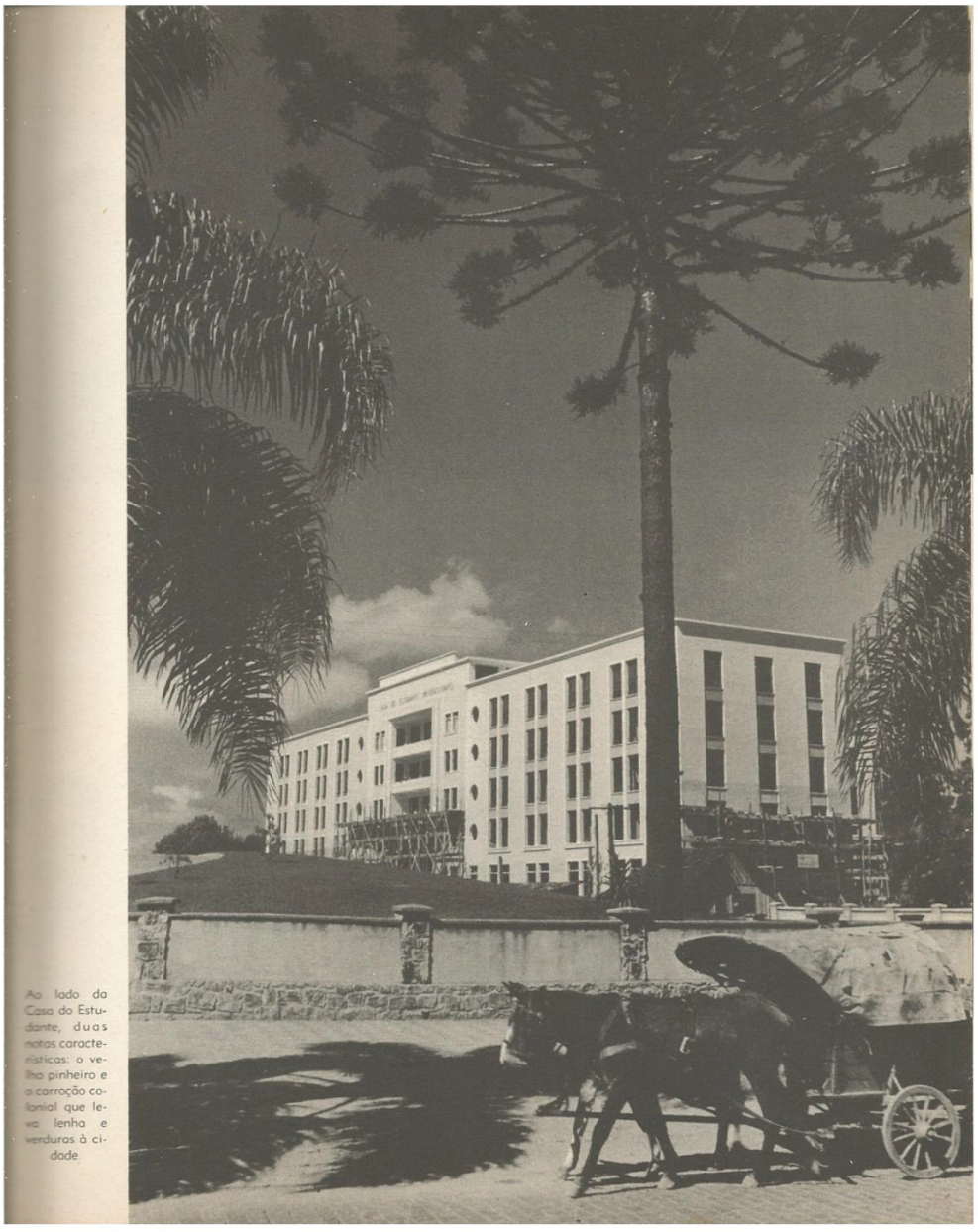
# FOTOGRAFIA 10 - ESTUDANTES E FACHADA DO COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 21.

**LEGENDA: O Colégio Estadual do Paraná é um dos mais modernos estabelecimentos do gênero no país.**

# FOTOGRAFIA 11 - CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

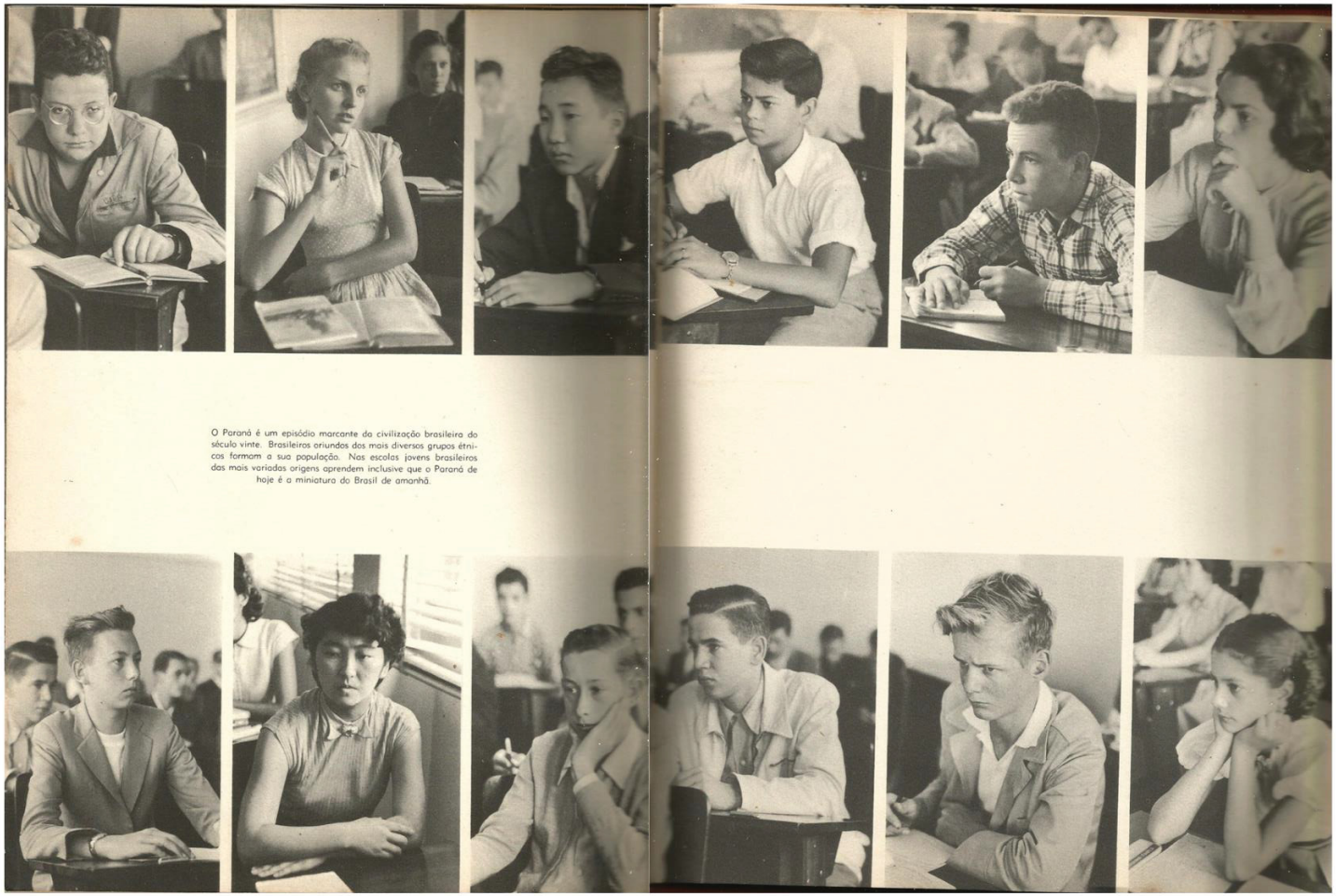


Ao lado da Casa do Estudante, duas notas características: o velho pinheiro e o carroção colonial que leva lenha e verduras à cidade.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 28.

**LEGENDA: Ao lado da Casa do Estudante, duas características: o velho pinheiro e o carroção colonial que leva lenha e verduras à cidade.**

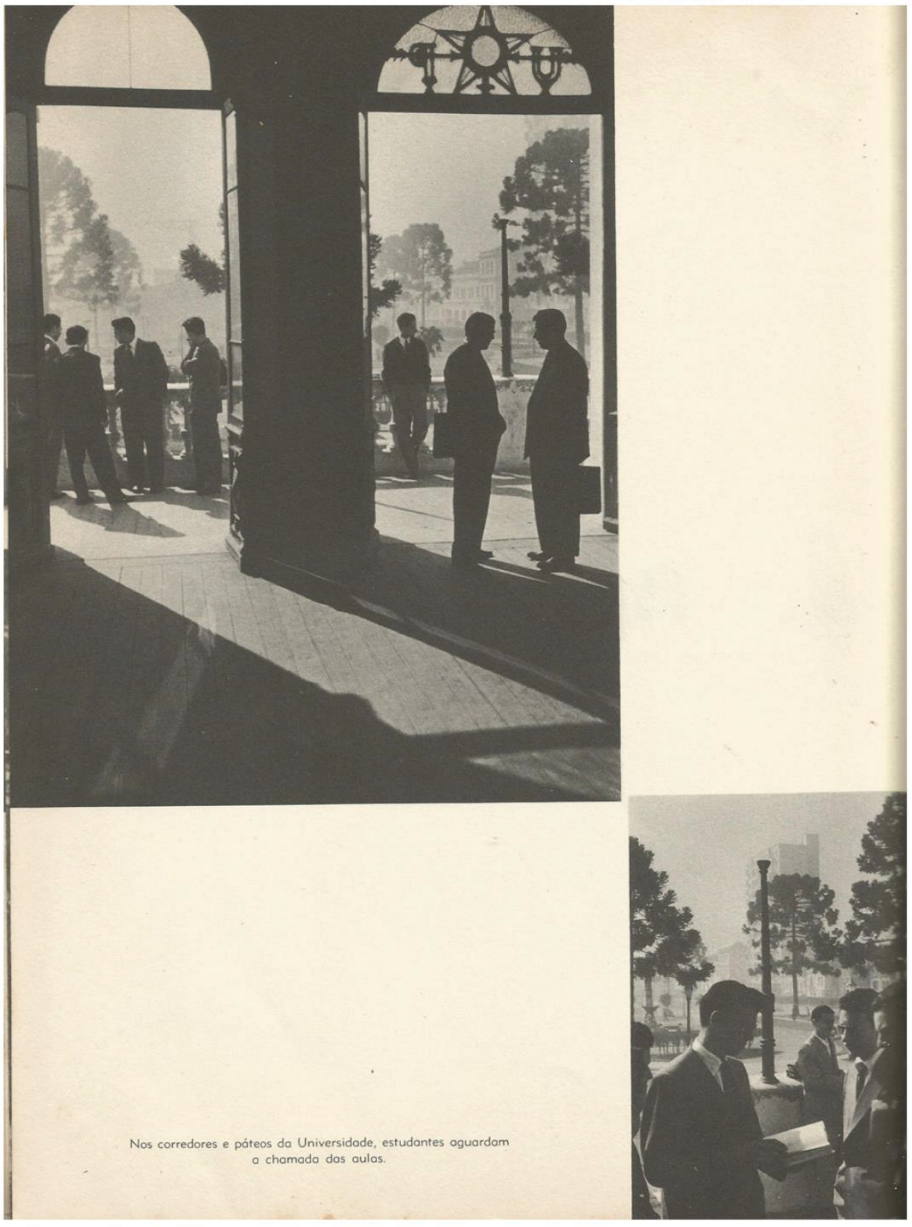
# FOTOGRAFIA 12 - ESTUDANTES PARANANENSES




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 29-30.

**LEGENDA: O Paraná é um episódio marcante da civilização brasileira do século XX", tanto por acolher diferentes grupos étnicos, quanto como por oferecer à juventude o acesso à educação**

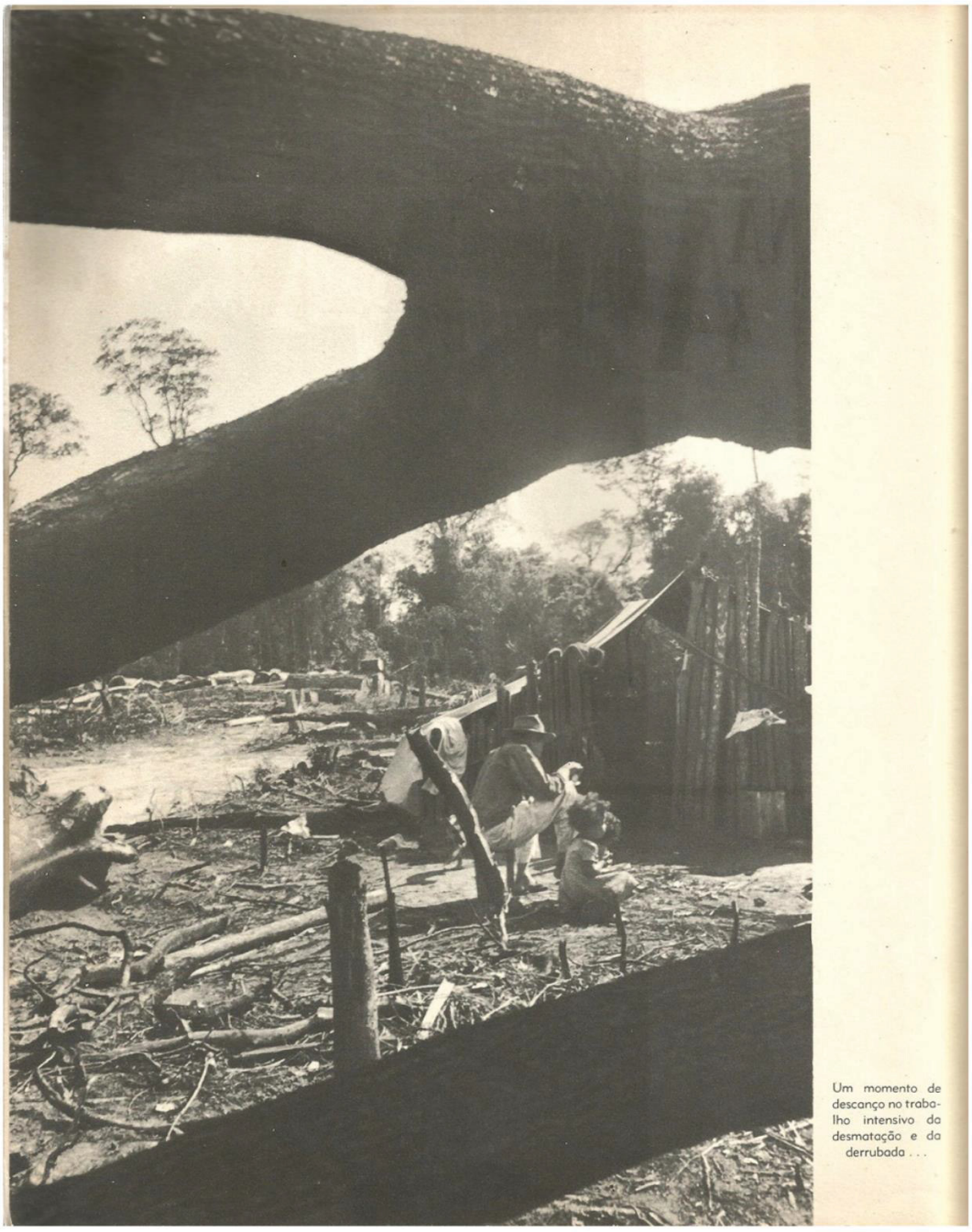
# FOTOGRAFIA 13 - ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 25.

**LEGENDA: Nos corredores e páteos da Universidade, estudantes aguardam a chamada das aulas.**

# FOTOGRAFIA 14 - DESCANSO DO TRABALHO DO CAMPO

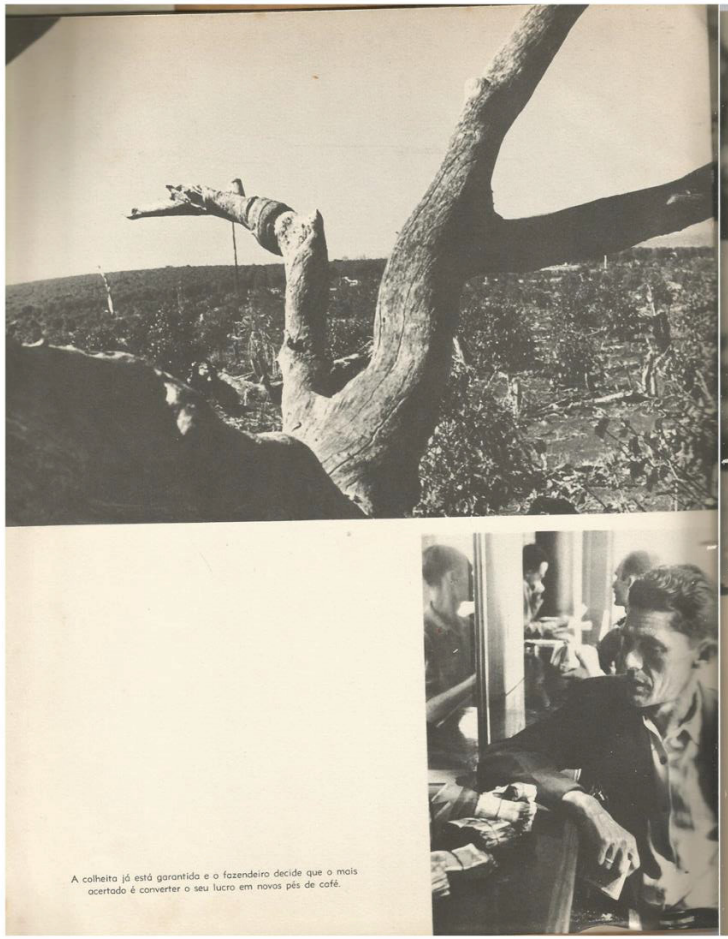



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 5.

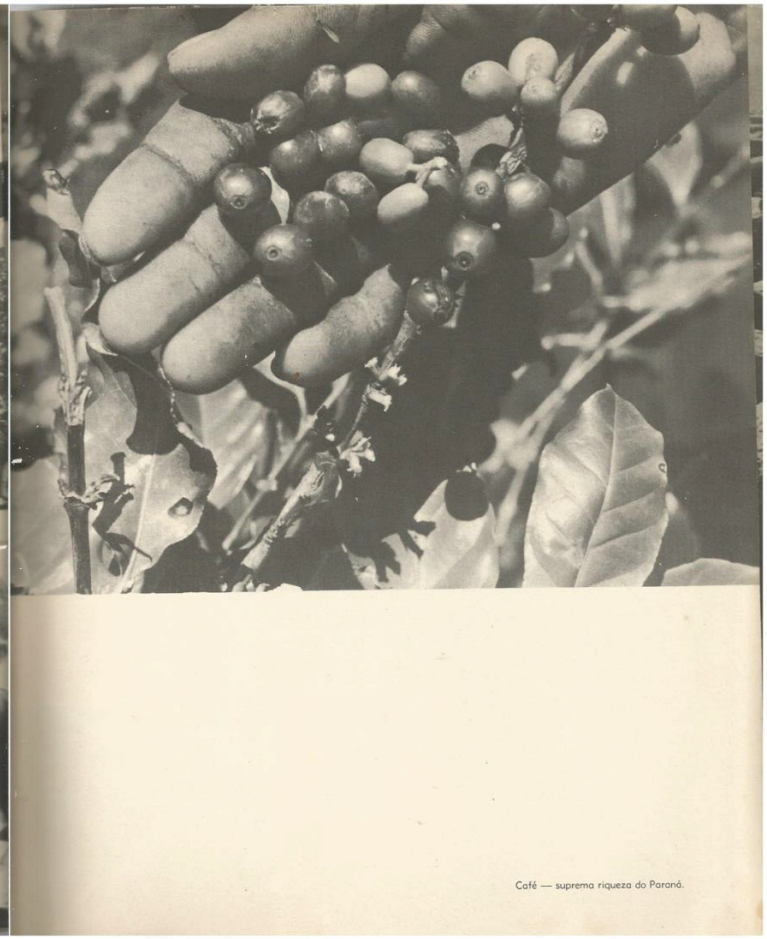
**LEGENDA: Um momento de descanso no trabalho intensivo da desmatação e derrubada.**

# FOTOGRAFIA 15 - CAFÉ

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 9-10.



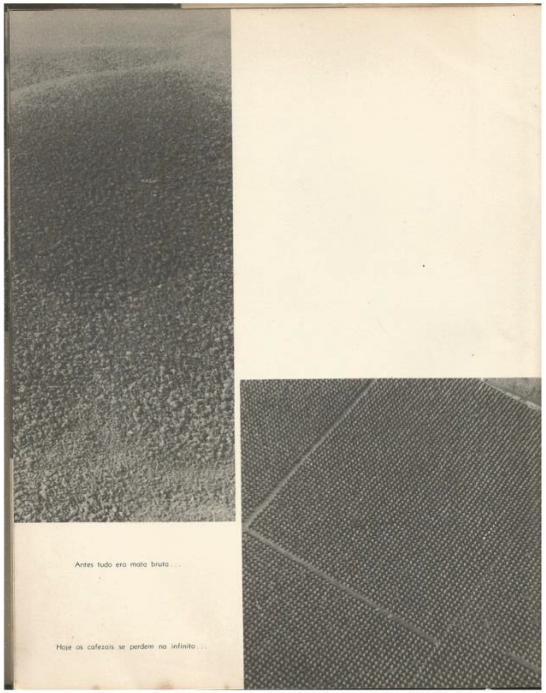

**LEGENDA: A colheita já está garantida e o fazendeiro decide que mais acertado é converter o seu lucro em novos pés de café.**




**LEGENDA: Café - suprema riqueza do Paraná**

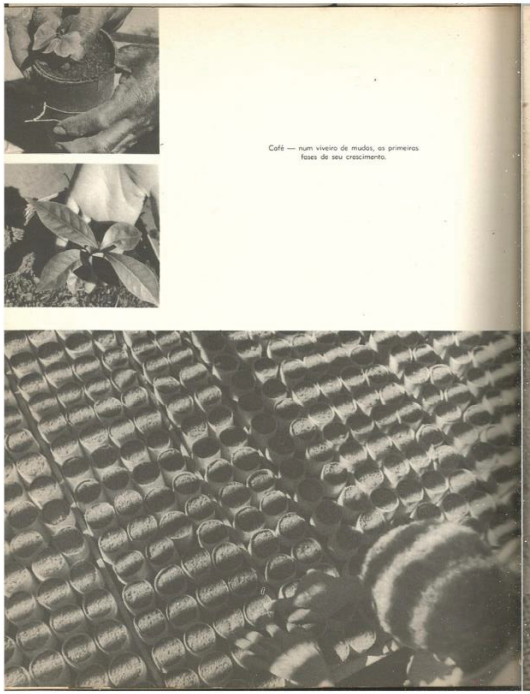
# FOTOGRAFIA 16 - EXPANSÃO DA CAFEICULTURA

**LEGENDA: antes tudo era mata bruta...
Hoje os cafezais se perdem no infinito.**

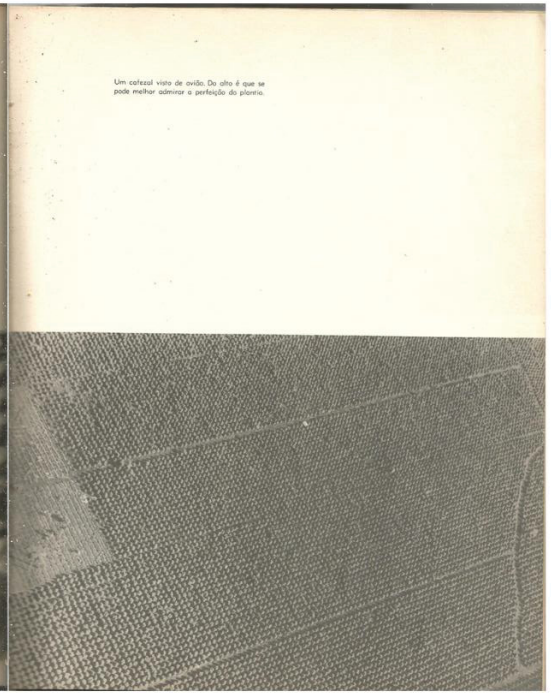



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 27.

**LEGENDA: Café - num viveiro de mudas, as primeiras fases de seu crescimento.**



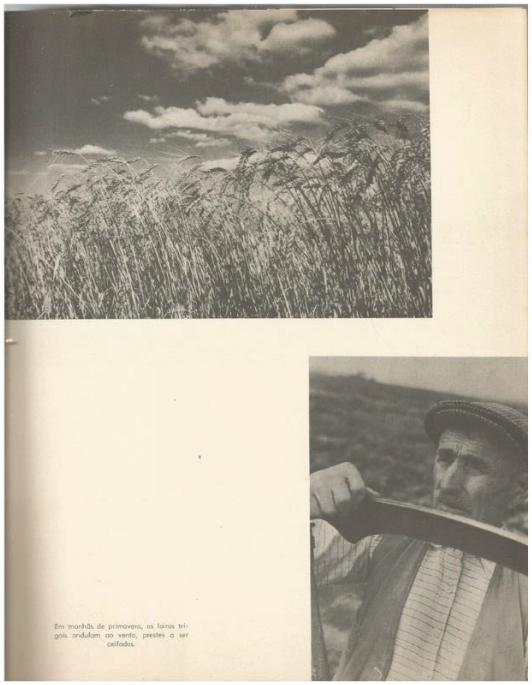

**LEGENDA: um cafezal visto de avião. Do alto é que se pode melhor admirar a perfeição do plantio**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 69-70.

# FOTOGRAFIA 17 - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

**LEGENDA: EM MANHÃS DE PRIMAVERA, OS LOIROS TRIGAIS ONDULAM AO VENTO, PRESTES A SER CEIFADOS**

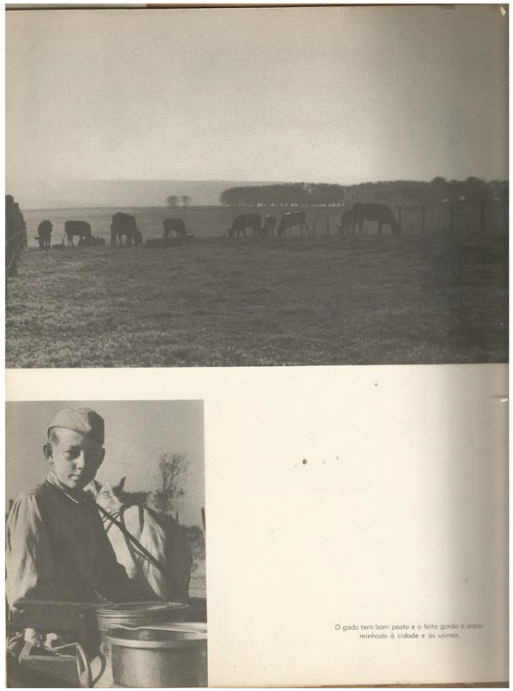



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 12.



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 144..

**LEGENDA: O gado tem bom pasto e o leite gordo é encaminhado à cidade e às indústrias.**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 13.

# FOTOGRAFIA 18 - COLONOS



Também ela o ajuda na labuta do campo. A visão da bôa colheita robustece o espírito dos colonos.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 17.

**LEGENDA: Também ela o ajuda na labuta do campo. A visão de bôa colheita robustece o espírito dos colonos.**

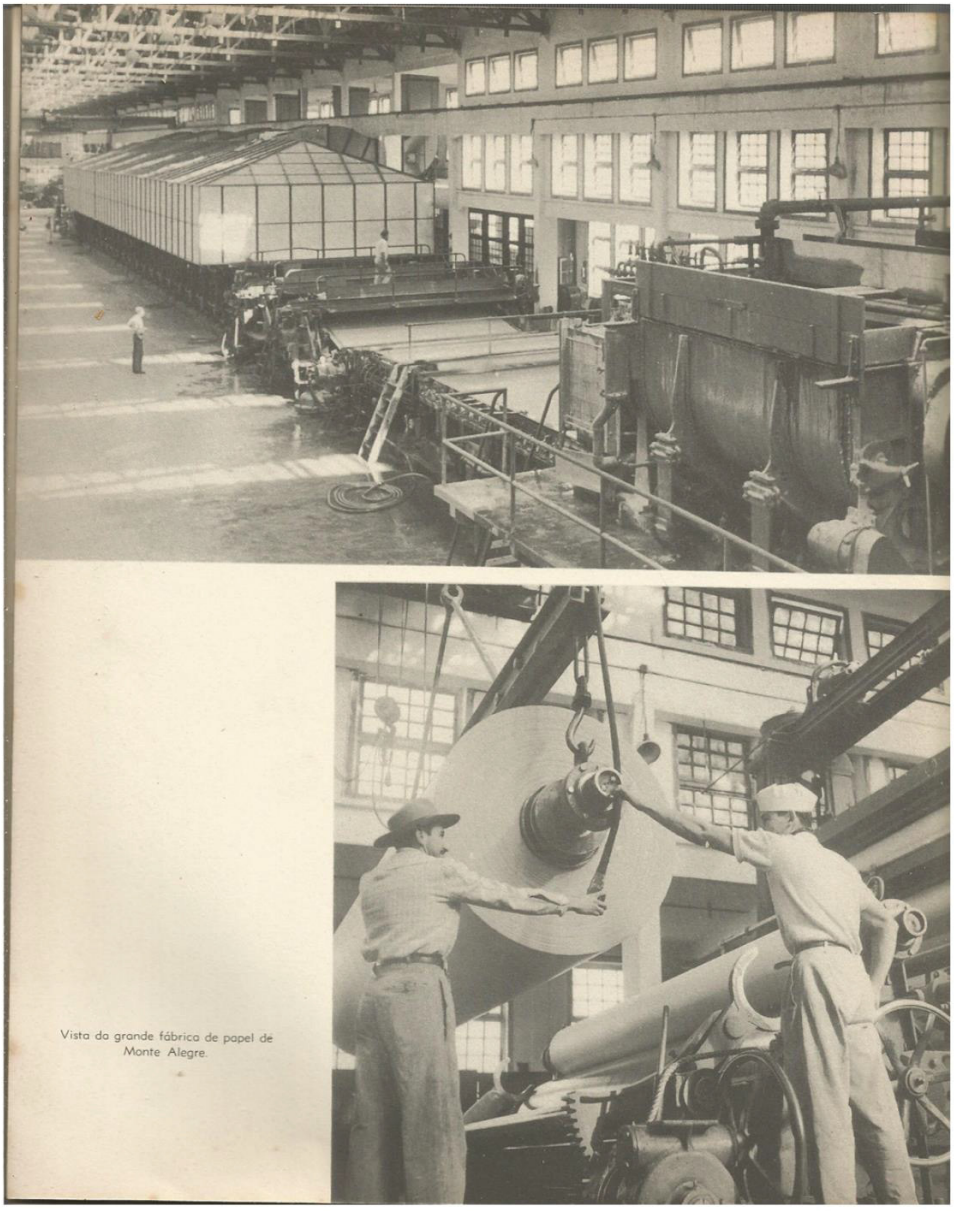
# FOTOGRAFIA 19 - TORRE DE SONDAGEM DE PETRÓLEO




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 18.

**LEGENDA: A sondagem do petróleo... A fé é grande.**

# FOTOGRAFIA 20 - PRODUÇÃO DE PAPEL



Vista da grande fábrica de papel de Monte Alegre.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 137.

**LEGENDA: Vista da grande fábrica de papel de Monte Alegre.**

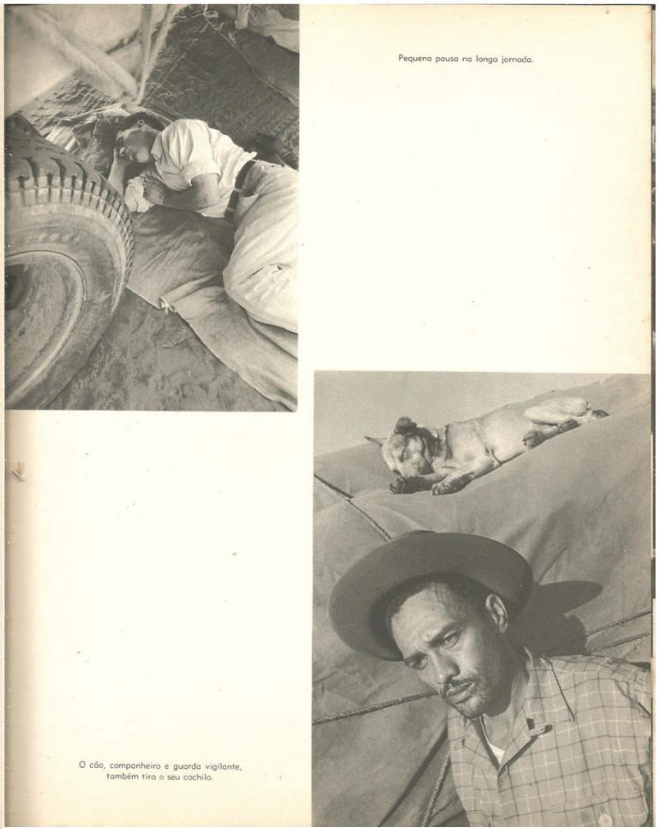
# FOTOGRAFIA 21 - ESTRADAS E VIAGENS

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 91-92.




**LEGENDA: Na estrada do café, rumo ao armazém do porto.**

**LEGENDA: Pequena pausa na longa jornada.**




**LEGENDA: O cão, companheiro e guarda vigilante, também tira o seu cochilo.**

# FOTOGRAFIA 22 - CHEGADA AO LITORAL

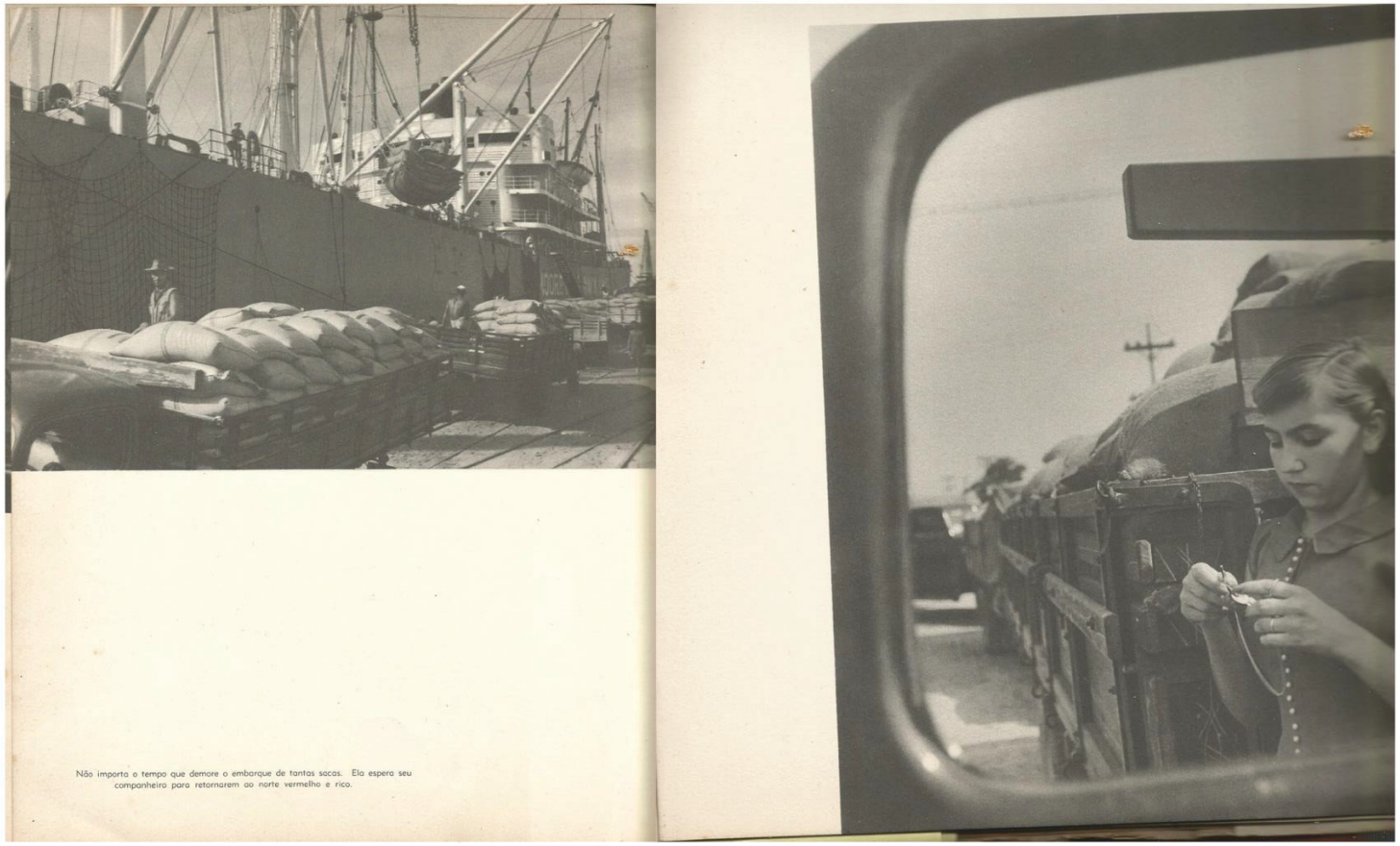



A visão do mar é nova e repousante para aquele que chega coberto de pó das terras vermelhas.

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 110.

**LEGENDA: A visão do mar é nova e repousante para aquele que chega coberto de pó das terras vermelhas.**

# FOTOGRAFIA 23 - PORTO DE PARANAGUÁ




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 113-114.

**LEGENDA: Não importa o tempo que demore o embarque de tantas acas. Ela espera seu companheiro para retornarem ao norte vermelho e rico.**

# FOTOGRAFIA 24 - ARTESANATO PARANAENSE

**LEGENDA: Ganharam justa fama em toda a parte os moveis do Paraná.**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 39.

**LEGENDA: São mundialmente consagradas a sonoridade e a primorosa técnica de fabricação dos pianos parananenses.**

**LEGENDA: Arte regional na indústria de artefatos de madeira.**

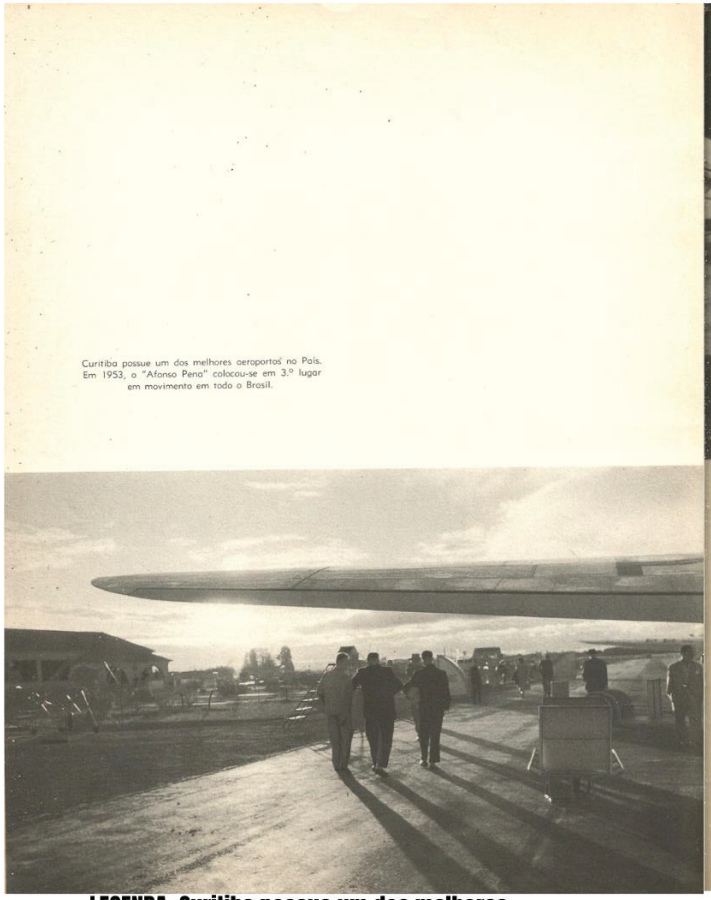



fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 40.

**LEGENDA: Asas de borboletas embelezam artísticos tabuleiros de jogo de xadrez, que o Paraná exporta para todas as partes do mundo.**

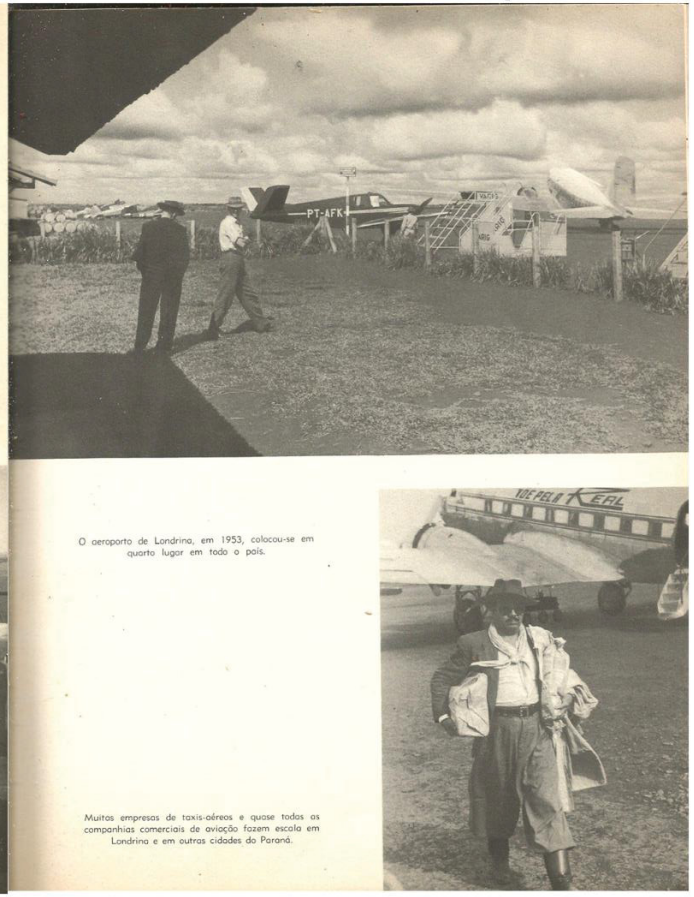
# FOTOGRAFIA 25 - AEROPORTO AFONSO PENA

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 45-46.




**LEGENDA: Curitiba possue um dos melhores aeroportos no País. Em 1953, o "Afonso Pena" colocou-se em 3º lugarem movimento em todo o Brasil.**

**LEGENDA: O aeroporto de Londrina, em 1953, colocou-se em quarto lugar em todo o país.**

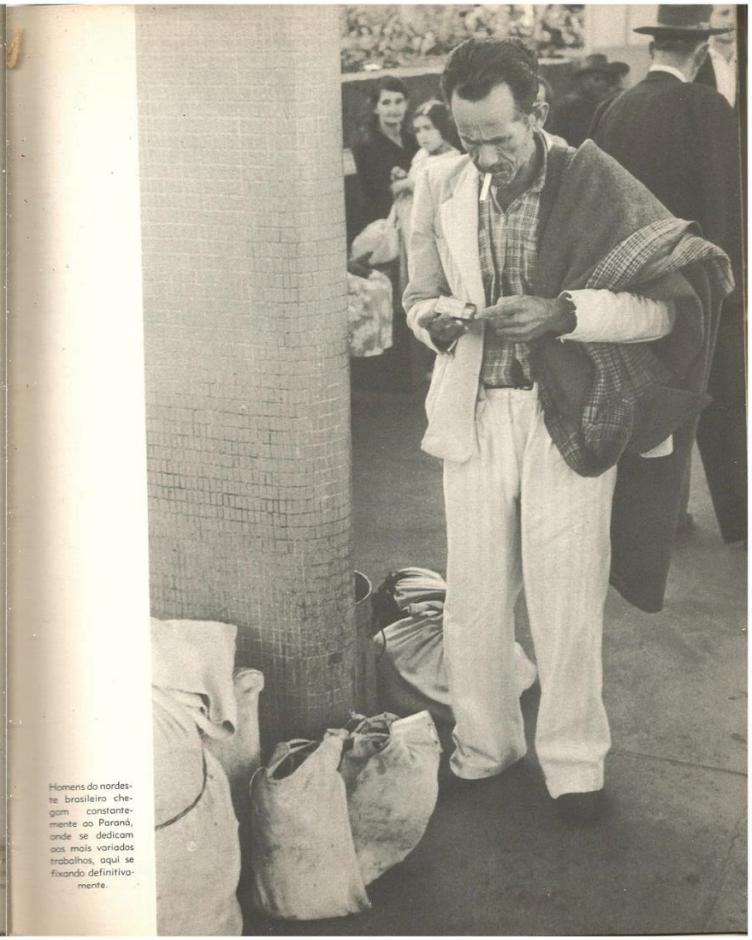



**LEGENDA: Muitas empresas de xis-aéreos e quase todas as companhias comerciais de aviação fazem escala em Londrina e em outras cidades do Paraná.**

# FOTOGRAFIA 26 - LONDRINA



**LEGENDA: Uma estação rodoviária do norte do Paraná. Da cabine a moça comanda o movimento.**




**LEGENDA: Homens do nordeste brasileiro chegam constantemente ao Paraná, onde se dedicam aos mais variados trabalhos, aqui se fixando definitivamente.**

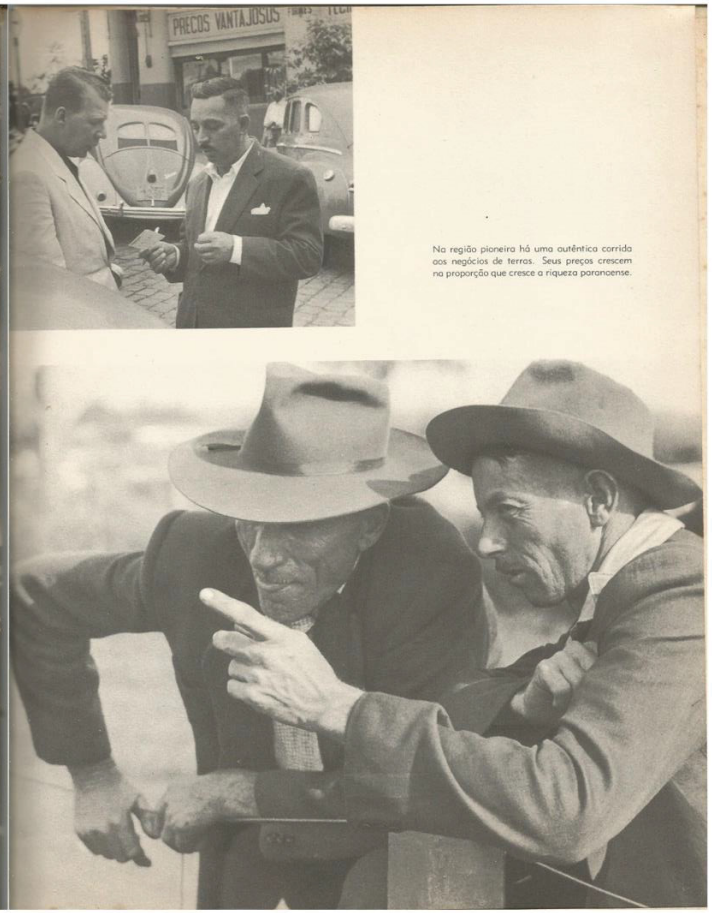
fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 53-54.

# FOTOGRAFIA 27 - NEGÓCIOS

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 61-62.




**LEGENDA: Negócios, negócios... de terras, de cereais, de café. Conversas que são indispensáveis para os entendimentos e acertos recíprocos.**




**LEGENDA: Na região pioneira há uma autêntica corrida aos negócios de terras, Seus preços crescem na proporção que cresce a riqueza parananense.**

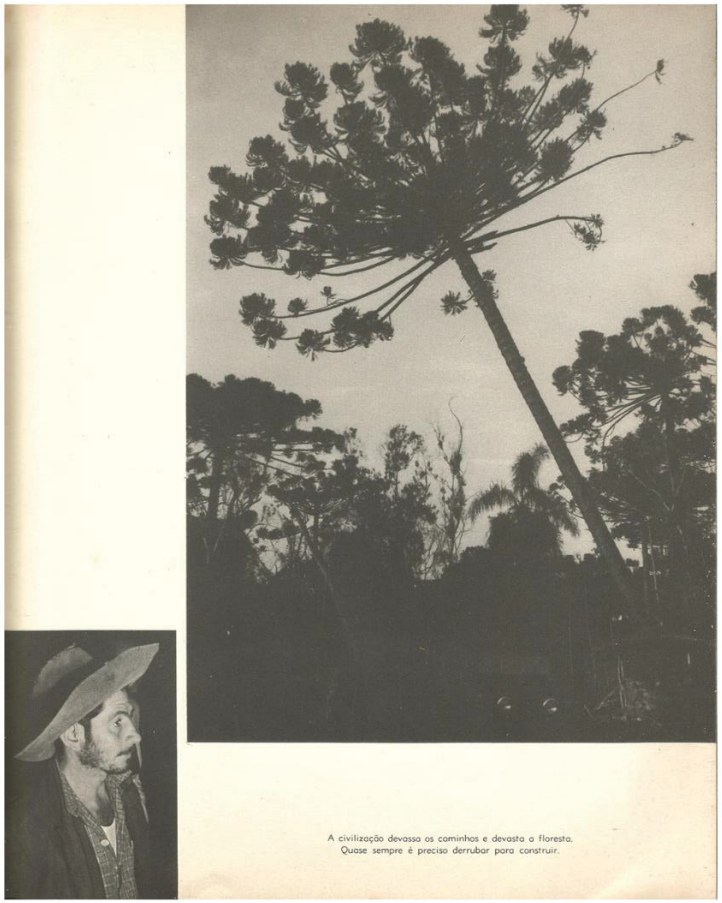
# FOTOGRAFIA 28 - IMIGRANTES




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 103-104.

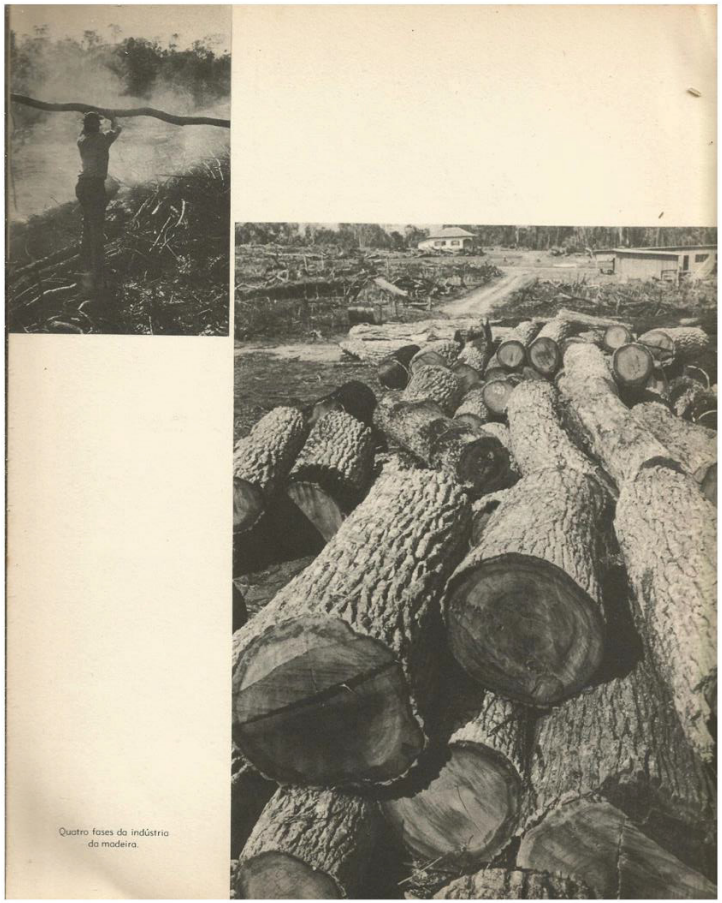
**LEGENDA: Eis aqui tipos os mais diversos da população que se instalou nas terras paranaenses.**

# FOTOGRAFIA 29 - EXTRATIVISMO VEGETAL




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 122.

**LEGENDA: A civilização devassa os caminhos e devasta a floresta. Quase sempre é preciso derrubar para construir.**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 123.

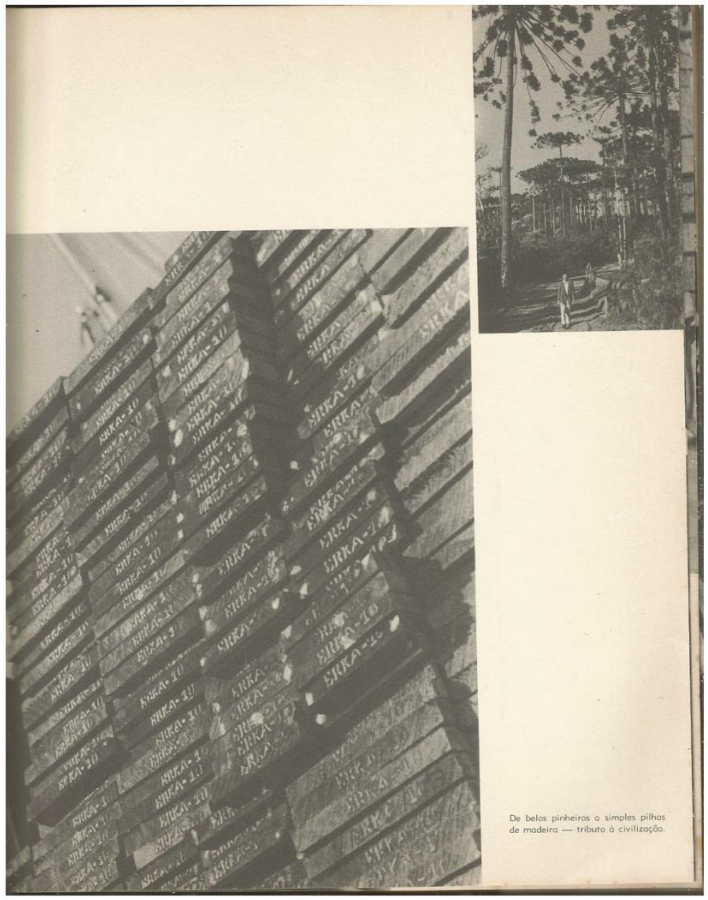
**LEGENDA: Quatro fases da indústria da madeira.**

# FOTOGRAFIA 29 - EXTRATIVISMO VEGETAL




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 121.

**LEGENDA: O Paraná produz divisas para o Brasil.**




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 124.

**LEGENDA: De belos pinheiros a simples pilhas de madeira - tributo à civilização.**

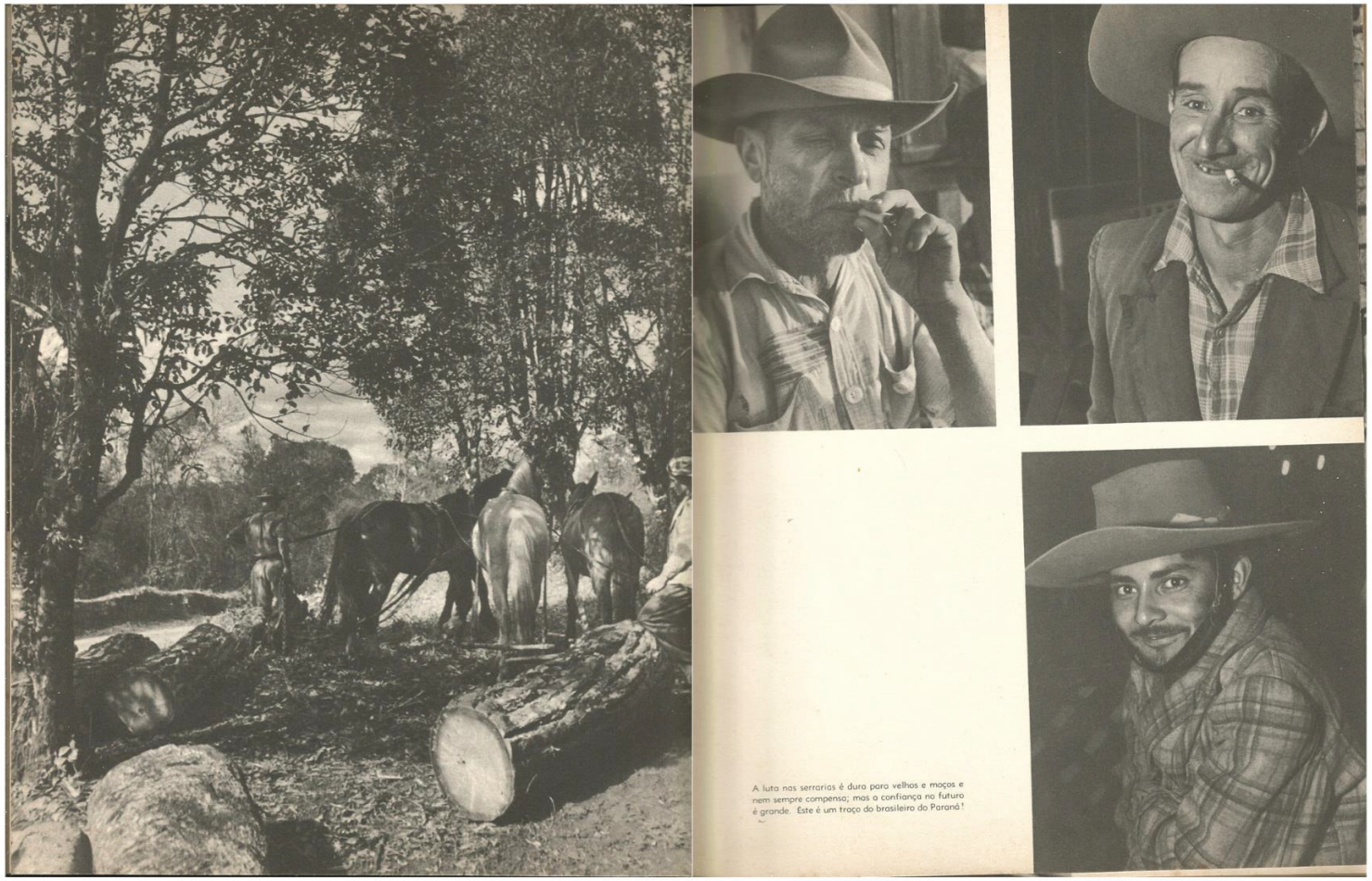
# FOTOGRAFIA 29 - EXTRATIVISMO VEGETAL




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 127-128.

**LEGENDA: O transporte de madeira para os mais diversos destinos.**

# FOTOGRAFIA 30 - SERRARIAS




fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 125-126.

**LEGENDA: A luta nas serrarias é dura para velhos e moços e nem sempre compensa, mas a confiança no futuro é grande. Este é um traço do brasileiro do Paraná.**

# FOTOGRAFIA 31 - VEGETAÇÃO NATIVA

fonte: SCHEIER, Peter. Paraná, Brasil. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1953, p. 133-134.



Poética paisagem de Monte Alegre.

Zona industrial, fábrica de madeira — logo não haverá mais paisagens de pinheiros contra o crepúsculo.

**LEGENDA: Poética paisagem de Monte Alegre.**

**LEGENDA: Zona industrial, fábrica de madeira - logo não haverá mais paisagens de pinheiros contra o crepúsculo.**

**ANEXO 3**

## AO COMPANHEIRO E PROFESSOR JOÃO AUGUSTO

Lilian Ianke Leite[i]

Inicialmente agradeço à UFPR, me dirigindo ao coordenador do ProfHistória, professor Dr. Clóvis Mendes Gruner, por viabilizar institucionalmente esta defesa in memoriam do meu Amado João Augusto.

- À professora Drª Nadia Gaiofatto Gonçalves, por despertar em mim a coragem de retomar o texto da dissertação do João Augusto;

- Ao professor Dr.Ederson Prestes Santos Lima, orientador do João Augusto por acreditar que era possível realizarmos todo esse processo e

- À professora Drª Joseli Maria Nunes Mendonça, pela sua dedicação ao ensino e a pesquisa e a quem eu tenho profunda gratidão, apesar de conhece-la até então, pelos olhos e pelo coração do João Augusto. Seu grande admirador.

- Por meio destes agradecimentos, cumprimento o corpo docente do profHistória e todos os colegas de turma por compartilharem com o João Augusto momentos tão significativos para sua história profissional, dedicada ao ensino na escola pública e também à pesquisa.

- As amigas e mestres Delvana Lucia de Oliveira e Maria Bethania de Araújo por me auxiliarem nesse complexo processo de finalização do texto.

- A Odete Buzatto grande amiga e a sua filha Dr.ª Daniele Schemiko pela formatação do texto.

- Ao Alan Ianke dos Santos, filho Amado, pela escrita do abstract.

- Aos amigos, familiares e ex-alunos do professor João Augusto que acompanham esta solenidade, minha gratidão.

Resolvi escrever a minha fala, pois penso que desta forma tenho maiores possibilidades de cumprir satisfatoriamente a última etapa deste ciclo que durou aproximadamente sete meses. É complexo descrever o que vivi, experimentei e senti neste tempo. A emoção e a mistura de sentimentos nem sempre cabem na linguagem falada ou escrita, pois pertencem a uma outa categoria, por isso peço que relevem as lacunas que porventura sejam percebidas, quem sabe um dia possamos conversar melhor sobre esta experiência.

Revisitando as anotações do João Augusto, encontrei o seguinte registro que foi escolhido por mim como epígrafe. Passo a ler:

> No momento em que alguém assume um compromisso definitivo consigo mesmo, a providência também passa a agir. Começa a acontecer todo tipo de coisas para ajudar este alguém, o que não aconteceria se este compromisso não existisse. Uma torrente de eventos emana das decisões, favorecendo a pessoa com toda a espécie de encontros imprevistos e de ajuda material que homem nenhum poderia sonhar encontrar no seu caminho. Tudo o que você puder fazer ou sonhar, você alcançará. Sendo assim, mãos-a-obra. A ousadia contém genialidades, poder e magia. Comece agora! Goethe

Essa epígrafe diz muito sobre todo esse processo. Vou citar um desse exemplos. Vejam só, revisitando as obras de Paulo Freire, localizei na estante o livro Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Logo na apresentação de Ana Maria Araújo Freire, encontrei o relato do processo de luto e dos desafios que ela enfrentou para organizar a referida obra com os últimos escritos de Paulo Freire, seu amado marido. Resumidamente ela diz:

“Não se enganaram os que assim pensaram. Agora, se não passadas todas as angústias, dúvidas, expectativas e tristezas por ele não mais estar entre nós, podemos comemorar com alegria a sua volta às edições e livrarias, (...) com seu último trabalho. Foi difícil para mim iniciar as leituras dessas páginas. Tinha medo. Era como se isso fosse confirmar o fato consumado de sua ausência, tão doloroso, como irreversível. Ler um livro incompleto de Paulo implicaria para mim estar novamente diante de sua morte. Quando uma relação amorosa como a nossa é rompida de forma abrupta, ficamos, os que não foram, perplexos, espantados estarrecidos, antes mesmo de termos consciência da dor brutal alojada para sempre dentro de nós, antes mesmo que possamos sentir a perda que acabamos de sofrer. (...) Acreditar na ausência para sempre? Aceitar que o companheiro de todos os dias e todas as horas partiu quando ainda tanto queria ficar entre nós? Dias, Meses (...) se passaram até o momento em que comecei a executar as minhas decisões que resultam hoje neste livro. (...) Por fim quero que os leitores de Paulo não considerem que esta é uma obra póstuma dele, como tanto se fazia e algumas vezes ainda se faz. Prefiro que esta seja considerada uma obra que celebra a sua vida (ARAÚJO FREIRE,2000, p.9-10).

Com todo respeito e guardadas as devidas e relevantes diferenças entre o patrono da educação brasileira Paulo Freire e sua esposa a Dr.ª Ana Maria Araújo

Freire. Ao ler sobre este momento de Nita e de Paulo. Tive sentimentos semelhantes por ela vividos e também desejo que a dissertação do João Augusto seja considerada uma obra que celebra a SUA VIDA. Vida dedicada ao magistério, a educação básica, ao ensino de história e a pesquisa.

Tantas palavras podem ser ditas a respeito do João Augusto, e eu vou tentar resumir em algumas delas um pouco da pessoa, do pai, do professor e meu companheiro de vida. Nos conhecemos no trabalho e o que mais nos encantou mutuamente foi a dedicação ao magistério, o gosto pelos livros e o prazer em ensinar, mesmo que como professores da escola pública, tivéssemos enfrentado inúmeros desafios comuns aos que ali também lutam diariamente para garantir o básico a que todo cidadão/cidadã tem direito, o direito à educação. Nosso vínculo, além do afetivo, estava nas constantes discussões sobre o que, como e quando abordar este ou aquele conteúdo, estava nas visitas quase semanais aos sebos para encontrar novas opções de leitura e partilhar com o Augusto, nosso filho, um pouco do nosso amor pelos livros. Aliás, o primeiro presente que eu dei para o João Augusto, foi um livro “Pedagogia da Autonomia”.

O João Augusto era um leitor permanente e memorialista, sempre compartilhava as leituras que fazia com riqueza de detalhes e mesmo depois de muito tempo, lembrava com muita precisão o que havia lido. Era também um leitor eclético, pois além das obras obrigatórias para um professor de história, colecionava livros de arte, de arquitetura, biografias, fotografia e gostava de deixá-los a mostra na estante da sala como uma forma de incentivar as pessoas que nos visitavam a manusear os livros que escolhia a dedo para que encantassem novos adeptos para este universo.

Dia desses, nosso filho Augusto recebeu uma amiga em casa, a Laís, e se referindo ao pai e sobre a geração dele, correu os olhos na estante e logo localizou o Almanaque dos Anos 80. O Augusto e a Laís, ficaram por um bom tempo, percorrendo os caminhos que o João Augusto tinha apresentado a ele, por meio de um livro.

O ingresso do João Augusto no mestrado em 2018 foi comemorado com muita alegria, não pela possibilidade de titulação, mas pela oportunidade de voltar a universidade, de reencontrar pessoas que também tinham como objetivo aprender, debater, ler, escrever sobre o ensino de História. Ele estava com 47 anos, na maturidade profissional, com quase 25 anos de magistério, e, felizmente sentia prazer em exercer o ofício de professor.

Retornar à universidade era para o João Augusto um deleite, reencontrar antigos e novos professores. Ter enfim a oportunidade de pesquisar sobre uma temática que sempre lhe foi muito presente, a questão ambiental no Paraná numa perspectiva histórica. Como sentia prazer em falar sobre a sua pesquisa, como se dedicava à leituras e artesanalmente ia tecendo cada linha do seu texto. Digo artesanalmente porque o João Augusto lia e escrevia suas apropriações em cadernos. Esse método, artesanal de escrever rendia-lhe dias e dias debruçado sobre um parágrafo que depois de muito pensado ia para o computador. Ia acertando aqui e ali cada palavra que iria compor a sua dissertação. Essas anotações me ajudaram a compreender os caminhos que desejava trilhar para concluir a sua escrita.

A descoberta da doença em abril de 2019 não lhe causou desânimo, muito pelo contrário. O entusiasmo pela temática fazia com que durante as sessões de quimioterapia levasse livros e computador para ler e escrever. Aproveitava o tempo também para partilhar comigo o que já havia escrito e o que e de que forma pretendia dar continuidade ao texto. Foram momentos ricos, de aprendizagem e que me acompanharam na finalização daquilo que o João Augusto não teve tempo de concluir.

Ainda em meio aos primeiros dias de sua ausência definitiva e de todos os trâmites burocráticos que o momento exigiu, eu entendia que era necessário enfrentar também o desafio de ler o texto em fase avançada de construção, mas que antecipadamente eu já sabia que não estava finalizado, diante das circunstâncias provocadas pelo avanço da doença e pelas longas conversas que tínhamos durante o tempo que permanecíamos no hospital. Falar sobre o texto sobre a temática ambiental e sobre o ensino de história era sempre especial para o João Augusto e eu como professora, pesquisadora e admiradora da sua dedicação, não perdia a oportunidade de aprender com ele e de ajudá-lo a sistematizar suas ideias. Sua passagem para um outro plano exige ainda muitas elaborações, me desafia todos os dias a continuar a minha jornada de mãe, de mulher, de professora e de pesquisadora.

Diante de toda a vivência compartilhada por quase 20 anos, eu não poderia ignorar todo o esforço empreendido pelo João Augusto no mestrado. Então, tive que enfrentar a dolorosa tarefa de ler o texto, sem as intervenções do autor. Busquei apoio nas amizades construídas ao longo da vida, assim, a Delvana, a Bethânia, a Odete e a Dani foram essenciais.  Sei que sem elas tudo seria mais difícil, talvez impossível. Lemos e nos emocionamos ao nos depararmos com frases incompletas, que o autor não pode concluir.

Aos poucos fui localizando os escritos, os textos e livros com marcações, os materiais selecionados, escaneados e separados, todos muito organizados, o que facilitou o meu trabalho. Além disso, localizei a gravação da qualificação, os pareceres da banca, as anotações no texto e os registros que ele fez durante o processo. Avaliamos o que já havia sido feito a partir da qualificação. Então me dediquei a preencher as lacunas que identifiquei no texto, tendo o cuidado de respeitar tudo o que ele já havia produzido.

Espero, que apesar das minhas limitações eu tenha atendido às expectativas do João Augusto, que eram sempre elevadas. Espero também que o texto tenha correspondido suficientemente às solicitações que a banca fez durante a qualificação, pois sei o quanto o autor, em meio a tantas dificuldades, se dedicou para que isto acontecesse. Imagino que o João Augusto esteve comigo, apontando os caminhos pelos quais eu deveria conduzir a finalização do texto, e acredito que de alguma forma ele está conosco neste momento tão especial. Se aqui estivesse, hoje teríamos uma grande festa, como tantas que organizamos juntos, reuniria muitas gentes, familiares e amigos que nos acompanharam em momentos de alegrias e também de dificuldades, por isso entendo que esta homenagem não é uma sessão póstuma, mas uma celebração de conquista, de luta, de superação e de vida.

Agradeço a todos e a todas que se fizeram presentes.

---

[i] Este texto foi apresentado na sessão pública de defesa da dissertação do meu esposo João Augusto Reque, que faleceu em 14/02/21. A defesa foi realizada em 21/09/21 de forma remota. Era necessário sintetizar o processo da finalização do texto para que as mais de oitenta pessoas que acompanharam a referida cerimônia pudessem compreender o processo de finalização da dissertação. A gravação da defesa está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0iYdEfr2Ff8